

BURITI MAIS HISTÓRIA

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:
Lucimara Regina de Souza Vasconcelos



Componente curricular:
HISTÓRIA

MANUAL DO PROFESSOR

Obra atualizada conforme nova BNCC





Educador,

Este livro que você está recebendo integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Trata-se de um conteúdo que passou por uma criteriosa avaliação do Ministério da Educação e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, visando disponibilizar às escolas públicas brasileiras um material de qualidade e adaptado às diretrizes da nova Base Nacional Curricular Comum, a BNCC. Junto ao livro, você recebeu também um DVD contendo o respectivo material digital, que é composto por planos de desenvolvimento bimestrais e trimestrais, sequências didáticas, propostas de acompanhamento da aprendizagem e, se disponível em sua obra, material audiovisual.

É importante lembrar que este livro é reutilizável, ou seja, deve ser devolvido à escola ao final do ano letivo para a utilização no próximo ano até a conclusão do ciclo, no final de 2022. No caso deste manual, caso haja mudança de professor, é importante que o material permaneça na escola.

Por fim, na hipótese de você identificar alguma inconsistência neste material, ela pode ser comunicada ao FNDE por meio do telefone 0800-616161 ou do e-mail livrodidatico@fnde.gov.br.

Bom trabalho!

FNDE

Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação

BURITI MAIS HISTÓRIA

4^o
ANO

Ensino Fundamental • Anos Iniciais

Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Lucimara Regina de Souza Vasconcelos

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná.
Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos Andrade. Editora.

Componente curricular: HISTÓRIA

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2017



Elaboração dos originais:**Denise Trevisan de Góes**

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Editora.

Lucimara Regina de Souza Vasconcelos

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade. Editora.

Maiara Henrique Moreira

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Editora.

Raphael Fernandes

Bacharel em História pela Universidade de São Paulo. Editor.

Stella Maris Scatena Franco

Bacharel em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências, no programa: História Social, pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências, no programa: História Social, pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

Thais Regina Videira

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Editora.

Viviane Pedroso Domingues Cardoso

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências, no programa: História Social, pela Universidade de São Paulo. Professora.

Elaboradores dos originais do material digital:**Robson Scarassati Bello**

Bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências, no programa: História Social, pela Universidade de São Paulo. Professor.

Denise Trevisan de Góes

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Editora.

Thais Regina Videira

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Editora.

Lucimara Regina de Souza Vasconcelos

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade. Editora.

Edição de texto: Lucimara Regina de Souza Vasconcelos, Denise Trevisan de Góes, Maiara Henrique Moreira, Raphael Fernandes dos Santos, Thais Regina Videira

Assistência editorial: Raphael Fernandes dos Santos

Preparação de texto: Cintia Shukusawa Kanashiro

Gerência de design e produção gráfica: Sandra Botelho de Carvalho Homma

Coordenação de produção: Everson de Paula, Patrícia Costa

Suporte administrativo editorial: Maria de Lourdes Rodrigues (coord.)

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Daniel Messias, Daniela Sato, Mariza de Souza Porto

Capa: Daniel Messias, Otávio dos Santos

Ilustração: Raul Aguiar

Coordenação de arte: Wilson Gazzoni Agostinho

Edição de arte: Daiane Alves Ramos

Editoração eletrônica: Essencial Design

Edição de infografia: Luiz Iria, Priscilla Boffo

Ilustrações de vinhetas: Daniel Messias, Ana Carolina Orsolin

Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero

Revisão: Andrea Vidal, Márcia Leme, Renato da Rocha Carlos

Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron

Pesquisa iconográfica: Aline Chiarelli, Odete Ernestina, Vanessa Manna, Cristina Mota de Barros

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Denise Feitoza Maciel, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Denise Feitoza Maciel, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Buriti mais : história : manual do professor /
organizadora Editora Moderna ; obra coletiva
concebida, desenvolvida e produzida pela Editora
Moderna ; editora responsável Lucimara Regina de
Souza Vasconcelos. – 1. ed. – São Paulo :
Moderna, 2017.

Obra em 5 v. do 1º ao 5º ano.
Componente curricular: História.

1. História (Ensino fundamental) I. Vasconcelos,
Lucimara Regina de Souza.

17-09774

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
Fax (0__11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2017

Impresso no Brasil



● Orientações gerais	IV
1. Apoio ao professor	IV
Manual do Professor – Livro impresso	IV
Material do Professor – Conteúdo digital	IV
2. Proposta didática desta coleção	V
A concepção de História	V
A concepção de ensino e aprendizagem em História	VI
A História na sala de aula	VII
A História no Ensino Fundamental	VIII
Os objetivos do ensino de História	VIII
O trabalho com as competências e com as habilidades	IX
As habilidades de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental	XIII
3. A História nesta coleção	XX
A abordagem das competências e habilidades de acordo com a BNCC	XX
A noção de tempo histórico	XX
O contato com a diversidade de fontes	XXII
A Educação Fundamental e o domínio da linguagem	XXIII
Educação em valores e os temas transversais	XXIV
4. A avaliação	XXV
5. A seleção dos temas e dos conteúdos	XXVI
A estrutura dos livros	XXVII
6. Sugestões de leitura	XXIX
7. Bibliografia	XXX
● Orientações específicas	XXXI
Conheça a parte específica deste Manual	XXXI
Início do Livro do Estudante	1
Unidade 1 – Os primeiros grupos humanos	8
Unidade 2 – O início do comércio	42
Unidade 3 – A formação do Brasil	76
Unidade 4 – Migrações no Brasil	110



1. Apoio ao professor

Manual do Professor – Livro impresso

Este Manual foi elaborado com a finalidade de auxiliar o professor na utilização dos livros desta coleção e na realização de propostas de trabalho complementares.

O Manual está organizado em duas partes.

A primeira parte expõe a proposta da coleção para o ensino de História, descreve os princípios norteadores da coleção, apresenta a estrutura dos livros, explicita a concepção de avaliação adotada e faz indicações de leitura para o professor.

A segunda parte apresenta e explica alguns dos recursos que o professor encontrará no livro. Na sequência, iniciam-se as orientações específicas de trabalho do Livro do Estudante. Essas orientações são explicitadas unidade a unidade, de acordo com a estrutura do livro.

Nas orientações de trabalho de cada unidade, há sugestões de como abordar determinados conteúdos dos assuntos desenvolvidos e do encaminhamento de algumas atividades propostas no livro. Há também sugestões de atividades, textos com informações complementares para enriquecer o trabalho com o tema ou assunto desenvolvidos.

Material do Professor – Conteúdo digital

O material digital foi elaborado com a finalidade de auxiliar o professor no planejamento de suas atividades e de contribuir para o enriquecimento de seu trabalho com os livros desta coleção.

No material digital, o professor encontrará recursos que apresentam orientações e sugestões que favorecem o processo de ensino e aprendizagem, além de outras estratégias para abordar e ampliar os conteúdos desenvolvidos em cada Livro do Estudante desta coleção.

Esses recursos estão organizados da seguinte maneira:

Plano de desenvolvimento anual

Nesse plano, apresentamos os objetos de conhecimento e as habilidades explicitadas na Base Nacional Comum Curricular e os relacionamos aos conteúdos e às práticas didático-pedagógicas a serem trabalhados ao longo de cada livro desta coleção.

No plano, o professor encontrará orientações referentes à prática didático-pedagógica, à abordagem dos conteúdos, à gestão da sala de aula e ao acompanhamento da aprendizagem dos alunos.

Sequências didáticas

A sequência didática é mais uma modalidade de abordagem de conteúdos e desenvolvimento de habilidades.

Em cada sequência didática proposta, definimos quais conteúdos serão trabalhados e seus respectivos objetivos, assim como as habilidades que serão desenvolvidas. No encaminhamento de cada sequência, o professor encontrará orientações didáticas e estratégias, passo a passo, para contemplar os objetivos definidos.

Assim, sugerimos a abordagem de objetos de conhecimento e de habilidades por meio de um planejamento detalhado da dinâmica de cada aula proposta na sequência.

Proposta de acompanhamento de aprendizagem

Nessa proposta, apresentamos sugestões e orientações para que o professor verifique a aprendizagem dos alunos de acordo com as estratégias indicadas. Nesse sentido, procuramos auxiliar o professor a verificar se houve assimilação dos conteúdos trabalhados, em contextos significativos para os alunos e em situações que perpassam a abordagem de conceitos, procedimentos e atitudes.

São diversos os recursos que contribuem para a prática docente, mas cabe destacar que todos os recursos oferecidos, tanto no Manual do Professor (impresso) quanto no material digital desta coleção, devem ser adaptados pelo professor para atender às necessidades da turma e dialogar com o projeto político-pedagógico da escola.

2. Proposta didática desta coleção

Não existem histórias sem sentido. [...] a história se transforma no livro dos vivos, como uma trombeta poderosa, que ressuscita do sepulcro aqueles que há séculos não passavam de pó... Para isso, todavia, precisamos de tempo, sendo realmente necessário considerar os acontecimentos, combiná-los, descobrir-lhes os nexos, mesmo aqueles menos visíveis.¹

A concepção de História

A História é o estudo das ações humanas no tempo. Isso significa que, ao analisar o passado, os historiadores buscam vestígios de realizações humanas chamadas de fontes históricas – para reconstruir um determinado tema do passado. Essa construção pode se apresentar sob a forma de uma estrutura, da narrativa de uma personagem ou da vida cotidiana de um grupo de pessoas. Mas somente os historiadores podem analisar o passado? Não. Todos os seres humanos, de uma forma ou de outra, se relacionam com o passado em sua vida, quer seja para buscar respostas para problemas atuais, quer seja para rememorar algum evento familiar, entre outras intenções. A diferença entre essas formas de “voltar ao passado” e o trabalho do historiador é que o historiador utiliza alguns métodos de pesquisa. Esse retorno ao passado, promovido pelo historiador com o auxílio de métodos, vai resultar no que chamamos de História.

Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade) ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse ‘sentido de passado’ na sociedade e localizar as mudanças e permanências.²

A História é, essencialmente, um produto humano, característico das sociedades que refletem sobre sua existência a todo momento. Por isso, há diversas histórias e muitas maneiras de se pensar a História.

1. ECO, Humberto. *Baudolino*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 17.

2. HOBBSBAWN, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 22.

A concepção de ensino e aprendizagem em História

Se o passado conta, é pelo que significa para nós. [...] Ele nos ajuda a compreender melhor a sociedade na qual vivemos hoje, a saber o que defender e preservar, saber também o que mudar e destruir. A história tem uma relação ativa com o passado.³

O conhecimento histórico é uma forma de racionalidade, que inclui uma série de habilidades mentais que tornam possível o olhar crítico sobre o cotidiano, fundamentado na compreensão da sua historicidade e de seus significados para a sociedade. Ensinar História é ajudar o aluno a situar-se historicamente, a compreender a historicidade da sua realidade e das relações humanas nela estabelecidas. Como afirma o historiador Fernand Braudel:

[As experiências do passado] só podem ser compreendidas se tomadas em seu conjunto; mais ainda, que elas devem ser aproximadas umas das outras, que a luz do presente frequentemente lhes convém e que é a partir do que vemos hoje que julgamos e compreendemos o passado.⁴

Ao pensar o ensino e a aprendizagem em História, é necessário questionar o que vamos buscar no passado, ou como vamos possibilitar o acesso do aluno ao passado ou, ainda, como é possível auxiliá-los no estabelecimento de uma relação ativa com o passado. Para construir o conhecimento histórico, o aluno precisa participar de diversas experiências com o conhecimento do passado que, partindo de suas ideias e de seus saberes prévios, permitem o desenvolvimento de competências históricas.

Competências podem ser definidas como a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação. Esses recursos cognitivos podem ser conhecimentos teóricos, um saber fazer prático, valores, julgamentos, intuições baseadas na experiência, habilidades, percepções, avaliações e estimativas.⁵

No decorrer da aprendizagem em História, os alunos elaboram sentidos históricos e constroem conhecimentos com base no desenvolvimento de competências básicas relativas à natureza do conhecimento histórico.

- Saber utilizar fontes: os meios para a investigação, o questionamento e o tratamento das informações históricas.
- Compreender historicamente: o modo como as informações são ressignificadas pelos sujeitos, integrando a temporalidade, a espacialidade e a contextualização.
- Comunicar o conhecimento por meio de uma narrativa, de uma apresentação em forma de texto fundamentado e estruturado, que expresse os sentidos ou significados produzidos.

No que diz respeito à Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” [...] e, sobretudo, do que devem “saber fazer” [...], a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC.⁶

3. CHESNEAUX, Jean. *Fazemos tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995. p. 22.

4. BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 4.

5. *Diretrizes Curriculares Nacionais*. Educação Básica. Brasília: MEC/SEF, 2002. p. 7.

6. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 13.

De acordo com a BNCC, professores e alunos devem assumir uma “atitude historiadora” diante dos conteúdos abordados, o que se dá com base em processos de ensino e aprendizagem que estimulam o pensamento e envolvem a identificação de um objeto ou questão a ser estudado; promovem a comparação entre objetos de estudo, exigem a contextualização de um fato histórico e propõem a interpretação e análise de um objeto.

Para alcançar essas competências, é necessário o desenvolvimento gradual de diversos aspectos da oralidade e da escrita, como a explicação, a narração e a descrição e, também, a produção de narrativas e outras formas textuais, utilizando conceitos e vocabulário específicos de História. Cabe ao professor promover situações de aprendizagem que possibilitem o exercício de diversas competências, selecionando os materiais adequados, estimulando a participação ativa do aluno, com seus conhecimentos, interesses e necessidades. O professor deve criar um ambiente interativo, assumindo a postura de mediador entre a cultura do aluno e o conhecimento escolar.

A História na sala de aula

Desde a primeira metade do século XIX, a História integra um conjunto de disciplinas escolares que objetivam oferecer aos alunos, de diferentes níveis de ensino, saberes significativos para sua vida social. Ao longo dos anos, foram delimitados diferentes conteúdos, métodos e objetivos para a disciplina, constituindo assim sua identidade como conhecimento escolar. A partir do final do século XIX e na maior parte do século XX, nas chamadas escolas elementares ou primárias, era ensinada uma história nacional comum, voltada principalmente para a formação moral e cívica.

Até o início dos anos 1980, o foco das propostas curriculares e dos livros didáticos de História estava na formação de uma identidade nacional, que associava as ideias de nação e pátria e valorizava as “grandes personagens” e os eventos da história política. O processo de aprendizagem era pautado na memorização: aprender era reter informações, memorizar. Para isso, construíram-se métodos de memorização em que se enfatizava a associação entre fatos, personagens e cronologia.

A partir das últimas décadas do século XX, o ensino de História foi objeto de debates entre educadores e pesquisadores e passou por transformações, resultantes tanto da influência do conhecimento histórico produzido nas universidades como das pesquisas em educação, especialmente sobre os processos de aprendizagem.

A partir de 1985, com o fim do regime militar no Brasil, intensificaram-se os debates sobre os objetivos da educação, da escola e do ensino de História na construção de uma nova sociedade, pautada nos valores da democracia. Consolidou-se a ampliação do acesso à escola básica e a aproximação das recentes pesquisas acadêmicas com os currículos das disciplinas escolares. Foi um período de discussão sobre novas teorias e metodologias que compreendem o aluno como sujeito ativo de sua aprendizagem e da construção de seus conhecimentos. No ensino de História, esse debate enfatizou o papel dos sujeitos, a organização do ensino por eixos temáticos que romperam a ordem cronológica da história tradicionalmente ensinada e a valorização do uso de diferentes documentos em sala de aula.

A ênfase das novas propostas curriculares elaboradas no final dos anos 1980 foi a quebra da linearidade histórica, organizando os conteúdos por temas que dialogam com a realidade dos alunos e permitem aprofundar a compreensão deles sobre a historicidade da realidade da qual fazem parte. Houve também a proposição de trabalhos com diferentes linguagens, entendidas como fontes para a problematização do presente e do passado. A introdução da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deve dar início a uma nova proposta de trabalho no campo da História em sala de aula, voltada para um ensino mais abrangente, enfatizando a autonomia do pensamento.

A História no Ensino Fundamental

A História, como forma específica de conhecimento, contribui ativamente para atingir um dos principais objetivos do Ensino Fundamental: garantir a formação dos alunos para a cidadania, desenvolvendo a compreensão do seu papel na sociedade. Conforme aponta a BNCC,

Nesse contexto, um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania.⁷

O ensino de História, ao participar dos processos de alfabetização e letramento, permite a construção da autonomia dos sujeitos para desenvolver formas de compreensão da realidade, expressão de ideias e conceitos, e de atuação como cidadãos de direitos e deveres. Para alcançar esses objetivos, o ensino de História deve organizar-se a partir das experiências das crianças na contemporaneidade. O planejamento em História deve possibilitar aos alunos a observação da sua realidade no presente e o conhecimento de aspectos do seu passado. Deve estimular também a investigação de diferentes processos e sujeitos históricos e a discussão de relações entre grupos humanos em diferentes tempos e espaços. No Ensino Fundamental, a construção do conhecimento histórico deve alcançar o desenvolvimento significativo de conceitos e categorias básicas desse campo: tempo, espaço, sujeito histórico, fato histórico.

Os objetivos do ensino de História

Ao analisar, observar, avaliar e ter contato com conceitos históricos por meio do estudo da História, o estudante vai construindo e reelaborando esses conceitos. Especificamente nos anos iniciais (1º ao 5º ano), o ensino de História tem como objetivos, de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, possibilitar ao aluno:

- Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços.
- Organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempos, de modo a formular explicações para questões do presente e do passado.
- Conhecer e respeitar modos de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles.
- Reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço.
- Questionar sua realidade, identificando alguns problemas e refletindo sobre algumas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucional e organizações coletivas da sociedade civil.
- Utilizar métodos de pesquisa e produção de textos de conteúdos históricos, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros etc.

7. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 400.

- Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia.⁸

Assim, os conteúdos de História, com base nesses conceitos, devem ser organizados para favorecer, especialmente, o desenvolvimento da reflexão crítica sobre os grupos humanos e as relações que estabelecem suas histórias, formas de organização, modos de vida em diferentes tempos e espaços. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, temas como a história pessoal da criança, da família, da escola, das tradições e da cultura da localidade (comunidade, bairro, povoado ou município), do país e do mundo permitem estabelecer inúmeras relações, proporcionando às crianças ampliar a compreensão de sua própria história, de suas formas de viver e de se relacionar. Identificar diferenças e semelhanças entre as histórias vividas pelos colegas, entre grupos sociais do presente e do passado, ouvir histórias de vida, investigar memórias de familiares e de outros adultos são atividades que auxiliam na percepção de que as histórias individuais e coletivas participam da construção da história da sociedade e são fontes valiosas de conhecimento histórico.

Na dimensão cognitiva, ensinar História tem por objetivo, portanto, fazer os alunos desenvolverem o pensamento histórico por meio de procedimentos e atitudes de observação, comparação, identificação e contextualização. Para isso, a utilização de diferentes fontes históricas e linguagens – textos, imagens, músicas, objetos e elementos do patrimônio cultural – é fundamental.

Na dimensão social, a História no Ensino Fundamental busca capacitar os alunos a realizar uma leitura diferenciada da sua realidade, iniciando a compreensão de que ela é produto de uma série de relações complexas que constituem a sua própria historicidade.

O trabalho com as competências e com as habilidades

O ensino de História visa o desenvolvimento global do aluno, a partir do desenvolvimento de competências e habilidades.

Nesta coleção, os conteúdos temáticos e as atividades foram elaborados com o propósito de desenvolver as competências e as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular.

As competências gerais da educação básica

De acordo com a BNCC, a noção de competência está relacionada com a

[...] mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.⁹

São dez competências gerais da educação básica estipuladas na BNCC¹⁰, inter-relacionadas e pertinentes a todos os componentes curriculares, que os alunos deverão desenvolver para garantir, ao longo de sua trajetória escolar, uma formação humana integral que visa à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. São elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

8. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 50-51.

9. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 8.

10. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

As competências da área de Ciências Humanas no Ensino Fundamental

No Ensino Fundamental, são definidas competências específicas de área para cada uma das quatro áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas).

No caso das Ciências Humanas, espera-se que os alunos desenvolvam o conhecimento a partir da contextualização marcada pelas noções de *espaço* e *tempo*, conceitos fundamentais dessa área.

De acordo com a BNCC¹¹, o conhecimento baseado nessas noções promove o *raciocínio espaço-temporal*, cuja ideia é de que a sociedade produz o espaço em que vive, apropriando-se dele em diferentes contextos históricos. A capacidade de identificar esses contextos é a condição para que o ser humano compreenda, interprete e avalie os significados das ações realizadas no passado e/ou no presente, o que o torna responsável tanto pelo saber produzido quanto pelo entendimento dos fenômenos naturais e históricos dos quais somos parte.

11. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 353.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é importante centrar-se nas experiências e vivências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos, além da sala de aula (bibliotecas, pátio, praças, parques, museus, arquivos, entre outros).

É essencial para esse tipo de abordagem privilegiar o trabalho de campo, as entrevistas, a observação, as análises e as argumentações, de modo a potencializar descobertas e estimular o pensamento criativo e crítico.

É também nessa etapa que os alunos tomam os primeiros contatos com procedimentos de investigação em Ciências Humanas, como a pesquisa sobre diferentes fontes documentais, a observação e o registro – de paisagens, fatos, acontecimentos e depoimentos – e a realização de comparações.

Esses procedimentos são fundamentais para que compreendam a si mesmos e àqueles que estão em seu entorno, suas histórias de vida e as diferenças dos grupos sociais com os quais se relacionam. O processo de aprendizagem deve levar em conta, de forma progressiva, a escola, a comunidade, o Estado e o país. É importante também que os alunos percebam as relações com o meio ambiente e a ação dos seres humanos com o mundo que os cerca, refletindo sobre os significados dessas relações.

Ainda de acordo com a BNCC¹², nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a capacidade de observar e de compreender a paisagem e a vida parte de uma noção de mundo centrada na própria identidade de cada um dos alunos. Por isso, o tempo e o espaço vividos são considerados como *espaço biográfico*, que se relaciona com as experiências pessoais dos alunos em suas vivências.

Dessa maneira, foram elaboradas **sete competências para a área de Ciências Humanas**¹³, visando o desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal e do entendimento do mundo como produto de uma sociedade contextualizada no tempo e no espaço.

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

12. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 355.

13. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 357.

6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

As competências específicas de História para o Ensino Fundamental

Ao longo do Ensino Fundamental, os alunos devem desenvolver determinadas competências referentes à aprendizagem da História. O reconhecimento da diversidade e das diferenças entre grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade sem preconceitos étnicos, de gênero ou de qualquer outro tipo) e o estímulo ao exercício do fazer história são condições fundamentais para o desenvolvimento das competências gerais da educação básica previstas na BNCC.

Em articulação com as competências gerais da educação básica e com as competências específicas da área de Ciências Humanas, a História também deve garantir aos alunos o desenvolvimento de suas próprias competências específicas, por sua vez, articuladas com conceitos e princípios do raciocínio histórico.

No total, são **sete competências específicas de História**¹⁴ para o Ensino Fundamental:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

14. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 402.

As habilidades de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental

Para garantir o desenvolvimento das competências gerais da educação básica e das competências específicas, previstas na BNCC, os diferentes componentes curriculares apresentam um conjunto de **objetos de conhecimento e habilidades**. Os objetos de conhecimento são “entendidos como conteúdos, conceitos e processos”¹⁵. As habilidades “expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares”¹⁶.

Apresentamos a relação entre as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades previstos na BNCC para a disciplina de História¹⁷, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos quadros a seguir, ano a ano.

HISTÓRIA – 1º ANO		
UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE
Mundo pessoal: meu lugar no mundo	As fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro)	EF01HI01: Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.
	As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade	EF01HI02: Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade. EF01HI03: Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.
	A escola e a diversidade do grupo social envolvido	EF01HI04: Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade), reconhecendo as especificidades dos hábitos e das regras que os regem.
Mundo pessoal: eu, meu grupo social e meu tempo	A vida em casa, a vida na escola e formas de representação social e espacial: os jogos e brincadeiras como forma de interação social e espacial	EF01HI05: Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.
	A vida em família: diferentes configurações e vínculos	EF01HI06: Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços. EF01HI07: Identificar mudanças e permanências nas formas de organização familiar.
	A escola, sua representação espacial, sua história e seu papel na comunidade	EF01HI08: Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.

15. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 28.

16. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 29.

17. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 406-415.

HISTÓRIA – 2º ANO

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE
A comunidade e seus registros	A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas	EF02HI01: Reconhecer espaços de sociabilidade e identificar os motivos que aproximam e separam as pessoas em diferentes grupos sociais ou de parentesco. EF02HI02: Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades. EF02HI03: Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória.
	A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço	EF02HI04: Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.
	Formas de registrar e narrar histórias (marcos de memória materiais e imateriais)	EF02HI05: Selecionar objetos e documentos pessoais e de grupos próximos ao seu convívio e compreender sua função, seu uso e seu significado.
	O tempo como medida	EF02HI06: Identificar e organizar, temporalmente, fatos da vida cotidiana, usando noções relacionadas ao tempo (antes, durante, ao mesmo tempo e depois). EF02HI07: Identificar e utilizar diferentes marcadores do tempo presentes na comunidade, como relógio e calendário.
As formas de registrar as experiências da comunidade	As fontes: relatos orais, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), músicas, escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais	EF02HI08: Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes. EF02HI09: Identificar objetos e documentos pessoais que remetam à própria experiência no âmbito da família e/ou da comunidade, discutindo as razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados.
O trabalho e a sustentabilidade na comunidade	A sobrevivência e a relação com a natureza	EF02HI10: Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância. EF02HI11: Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive.

HISTÓRIA – 3º ANO

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE
As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município	O “Eu”, o “Outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	EF03HI01: Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc. EF03HI02: Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive. EF03HI03: Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
	Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive	EF03HI04: Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.
O lugar em que vive	A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.)	EF03HI05: Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados. EF03HI06: Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.
	A produção dos marcos da memória: formação cultural da população	EF03HI07: Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.
	A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	EF03HI08: Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
A noção de espaço público e privado	A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental	EF03HI09: Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores etc.) e identificar suas funções. EF03HI10: Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.
	A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer	EF03HI11: Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos. EF03HI12: Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências.

HISTÓRIA – 4º ANO

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras	EF04HI01: Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo. EF04HI02: Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).
	O passado e o presente: a noção de permanência e as lentas transformações sociais e culturais	EF04HI03: Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.
Circulação de pessoas, produtos e culturas	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	EF04HI04: Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas. EF04HI05: Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
	A invenção do comércio e a circulação de produtos	EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
	As rotas terrestres, fluviais e marítimas e seus impactos para a formação de cidades e as transformações do meio natural	EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
	O mundo da tecnologia: a integração de pessoas e as exclusões sociais e culturais	EF04HI08: Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.
As questões históricas relativas às migrações	O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo	EF04HI09: Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.
	Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos Os processos migratórios do final do século XIX e início do século XX no Brasil As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960	EF04HI10: Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. EF04HI11: Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).

HISTÓRIA – 5º ANO

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	EF05HI01: Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
	As formas de organização social e política: a noção de Estado	EF05HI02: Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.
	O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	EF05HI03: Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.
	Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	EF05HI04: Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos. EF05HI05: Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.
Registros da história: linguagens e culturas	As tradições orais e a valorização da memória O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	EF05HI06: Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas. EF05HI07: Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. EF05HI08: Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos. EF05HI09: Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.
	Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	EF05HI10: Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

O desenvolvimento das habilidades nesta coleção

Nesta coleção, os conteúdos temáticos e as atividades apresentados no Livro do Estudante foram elaborados com a finalidade de desenvolver as habilidades previstas na BNCC para o componente curricular História. O quadro a seguir relaciona os conteúdos temáticos desenvolvidos no Livro do Estudante do 4º ano do Ensino Fundamental aos objetos de conhecimento e às habilidades da BNCC.

4º ANO		
Conteúdos temáticos do Livro do Estudante	Objetos de conhecimento	Habilidades da BNCC desenvolvidas nos conteúdos temáticos
Unidade 1 Os primeiros grupos humanos <ul style="list-style-type: none"> • O estudo da História • O tempo na História • A vida na Pré-História • A agricultura e a ocupação do espaço 	A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras	EF04HI01: Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo. EF04HI02: Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).
	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	EF04HI04: Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas. EF04HI05: Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
	O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo	EF04HI09: Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.
Unidade 2 O início do comércio <ul style="list-style-type: none"> • As primeiras trocas comerciais • Comércio e ocupação do espaço • A expansão do comércio e das rotas • As grandes navegações 	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	EF04HI05: Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
	A invenção do comércio e a circulação de produtos	EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
	As rotas terrestres, fluviais e marítimas e seus impactos para a formação de cidades e as transformações do meio natural	EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.

Unidade 3 A formação do Brasil <ul style="list-style-type: none"> • Os povos indígenas • A diáspora africana • Europeus • A população brasileira 	<p>A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras</p>	<p>EF04HI01: Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.</p>
	<p>A circulação de pessoas e as transformações no meio natural</p>	<p>EF04HI05: Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.</p>
	<p>O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo</p>	<p>EF04HI09: Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.</p>
	<p>Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos</p>	<p>EF04HI10: Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.</p>
	<p>Os processos migratórios do final do século XIX e início do século XX no Brasil</p> <p>As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960</p>	<p>EF04HI11: Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).</p>
Unidade 4 Migrações no Brasil <ul style="list-style-type: none"> • Imigração no Brasil • Diversidade de povos e costumes • Migrações internas no Brasil • Conhecendo a diversidade cultural do Brasil 	<p>O passado e o presente: a noção de permanência e as lentas transformações sociais e culturais</p>	<p>EF04HI03: Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.</p>
	<p>A invenção do comércio e a circulação de produtos</p>	<p>EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.</p>
	<p>O mundo da tecnologia: a integração de pessoas e as exclusões sociais e culturais</p>	<p>EF04HI08: Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.</p>
	<p>O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo</p>	<p>EF04HI09: Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.</p>
	<p>Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos</p> <p>Os processos migratórios do final do século XIX e início do século XX no Brasil</p> <p>As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960</p>	<p>EF04HI10: Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.</p> <p>EF04HI11: Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).</p>

3. A História nesta coleção

A abordagem das competências e habilidades de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

O caminho que os alunos devem percorrer é o que conduz do leitor de textos históricos incompetente ao leitor versado; do reconstrutor espontâneo do passado ao reconstrutor metódico; do observador inconsciente dos signos da história ao observador consciente; do receptor acrítico das representações do passado ao receptor crítico.¹⁸

A coleção de História que propomos foi elaborada respeitando o pressuposto contido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de que o “fazer história” parte da constituição de um sujeito, amplia-se para a noção de Outro para finalmente alargar-se na direção de “outros povos, com seus usos e costumes específicos”, abordando, portanto, o Eu, o Outro e o Nós, em seus tempos e espaços específicos. Para isso, a coleção parte da elaboração de temas com base nas competências específicas de História e busca trabalhar as habilidades propostas pela BNCC para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.¹⁹

Além disso, procura também respeitar a diversidade de abordagens existentes no campo da disciplina. Procurou-se dar conta, considerando as limitações que uma coleção didática para os anos iniciais do Ensino Fundamental pode ter, de um gama de temas, abordagens e agentes históricos que ajudem o estudante a construir uma relação ativa com o passado. De acordo com esta proposta, a compreensão das ações humanas no tempo é construída pelas crianças por meio de experiências diversas com o passado. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, essas experiências devem ser organizadas em dois eixos principais: a assimilação da noção de **tempo histórico** e o contato com diversas **fontes** para o estudo da história.

A noção de tempo histórico

A assimilação da noção de tempo, categoria central no estudo da História, ocorre por meio do desenvolvimento das noções de cronologia e, gradativamente, de anterioridade, posterioridade, sucessão, ordenação, simultaneidade, duração, datação e periodização. Essas noções não constituem “conteúdos específicos”, mas são categorias explicativas a serem desenvolvidas por meio de conteúdos significativos, que ajudem a situar o aluno no momento histórico em que vive, estabelecendo relações entre a dinâmica de tempos próximos e distantes, numa multiplicidade temporal.

Nos trabalhos com os alunos, não deve existir a preocupação em ensinar, formalmente, conceituações de tempo histórico, mas deve existir a intencionalidade didática de escolher temas de estudos que abarquem acontecimentos que possam ser dimensionados em diferentes durações [...]. No estudo da História, considera-se, ainda, a dimensão do tempo que predomina como ritmo de organização da vida coletiva, ordenando e sequenciando, cotidianamente, as ações individuais e sociais.²⁰

18. MATOZZI, Ivo. A História ensinada: educação cívica, educação social ou formação cognitiva? Atas do Congresso O ensino da História: problemas da didática e do saber histórico. Revista *O Estudo da História*, n. 3, out. 1998, p. 39.

19. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 397-398.

20. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 83-87.

É importante enfatizar que as crianças constroem, em suas vivências, concepções espontâneas e intuitivas do tempo e, aos poucos, a noção de cronologia trabalhada nas aulas de História integra-se a essas concepções iniciais. Assim, não basta datar acontecimentos para que a criança realize a sua localização temporal. É preciso que o trabalho com essas noções possibilite às crianças ultrapassar as experiências do tempo vivido e construir noções sobre o tempo percebido, estabelecendo relações entre presente, passado e futuro. As categorias temporais trabalhadas nos quatro livros desta coleção incluem:

Ritmos temporais

Abordados em diferentes unidades ao longo da coleção mobilizam a criança a observar e refletir sobre determinados fatos do tempo que ocorrem de forma regular, por exemplo, o dia e a noite, a rotina da família, o período de aulas e férias, o horário do recreio escolar, a data de aniversário e fatos que se repetem, como o estabelecimento de relações comerciais entre povos e o desenvolvimento das cidades.

Posição relativa dos acontecimentos no tempo

É a categoria relacionada à posição que os fatos ocupam no tempo. Isso significa que os acontecimentos ocorrem uns após os outros, em uma sucessão e ordenação relativas a um ponto de referência determinado. Essas categorias são amplamente trabalhadas por meio de diferentes temáticas do cotidiano e em diversas atividades que possibilitam aos alunos construir uma compreensão dessas noções temporais básicas. Ao posicionar relativamente os acontecimentos no tempo, aos poucos se introduz outra noção, a de **simultaneidade**, isto é, de que dois ou mais acontecimentos podem ocorrer ao mesmo tempo, sendo concomitantes ou, na linguagem histórica, contemporâneos. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, o conceito de contemporaneidade é trabalhado com base na vivência dos alunos. Ao longo da escolarização, ele é gradualmente ampliado, para alcançar a noção de **contemporaneidade histórica**, compreendendo a existência de grupos e sociedades com formas de organização diferenciadas, das mais simples às mais complexas. Assim, procura-se destacar o estudante como sujeito nos contextos familiar e escolar e inseri-lo no contexto da comunidade em que vive, ampliando essa noção para as grandes transformações históricas.

Duração

Essa categoria se refere ao período de tempo que transcorre entre dois acontecimentos. Corresponde à categoria de distância na localização espacial. Essa categoria apresenta duas dimensões fundamentais: a mudança e a permanência. A dimensão da mudança refere-se à noção de transformação, à diferença entre o antes e o depois e inclui a ideia de passageiro, efêmero, pouco durável. A dimensão da permanência refere-se às estruturas que se modificam lentamente e à ideia de longa duração. A categoria de duração é trabalhada por meio de temas em que os alunos são mobilizados a identificar, caracterizar e analisar elementos do cotidiano do ponto de vista histórico: por exemplo, a alimentação, os transportes, a comunicação e também grandes acontecimentos que influenciaram não só a comunidade, mas toda a sociedade, como a formação das cidades e o desenvolvimento do comércio e das tecnologias. Atividades como a construção de uma “linha do tempo” possibilitam a percepção e a reflexão sobre a noção de duração temporal.

Orientação no tempo

Por meio da categoria de orientação temporal, constrói-se o conceito de tempo histórico – a relação entre as dimensões de passado, presente e futuro. Esse trabalho se intensifica com a utilização consciente de noções e expressões que indicam essas dimensões: ontem, anteontem, há algum tempo, anteriormente (que se referem ao passado); atualmente, hoje, agora, neste momento (que se referem ao presente); além das expressões que se relacionam ao futuro, como amanhã, mais tarde, daqui a algum tempo. A consciência do momento presente, da memória individual que liga o passado ao presente, possibilita, por meio da percepção dos ciclos de vida (nascimento, crescimento, maturidade e morte), a reflexão sobre diferentes fases da vida. Essa reflexão auxilia na construção das relações entre passado, presente e futuro, e por isso, nas orientações temporais.

Medição do tempo

A característica dessa categoria é a possibilidade de ser apreendida por meio da quantificação: a passagem do tempo pode ser medida. Há formas subjetivas de apreensão da medição do tempo, que se referem à maneira como os sujeitos se relacionam com os acontecimentos, e há as formas objetivas, construídas pelos seres humanos ao longo da História. Essas formas objetivas medem o tempo por meio de métodos e instrumentos diversos.

A compreensão do conceito de tempo histórico

A concepção espontânea e intuitiva de tempo das crianças geralmente relaciona o tempo ao movimento de passagem, aos instrumentos que medem essa passagem e à ideia de transformação. Considerando o caráter formativo dessas noções, possibilita-se que a criança expresse suas concepções e hipóteses sobre o tempo, sua passagem e transformação e que conheça diferentes maneiras criadas pela humanidade de medir o tempo; reflita sobre as próprias percepções e se aproprie de diversas formas objetivas de organizar, medir e compreender a passagem do tempo. As categorias explicativas expostas, entretanto, não constituem temas a serem trabalhados isoladamente, por isso estão presentes em diversos conteúdos selecionados para compor a coleção. Tais categorias se articulam, e por meio delas, os alunos avançam na compreensão do tempo como conceito e, portanto, se aproximam da construção da noção de tempo histórico, essencial para construir o conhecimento histórico.

O contato com a diversidade de fontes

Ao observar a própria realidade e iniciar uma leitura diferenciada do seu cotidiano na perspectiva temporal, é indispensável que a criança vivencie experiências de análise dos vestígios deixados pelas pessoas do passado. Em toda a coleção privilegiam-se a leitura, a discussão e a análise de fontes históricas diversas. Considera-se que cada material exige uma abordagem diferenciada, que pode servir para levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre determinado tema, identificar a época de produção de uma fonte, analisar e discutir os pressupostos do seu autor, questionar informações e enfatizar os conceitos trabalhados na unidade. Assim, o trabalho com uma variedade de materiais iconográficos e textuais – fotografias, ilustrações, obras de arte, infográficos, documentos de arquivos de famílias e oficiais, trechos de depoimentos, textos literários, jornalísticos e historiográficos – utilizados como fontes históricas – possibilita ao aluno desenvolver alguns procedimentos de leitura e análise de documentos históricos, além de adquirir e ampliar o vocabulário específico da disciplina, contribuindo para a aprendizagem de noções de importantes conceitos históricos.

A Educação Fundamental e o domínio da linguagem

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua.²¹

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância da ação pedagógica voltada para a alfabetização nos primeiros dois anos do Ensino Fundamental para garantir aos alunos “amplas oportunidades” de apropriação do sistema de escrita alfabético “de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos”.²²

De acordo com a BNCC, a ampliação das práticas de linguagem e das experiências estética e intercultural dos alunos, bem como a consolidação das aprendizagens anteriores, permitirá a progressão do conhecimento ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental:

Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente.²³

A importância da proficiência na utilização da Língua Portuguesa e o papel central da escola em seu ensino também são enfatizados nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.²⁴

Portanto, o ensino de História pretende contribuir para que o processo de alfabetização seja efetivo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Reconhecendo a importância do papel da escola no ensino da língua como base para o desenvolvimento de cidadãos críticos e participativos, a obra apresenta uma proposta de trabalho com a linguagem como eixo transversal.

As aulas de Língua Portuguesa são momentos dedicados ao trabalho sistemático com o domínio da linguagem e, com frequência, representam o único espaço destinado a esse trabalho. Entretanto, um material didático que reconhece o professor como o organizador de situações de mediação entre o objeto de conhecimento e os alunos não pode negligenciar o trabalho com a linguagem em todos os componentes curriculares, especialmente em Ciências, História e Geografia. Isso não significa de modo algum colocar em risco o ensino dos conteúdos específicos de cada componente curricular; ao contrário, o que se propõe é a potencialização da aprendizagem desses conteúdos.

Essa abordagem faz com que os alunos compreendam melhor os textos; reconheçam e utilizem o vocabulário específico dos componentes curriculares; relatem, descrevam ou debatam oralmente os assuntos aprendidos; e produzam textos expositivos e pequenos textos de circulação social, ao mesmo tempo que refletem e comunicam os conteúdos estudados. Assim, os alunos de História do 2º ao 5º ano desta obra terão a oportunidade de trabalhar com diferentes estruturas narrativas, como entrevistas e textos descritivos, na seção *Para ler e escrever melhor*.

21. BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 85.

22. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 59.

23. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 59.

24. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF. p. 21.

Educação em valores e os temas transversais

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida social, coletiva e ambiental.²⁵

A educação escolar comprometida com a formação de cidadãos envolve duas dimensões que se complementam.

Em primeiro lugar, a transmissão de conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva, entre eles os conhecimentos específicos de cada disciplina e o domínio da linguagem.

Em segundo lugar, esses conhecimentos devem estar intrinsecamente ligados a um conjunto de valores éticos universais, que têm como princípio a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos e a corresponsabilidade social.

A educação em valores requer que os alunos conheçam questões relevantes para a vida em sociedade, que reflitam e se posicionem em relação a elas. Pressupõe reflexões sobre questões globais combinadas com ações locais: em casa, na sala de aula, na comunidade. Nesta coleção, os valores são trabalhados de forma transversal, divididos em quatro grandes temas:

- formação cidadã, que envolve a capacitação para participar da vida coletiva, incluindo questões de justiça, equidade, respeito mútuo e o reconhecimento de conflitos na sociedade;
- meio ambiente, que envolve a valorização dos recursos naturais disponíveis, o respeito e a proteção da natureza e sua utilização sob a perspectiva do desenvolvimento sustentável;
- saúde, que engloba tanto aspectos de saúde individual quanto de saúde coletiva, incluindo questões decorrentes das mudanças que chegam com a puberdade;
- pluralidade cultural, que visa desenvolver o conhecimento, o respeito e o interesse pelas diferenças culturais, na sociedade brasileira e no mundo. O trabalho com os temas transversais e a educação em valores perpassa toda a coleção. No Livro do Estudante, ícones indicam esse trabalho, que é realizado principalmente na seção *O mundo que queremos*, presente em todas as unidades do 1º ao 5º ano. Essa seção se inicia com a leitura e a compreensão de um texto que relaciona um conteúdo da unidade a uma questão de valores. Em seguida, são propostas atividades, como conversa em dupla, discussão em grupo, pesquisa de aprofundamento do tema ou escrita de bilhete, confecção de cartaz ou uma pequena produção artística. Dessa forma, espera-se que os alunos aprendam a refletir sobre questões relevantes para a sociedade e a utilizar seus conhecimentos e habilidades para que sejam pessoas responsáveis, solidárias e participativas.

25. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 15.

4. A avaliação

A avaliação da aprendizagem proposta nesta coleção configura-se em um processo contínuo, isto é, o acompanhamento sistemático da aprendizagem e do desenvolvimento das competências dos alunos em História. Esse acompanhamento propõe diversos critérios relativos a informações, conceitos, procedimentos, valores e atitudes que os alunos devem adquirir ao longo de um processo de ensino e aprendizagem. Os critérios de avaliação em cada unidade devem contemplar de modo equilibrado os diversos aspectos do desenvolvimento da criança: a cognição, a afetividade e a sociabilidade. Assim, a avaliação deve considerar os objetivos conceituais, procedimentais e atitudinais. A esses, o professor deve articular as particularidades de cada aluno, turma ou escola e as possibilidades e os limites de cada fase e aspecto do desenvolvimento de seus alunos.

Ao avaliar o processo de aprendizagem em História, é preciso considerar que habilidades e atitudes os alunos vão desenvolver. Para isso, o professor deve atentar para as operações cognitivas que compõem o processo de ensino e aprendizagem. Os alunos desenvolvem habilidades de maneira sucessiva: a primeira operação cognitiva é a identificação de informações presentes no livro ou no caderno. Após essa operação, devem conseguir caracterizar o objeto de estudo, quais as qualidades (características) que o diferem de outros objetos relacionados. A partir daí, os alunos conseguem realizar a operação de comparação entre dois ou mais objetos de seus universos de saber. A comparação possibilita aos alunos expor argumentos, por meio da escrita ou da fala. As avaliações devem abordar cada uma dessas fases para um acompanhamento mais próximo dos alunos. É importante ressaltar que a avaliação é um recurso que o professor deve utilizar para organizar o trabalho, verificando onde pode avançar e o que deve ser revisto ou reformulado em suas aulas, sempre abrangendo os aspectos citados e visando à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos.

Enquanto o planejamento é o ato pelo qual decidimos o que construir, a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo nosso projeto. A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar, por isso contribui em todo o percurso da ação planejada [...]. A avaliação como crítica de percurso é uma ferramenta necessária ao ser humano na posse da construção dos resultados que planejou produzir.²⁶

Assim, a avaliação está presente em todos os momentos do processo (do planejamento à execução); por isso, é importante que o professor, dentro do seu contexto e de suas possibilidades de trabalho, adote alguns procedimentos para uma avaliação contínua e formativa.

- Diagnóstico: é o momento do levantamento dos conhecimentos dos alunos a respeito do tema ou conceito que será trabalhado. A abertura de cada unidade foi especialmente elaborada considerando esse momento de reconhecimento das vivências, experiências e hipóteses dos alunos acerca do conhecimento histórico. Identificar os saberes prévios dos alunos acerca do tema ou conceito auxilia o planejamento do trabalho do professor, além de organizar suas intervenções: o que enfatizar e como mobilizar o grupo em favor de um melhor aproveitamento do trabalho.
- Observação e registro: ao desenvolver um trabalho, é preciso estar atento à maneira como os alunos se relacionam com determinado tema, conteúdo ou conceito, registrando interesses, dificuldades, curiosidades e atitudes dos alunos em cada etapa.

26. LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 19.

- **Análise dos resultados das atividades:** é o procedimento que, por meio dos registros realizados pelos alunos, possibilita ao professor documentar os avanços e as dificuldades durante o desenvolvimento do trabalho. As diversas atividades propostas ao longo desta coleção permitem realizar esse acompanhamento, como uma avaliação permanente dos resultados delas para a aprendizagem dos alunos.
- **Avaliações formais:** provas e testes são instrumentos que, quando bem elaborados, possibilitam verificar o quanto os objetivos propostos foram atingidos. É necessário que esses instrumentos considerem os aspectos já citados e, principalmente, as oportunidades de aprendizagem proporcionadas ao aluno.
- **Estimular a autoavaliação:** é importante trabalhar com os alunos para que percebam os próprios avanços, dificuldades, interesses. Ao realizar a autoavaliação, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre sua aprendizagem e avançar no processo de autonomia. Desse modo, como ação contínua, avaliar em História é considerar as mudanças ocorridas nas concepções dos alunos; o envolvimento deles nas atividades; como atuam nas ações em grupo; como articulam seus conhecimentos prévios às novas informações e aos conceitos; como compreendem os principais elementos históricos: a cronologia, as fontes históricas, os conceitos expressos na linguagem específica da disciplina, as semelhanças e as diferenças entre passado e presente, a continuidade e a mudança; e, por fim, considerar a capacidade de eles se identificarem com as pessoas do passado, como portadoras de modos de vida e de pensamento diferentes dos deles.

5. A seleção dos temas e dos conteúdos

A escolha dos temas e conteúdos, bem como das formas de sua abordagem, teve como pressuposto a motivação dos alunos para o trabalho com a História, considerando os interesses e as necessidades neste nível de ensino. Nos livros destinados ao 1º, 2º e 3º ano, privilegia-se a assimilação de noções temporais básicas para os estudos da História e o contato com diversas fontes históricas. Trabalhando com a identidade da criança e seu cotidiano, os volumes abordam a história pessoal, da família, da escola e da comunidade, na perspectiva das diferenças e semelhanças, das mudanças e permanências. São enfatizadas as noções básicas de medida do tempo e de orientação temporal, o conhecimento e a classificação das fontes históricas quanto a sua natureza (escrita, iconográfica, material, oral), a leitura de imagens e de textos de diferentes gêneros e a produção escrita. A partir do 4º ano, os alunos devem trabalhar processos mais longos na escala temporal, como a circulação dos primeiros grupos humanos, a ocupação do espaço, o desenvolvimento e a expansão do comércio, as grandes navegações. No 5º ano, a análise se amplia para a compreensão da diversidade de povos e culturas e suas formas de organização. Além disso, os alunos tomarão contato com noções de cidadania e Estado.

A estrutura dos livros

Os livros desta coleção são compostos de 4 unidades. Nos livros do 1º ao 5º ano, as unidades apresentam uma estrutura semelhante, com pequenas variações de um volume a outro.

● Abertura da unidade

As imagens apresentadas na abertura de cada unidade convidam o aluno a expressar suas ideias acerca do tema a ser trabalhado. Por meio de ilustrações, fotografias, gravuras e pinturas históricas, o aluno é motivado com questões propostas na seção *Vamos conversar* que promovem a leitura da(s) imagem(ns) e o debate do tema apresentado. O objetivo é estimular a participação ativa, ao expressar, ouvir e confrontar ideias e opiniões.

● Capítulos e atividades

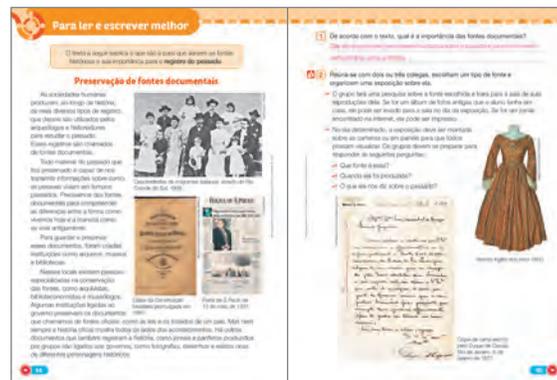
Cada unidade apresenta um conjunto de quatro capítulos, desenvolvidos em textos e atividades. Os textos apresentam estrutura clara, com foco nos aspectos essenciais do conteúdo, adequados à faixa etária dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Os termos e os conceitos mais complexos são apresentados gradualmente, com explicações e exemplos. Há também o auxílio de um glossário que acompanha os textos. As atividades permeiam o conteúdo dos capítulos e oferecem reflexões imediatas sobre os assuntos trabalhados.

Esta coleção apresenta um programa sistemático de atividades para que os alunos desenvolvam algumas habilidades básicas.

- Perceber detalhes e elementos específicos dos assuntos tratados, estabelecer relações entre as partes dos conteúdos e reconhecer classificações e categorias.
- Adquirir técnicas e métodos do trabalho do historiador e adotar critérios para escolher a melhor forma de realizar as tarefas.
- Saber que uma tarefa pode ser mais difícil de entender e realizar que outra e avaliar a própria capacidade de realizar uma tarefa específica. O objetivo básico é desenvolver ao máximo a compreensão e reduzir a memorização ao essencial.

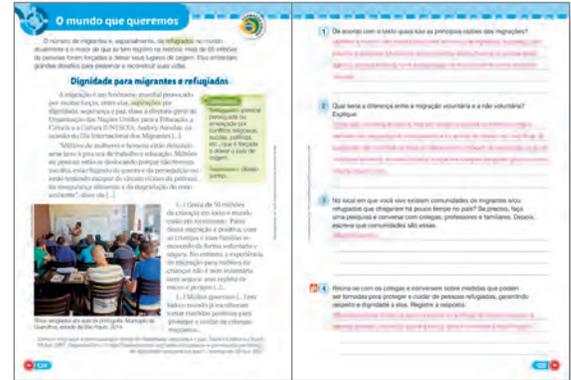
● Para ler e escrever melhor

A seção *Para ler e escrever melhor* nesta coleção ocorre apenas do 2º ao 5º ano e é voltada à leitura, à compreensão e à produção de textos. Os temas são relacionados aos conteúdos da unidade, promovendo, ao mesmo tempo, um aprofundamento do conteúdo histórico e o trabalho com diversos estilos textuais. Após atividades que favorecem a compreensão do texto, marcando o estilo em que foi escrito, o aluno é convidado a escrever um texto próprio, com base no modelo apresentado.



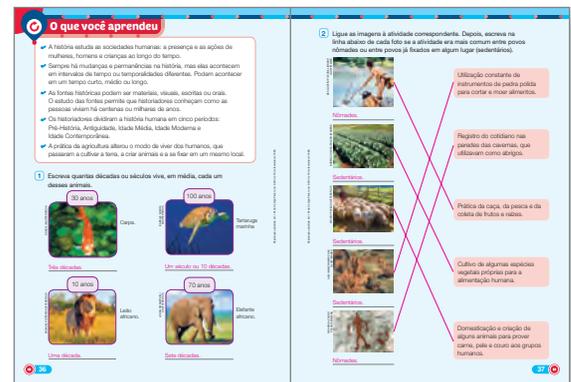
● O mundo que queremos

Esta seção é apresentada em todas as unidades e propõe um trabalho específico de educação em valores. Apresenta textos e atividades articulados aos conteúdos das unidades e relacionados aos temas transversais: formação cidadã; meio ambiente; pluralidade cultural e saúde. Os textos proporcionam a discussão da historicidade das experiências sociais, o trabalho com conceitos e o desenvolvimento de atitudes para a construção da cidadania. Possibilitam a discussão de questões relacionadas à convivência, à compreensão do respeito às diferenças, à necessidade de regras, normas e leis; ao manejo sustentável e à valorização dos recursos naturais; ao desenvolvimento dos sentimentos de identidade e reconhecimento do valor da diversidade e à preocupação com a saúde pública.



● O que você aprendeu

Por meio de atividades, os alunos recordam os principais conceitos e noções estudados ao longo da unidade, organizando e sistematizando informações; além de aplicar o conhecimento adquirido em novas situações.



● Como as pessoas faziam para...

Nesta seção, que se dá apenas nos livros do 2º ao 5º ano, os alunos podem compreender, por meio de ilustrações e textos explicativos, como determinadas ações eram realizadas em outras épocas. Com isso, os alunos poderão, além de conhecer eventos e atitudes do passado, compará-los com o presente, relacionando-os às mudanças e permanências em situações, muitas vezes, cotidianas.



● Atividade divertida

Apresentada em todas as unidades, esta seção tem por objetivo trabalhar de forma lúdica questões centrais dos conteúdos. O lúdico pode se dar na forma do jogo ou da brincadeira. Os jogos são geralmente regidos por regras predefinidas e envolvem situações de competição ou de cooperação. As brincadeiras, por sua vez, são marcadas por um maior grau de espontaneidade. É importante ressaltar que o lúdico, tanto na forma do jogar quanto na do brincar, não implica necessariamente em falta de seriedade, pois, embora diversos jogos e brincadeiras provoquem risos, há muitos que exigem alto grau de empenho e concentração.



6. Sugestões de leitura

ABUD, Katia Maria. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: 1929 1989. A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CHESNEAUX, Jean. *Fazemos tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995.

ECO, Umberto. *Baudolino*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.

MATOZZI, Ivo. A História ensinada: educação cívica, educação social ou formação cognitiva? Atas do Congresso O ensino da História: problemas da didática e do saber histórico. Revista *O Estudo da História*, n. 3, out. 1998.

OLIVEIRA, S. R. F. de. O tempo, a criança e o ensino de História. In: DE ROSSI, V. L. S.; ZAMBONI, E. (Org.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2003.

SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SIMAN, L. M. C. A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem. In: DE ROSSI, V. L. S.; ZAMBONI, E. (Org.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

7. Bibliografia

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BISSILIAT, Maureen; VILLAS-BÔAS, Cláudio; VILLAS-BÔAS, Orlando. *Xingu: território tribal*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1990.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos: entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990*. São Paulo: Fisco e Contribuinte, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: 1929-1989. A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CARVALHO, José Sérgio F. *Educação, cidadania e direitos humanos*. São Paulo: Vozes, 2004.

CHERMAN, Alexandre; VIEIRA, Fernando. *O tempo que o tempo tem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHESNEAUX, Jean. *Fazemos tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995.

CHIQUETTO, M. *Breve história da medida do tempo*. São Paulo: Scipione, 1996.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. *Dança, Brasil!: festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Aquariana, 2007.

ECO, Umberto. *Baudolino*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

KRAEMER, Maria Luiza. *Quando brincar é aprender...* São Paulo: Loyola, 2007.

LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX*. Disponível em: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos <<http://www.direitoshumanos.usp.br/>>. Data de acesso: 23 mar. 2017.

MARTINS, Maria Helena Pires. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARZANO, Robert J.; PICKERING, Debra J. *Building academic vocabulary: teacher's manual*. Alexandria-VA: Association for Supervision and Curriculum Development, 2005.

MATOZZI, Ivo. A História ensinada: educação cívica, educação social ou formação cognitiva? Atas do Congresso "O ensino da História: problemas da didática e do saber histórico". Revista *O Estudo da História*, n. 3, out. 1998.

MELATTI, Julio Cesar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. *Coisas de índio*. São Paulo: Callis, 2000.

OLIVEIRA, S. R. F. de. O tempo, a criança e o ensino de História. In: DE ROSSI, V. L. S.; ZAMBONI, E. *Quanto tempo o tempo tem?* Campinas: Alínea, 2003.

PEREIRA, Maria Regina; PRADO, Zuleika de Almeida. *Nosso folclore*. São Paulo: Ave-Maria, 2003.

PETTA, Nicolina Luiza de. *A fábrica e a cidade até 1930*. 6. ed. São Paulo: Atual, 1995.

PINSKY, Jaime (Org.). *O ensino de História e a criação do fato*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M. A construção das noções de tempo. In: SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SORJ, Bernardo. *brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: Unesco, 2003.

SOUZA, Herbert de; RODRIGUES, Carla. *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: 34, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VILLAS-BÔAS, Orlando; VILLAS-BÔAS, Cláudio. *Xingu: território tribal*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1990.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



Conheça a parte específica deste Manual

Objetivos da unidade

Em todas as aberturas de unidade são apresentados os objetivos gerais que os alunos deverão atingir ao final do estudo da unidade.

Sugestões de respostas e orientações

para a realização ou ampliação de algumas atividades propostas. Muitas das respostas já estão aplicadas nas páginas reduzidas do Manual do professor.

Reprodução da página do Livro do Estudante

Objetivos da unidade 2

- Compreender o surgimento do comércio.
- Conhecer a história do surgimento da moeda e compreender a sua importância no comércio.
- Refletir sobre como o comércio relaciona a busca por novos mercados e a ocupação do espaço.
- Identificar a busca por rotas comerciais e a interação de povos e culturas diferentes.
- Reconhecer o desenvolvimento tecnológico gerado pela busca por novos rotas comerciais.

Competência específica de Ciências Humanas 7 do BNCC que se relaciona aos conteúdos desta unidade

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnológicos digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio histórico-temporal relacionado à localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

Competências específicas de História 1 e 3 do BNCC que se relacionam aos conteúdos desta unidade

- Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos de transformação e mudança de estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes regiões para avaliar, compreender e interpretar o mundo contemporâneo.
- Analisar e compreender o movimento populacional e migratório no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o espaço e a territorialidade em diferentes populações.

Habilidades da BNCC em foco nesta unidade

EFH05 Relacionar os processos de ocupação do espaço a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.

EFH06 Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.

EFH07 Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.

Objetivos da unidade 2

1 O que era o comércio no período que você estudamos até aqui?

2 De que forma o comércio mudou ao longo do tempo?

3 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

4 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

5 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

6 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

7 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

8 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

9 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

10 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

11 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

12 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

13 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

14 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

15 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

16 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

17 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

18 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

19 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

20 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

21 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

22 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

23 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

24 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

25 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

26 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

27 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

28 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

29 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

30 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

31 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

32 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

33 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

34 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

35 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

36 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

37 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

38 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

39 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

40 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

41 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

42 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

43 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

44 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

45 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

46 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

47 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

48 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

49 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

50 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

51 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

52 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

53 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

54 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

55 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

56 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

57 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

58 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

59 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

60 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

61 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

62 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

63 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

64 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

65 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

66 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

67 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

68 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

69 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

70 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

71 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

72 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

73 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

74 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

75 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

76 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

77 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

78 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

79 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

80 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

81 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

82 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

83 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

84 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

85 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

86 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

87 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

88 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

89 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

90 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

91 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

92 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

93 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

94 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

95 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

96 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

97 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

98 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

99 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

100 Como o comércio mudou ao longo do tempo?

Competências da Base Nacional Comum Curricular contempladas e desenvolvidas na unidade.

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular contempladas e desenvolvidas na unidade.

História da...

Acompanha e traz orientações sobre os infográficos da seção *Como as pessoas faziam para...*, que contempla sempre o desenvolvimento de um hábito ou de um objeto ao longo do tempo.

Domínio da Linguagem

Traz orientações específicas para o trabalho com as habilidades de domínio da língua portuguesa: escrita, oralidade, vocabulário e gêneros textuais utilizados em História.

Objetivos

- Conhecer as condições de vida das pessoas que realizavam viagens marítimas.
- Entender que a busca por novos mercados e a ocupação do espaço são fatores que garantem a sobrevivência das pessoas que vivem em regiões costeiras.
- Compreender como os navegantes passaram o tempo em suas viagens e durante as viagens.

Habilidades da BNCC em foco nesta unidade

EFH05 Relacionar os processos de ocupação do espaço a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.

EFH06 Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.

EFH07 Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.

Objetivos da unidade 2

1 De acordo com o texto, qual é a importância das fontes documentais?

2 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

3 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

4 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

5 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

6 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

7 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

8 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

9 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

10 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

11 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

12 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

13 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

14 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

15 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

16 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

17 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

18 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

19 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

20 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

21 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

22 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

23 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

24 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

25 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

26 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

27 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

28 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

29 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

30 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

31 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

32 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

33 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

34 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

35 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

36 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

37 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

38 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

39 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

40 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

41 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

42 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

43 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

44 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

45 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

46 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

47 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

48 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

49 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

50 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

51 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

52 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

53 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

54 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

55 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

56 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

57 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

58 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

59 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

60 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

61 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

62 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

63 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

64 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

65 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

66 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

67 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

68 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

69 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

70 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

71 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

72 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

73 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

74 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

75 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

76 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

77 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

78 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

79 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

80 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

81 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

82 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

83 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

84 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

85 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

86 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

87 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

88 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

89 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

90 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

91 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

92 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

93 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

94 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

95 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

96 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

97 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

98 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

99 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

100 Como as pessoas faziam para sobreviver às longas viagens marítimas?

BURITI MAIS HISTÓRIA

4^o
ANO

Ensino Fundamental • Anos Iniciais

Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Lucimara Regina de Souza Vasconcelos

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná.
Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos Andrade. Editora.

Componente curricular: HISTÓRIA

1ª edição

São Paulo, 2017



Elaboração dos originais:**Denise Trevisan de Góes**

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social Casper Libero. Editora.

Lucimara Regina de Souza Vasconcelos

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade. Editora.

Maiara Henrique Moreira

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Editora.

Raphael Fernandes

Bacharel em História pela Universidade de São Paulo. Editor.

Stella Maris Scatena Franco

Bacharel em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências, no programa: História Social, pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências, no programa: História Social, pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

Thais Regina Videira

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Editora.

Viviane Pedroso Domingues Cardoso

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências, no programa: História Social, pela Universidade de São Paulo. Professora.

Edição de texto: Lucimara Regina de Souza Vasconcelos, Denise Trevisan de Góes, Maiara Henrique Moreira, Raphael Fernandes dos Santos, Thais Regina Videira

Assistência editorial: Raphael Fernandes dos Santos

Preparação de texto: Cintia Shukusawa Kanashiro

Gerência de design e produção gráfica: Sandra Botelho de Carvalho Homma

Coordenação de produção: Everson de Paula, Patrícia Costa

Suporte administrativo editorial: Maria de Lourdes Rodrigues (coord.)

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Daniel Messias, Daniela Sato, Mariza de Souza Porto

Capa: Daniel Messias, Otávio dos Santos

Ilustração: Raul Aguiar

Coordenação de arte: Wilson Gazzoni Agostinho

Edição de arte: Dajane Alves Ramos

Editoração eletrônica: Essencial Design

Edição de infografia: Luiz Íria, Priscilla Boffo

Ilustrações de vinhetas: Daniel Messias, Ana Carolina Orsolin

Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero, Maristela S. Carrasco

Revisão: Adriana Bairrada, Ana Cortazzo, Carol Gama, Dirce Y. Yamamoto, Rita Pereira, Simone Garcia

Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron

Pesquisa iconográfica: Aline Chiarelli, Cristina Mota de Barros, Odete Ernestina, Vanessa Manna

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Denise Feitoza Maciel, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro

Pré-impresão: Alexandre Petreca, Denise Feitoza Maciel, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Buriti mais : história / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Lucimara Regina de Souza Vasconcelos. – 1. ed. – São Paulo : Moderna, 2017.

Obra em 5 v. para alunos do 1º ao 5º ano.
Componente curricular: História.

1. História (Ensino fundamental) I. Vasconcelos, Lucimara Regina de Souza.

17-09773

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
Fax (0__11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2017
Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2



© 2013 CORTINA

Imagens de banco de imagens: iStockphoto.com, iStockphoto.com, iStockphoto.com, iStockphoto.com, iStockphoto.com

O que é a História?

É um mundo de pequenas histórias.

É o que muitos já viveram e vivem.

São as suas experiências.

É como você cresceu.

É de onde vêm seus amigos.

É saber que tudo mudou.

Ou não mudou tanto assim...

É saber que já havia muita coisa antes de nós.

E que estamos, a cada minuto, construindo o que virá depois.

Quanto mais você vive e aprende, mais rica é a sua história.

Tudo o que você faz vai tornar-se a contribuição da sua

História para o mundo.

Desenhe e pinte ao redor do texto um pouco da sua história e alguns planos para o futuro.

3



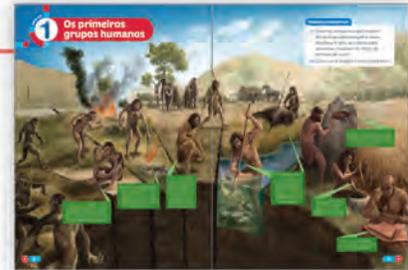


Conheça seu livro

Seu livro está organizado em 4 unidades.
Veja o que você vai encontrar nele.

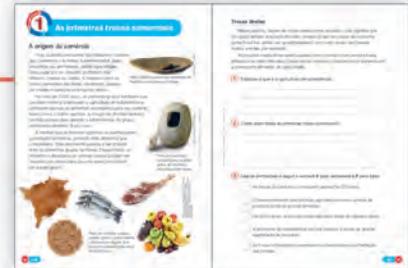
1 Abertura da unidade

Nas páginas de abertura, você vai explorar imagens e perceber que já sabe muitas coisas.



2 Capítulos e atividades

Você aprenderá muitas coisas novas estudando os capítulos e resolvendo as atividades.



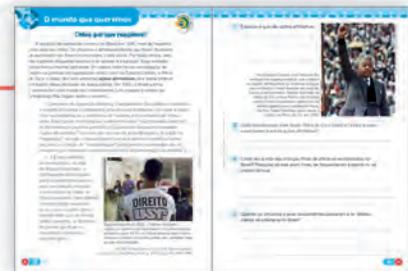
3 Atividade divertida

Nessa seção, você vai se divertir enquanto recorda alguns conteúdos.



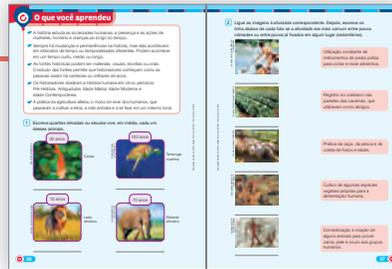
4 O mundo que queremos

Você vai ler, refletir e realizar atividades sobre algumas posturas no cotidiano, como se relacionar com as pessoas, valorizar e respeitar as diferentes culturas, colaborar para preservar o meio ambiente e cuidar da saúde.



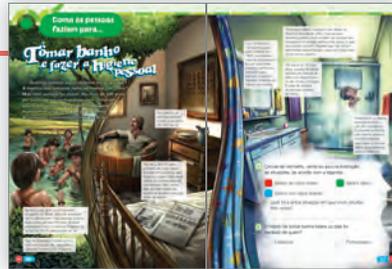
O que você aprendeu

Nessas páginas, você vai encontrar mais atividades para rever o que estudou na unidade e aplicar seus conhecimentos em várias situações.



Como as pessoas faziam para...

Você vai descobrir alguns aspectos do dia a dia das pessoas no passado e perceber o que mudou e o que permaneceu até os dias atuais.



Para ler e escrever melhor

Você vai ler um texto e perceber como ele está organizado. Depois, vai escrever um texto com a mesma organização. Assim, você aprenderá a ler e a escrever melhor.



Ícones utilizados

Ícones que indicam como realizar algumas atividades:



Atividade oral



Atividade em dupla



Atividade em grupo



Atividade no caderno



Desenho ou pintura



Recortar e colar



Uso de tecnologias

Ícones que indicam trabalho com temas transversais:





UNIDADE 1

Os primeiros grupos humanos

8

Capítulo 1. O estudo da História	10
• Para ler e escrever melhor	14
Capítulo 2. O tempo na História	16
• O mundo que queremos: <i>Pré-História do Brasil</i>	20
Capítulo 3. A vida na Pré-História	22
• Como as pessoas faziam para... ..	28
Capítulo 4. A agricultura e a ocupação do espaço	30
• O que você aprendeu	36
• Atividade divertida	40



LUÍZ OCUPADO



UNIDADE 2

O início do comércio

42

Capítulo 1. As primeiras trocas comerciais	44
• Para ler e escrever melhor	50
Capítulo 2. Comércio e ocupação do espaço	52
• O mundo que queremos: <i>Economia solidária: moeda social e bancos comunitários</i>	56
Capítulo 3. A expansão do comércio e das rotas	58
• Como as pessoas faziam para... ..	62
Capítulo 4. As grandes navegações	64
• O que você aprendeu	70
• Atividade divertida	74



Reprodução: produção. Art. 184 do Código Penal e Lei 6.670 de 10 de fevereiro de 1988.



MAN PULIAN MARTINEZ

UNIDADE
3

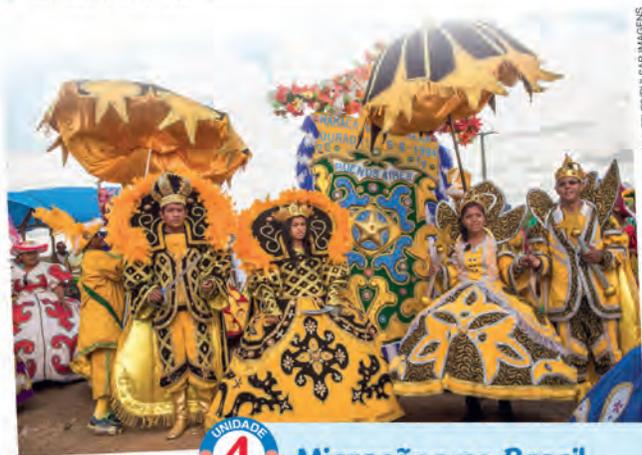
A formação do Brasil

76

Capítulo 1. Os povos indígenas	78
▣ Para ler e escrever melhor	84
Capítulo 2. A diáspora africana	86
⦿ O mundo que queremos: <i>Cotas: por que reagimos?</i>	90
Capítulo 3. Europeus	92
⦿ Como as pessoas faziam para...	96
Capítulo 4. A população brasileira	98
⦿ O que você aprendeu	104
⦿ Atividade divertida	108



Biblioteca Nacional da França, Paris



RICARDO TELES/PULSAR IMAGENS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 6.050 de 10 de Novembro de 1966.

UNIDADE
4

Migrações no Brasil

110

Capítulo 1. Imigração no Brasil	112
▣ Para ler e escrever melhor	118
Capítulo 2. Diversidade de povos e costumes	120
⦿ O mundo que queremos: <i>Dignidade para migrantes e refugiados</i>	124
Capítulo 3. Migrações internas no Brasil	126
⦿ Como as pessoas faziam para...	130
Capítulo 4. Conhecendo a diversidade cultural do Brasil	132
⦿ O que você aprendeu	138
⦿ Atividade divertida	142
Glossário	144
Bibliografia	146



Vamos conversar

1. Observe a sequência de imagens. As técnicas utilizadas pelos seres humanos e seus ancestrais para sobreviver mudaram ao longo de milhares de anos?
2. Como você chegou a essa conclusão?

Há cerca de 150 mil anos, grupos humanos viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos, por isso, dificilmente se fixavam em um mesmo lugar.

Há cerca de 12 mil anos, os humanos passaram a plantar e a cultivar alguns vegetais.

Os primeiros registros escritos conhecidos datam de 4 mil anos atrás.

Foram encontradas pinturas em paredes rochosas e em cavernas feitas pelos seres humanos há mais de 30 mil anos.

9



Competências específicas de História 1, 2, 3, 4 e 6 da BNCC que se relacionam aos conteúdos desta unidade

- Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
- Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
- Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
- Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

Competência geral da educação básica 1 que se relaciona aos conteúdos desta unidade

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

- **EF04HI05:** Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
- **EF04HI09:** Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.

Objetivos

- Compreender as noções de mudanças, permanências e níveis de temporalidade em relação ao estudo da História.
 - Reconhecer as diferenças entre fontes materiais e imateriais.
 - Identificar diferentes tipos de fontes históricas, com ênfase nas fontes escritas, visuais e orais.
- Converse com os alunos sobre as diferentes mudanças que eles percebem em seu cotidiano com a passagem do tempo, tais como crescimento, envelhecimento dos adultos, surgimento de novas tecnologias etc. Mencione, por exemplo, as roupas que usavam quando eram menores e hoje já não servem mais. A partir dessas situações do dia a dia, explique as noções de mudanças e permanências em relação ao estudo da História, citando exemplos de mudanças como a troca de um governo, o desenvolvimento da agricultura ou os processos migratórios.
 - Converse também sobre a importância de conhecermos o passado. Peça que imaginem como seria se não fossem capazes de se lembrar daquilo que viveram até o presente. Partindo desse exemplo, estabeleça uma analogia com o conhecimento histórico.

CAPÍTULO
1

O estudo da História

Estudar o passado é importante, pois nos ajuda a entender como viviam as pessoas que existiram antes de nós e a perceber quais costumes e práticas mudaram e quais permaneceram. Isso quer dizer que é possível refletir sobre a história com base nas **mudanças** e **permanências** que identificamos na sociedade.

O historiador é quem produz o conhecimento histórico ao se dedicar a investigar e a interpretar os fatos ocorridos ao longo do tempo.

As transformações na história podem ocorrer em **ritmos diferentes**, de maneira mais imediata ou mais lenta.

- Os acontecimentos de **curta duração** são aqueles que ocorrem rapidamente, em um curto período de tempo, como dias, semanas ou meses. Por exemplo: uma partida de futebol, a realização de um *show* ou a gestação de um bebê.
- As mudanças de **média duração** podem ser percebidas ao longo da vida de uma pessoa, pois ocorrem com o passar dos anos, como as inovações que acontecem nos modos de vestir e na moda a cada 5 ou 10 anos.
- Há mudanças que ocorrem de maneira lenta, demorando centenas ou milhares de anos para acontecer. Esse é o tempo da **longa duração**, que pode ser percebido com o trabalho do historiador. Por exemplo, a mudança nas paisagens ou a evolução nas técnicas utilizadas na agricultura.



Partida de futebol, 2016.



Editorial de moda, 1965.

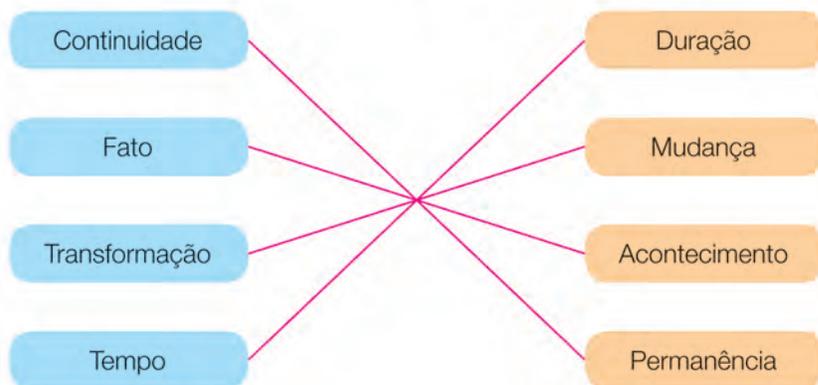


Trabalhadores escravizados extraindo diamantes, de Carlos Julião, c. 1770.

• **Sugestão de atividade: Linha do tempo**

- Explique os diferentes níveis de temporalidade desenhando na lousa três linhas do tempo do mesmo comprimento.
- Na primeira, marque em ordem cronológica alguns eventos importantes da semana, selecionando manchetes do noticiário.
- Na segunda, marque algumas mudanças que ocorreram nas últimas décadas.
- Na terceira, marque processos como o desenvolvimento da agricultura ou o desmatamento da mata nativa desde o início da colonização.
- Chame a atenção dos alunos para o fato de que, embora as linhas tenham o mesmo comprimento, elas representam intervalos de tempo diferentes.

1 Ligue as palavras que possuem significado semelhante.



2 Classifique as imagens de acordo com a legenda.

- 1 Curta duração 2 Média duração 3 Longa duração



O Brasil foi colônia de Portugal por cerca de 300 anos. *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro*, de Oscar Pereira da Silva, óleo sobre tela, 333 × 190 cm, 1922.



Famílias aproveitando período de férias, município de Lagoa da Prata, estado de Minas Gerais, 2016.



A cidade de Brasília começou a ser construída em 1956 e foi inaugurada em 1960.

- Nas **atividades 1 e 2**, converse com os alunos sobre as mudanças e permanências e as situações relacionadas aos diferentes níveis de temporalidade. Se tiverem dúvidas, retome com eles a explicação desse conteúdo.
- Durante a realização da **atividade 2**, estimule os alunos a pensar em outros exemplos de mudanças de curta, média e longa duração.

Para você ler

Introdução à História, de Marc Bloch, editora Europa-América.

O historiador Marc Bloch foi um dos grandes responsáveis pelas inovações que marcaram o estudo da História no século XX. Para ele, era muito mais importante refletir sobre os eventos e seus significados ao longo do tempo do que memorizar inúteis sequências de fatos, nomes e datas.

História e vida

Não pode, todavia, negar-se que uma ciência parece sempre ter algo de incompleto se não for capaz, mais cedo ou mais tarde, de nos ajudar a viver melhor. Como não há de ser, em particular, muito forte tal sentimento em relação à história, se esta se afigura tanto mais claramente destinada a trabalhar para proveito do homem quanto é certo ter o próprio homem e seus atos como matéria?

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Sintra: Europa-América, 1963. p. 16-17.

- Traga para a sala de aula objetos antigos, preferencialmente livros e documentos, e inicie a aula comentando cada um dos itens. Explique aos alunos que esses objetos foram produzidos ou utilizados em determinada época e, portanto, podem nos trazer informações sobre o passado.
- Chame a atenção dos alunos para as imagens da página 12. Explique que os arqueólogos buscam vestígios de povos antigos para obter informações sobre eles. Explore com eles as imagens do calendário e da festividade para explicar a diferença entre fonte material e fonte imaterial.
- Reforce também a importância das fontes escritas e diga-lhes que tudo o que registram agora poderá ser usado no futuro, por exemplo, por um historiador que esteja estudando um aspecto da Educação no ano de 2019.
- Chame a atenção dos alunos para programas de TV que abordam a memória da própria produção e explique que, para fazer esses programas, os canais de TV empregam vários historiadores especialistas no assunto.
- Uma das melhores maneiras de falar sobre fontes orais é pedir a todos que cantem “Ciranda, cirandinha” e perguntar se aprenderam ouvindo de outras pessoas ou lendo em um livro e estudando a partitura.

Fontes históricas

Você já sabe que a História é a ciência que estuda o passado. Mas como os historiadores descobrem o que ocorreu há centenas ou milhares de anos? Todas as produções que os seres humanos realizaram, desde uma pedra lascada até um celular, são vestígios que levam o historiador a conhecer o passado.

Para pesquisar alguns temas e analisar vestígios, o historiador precisa da ajuda de outros profissionais, como os arqueólogos. Durante as escavações, os arqueólogos encontram diversos objetos, como instrumentos feitos de ossos e pedras, vasos de cerâmica, cestos, restos de fogueiras, adornos etc.

Todas as marcas deixadas pelos seres humanos são chamadas de fontes históricas, que são o principal material de investigação para os historiadores.

Por meio da análise dessas marcas, o historiador pode descobrir como as sociedades se organizavam, quais eram seus hábitos alimentares, os costumes religiosos, as formas de se divertir e as maneiras de se vestir. O estudo e a comparação das fontes também ajudam a entender as transformações que ocorreram na escrita, na arte ou no modo de produzir. As fontes históricas podem ser classificadas em:

- **Fontes materiais:** referem-se aos objetos produzidos por uma sociedade, como pedras talhadas, utensílios domésticos, brinquedos, documentos escritos, construções etc.
- **Fontes imateriais:** são fontes que não têm um suporte físico, mas fazem parte da memória das pessoas e podem ser transmitidas de geração em geração, como músicas, lendas, tradições, costumes etc.



Escavação arqueológica no município de Urubici, estado de Santa Catarina, 2016.



Réplica de um calendário produzido pelos astecas, povo que viveu entre os anos 1300 e 1600 na região onde hoje se localiza o México.



Grupo folclórico, município de São Paulo, estado de São Paulo, 2016.



• Sugestão de atividade: *Brincando de arqueologia*

- Selecione algumas peças de barro ou cerâmica velhas que estejam para ser descartadas. Elas podem estar quebradas, desde que seus pedaços não sejam cortantes ou perigosos para o manuseio.
- Enterre as peças em uma parte ajardinada da escola e chame a turma para escavar e encontrá-las. Os alunos devem escavar com cuidado, para não danificar as peças, e anotar em uma lista cada peça encontrada. Se possível, eles devem tirar fotografias.
- Após a atividade, explique a eles que o trabalho do arqueólogo exige muito cuidado para não danificar as peças encontradas nas escavações. Além disso, é necessário um trabalho metódico de anotação e classificação das observações realizadas.

É possível também fazer outro tipo de classificação das fontes históricas:

- **Fontes escritas:** são documentos escritos, como cartas, livros, certidões de nascimento, diários, escrituras, relatos de viagens etc.
- **Fontes visuais:** são imagens e representações produzidas por uma sociedade, como pinturas rupestres, obras de arte, filmes, fotografias etc.
- **Fontes orais:** são as produções sonoras, como músicas, cantigas, lendas, discos, entrevistas gravadas, depoimentos de pessoas etc.



Manuscrito asteca feito nos anos 1500, em papel.



Pintura rupestre feita há mais de 20.000 anos, município de São Raimundo Nonato, estado do Piauí, 2015.

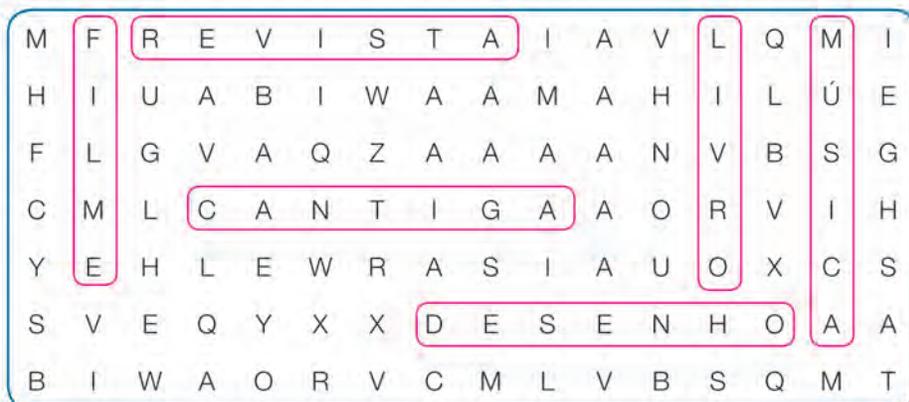


A moça com brinco de pérola, de Johannes Vermeer, óleo sobre tela, 44,5 x 39 cm, 1665.

- 3** Explique o que são fontes históricas e por que são importantes para o historiador.

As fontes históricas são todos os vestígios deixados pelos seres humanos ao longo do tempo; são importantes porque ajudam a conhecer o modo de vida de povos do passado.

- 4** Encontre no diagrama abaixo seis fontes históricas.



- As atividades 3 e 4, sobre o uso e a importância de fontes históricas, aliadas a uma reflexão sobre a produção do conhecimento histórico, contribuem para o desenvolvimento da habilidade EF04HI01: *Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.*
- Após a realização da atividade 4, verifique se os alunos compreenderam os tipos de fonte apresentados e sugira um desafio: em que categoria se situam os materiais audiovisuais? Explique a eles que a tipologia é uma forma de classificação, mas algumas fontes podem apresentar características de mais de um tipo.

Didática e avaliação no ensino de História

É claro que existem documentos históricos inacessíveis ao aluno do primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. Há documentos escritos em outras línguas, em português arcaico ou simplesmente com um vocabulário e sintaxe além das possibilidades de compreensão da maioria dos alunos da Educação Básica. Mas há também documentos cuja leitura é mais fácil, além de outras formas de vestígios do passado, como imagens ou relatos orais. Além disso, há também a possibilidade de simplificar, para fins didáticos, um texto mais complexo. O que não se justifica é privar os alunos do contato com o documento, pois este é essencial para que se possa pensar historicamente.

Objetivos

- Compreender a importância do armazenamento e da preservação de fontes históricas.
 - Conhecer algumas instituições de guarda e preservação de fontes documentais, como arquivos, museus e bibliotecas.
 - Organizar uma exposição sobre os registros do passado utilizando fontes facilmente encontradas em casa ou na escola.
- Converse com os alunos sobre museus e bibliotecas. Pergunte se já visitaram algum museu ou se costumam frequentar alguma biblioteca e peça a eles que contem como foram essas experiências.
 - Em seguida, explique aos alunos a importância de instituições de preservação da memória e de acervos documentais e bibliográficos.
 - Peça aos alunos que observem as imagens e debata com eles qual instituição seria mais adequada para a preservação de cada documento.

Para ler e escrever melhor

O texto a seguir explica o que são e para que servem as fontes históricas e sua importância para o **registro do passado**.

Preservação de fontes documentais

As sociedades humanas produzem, ao longo da história, os mais diversos tipos de registro, que depois são utilizados pelos arqueólogos e historiadores para estudar o passado. Esses registros são chamados de fontes documentais.

Todo material do passado que fica preservado é capaz de nos transmitir informações sobre como as pessoas viviam em tempos passados. Precisamos das fontes documentais para compreender as diferenças entre a forma como vivemos hoje e a maneira como se vivia antigamente.

Para guardar e preservar esses documentos, foram criadas instituições como arquivos, museus e bibliotecas.

Nesses locais existem pessoas especializadas na conservação das fontes, como arquivistas, biblioteconomistas e museólogos. Algumas instituições ligadas ao governo preservam os documentos

que chamamos de fontes oficiais, como as leis e os tratados de um país. Mas nem sempre a história oficial mostra todos os lados dos acontecimentos. Há outros documentos que também registram a história, como jornais e panfletos produzidos por grupos não ligados aos governos, como fotografias, desenhos e relatos orais de diferentes personagens históricos.



Descendentes de imigrantes italianos, estado do Rio Grande do Sul, 1909.



Cópia da Constituição brasileira promulgada em 1891.

Folha de S. Paulo de 13 de maio de 1997.

Os museus e a preservação do patrimônio

Os museus estão entre os locais que nos proporcionam a mais elevada ideia do homem, diz André Malraux. Eles são janelas, portas e portais; eles poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro; eles políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e intuições. Como tecnologias ou ferramentas que articulam múltiplas temporalidades em diferentes cenários socioculturais, como territórios que propiciam experiências de estranhamento e familiarização, como entes que devoram e ressignificam o sentido das coisas, os museus operam com memórias e patrimônios e fazem parte das necessidades básicas dos seres humanos. Por este caminho,

1 De acordo com o texto, qual é a importância das fontes documentais?

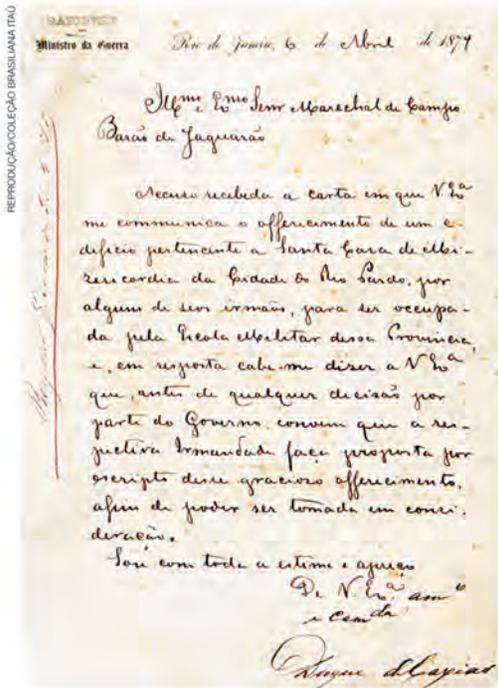
Elas são importantes para acessarmos dados sobre o passado e para construirmos conhecimento sobre a história.

2 Reúna-se com dois ou três colegas, escolham um tipo de fonte e organizem uma exposição sobre ela.

- O grupo fará uma pesquisa sobre a fonte escolhida e trará para a sala de aula reproduções dela. Se for um álbum de fotos antigas que o aluno tenha em casa, ele pode ser levado para a sala no dia da exposição. Se for um jornal encontrado na internet, ele pode ser impresso.
- No dia determinado, a exposição deve ser montada sobre as carteiras ou em painéis para que todos possam visualizar. Os grupos devem se preparar para responder às seguintes perguntas:
 - ✓ Que fonte é essa?
 - ✓ Quando ela foi produzida?
 - ✓ O que ela nos diz sobre o passado?



Vestido inglês dos anos 1800.



Cópia de carta escrita pelo Duque de Caxias. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1877.

- As atividades 1 e 2, sobre fontes históricas, aliadas a uma reflexão sobre a importância das fontes documentais, contribuem para o desenvolvimento da competência específica de História 3 da BNCC: *Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.*
- Oriente a realização da exposição. Se julgar conveniente, organize com a turma um projeto mais amplo, envolvendo a participação de toda a comunidade escolar.

Domínio da Linguagem

O trabalho desenvolvido nessa seção pretende proporcionar aos alunos a reflexão sobre a importância das fontes históricas para conhecer o passado. Por meio da atividade é possível exercitar a análise de uma fonte histórica.

pode-se compreender que em todo e qualquer museu está presente o gênio humano, a indelével marca da humanidade.

Entre os mais diferentes grupos culturais e sociais há uma nítida necessidade e uma notável vontade de memória, de patrimônio e de museu. Esse fenômeno social não é uma exclusividade do mundo contemporâneo, ainda que no mundo contemporâneo ele tenha grande visibilidade. A essas necessidades e vontades não corresponde automaticamente a garantia dos direitos à memória, ao patrimônio e ao museu. O exercício desses direitos de cidadania precisa ser conquistado, afirmado e reafirmado cotidianamente.

CHAGAS, Mário de Souza; STORINO, Claudia M. P. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 3, 2007. p. 6.

Objetivos

- Conhecer a representação cronológica do tempo.
 - Representar os acontecimentos históricos na linha do tempo.
 - Conhecer a classificação da história em períodos: Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.
 - Identificar algumas das principais características de cada período da História.
 - Relacionar os séculos com suas representações em números romanos.
- Desenhe uma linha do tempo marcando o ano I; em seguida, marque os intervalos relativos aos séculos.
 - Explique aos alunos como é feita a contagem dos anos na linha do tempo dando exemplos da relação entre anos e séculos.
 - Sugira algumas datas aos alunos para averiguar se identificam os séculos correspondentes aos anos apresentados.

CAPÍTULO 2

O tempo na História

O tempo histórico relaciona-se diretamente com os grupos humanos, que muitas vezes promovem as mudanças sociais e, outras vezes, são modificados por elas.

Os povos geralmente estabelecem um ponto de partida ou um marco para contar a sua história. Em nossos estudos de História, por exemplo, contamos o tempo a partir do nascimento de Cristo. Os anos e os séculos anteriores a seu nascimento são escritos com a.C. (antes de Cristo) depois da data. As datas que vieram após seu nascimento não precisam ser escritas com as letras d.C. (depois de Cristo); basta escrever o ano.

Além desse marco, em muitas datas históricas utilizam-se algarismos romanos, como no caso de registrar os séculos. Como não existe o ano zero, do ano 1 ao ano 100, denomina-se século I. Do ano 101 ao ano 200, designa-se século II, e assim por diante.

ILUSTRAÇÕES: SOUZO



1945

A Segunda Guerra Mundial, ocorrida na primeira metade do século XX, foi o conflito mais violento da história da humanidade e durou cerca de seis anos.



47 a.C.

Júlio César, imperador romano, invadiu e conquistou o Egito no século I a.C.

793

No século VIII, os vikings lideraram o primeiro ataque ao litoral da Inglaterra. Eles usaram barcos resistentes e velozes.



1350

No século XIV, ocorreu na Europa a epidemia de peste negra ou bubônica. Uma em cada três pessoas foi morta pela doença.



1500

No século XV, os portugueses chegaram às terras que mais tarde seriam chamadas de Brasil.



1822

No século XIX, D. Pedro I proclamou a independência do Brasil, que deixou de ser uma colônia de Portugal.



O tempo e a história

Diversamente da percepção, hoje consensual entre os historiadores, de que o tempo da história é diferente do tempo da ciência – o conceito de tempo dos historiadores não é o utilizado pelas outras ciências, o confronto entre a reflexão em abstrato e o manejo empírico do “*corpus documental*” é questão ainda sem conclusão, parte integrante das reflexões filosóficas e das historiográficas, que se colocam em termos divergentes e opostos, mas que podem e devem ser complementados.

Para historiadores, tempo é tanto o elemento de articulação da/na narrativa historiográfica como é vivência civilizacional e pessoal. Para cada civilização e cultura, há uma noção de tempo, cíclico ou linear, presentificado ou projetado para o futuro, estático ou dinâmico, lento ou acelerado, forma de apreensão do real e do relacionamento do indivíduo com o conjunto

Linha do tempo

A linha do tempo é uma forma de organizar os acontecimentos históricos. A função dela é mostrar como os fatos se situam no decorrer do tempo, ou seja, o que ocorreu antes (anterioridade), o que aconteceu ao mesmo tempo (simultaneidade) e o que ocorreu depois (posterioridade).

-  **1** Faça uma linha do tempo de sua vida, contando desde o seu nascimento até os dias de hoje. Marque em ordem cronológica os momentos mais importantes para você.

- 2** Escreva, em números romanos, a que século pertence cada ano.

Ano	85	215	430	650	120	345	537
Século	I	III	V	VII	II	IV	VI

Ano	742	973	867	1075	1503	1822	1789
Século	VIII	X	IX	XI	XVI	XIX	XVIII

Ano	1492	1139	1264	1685	1348	2017	1968
Século	XV	XII	XIII	XVII	XIV	XXI	XX

17 

- As **atividades 1 e 2**, sobre a representação cronológica do tempo, aliadas a uma reflexão sobre a importância da cronologia para a compreensão da História, contribuem para o desenvolvimento da competência específica de História 2 da BNCC: *Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.*
- Por meio da **atividade 1**, os alunos produzirão uma representação do seu tempo de vida por uma linha do tempo. A partir dessa atividade, converse com eles e proponha uma relação de analogia entre a linha do tempo individual e a linha do tempo histórico.
- As **atividades 1 e 2** visam à averiguação da compreensão de noções básicas de localização temporal. Se perceber que os alunos sentem dificuldade, retome o conteúdo.
- A **atividade 2**, de preenchimento da tabela que relaciona anos e séculos à sua representação em números romanos, pode ser reproduzida em ordem crescente em uma cartolina e afixada em uma das paredes da sala de aula. É importante que os alunos tenham essas informações sempre ao alcance dos olhos porque serão utilizadas em diversas ocasiões do estudo da História.

de seus semelhantes, ponto de partida para a compreensão da relação Homem-Natureza e Homem-Sociedade na perspectiva ocidental.

Tempo é palavra de muitos significados, e em alguns deles empregado como sinônimo de passado, ciclos, duração, eras, fases, momentos ou mesmo história, [...].

Historiadores convivem com as tensões inerentes ao tempo em que vivem e as formas de análise e compreensão, instrumentalmente dadas. Sabem que estão imersos no tempo, no seu tempo, e, simultaneamente devem trabalhar com ele, para os atos da profissão, no “*corpus documental*” selecionado para pesquisar o tema, o assunto, o objeto de estudo em um dado momento: organizar, recortar, dividir, estruturar, analisar, compreender, explicar, generalizar, teorizar, sintetizar...

GLEZER, Raquel. Tempo e História. *Ciência e cultura*. São Paulo, v. 54, n. 2, p. 23, out./dez. 2002.

- Inicie a aula desenhando na lousa uma linha do tempo para determinar os seguintes marcos históricos:
 - ✓ Surgimento dos primeiros antepassados conhecidos do ser humano (cerca de 4 milhões de anos);
 - ✓ Invenção da escrita (cerca de 4.000 a.C.);
 - ✓ Queda do Império Romano do Ocidente (475);
 - ✓ Queda do Império Romano do Oriente (1453);
 - ✓ e Revolução Francesa (1789).
- A partir desses marcos, assinale os períodos históricos.

Períodos históricos

Os períodos históricos são uma convenção estabelecida por historiadores, que elegeram marcos temporais de acordo com o que julgavam ser os eventos mais importantes da História.

Pré-História: do surgimento dos antepassados dos seres humanos modernos (cerca de 4 milhões de anos) até aproximadamente 4000 a.C., período do início dos registros escritos ou da invenção da escrita.

Antiguidade: de aproximadamente 4000 a.C. até 476, época do enfraquecimento e queda do Império Romano do Ocidente. Muitos povos se fixaram, desenvolveram a agricultura, o pastoreio, a metalurgia e o comércio. Surgiram grandes civilizações, como a egípcia e a fenícia.

Idade Média: do ano 476 ao ano 1453, quando Constantinopla (centro do poder cristão no Oriente) foi tomada por muçulmanos. Período de forte influência da religião cristã. Na Europa, a economia era baseada na agricultura e no servilismo dos camponeses aos senhores feudais, que eram os donos das terras.

Idade Moderna: de 1453 até 1789, ano da Revolução Francesa e do enfraquecimento do regime monárquico na França. Houve uma grande expansão da Europa para diferentes partes do mundo, como Ásia, África e América, em busca de produtos para comercializar.

Idade Contemporânea: de 1789 até os dias de hoje. Industrialização na Europa. As manufaturas e fábricas começaram a se expandir e a utilizar novos recursos para aumentar a produção. Grande parte da população começou deixar o campo para viver nas cidades. Ao mesmo tempo, muitos países europeus estabeleceram novas colônias na Ásia e na África para explorar a matéria-prima de que precisavam na indústria.



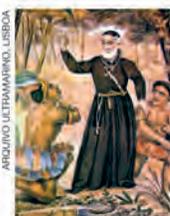
Vida em uma caverna na Pré-História, litografia colorizada de O. Hauser sobre desenho de Carl Arriens, anos 1800.



Detalhe de entalhe da lápide de um casal egípcio de cerca de 4.000 anos.



Representação de uma propriedade feudal, iluminura dos irmãos Limbourg, início dos anos 1600.



Detalhe de *Padre Antonio Vieira convertendo índios no Brasil*, de C. Legrand, ilustração colorida, 21 x 26 cm, 1841.



Interior de fábrica de fios de algodão com crianças e adultos trabalhando, 1911.

• Sugestão de atividade: *Períodos históricos em escala*

- Embora a história seja dividida em vários períodos, alguns são mais longos e outros mais curtos. Sugira aos alunos que recortem tiras de papel colorido imaginando que cada século corresponde a uma delas. O comprimento de cada tira seria o seguinte:
 - ✓ Pré-História: 400 metros. (Meça a largura da sala de aula e diga aos alunos que imaginem uma folha de papel com 10 vezes esse comprimento.)
 - ✓ Idade Antiga: 45 cm.
 - ✓ Idade Média: 10 cm.

Você sabia?

As marcações dos períodos históricos foram determinadas pelos historiadores nos anos 1900, ou seja, não foram as pessoas que viveram os eventos históricos que estabeleceram essa periodização. Repare que não existe uma divisão exata e proporcional do tempo histórico, como em um calendário. Essa divisão marcada por alguns eventos é, portanto, uma **convenção**, isto é, não é algo natural, mas o que historiadores de determinada época demarcaram para separar um período do outro.

- 3** Observe as figuras abaixo. Elas são fontes históricas, isto é, vestígios e documentos por meio dos quais é possível estudar os diferentes períodos da história. Associe as fontes à época histórica que elas representam.

1 Pré-História

2 Antiguidade

3 Idade Média

4 Idade Moderna

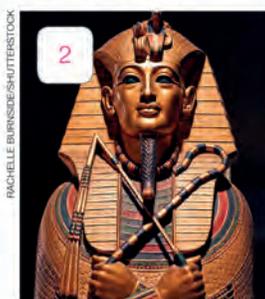
5 Idade Contemporânea



Iluminura representando uma cozinha, parte de manuscrito medieval, Giovannino De Grassi, anos 1400.



Pontas de lanças de pedra lascada com cerca de 12.000 anos encontradas no Novo México, Estados Unidos.



Réplica de máscara mortuária do faraó egípcio Tutancâmon, que viveu há cerca de 3.300 anos.



Representação do encontro entre Cristóvão Colombo e indígenas americanos, de D. K. Bonatti, litografia colorida, 1827.



Crianças trabalhando em fábrica de fios de algodão, 1909.

19

- ✓ Idade Moderna: 3 cm.
- ✓ Idade Contemporânea: 2 cm.
- Ao final dessa atividade, explique aos alunos que os períodos mais recentes – Idade Moderna e Idade Contemporânea – são aqueles em que as fontes históricas são mais abundantes. Por isso, embora sejam relativamente curtos em relação aos demais, são os mais estudados. Com a Pré-História acontece o oposto: é o mais longo, mas existe menor quantidade de fontes históricas sobre o período.

- Após ter desenhado a linha do tempo sugerida na página 18, leia o box *Você sabia?* para os alunos. Converse com eles sobre como os grandes marcos escolhidos pelos historiadores enfatizam as transformações ocorridas entre um período histórico e outro, mas que, ao longo da história, sempre ocorrem mudanças e permanências.
- A **atividade 3**, sobre periodização da História, aliada a uma reflexão sobre as principais características de cada período histórico, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI02**: *Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).*
- A **atividade 3** apresenta exemplos relativamente simples para ilustrar cada um dos períodos da História. Porém, como a atividade trata de temas que ainda não foram necessariamente trabalhados em anos anteriores, seria oportuno que os alunos realizassem uma breve pesquisa sobre cada um dos temas representados nas imagens antes da realização da atividade.

Para você ler

A história do calendário, de Hernâni Donato, editora Melhoramentos, 1993.

Objetivos

- Conhecer aspectos da arqueologia brasileira.
 - Valorizar as políticas de preservação do patrimônio histórico material brasileiro.
- Retome com os alunos a questão das fontes históricas obtidas por pesquisas arqueológicas. Explique a eles que as terras que hoje chamamos de Brasil já eram ocupadas por povos indígenas há milhares de anos e que muitos desses povos deixaram vestígios, como pinturas rupestres, restos de fogueiras, depósitos de alimentos, urnas funerárias etc.
 - Leia o texto com os alunos e esclareça eventuais dúvidas de compreensão. A partir do depoimento da pesquisadora Niède Guidon, inicie um debate. Solicite que tentem imaginar quais seriam os principais desafios de uma pesquisa arqueológica. É importante que os alunos compreendam que, além das dificuldades técnicas relativas às escavações e estudos sobre os vestígios encontrados, os arqueólogos também enfrentam questões de financiamento e de permissões para desenvolver suas pesquisas.

O mundo que queremos



Pré-História do Brasil

O texto a seguir foi escrito pela arqueóloga Niède Guidon, pesquisadora responsável pela criação do Museu do Homem Americano, no Parque Nacional Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, estado do Piauí, onde existem muitas representações de arte rupestre feitas por aqueles que habitaram a região durante a Pré-História.

[...] Nosso interesse inicial eram a arte rupestre, pinturas e gravuras. Logo na primeira missão de 1973, descobrimos 55 sítios, a maior parte com pinturas. Alguns eram aldeias em cujo solo abundavam cacos de cerâmica e objetos de pedra lascada e polida. Pensávamos, então, que esses sítios eram recentes, pois, como todos os arqueólogos americanos, acreditávamos que a América havia sido povoada tardiamente e que a América do Sul havia sido a última parte da Terra a receber representantes do gênero Homo. [...]

Em junho de 1979, era criado o Parque Nacional Serra da Capivara. [...]

Sobre as paredes dos abrigos do Parque Nacional, existe uma densa quantidade de pinturas rupestres realizadas durante milênios.

As representações animais são muito diversificadas, sendo possível reconhecer espécies inexistentes hoje na região e outras totalmente extintas, como camelídeos e preguiças-gigantes. Existem também reproduções de capivaras, veados-galheiros, caranguejos, jacarés e certas espécies de peixes hoje desaparecidas na área, extremamente árida para poder abrigá-las. [...]



Vista de formação rochosa do Parque Nacional Serra da Capivara, estado do Piauí, 2016.

De uma região verde, opulenta, habitada por um povo feliz e rico porque não passava fome e tinha tempo para criar uma civilização que nada deve a similares de todo o mundo, passamos a ser uma área em vias de desertificação, com a fauna e a flora exauridas [...].

GUIDON, Niède. Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara – Sudeste do Piauí. Revista *ComCiência*, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq10.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

Educação em valores

Quando se pensa na preservação do patrimônio histórico material, geralmente se pensa em obras de arquitetura, que precisam ser mantidas e eventualmente restauradas como parte de uma política de valorização de nosso legado histórico cultural. Mas os sítios arqueológicos também fazem parte desse legado precioso, que deve ser preservado e valorizado. Os sítios de arqueologia pré-histórica, em particular, trazem informações sobre o modo de vida dos habitantes do continente americano de milhares de anos atrás. Eles nos ajudam a ver a vida humana de uma perspectiva mais ampla.

1 Responda às questões de acordo com o texto.

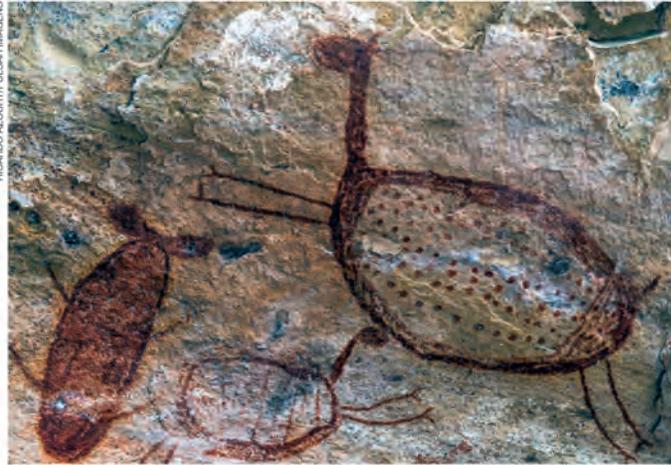
a) Onde fica situado o Parque Nacional Serra da Capivara?

Em São Raimundo Nonatô, interior do estado do Piauí.

b) Que tipos de vestígio foram encontrados no parque?

Pinturas nas paredes, cacos de cerâmica e objetos de pedra lascada e polida.

2 Observe a imagem e responda às questões.



Detalhe de pintura rupestre no Boqueirão da Pedra Furada, Parque Nacional Serra da Capivara, 2015.

a) Que figuras de animais os pesquisadores encontraram nas paredes dos abrigos do Parque Nacional Serra da Capivara?

Figuras de animais como capivaras, veados-galheiros, jacarés e caranguejos.

b) Que animais extintos atualmente foram pintados nas paredes das cavernas?

Camelídeos, preguiças-gigantes e certas espécies de peixes.

3 Reúna-se com 2 ou 3 colegas e conversem sobre a importância da manutenção e da preservação das pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara. Compartilhem as opiniões do grupo com a turma.

21

- As **atividades 1, 2 e 3**, sobre sítios arqueológicos, aliadas a uma reflexão sobre a importância da preservação do patrimônio histórico brasileiro, contribuem para o desenvolvimento da competência geral da educação básica 1: *Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.*
- Após a realização das **atividades 1 e 2**, estimule os alunos a buscar informações sobre outros sítios arqueológicos em território brasileiro.
- Se julgar conveniente, pesquise na internet e traga para a sala de aula *prints* de imagens de animais da megafauna brasileira. É importante dissociar a imagem da Pré-História humana da dos dinossauros, mas é preciso frisar que os seres humanos do passado conviveram com animais que hoje estão extintos.
- No debate em sala de aula, enfatize a importância da preservação do acervo ecológico, pois fontes históricas de milhares de anos podem, muitas vezes, perder-se por falta de cuidado ou de informação.

Pinturas rupestres no Brasil

Além da Amazônia e do Nordeste, há grafismos pré-históricos nas regiões Sul e Centro-Oeste, como atestam pinturas e gravuras encontradas, por exemplo, em Serranópolis e Caiapônia (Goiás) e em São Pedro do Sul (Rio Grande do Sul). [...] Apesar da abundância de grafismos, só há duas ou três décadas o país passou a olhar com mais carinho e rigor científico os traços primordiais deixados pelos seus mais remotos antepassados. Em território nacional, a maior concentração conhecida dessa antiga manifestação cultural encontra-se no interior do Parque Nacional Serra da Capivara, considerado Patrimônio Mundial pela Unesco (órgão das Nações Unidas dedicado à cultura) desde 1991. Estima-se que haja cerca de 60 mil figuras pintadas (ou gravadas) no parque.

PIVETTA, Marcos. Pré-história ilustrada. *Pesquisa Fapesp*, n. 105, nov. 2004. p. 82.

Objetivos

- Conhecer aspectos da vida humana na Pré-História.
 - Distinguir as principais características dos períodos da Pré-História humana.
 - Compreender noções fundamentais para o estudo da Pré-História.
 - Reconhecer a origem africana dos ancestrais do ser humano moderno.
 - Conhecer aspectos da Pré-História no Brasil.
- Converse com os alunos sobre o surgimento do ser humano no continente africano e sua posterior migração para outras partes do globo.
 - O tema do surgimento dos seres humanos pode levantar questões sensíveis em relação a algumas concepções teológicas cristãs. É importante esclarecer que a aceitação da ciência não implica a recusa da religião. Se a ciência diz que o homem é um animal, as religiões dizem que ele tem uma alma e que, portanto, não é um mero animal. O respeito mútuo, mesmo que às vezes difícil, é sempre possível e desejável.
 - Explique aos alunos que o período Paleolítico foi assim denominado porque marca o início da utilização, pelos seres humanos, de pedras lascadas como instrumento de defesa e de corte. Isso significou um avanço tecnológico muito grande, porque era o começo da utilização de materiais da natureza como instrumento e extensão do corpo humano.

CAPÍTULO
3

A vida na Pré-História

Os seres humanos pertencem à mesma espécie, chamada *Homo sapiens*. São ancestrais dessa espécie o *Homo erectus* e o *Homo habilis*, que povoaram a Terra partindo da região central do continente africano.

Assim, podemos dizer que fazemos parte de um grupo que surgiu no continente africano há cerca de 20 mil anos e dali se espalhou pela África, Europa, Ásia, Oceania e América.

Os primeiros grupos humanos não habitavam apenas um local; eles mudavam constantemente e eram, portanto, nômades, caçadores e coletores. Mulheres, homens e crianças estavam em constante movimento, à procura de alimentos, como frutas, raízes e pequenos animais.

Glossário

Nômade: aquele que não tem habitação fixa, que vive permanentemente mudando de lugar.



Molde de crânio fossilizado de um menino da espécie *Homo erectus*, datado de aproximadamente 1,6 milhão de anos e descoberto no Quênia, África, em 1984.

PHILIPPE FLAULY/APULATINSTOCK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Paleolítico (paleo = antigo; lítico = pedra)

Esse período foi chamado assim porque os antepassados dos seres humanos passaram a produzir instrumentos feitos de pedra lascada. Durou desde a formação dos primeiros grupos humanos, há cerca de 100 mil anos, até cerca de 12 mil anos atrás.

Além disso, nessa época, houve o domínio do fogo, importante para aquecer o ambiente, assar alimentos e afugentar animais. As cavernas eram usadas como abrigo por esses grupos e, nas paredes de algumas delas, foram encontradas pinturas retratando o cotidiano dessas pessoas.

Seres humanos em uma caverna, de Wilhelm Kranz, 1853. Observando a natureza, os seres humanos perceberam que materiais secos, como galhos e folhas, pegavam fogo facilmente ao serem atingidos por raios ou brasas de vulcão.



BRUNO/EMAN IMAGES GASTYPA

O surgimento do mito na Pré-História

[...] o cosmo tinha uma alma. Essa visão de mundo era decorrente de uma compreensão simbólica dos fenômenos naturais. Este é o fundamento do mundo extranatural em que ele vivia. [...] o homem pré-histórico desenvolveu inicialmente a linguagem, como forma de representação e comunicação, e posteriormente a pintura e a gravura para a fixação dessas representações. Nesse processo, [...] em sua relação com o meio, desenvolve mitos e rituais que norteiam a sua ação dentro de seu grupo [...].

SENA, José Roberto Feitosa de. Arte, mito, rito e expressões simbólicas na Pré-História: uma breve reflexão sobre a fumaça do estrago a partir do pensamento otto-eliadeano. In: *Anais Eletrônicos do V Colóquio de História "Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio"*. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.495-512.pdf>>.

Acesso em: 23 dez. 2017.

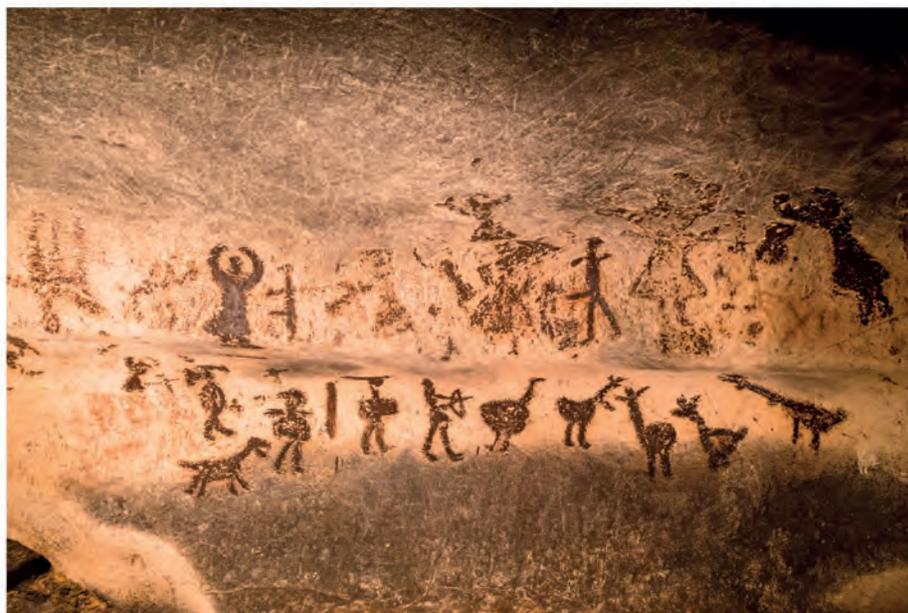
1 O que foi o Paleolítico?

Foi o período compreendido entre a formação dos primeiros agrupamentos humanos, há cerca de 100 mil anos, até 12 mil anos, época em que os humanos começaram a produzir instrumentos de pedra lascada e a dominar o fogo.

2 Numere a segunda coluna de acordo com a primeira.

- | | |
|--|------------------------------|
| 1. Aqueles que não têm habitações fixas. | 2 Cavernas. |
| 2. Locais usados como abrigo no Paleolítico. | 3 Pinturas rupestres. |
| 3. Representações das cenas cotidianas nas paredes das cavernas. | 1 Nômades. |

3 Observe a imagem abaixo e descreva as atividades dos seres humanos da Pré-História do Brasil.



Pinturas rupestres do período neolítico, Caverna Magura, Bulgária, 2015.

As pinturas representam a caça, os rituais e os costumes.

- As **atividades 1, 2 e 3**, sobre o modo de vida na Pré-História, aliadas a uma reflexão sobre a importância de tecnologias hoje aparentemente simples, contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI02: Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.)**.
- Nas **atividades 1 e 2** é importante que os alunos compreendam que as inovações tecnológicas, como o uso do fogo e de instrumentos de pedra lascada, são específicas do Paleolítico e não se referem a toda a Pré-História. Esclareça que essas tecnologias continuaram existindo em períodos posteriores, mas que esses períodos se caracterizaram pelo surgimento de outras formas de usar a natureza para auxiliar as ações humanas.
- Oriente a realização da **atividade 3** chamando a atenção dos alunos para a imagem da pintura rupestre e seu provável significado: a representação do cotidiano há 8 ou 10 mil anos, com homens, mulheres, crianças, pequenos animais; cena de caça e transporte de objetos.
- Converse com eles sobre o uso de imagens nos dias de hoje para representar situações do cotidiano. Assim como as pessoas da Pré-História, temos necessidade de registrar eventos que vivenciamos por meio de fotografias, por exemplo.

● **Sugestão de atividade: Arte rupestre**

- Para compreender um pouco mais sobre a arte rupestre, os alunos podem desenvolver desenhos buscando imitar as técnicas e os motivos dessa forma de expressão.
- Existem várias técnicas para esse tipo de atividade. Uma delas é a utilização de terra como corante.
- Solicite aos alunos que procurem e tragam para a sala de aula potinhos de terras de diferentes tonalidades.
- Os alunos devem misturar a terra com cola branca e um pouco de água para formar uma espécie de tinta.
- Sugira aos alunos que pesquisem em livros ou na internet imagens de pinturas rupestres no Brasil e tentem imitá-las sobre cartolina com a tinta que produziram.

- A descoberta de técnicas de semeadura para o plantio de alimentos ocasionou mudanças significativas no modo de vida de muitos grupos humanos na Pré-História. Para esses grupos, as atividades de caça, pesca e coleta de frutos e raízes cederam lugar, pouco a pouco, a atividades agrícolas e de pastoreio, levando à fixação de populações em determinados territórios.
- Ao trabalhar o conteúdo, é importante evitar uma visão evolucionista e globalizante, pois muitos grupos nômades continuaram a existir e a desenvolver tecnologias diferenciadas e relacionadas a seu modo de vida.
- Explique aos alunos que muitos grupos de seres humanos procuraram locais mais confortáveis para viver e para sobreviver. Geralmente eram lugares que apresentavam certa facilidade de obtenção de alimentos, como é o caso das regiões próximas de rios perenes.

Neolítico (neo = novo; lítico = pedra)

Há cerca de 12 mil anos, alguns grupos humanos começaram a fabricar instrumentos mais sofisticados, com pedras polidas, e a se fixar em lugares onde havia facilidade de obter água e, conseqüentemente, mais alimentos.

Nesse período, alguns grupos humanos passaram a caçar e a coletar frutos apenas em regiões próximas de onde tinham se fixado. Eles foram, aos poucos, tornando-se sedentários, ou seja, permaneciam em um mesmo lugar.

Os rios foram muito importantes nesse processo não só por causa da pesca, mas também porque grupos de animais iam beber água e facilitavam a caça. As margens desses rios também ficavam úmidas e férteis após as chuvas e as cheias. Dessa maneira, era possível plantar e colher, tornando habitáveis as áreas próximas dos terrenos cultivados. Todos esses fatores juntos, ao longo de centenas de anos, ajudaram no processo de sedentarização de muitos grupos humanos.

Mas essa mudança não aconteceu ao mesmo tempo em todas as regiões do planeta. Muitos grupos humanos começaram a cultivar a terra muitos anos depois; outros, mesmo plantando alguns produtos, mantiveram a caça e a pesca como atividades centrais.

Ocupação de regiões próximas a rios: o Crescente Fértil



Fonte: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-História aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. p. 39.

Local chamado de Crescente Fértil pela fertilidade do solo e também porque forma uma imagem que lembra uma Lua crescente.



Margem do rio Nilo com plantação de frutas, Egito, 2014.

Cosmos – Carl Sagan

A maioria de nós dorme ao ar livre, debaixo de uma árvore ou em seus galhos. Usamos pele de animais como roupa – para nos aquecer, cobrir nossos corpos e algumas vezes como cama. Quando usamos as peles dos animais, sentimos o poder deles. Pulamos com a gazela. Caçamos com o urso. Há uma ponte entre nós e os animais. Caçamos e comemos animais. Eles nos caçam e nos comem. Somos parte um do outro.

Fazemos ferramentas e nos mantemos vivos. Alguns de nós são bons em tirar lascas ou lâminas, afiá-las e poli-las, bem como achar pedras. [...]

Um dia houve uma tempestade com muito raio, muito trovão e muita chuva. [...]

4 Complete as frases de acordo com a legenda.

Paleolítico

Neolítico

- a) Durante um longo período, chamado de Paleolítico, a maioria dos grupos humanos manteve a forma de vida nômade.
- b) Durante o Neolítico, os grupos humanos começaram a fabricar instrumentos mais sofisticados com pedras polidas.
- c) O Paleolítico também é conhecido como Idade da Pedra Lascada por causa das ferramentas feitas de pedra.
- d) No Neolítico, os grupos humanos começaram a domesticar animais e a praticar a agricultura.

5 O que foi o processo de sedentarização?

Trata-se do processo por meio do qual alguns grupos humanos deixaram de ser nômades e fixaram moradia em determinado lugar.

6 Observe o mapa da página 24 e responda às questões.

- a) Qual é a principal característica da região chamada de Crescente Fértil?
A principal característica é a proximidade de grandes rios, que possibilitaram a prática da agricultura e facilitaram a caça e a pesca, contribuindo para o processo de fixação de grupos humanos na região.
- b) Assinale a alternativa que apresenta o nome dos principais rios do Crescente Fértil.
- Nilo, Amazonas, Tigre.
- Nilo, Eufrates, Tigre.
- Nilo, Tigre, Amazonas.
- Nilo, Eufrates, Amazonas.

25

- As **atividades 4 e 5**, sobre as características de cada período da Pré-História, aliadas a uma reflexão sobre a evolução tecnológica e social do ser humano, contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI02: Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.)**.
- Para a resolução da **atividade 4**, os alunos deverão conhecer as principais características de cada uma das duas grandes subdivisões da Pré-História. O Paleolítico é o período anterior, em que os seres humanos surgem no continente africano e dali migram para outras regiões do mundo, adquirindo o domínio do fogo e de instrumentos de pedra talhada. No Neolítico, o período seguinte, alguns grupos humanos tornam-se sedentários, praticam a agricultura e a criação de animais, além de produzir instrumentos de pedra polida.
- Após a realização da **atividade 6a**, converse com os alunos e verifique se sabem relacionar a sedentarização à prática da agricultura.
- **Atividades 6b**. Os alunos devem associar a agricultura à irrigação que caracteriza as civilizações que emergem no fim da Pré-História e início da Antiguidade, na região do Crescente Fértil.

Após a tempestade houve movimentos e estalos na floresta próxima. Fomos ver. Havia uma coisa saltando, quente, brilhante, amarela e vermelha. Nunca tínhamos visto isto antes. [...]

Um de nós teve um pensamento muito bravo e perigoso: capturar a chama, alimentá-la um pouco e torná-la nossa amiga. [...] carregamo-la conosco. Temos uma chama-mãe para alimentar lentamente para que não morra de fome. [...]

A chama nos mantém aquecidos em noites frias. Nos dá a luz. [...] Algumas vezes somos comidos, mesmo por pequenos animais, como hienas e lobos. Agora é diferente. Agora a chama afasta os animais. Nós os vemos ladrando baixinho no escuro, rondando, seus olhos brilhando na luz da chama. Eles têm medo dela. Nós não. A chama é nossa. Cuidamos dela. Ela cuida de nós.

- Inicie a aula apresentando em um *mapa-múndi* as rotas relativas às principais teorias sobre a origem do povoamento da América pré-colombiana. Se for possível, traga também um globo terrestre para a sala de aula e indique a rota que ligaria a Polinésia à América do Sul, pois a distorção do mapa plano pode sugerir uma rota mais longa do que seria na realidade.
- Explique aos alunos que, na época da travessia pelo Estreito de Bering, houve um grande congelamento de parte das águas oceânicas na região. Isso permitiu que, durante muitos anos, fosse possível passar, com relativa segurança, sobre essa espessa camada de gelo. Atualmente, não é possível fazer essa travessia a pé. Ao mesmo tempo e por causa desse congelamento, as águas em lugares quentes do planeta estavam mais baixas, deixando expostas muitas ilhas. A outra provável travessia pode ter-se dado por essas ilhas, em canoas e jangadas rústicas. Atualmente, a grande maioria dessas ilhas está submersa, o que não permitiria a travessia de ilha a ilha em uma pequena e frágil embarcação.

A fixação dos grupos humanos na América

Quando falamos do início da história do Brasil, é comum pensarmos no encontro entre os povos indígenas e os europeus ocorrido em 1500. Mas a história do Brasil não começou apenas depois da chegada dos portugueses. O território que depois seria chamado de Brasil começou a ser ocupado por grupos humanos há, pelo menos, 20 mil anos.

Até o momento, não há consenso entre os cientistas sobre a origem do homem americano. Contudo, com base em vestígios históricos, é possível saber que houve duas importantes migrações de grupos humanos que teriam partido da África para a Ásia e para a Oceania e, desses continentes, para a América.

Essa travessia teria ocorrido na região do estreito de Bering, entre a Sibéria, na atual Rússia, e o Alasca, nos Estados Unidos.

-  **7** Observe o mapa e localize o estreito de Bering. Ele fica perto ou longe do Brasil?



Fontes: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-História aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1987. p. 18; ALBUQUERQUE, Manuel Maurício de. *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 50.

Mas como eles conseguiram atravessar o Oceano Glacial Ártico e o Oceano Pacífico se não existiam embarcações sofisticadas? Há aproximadamente 20 mil anos, a formação de geleiras facilitou a ligação entre as pontas dos continentes americano e asiático no hemisfério norte, e a baixa nas águas dos oceanos teria feito surgir ilhas que facilitaram a travessia no hemisfério sul. Assim, foi possível que os primeiros grupos humanos migrassem para a América.

O processo migratório e de ocupação demorou milhares de anos para acontecer.

No entanto, várias descobertas recentes de artefatos de pedra e outros vestígios indicam que a presença de grupos humanos na América pode ser anterior a essas travessias.

A arqueologia e a Pré-História no Brasil

Quando queremos conhecer as sociedades indígenas desaparecidas, não dispomos de textos, pois elas não utilizavam a escrita. [...] Dependemos, portanto, exclusivamente dos vestígios materiais que eles deixaram, quase sempre involuntariamente, [...].

Os especialistas que estudam esses restos de corpos, instrumentos, atividades, moradias – dentro do contexto ambiental da época – são os arqueólogos. Têm os mesmos objetivos dos outros pesquisadores das ciências humanas, mas apenas utilizam métodos e técnicas diferentes (relacionados às ciências da vida e da Terra), e dependem do estudo dos vestígios materiais. Isso os leva a dar grande importância tanto ao que se convém chamar de ‘cultura material’ quanto aos aspectos da vida cotidiana e ao ambiente no qual viveram as populações pretéritas.

PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros: a Pré-História de nosso país*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 8.

Os vestígios no Brasil

No Brasil, há vários sítios arqueológicos que nos ajudam a conhecer melhor nosso passado. Um deles é o Parque Nacional Serra da Capivara, que fica em São Raimundo Nonato, no Piauí. Nesse sítio, a arqueóloga Niède Guidon encontrou pinturas rupestres, restos de fogueiras, artefatos de pedra, dentes humanos e urnas funerárias que têm entre 20 mil e 50 mil anos.

Mas a descoberta arqueológica mais importante ocorreu em Lagoa Santa, Minas Gerais. Em 1974, uma equipe de arqueólogos encontrou um crânio que tem cerca de 11 mil anos. Os pesquisadores descobriram que ele pertenceu a uma jovem mulher que tinha cerca de 20 anos e 1,50 metro de altura. Eles a chamaram de *Luzia*. Ela é o ancestral humano mais antigo encontrado na América.

Glossário

Sítio arqueológico: local onde são encontrados vestígios dos grupos humanos que viveram no passado.



Pintura rupestre do Parque Nacional Serra da Capivara representando animais de caça.



Reconstituição artística de como deve ter sido o rosto de Luzia.

8 Observe as setas vermelhas no mapa da página 26. Por onde os grupos humanos podem ter se deslocado para chegar à América do Sul?

Eles podem ter atravessado o estreito de Bering, alcançado a América do Norte e seguido em direção à América do Sul. Podem também ter vindo pela Oceania e Polinésia e alcançado o leste da América do Sul.

27

- Comente com os alunos que pesquisas como a de Lagoa Santa complementam e muitas vezes contradizem outras teorias sobre o povoamento da América, estimulando o debate sobre a interpretação das evidências encontradas.
- Conte aos alunos que o vestígio fóssil de Luzia seja, talvez, o mais importante encontrado em Lagoa Santa e que é preciso que eles compreendam que os estudos levam em consideração a totalidade dos vestígios, o que inclui ossos e dentes de animais, urnas e artefatos de pedras, pinturas rupestres etc.
- A **atividade 8**, sobre a origem da população da América pré-colombiana, aliada a uma reflexão sobre a importância dos estudos arqueológicos para a compreensão do passado, contribui para o desenvolvimento das habilidades **EF04HI04: Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas** e **EF04HI09: Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino**.
- Na realização da **atividade 8**, explique a eles que a teoria da passagem pelo estreito de Bering é bastante aceita entre os especialistas, mas ainda existem muitas dúvidas. O número de migrações e o período em que ocorreram, por exemplo, ainda são objeto de debate.

A origem das populações ameríndias

[...] Se uma mesma população asiática contribuiu diversas vezes nesse processo com um número significativo de indivíduos, torna-se bem pouco provável que se consiga distinguir esse cenário de um que assume ter havido apenas uma migração desses asiáticos para o Novo Mundo [...]. Portanto, é possível conhecer quantas populações asiáticas diferenciadas contribuíram para a formação dos povos nativos americanos, mas não em quantas migrações essas contribuições ocorreram. Dito de uma outra forma, uma mesma população biológica siberiana pode ter contribuído para a ocupação da América por meio de várias migrações, ou melhor, por meio de vários eventos de expansão na direção leste.

NEVES, Walter A.; BERNARDO, Danilo V.; OKUMURA, Maria Mercedes M. A origem do homem americano vista a partir da América do Sul: uma ou duas migrações? *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 50, n. 1, p. 11, 2007.

Objetivos

- Conhecer diferentes modos de se vestir e de produzir vestimentas, da Pré-História até os dias de hoje.
 - Comparar diferentes formas de vestir-se ao longo do tempo, identificando mudanças e permanências.
- O vestuário é uma das principais manifestações culturais humanas e tem sofrido modificações ao longo da História.
 - No trabalho em sala de aula é importante lembrar que, além de variar no tempo, o vestuário muda de acordo com outros fatores, como lugar, classe social, gênero, faixa etária etc.
 - Nos textos sobre a mudança do vestuário ao longo do tempo, enfatize as condições de vida na Pré-História. Ressalte que a diferença entre o presente e o passado não está no material usado – afinal, ainda existem roupas de couro –, mas na variedade de materiais e maneiras de confeccionar as roupas.

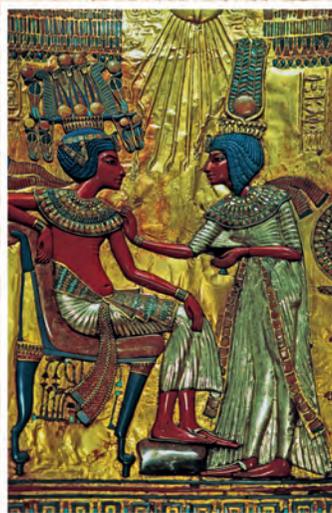
Como as pessoas faziam para...

Agasalhar-se

Há mais de 11 mil anos, quando Luzia viveu na região do atual estado de Minas Gerais, não existiam casas, aquecedores, máquinas de costura ou fábricas para produzir tecidos ou roupas. Então, como as pessoas faziam para proteger o corpo do frio e evitar cortes e arranhões na pele? Como eram feitas as suas vestimentas?

Pré-História

Muitos seres humanos se abrigavam em cavernas e usavam o fogo para se proteger do frio e da chuva. Com ferramentas pontiagudas, feitas de pedras lascadas e de ossos e chifres, eles retiravam a pele e o couro dos animais e os utilizavam como vestimenta. Com o tempo, alguns grupos passaram a entrelaçar fibras vegetais e couros macios para tecer vestimentas que protegessem o corpo.



Antiguidade

A construção de moradias foi sendo aprimorada, melhorando a proteção contra o frio, a chuva, o sol, o vento etc. As vestimentas, então, além de terem a função de proteger o corpo, passaram a demonstrar o poder político, religioso e econômico de determinados grupos sociais, dependendo dos tipos de fibra com que eram confeccionadas. No Egito Antigo, por exemplo, os ricos e poderosos usavam linho muito fino, e a população pobre usava algodão rústico.

Detalhe do encosto de um trono de cerca de 3.400 anos, no Egito.

História do vestuário

Observa-se que o estudo da indumentária é direcionado tanto em relação à forma quanto a seu significado. Os trajes relacionam-se a usos e costumes pertencentes a uma época, e caracterizam as mudanças históricas, econômicas e sociais. Tanto o vestuário quanto os adornos são resultantes das perspectivas imaginativas destas culturas, caracterizadas por técnicas, ritos, costumes, significados próprios.

No século XVI a relação da imitação dos modos e hábitos, nas classes sociais, foi se modificando até o século XX, em que o papel comportamental é um dos pontos-chave ao entendimento da dinâmica da moda e de suas ligações inseridas no contexto capitalista. Através do elemento do novo na moda, introduz-se padrões de comportamento ao tradicional.

Idade Média

As vestimentas eram produzidas em pequenas oficinas com teares manuais. As agulhas passaram a ser de ferro, facilitando a costura dos tecidos. Porém, a confecção de uma peça de roupa levava semanas ou até meses. A fabricação envolvia diversas pessoas, pois era preciso separar a lã ou as fibras, passar os fios no tear e, depois, cortar e costurar os tecidos. Grande parte da população adquiria apenas uma ou duas peças de roupa durante toda a vida. Reis e rainhas, porém, possuíam roupas diferentes, muitas vezes feitas com fios de ouro.



Mulheres tecendo fios de lã, de Chretien Legouais, anos 1300.

Anos 1700 e 1800

No século XVIII, surgiram as primeiras máquinas de costura e teares mecânicos. Mas foi em meados dos anos 1800 que os grandes teares mecânicos foram inventados. Movidas a vapor, essas novas máquinas tornaram a fabricação de tecidos mais rápida. A partir desse momento, a fabricação de roupas tornou-se cada vez maior.



Operárias costurando com máquina de costura industrial, Ucrânia, 2017.

Atualidade

Com o avanço tecnológico, no século XX, a produção têxtil ficou cada vez mais rápida, e milhares de peças idênticas podiam ser fabricadas em um único dia. Hoje, além de nos proteger, as roupas também podem transmitir certas ideias e valores, com grande variação de estilos e de tecidos, mudando muito a cada estação.



Interior de fábrica de fios e tecidos, município de São Paulo, estado de São Paulo, 2017.

Respostas no Manual de orientações e subsídios ao professor.

- 1 Quais foram as principais transformações na forma de produzir as vestimentas?
- 2 Podemos afirmar que as roupas têm uma história? Justifique sua resposta.

- As atividades 1 e 2, sobre as mudanças no vestuário ao longo do tempo, aliadas a uma reflexão sobre mudanças e permanências, contribuem para o desenvolvimento da habilidade EF04HI01: Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.
- Na atividade 1, estimule os alunos a refletir sobre as mudanças tecnológicas, comparando a Pré-História aos dias atuais.
- Na atividade 2, retome brevemente a questão das mudanças e permanências, estudada no capítulo 1 dessa unidade. Os alunos devem ser capazes de perceber que o vestuário sofreu modificações ao longo do tempo, mas que em todas as culturas sempre existiram roupas ou adornos corporais.

A singularidade do indivíduo é enfatizada a partir da definição do ser social, devido ao fato de constituir uma cultura pessoal, enfatizando fatores de “integração” ou “exclusão” social obtidos pela dinâmica da sociedade de consumo.

[...] Com isso, a moda atual não diz respeito apenas à diferenciação de classes, mas também à construção simbólica que forma as identidades na sociedade de consumo, devido às transformações comportamentais, tecnológicas e econômicas da contemporaneidade.

PEREIRA, Carolina Morgado. O vestuário e a moda: suas principais correntes teóricas. *Revista Moda Palavra e-Periódico*. Florianópolis, v. 8, n.15, jan./jul. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/viewFile/5016/4112>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

Objetivos

- Conhecer aspectos do desenvolvimento da agricultura desde a Pré-História.
 - Relacionar o surgimento da agricultura com as demais mudanças ocorridas a partir do Neolítico.
 - Conhecer diferentes tecnologias agrícolas criadas ao longo da História.
 - Compreender a importância da agricultura para o modo de vida moderno.
- Converse com os alunos sobre situações cotidianas envolvendo os cuidados com plantas e árvores. Pergunte aos alunos se possuem plantas em casa, se já tiveram a experiência de plantar algo ou se membros da família desenvolvem atividades relacionadas à agricultura.
 - Se julgar oportuno, desenvolva uma atividade interdisciplinar com Ciências, propondo a semeadura e o acompanhamento do crescimento de uma planta.

CAPÍTULO
4

A agricultura e a ocupação do espaço

Durante milhares de anos, os grupos humanos tiveram de se deslocar em busca de alimentos. Isso começou a mudar quando alguns grupos humanos aprenderam a plantar seu alimento e teve início a prática da agricultura.

Por meio da observação do ambiente, descobriram que as sementes que caíam no chão, após algum tempo, cresciam novamente e geravam novos alimentos. Eles perceberam que os locais próximos aos rios eram ricos em frutos e diversos vegetais. Além disso, vários animais procuravam os rios para beber água, facilitando o processo de caça.

Para dar conta de alimentar o grupo, foram criados instrumentos como machados, facas e foices de pedra polida. Além disso, era preciso armazenar as sementes e a produção agrícola. Os seres humanos passaram, então, a aprimorar as técnicas de cozimento do barro, dando origem a um tipo de cerâmica mais resistente, capaz de armazenar sólidos e líquidos. Eles também produziam instrumentos para abrir pequenas valas no chão, onde colocavam as sementes. Esse domínio tecnológico levou à **domesticação das plantas** e alguns tipos de alimento passaram a ser cultivados.

A adoção dessas **técnicas agrícolas** revolucionou o período. As técnicas de cultivo aumentaram a produção de alimentos e, com o excedente alimentar, os seres humanos não precisavam mais deixar a terra onde habitavam. Eles começaram a se fixar e foram ocupando diversas regiões do planeta.



Trator puxando arado que prepara a terra para o plantio, município de Brotas, estado de São Paulo, 2017.



Peça de cerâmica produzida pelo povo núbio na antiga cidade de Kerma, onde hoje se localiza o Sudão. Datado de cerca de 3.700 anos atrás.

BROCCIANI/IMAGES/ISTOCK/BRASIL
MUSEUM OF FINE ARTS EXPEDITION

Foto: Reprodução: Arca. Imagem: Rodrigo Pimenta/Arca. Imagem: 1988

• **Sugestão de atividade: Dramatização do início da agricultura**

- Proponha aos alunos que realizem uma dramatização do modo como imaginam que teria sido o início da agricultura, com a descoberta da germinação de sementes. Explique a eles que os grupos humanos já dominavam a fala.
- A atividade pode ser feita em grupos. Cada grupo poderia criar uma história alternativa em relação às demais e todas se complementariam, sugerindo diferentes pontos de vista.
- Se julgar conveniente, a atividade pode ser gravada em vídeo e compartilhada com a comunidade escolar.

1 Leia o texto e marque **V** para verdadeiro e **F** para falso nas afirmações abaixo.

- V O desenvolvimento da agricultura acelerou o processo de sedentarização dos grupos humanos.
- V Apesar da prática da agricultura, muitos grupos humanos continuaram a se deslocar pelos territórios, vivendo da caça, da pesca e da coleta.
- F Como não havia técnicas para cultivar a terra, os grupos humanos deixaram de plantar, abandonando as terras férteis.
- V O desenvolvimento da agricultura fez com que os grupos humanos aprimorassem as ferramentas de trabalho.

2 Assinale a imagem que mostra uma técnica agrícola que **NÃO** era usada há 12 mil anos.



Agricultora capinando lavoura, município de Ibiúna, estado de São Paulo, 2017.



Trator roçando pastagens, município de Iporã do Oeste, estado de Santa Catarina, 2015.

3 Preencha as lacunas do texto sobre o início da prática da agricultura utilizando as palavras abaixo.

técnicas

sementes

pedra polida

domesticar

Há 12 mil anos, a prática da agricultura transformou o modo de vida de parte da humanidade. Os grupos humanos passaram a domesticar plantas e animais. Eles criaram técnicas para o cultivo de vegetais, como abrir pequenas valas na terra com ferramentas feitas de madeira e pedra polida, e aprenderam a armazenar sementes, que eram espalhadas no solo depois de arar a terra.

31

- As **atividades 1 e 2**, sobre o desenvolvimento da agricultura, aliadas a uma reflexão sobre a evolução da tecnologia nas sociedades humanas ao longo do tempo, contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI05: Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.**
- As **atividades 1 e 2** visam ampliar a compreensão dos alunos acerca do desenvolvimento das técnicas de agricultura. É importante mostrar que hoje dispomos de maior aprimoramento técnico, evitando, porém, apresentar uma visão evolucionista e linear do desenvolvimento da agricultura. Várias técnicas coexistem, dependendo da necessidade do agricultor. Comente que a maior circulação de pessoas possibilitou que os grupos humanos partilhassem suas experiências, o que resultou no aprimoramento das técnicas agrícolas.
- As palavras e expressões apresentadas na **atividade 3** podem ser utilizadas como temas para a revisão de conteúdos e para a consolidação da aprendizagem.

Agricultura e cerâmica

[...]das grandes inovações culturais, a manipulação do solo foi dentre todas a mais revolucionária. Ela traz, de uma só vez, a modelagem do barro e a agricultura de modo tão inextricável que se tornou raro à Ciência admitir a existência de povoadamentos horticultores que não conhecessem o uso da cerâmica, ou ceramistas que ainda não houvessem domesticado plantas.

As motivações ao fabrico de peças e ao cultivo de espécies vegetais, entretanto, não foram as mesmas. Os artigos cerâmicos devem sua provável origem às manifestações artística, mística e religiosa [...]. Já a agricultura articulou-se pelo alargamento das possibilidades exploratórias por recursos alimentares.

FELTRAN-BARBIERI, Rafael. Outro lado da fronteira agrícola: breve história sobre a origem e declínio da agricultura autóctone no cerrado. *Ambiente & Sociedade*. Campinas v. XIII, n. 2, jul.-dez. 2010. p. 331.

- Esclareça aos alunos que a fixação de grupos em um lugar e o abandono do nomadismo como prática constante de sobrevivência acabaram gerando um aumento da população.
- Outro fator que influenciou muito no aumento da população foi a construção de abrigos com materiais disponíveis na natureza, como madeira, pedra, barro e grandes folhas.
- O tipo de organização também mudou bastante; se antes havia a preocupação com a caça e com a coleta de frutas e quais pessoas do grupo eram mais aptas para isso, nesse momento do processo de sedentarização, era preciso organizar o plantio para que a colheita fosse suficiente para alimentar a todos por determinado período.

Mudanças no modo de vida dos seres humanos

Além do cultivo de vegetais, ocorreu também a **domesticação de animais**. Esse fato aumentou a quantidade de carne, de pele e de couro. A lã das ovelhas também passou a ser utilizada para a confecção de vestimentas.

O desenvolvimento de instrumentos e os recursos naturais tornaram possível a construção de abrigos mais seguros, feitos de madeira, pedra e barro e cobertos com folhagens. As habitações tornaram a vida mais segura, pois ofereciam maior proteção contra as adversidades da natureza, como chuva, neve e alguns animais predadores.

A fixação dos grupos humanos e a maior quantidade de alimentos provocaram um **crescimento da população**, pois aumentou o número de nascimentos e a população passou a viver mais tempo.

Com um número maior de pessoas, era necessário aumentar a quantidade de alimentos. Assim, o controle da produção precisaria ser cada vez mais eficaz. A baixa produção de alimentos poderia levá-las à morte. Por isso, foi necessário aprimorar, cada vez mais, as técnicas agrícolas para evitar períodos de escassez e de fome.



Criação de ovinos, município de Pedras Altas, estado do Rio Grande do Sul, 2014.

FABRER ALMEIDA/OPÇÃO BRASIL, IMAGENS



Frutas expostas em banca do Mercado Municipal, município de São Paulo, estado de São Paulo, 2011.

LALO DE ALMEIDA/FO HARPRESS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 6.093 de 10 de Setembro de 1988.

O Neolítico e a aparição do cultivo e da criação

Há aproximadamente 12.000 anos antes de nossa Era começa a se desenvolver um novo processo de fabricação de instrumentos, o polimento da pedra. Essa novidade inaugura o último período da Pré-história, o Neolítico. Este se prolongará até o aparecimento da escrita e da metalurgia. Além dos machados e enxadas que podem fabricar-se pelo polimento de todos os tipos de pedras duras e passíveis de serem afiadas várias vezes, essa época é marcada por outras inovações revolucionárias, como a construção de moradias duráveis, a cerâmica de argila cozida e os primeiros desenvolvimentos da agricultura e da criação.

Entre 10.000 e 5.000 anos antes de nossa Era, algumas dessas sociedades neolíticas tinham, com efeito, começado a semear plantas e manter animais em cativeiro, com vistas a multiplicá-los e utilizar-se de seus produtos. Nessa mesma época, após algum tempo, essas plantas e

- 4** Por que as técnicas agrícolas provocaram grandes transformações no modo de vida dos seres humanos?

O desenvolvimento da agricultura alterou o modo de viver dos humanos. A criação de animais e o cultivo de plantas levaram à sedentarização de muitos grupos. Eles aperfeiçoaram técnicas para aumentar a produção e construíram abrigos mais seguros. A maior oferta de alimentos fez com que a população aumentasse e passasse a viver mais tempo.

- 5** Por que a agricultura tornou-se tão importante para a vida dos seres humanos?

O processo de fixação dos seres humanos fez com que eles dependessem do cultivo de alimentos para a sua sobrevivência. Se a produção não fosse suficiente, eles poderiam enfrentar situações de fome.

- 6** Assinale **1** para as características mais marcantes do modo de vida nômade e **2** para as mudanças que ocorreram depois do aprimoramento das técnicas agrícolas.

1 Nomadismo

2 Agricultura

1 Coleta de frutas e vegetais na natureza.

2 Abrigos feitos de pedra e madeira.

1 Uso de ferramentas de pedra lascada.

1 Convívio com animais predadores.

2 Cultivo de vegetais.

1 Baixa expectativa de vida.

1 Abrigos em cavernas e uso do fogo para o aquecimento.

1 Migração constante em busca de alimentos.

2 Aumento do número de nascimentos.

2 Maior quantidade de alimentos.

33

- As **atividades 4, 5 e 6**, sobre nomadismo e sedentarismo e o desenvolvimento da agricultura, aliadas a uma reflexão sobre mudanças e permanências, contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI04**: *Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.*
- Nas **atividades 4, 5 e 6**, oriente os alunos a perceber que muitas mudanças ocorreram ao mesmo tempo porque estavam inter-relacionadas. A agricultura levou ao sedentarismo, que levou à criação de animais e à formação de vilas na proximidade de rios. Do leito dos rios, os grupos humanos utilizavam a argila para a produção de cerâmica.
- Em um primeiro momento é importante fixar as noções de nomadismo e sedentarismo de maneira clara. Em um segundo momento, é possível problematizar essas noções apresentando povos cuja vida é seminômade.

esses animais especialmente escolhidos e explorados foram domesticados e, dessa forma, essas sociedades de predadores se transformaram por si mesmas, paulatinamente, em sociedades de cultivadores. Desde então, essas sociedades introduziram e desenvolveram espécies domesticadas na maior parte dos ecossistemas do planeta, transformando-os, então, por seu trabalho, em ecossistemas cultivados, artificializados, cada vez mais distintos dos ecossistemas naturais originais. [...]

[...] Enfim, nenhum saber inato ou revelado lhe ditava a arte e a maneira de praticar a agricultura, e graças a isso, ele pôde ajustar livremente os sistemas de cultivo e de criação extraordinariamente variados e adaptados aos diferentes meios do planeta, transformando-os de acordo com suas necessidades e de acordo com suas ferramentas.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *História das agriculturas no mundo: do Neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 69-70.

- Inicie a aula trabalhando uma questão do cotidiano dos alunos: o endereço de moradia de cada um. A partir da constatação de que temos endereço – e, portanto, moradia fixa –, trabalhe com a turma a noção de sedentarismo.
- A partir dessa explicação inicial, avance para uma explicação sobre o modo de vida nômade, que é mais distante da realidade da maioria dos alunos.
- Em seguida, explique que esse processo de sedentarização não aconteceu rapidamente, nem ao mesmo tempo para todos os grupos.
- A aglomeração de pessoas em um mesmo lugar, convivendo diariamente, fez necessária a organização do grupo: divisão de tarefas, cuidados com os doentes, com as crianças, com os animais, com as plantas etc. Cada pequeno grupo dentro de um grande grupo familiar deu origem a essa setorização dos afazeres e, em última instância, pode ter sido a base para a organização social e política das aldeias, vilas e cidades que surgiram posteriormente.
- Diga aos alunos que alguns pesquisadores, com base nas esculturas de culto ao poder feminino, levantaram a hipótese de as mulheres liderarem alguns desses grupos. O poder se devia, então, ao controle das mulheres sobre os filhos e consequentemente sobre toda a organização.

A organização social dos grupos humanos

A transição da vida nômade para a sedentária demorou milhares de anos para ocorrer. Por longos períodos, grupos nômades conviveram com grupos sedentarizados. A introdução da agricultura não ocorreu ao mesmo tempo em todos os lugares nem os produtos cultivados eram os mesmos.

A fixação dos grupos humanos e a convivência constante trouxeram a necessidade de criar formas de organização social. Nessa transição, foram formados os primeiros grupos familiares, ou clãs, que, milhares de anos depois, dariam origem às aldeias, vilas e cidades. Os clãs partilhavam a terra, as ferramentas de trabalho e o culto às diferentes divindades. Essas sociedades passaram a se organizar em torno de um líder, geralmente o homem mais velho do grupo.



Ruínas arqueológicas de Mohenjo-Daro, uma das maiores cidades nas proximidades do rio Indo, no atual Paquistão, construída há cerca de 4.500 anos.

Líderes mulheres

Há arqueólogos que afirmam que alguns grupos eram liderados por mulheres. Para eles, a prova disso foi a descoberta de esculturas de culto às mulheres, à fertilidade e ao poder atribuído às mulheres por causa da gestação que era associada à fertilidade e teria dado um lugar de destaque às mulheres, que podiam ser responsáveis pela organização do grupo.



Vênus de Lespugue, descoberta na França em 1900. A escultura de marfim foi criada há cerca de 22 mil anos.



Vênus de Willendorf, descoberta em 1908, na Áustria. A peça foi esculpida há aproximadamente 25 mil anos.

• Sugestão de atividade: *Debate*

- Divida a turma em três grupos e organize um debate. Um desses grupos vai argumentar em favor do nomadismo e outro em favor do sedentarismo. Esses grupos devem levantar o maior número possível de argumentos sobre o modo de vida que vão defender e escolher dois ou três alunos para representá-los. O terceiro grupo vai julgar os argumentos e indicar o vencedor do debate.
- É importante colocar em questão perspectivas evolucionistas. O texto da página seguinte, sobre os hicsos, por exemplo, mostra de forma clara que os povos nômades não podem ser considerados inferiores em relação aos sedentários.

- 7** As transformações na história podem ser de curta ou longa duração. A transição do nomadismo para o sedentarismo pode ser considerada uma mudança de longa duração? Justifique.

Sim, pois ela ocorreu de forma gradativa e levou milhares de anos. Essa transição também transformou as relações do ser humano com o meio ambiente, alterando as formas de viver e de se organizar em sociedade.

- 8** Explique por que alguns arqueólogos acreditam que existiram sociedades lideradas por mulheres há mais de 20 mil anos.

Eles encontraram esculturas que representam figuras femininas e de culto à fertilidade. Para eles, essas esculturas podem representar a posição de destaque que as mulheres ocupavam na organização dessas sociedades.

- 9** Marque **V** para verdadeiro e **F** para falso nas afirmações a seguir.

- F** O processo de fixação dos seres humanos ocorreu ao mesmo tempo na Ásia e na América.
- V** Além da Vênus de Willendorf, foram encontradas outras esculturas femininas que têm mais de 20 mil anos.
- V** Os clãs eram formados por diversas famílias que partilhavam a terra e os instrumentos de trabalho.
- F** Os pesquisadores encontraram diversos vestígios históricos que comprovam a existência de sociedades matriarcais.



Pintura rupestre de cerca de 17 mil anos atrás na Caverna de Lascaux, França, na qual foram representados bois, cavalos e outros animais.

- A **atividade 7**, sobre características do período Neolítico, aliada a uma reflexão sobre diferentes níveis de temporalidade, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI02**: *Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).*
- Na **atividade 7**, os alunos devem retomar as noções sobre os níveis de temporalidade. Eles devem ser capazes de compreender que a transição de uma sociedade nômade para a sedentária pode levar décadas ou séculos e que o processo de sedentarização que levou à configuração global atual é resultado de milênios.
- A **atividade 8**, sobre sociedades matriarcais, aliada a uma reflexão sobre debates historiográficos, contribui para o desenvolvimento da competência específica de História 4 da BNCC: *Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.*

Crítica ao eurocentrismo histórico

Portanto, é muito difícil para quem dá aula de História [...] dar um mês de aula sobre o Egito, mostrando toda a extrema sofisticação da civilização egípcia e de repente, num único momento de uma única aula, dizer: “Bem, certo dia apareceu um certo povo chamado Hicsos, que conquistou o Egito inteiro, destruiu tudo e não sobrou mais nada daquele imenso império”. Inevitavelmente alguém pergunta: “Mas quem são os Hicsos?”. Bem, o fato é que não sabemos. “De onde vieram? O que faziam? O que fizeram com o Egito?” Não sabemos. “E o que fizeram depois?” Foram embora. Ou seja, o Egito conta; é parte fundamental da tradição montada a partir dessa estratégia de conhecimento chamada História; mas os Hicsos não. [...]

SEVCENKO, Nicolau. As alegorias da experiência marítima e a construção do eurocentrismo. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva. *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

Objetivos

- Revisar os conteúdos aprendidos na unidade.
- Aprofundar os conhecimentos sobre a História e seus grandes períodos, com ênfase na Pré-História.
- Leia o boxe para os alunos. Dê uma pausa entre um item e outro e pergunte se eles têm alguma dúvida. Caso algum dos conteúdos não tenha ficado claro, retome-o.
- A partir da **atividade 1**, de conversão de anos em séculos e décadas, retome o conteúdo sobre medidas de tempo, estendendo o debate para o estudo de unidades menores (hora, dia, semana, mês) e maiores (século, milênio).



O que você aprendeu

- ✓ A história estuda as sociedades humanas: a presença e as ações de mulheres, homens e crianças ao longo do tempo.
- ✓ Sempre há mudanças e permanências na história, mas elas acontecem em intervalos de tempo ou temporalidades diferentes. Podem acontecer em um tempo curto, médio ou longo.
- ✓ As fontes históricas podem ser materiais, visuais, escritas ou orais. O estudo das fontes permite que historiadores conheçam como as pessoas viviam há centenas ou milhares de anos.
- ✓ Os historiadores dividiram a história humana em cinco períodos: Pré-História, Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.
- ✓ A prática da agricultura alterou o modo de viver dos humanos, que passaram a cultivar a terra, a criar animais e a se fixar em um mesmo local.

- 1 Escreva quantas décadas ou séculos vive, em média, cada um desses animais.

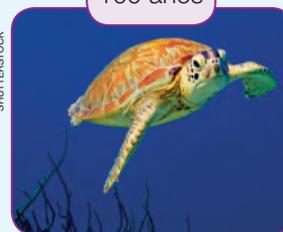
30 anos



Carpa.

Três décadas.

100 anos



Tartaruga marinha

Um século ou 10 décadas.

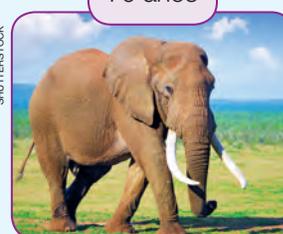
10 anos



Leão africano.

Uma década.

70 anos



Elefante africano.

Sete décadas.

O ser humano e o tempo

De início podemos admitir que o homem é um ser histórico, já que suas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrenta os problemas não só da vida coletiva, como também da experiência pessoal.

O trabalho – que é a ação transformadora do homem sobre a natureza – modifica também a maneira de pensar, agir e sentir, [...].

Se o homem é resultado desse devir, do processo pelo qual constrói a cultura e a si próprio, é impossível pensar em uma *natureza humana* com características universais e eternas. [...] Melhor seria referirmo-nos a uma *condição humana*, resultante do conjunto das relações sociais, mutáveis no tempo.

2 Ligue as imagens à atividade correspondente. Depois, escreva na linha abaixo de cada foto se a atividade era mais comum entre povos nômades ou entre povos já fixados em algum lugar (sedentários).



Nômades.



Sedentários.



Sedentários.



Sedentários.



Nômades.

Utilização constante de instrumentos de pedra polida para cortar e moer alimentos.

Registro do cotidiano nas paredes das cavernas, que utilizavam como abrigos.

Prática da caça, da pesca e da coleta de frutos e raízes.

Cultivo de algumas espécies vegetais próprias para a alimentação humana.

Domesticação e criação de alguns animais para prover carne, pele e couro aos grupos humanos.

- A **atividade 2**, sobre noções relativas a características da vida na Pré-História, aliada a uma reflexão sobre as mudanças e permanências, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI02**: *Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).*
- Após a realização da **atividade 2**, estimule os alunos a falar sobre os conteúdos aprendidos por meio dos termos nômade e sedentário. Pergunte a eles a que associam cada uma das palavras.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O tempo e a história

Que relações tem a história com o tempo, com a duração, tanto com o tempo ‘natural’ e cíclico do clima e das estações quanto com o tempo vivido e naturalmente registrado dos indivíduos e das sociedades? Por um lado, para domesticar o tempo natural, as diversas sociedades e culturas inventaram um instrumento fundamental, que é também um dado essencial da história: o calendário; por outro, hoje os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 7.

- A **atividade 3**, sobre o uso de fontes visuais, aliada a uma reflexão sobre os procedimentos envolvidos no estudo da história, contribui para o desenvolvimento da competência específica de História 3 da BNCC: *Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.*
- A **atividade 3** apresenta um exemplo de fonte visual para análise pelos alunos. Como se trata da fotografia de uma brincadeira antiga, os alunos poderão sentir mais familiaridade com a fonte, relacionando os brinquedos infantis do passado aos do presente. Aproveite a oportunidade para ajudar os alunos a desenvolver a habilidade de identificar mudanças e permanências ao longo do tempo.

3 Observe a imagem e responda às questões a seguir.



Meninos brincando com um jogo semelhante ao de bolinhas de gude, no qual se utilizavam pedras em forma de ovo de Páscoa. Londres, Inglaterra, 1940.

a) Que tipo de fonte histórica é essa?

É uma fotografia, ou seja, é uma fonte histórica material visual.

b) Quem são as pessoas representadas?

São meninos.

c) Onde estão e o que estão fazendo?

Parecem estar em uma escola, porque todos usam um tipo de uniforme. Estão jogando com pedras.

d) O que mudou da época dessa foto para os dias de hoje? E o que permaneceu?

Mudança: o estilo dos calçados e das roupas das crianças. Permanências: o uso de uniforme na escola e a realização de brincadeiras entre crianças.

• **Sugestão de atividade: O domínio do fogo**

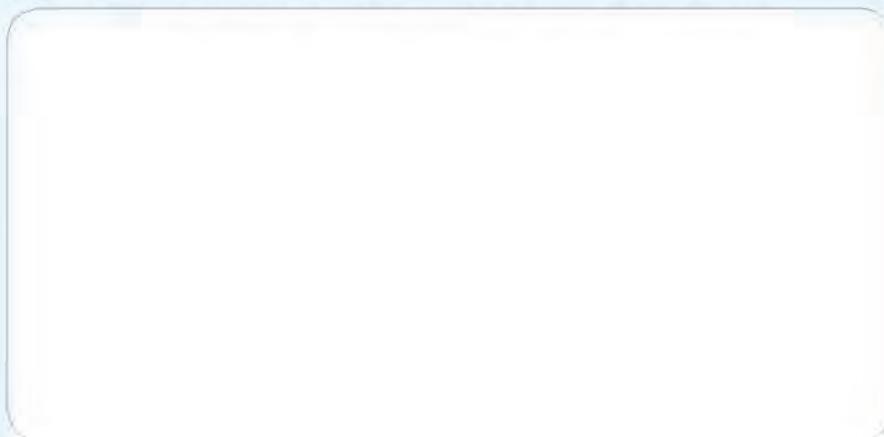
- Peça aos alunos que criem uma história em quadrinhos representando a descoberta do fogo na Pré-História.
- As hipóteses podem ser variadas: uma árvore pegando fogo após ser atingida por um raio, uma descoberta acidental batendo duas pedras e produzindo uma faísca ou a proximidade de uma erupção vulcânica.
- As histórias devem ser curtas, de uma ou duas páginas.
- Ao final da atividade, monte um livreto com as histórias de todos os alunos da turma.

4 Leia o trecho de uma reportagem sobre a chegada dos primeiros grupos humanos à América.

Há 30 anos, a arqueóloga Niède Guidon tenta provar que o homem chegou à América muito antes do que se imaginava. [...] Nos últimos dois anos, a datação de pinturas rupestres no parque com cerca de 35 mil anos e de dentes humanos de 15 mil anos atrás promete sacudir o estudo da chegada do homem à América. A teoria mais aceita sobre o povoamento do continente diz que o homem veio pelo estreito de Bering, entre a Rússia e o Alasca, por volta de 13 mil anos atrás.

Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/o-primeiro-brasileiro/>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

- Com base no texto, desenhe o provável caminho para a passagem dos grupos humanos vindos da Ásia à América há mais de 12 mil anos.



5 Escreva um pequeno texto sobre a importância do domínio do fogo pelos seres humanos.

Resposta pessoal. Orientações no manual de orientações e subsídios ao professor.

- A **atividade 4**, sobre a origem do ser humano na América, aliada a uma reflexão sobre a importância dos estudos arqueológicos para a História, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI09**: *Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.*
- A **atividade 4** propõe a elaboração de um desenho representando a migração humana para a América pelo estreito de Bering. Se julgar conveniente, amplie a atividade e inclua as rotas relativas a outras teorias do povoamento do continente americano.
- A **atividade 5**, sobre a descoberta do fogo na Pré-História, aliada a uma reflexão sobre a evolução humana, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI02**: *Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).*
- A descoberta do fogo pode parecer simples nos dias de hoje, mas consistiu num avanço tecnológico extraordinário para a época. Sugira aos alunos que imaginem como seria o cotidiano atualmente sem o uso do fogo.

A origem africana do ser humano

Voltando no tempo, temos provas fósseis e genéticas de que a grande família humana descende de um pequeno grupo, talvez alguns milhares de pessoas, que, há cem mil anos, viviam na África. Desconhecemos muitos detalhes de sua história, mas cem mil anos significam que somos uma espécie verdadeiramente jovem: a vida na Terra tem quase quatro bilhões de anos. Somos muito andarilhos: naqueles cem mil anos, partindo da África, conseguimos colonizar todo o planeta. Somos também uma espécie fértil, que no mesmo espaço de tempo chegou aos atuais seis bilhões e picos de membros. Além de tudo, somos também uma espécie muito híbrida, cujas populações ficaram, sim, isoladas, inclusive por períodos longos, mas se têm encontrado e misturado várias e várias vezes, e mesmo hoje nunca ficam paradas. [...]

BARBUJANI, Guido. *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15.

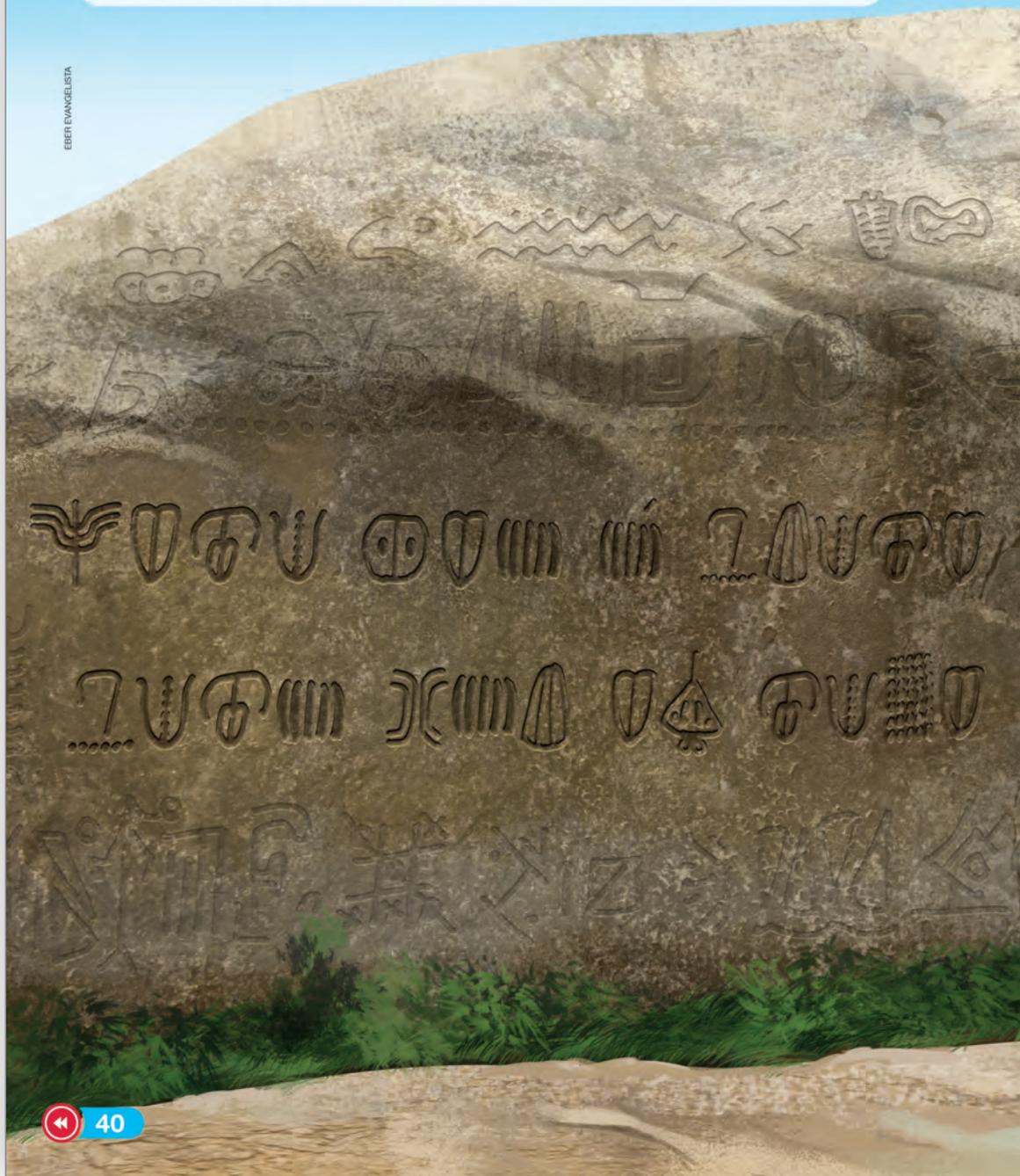
Objetivos

- Identificar um tipo particular de fonte histórica material.
 - Compreender a importância das fontes históricas para o estudo do passado humano.
 - Recordar, de forma lúdica, parte do conteúdo estudado nesta unidade.
- Solicite aos alunos que observem a imagem. Trata-se de uma pedra, um objeto da natureza, mas sobre a qual foram feitas inscrições.
 - Explique que vestígios como esse, deixados por seres humanos no passado, são exemplos de fontes históricas, assim como os restos de fogueiras, as pontas de flechas e as pinturas rupestres.



Atividade divertida

Nessa imagem, há uma mensagem secreta para você desvendar. Siga as dicas do quadro ao lado e descubra o que está escrito.

**O historiador e as fontes**

Em que consiste a diferença entre um fato físico e um fato histórico? Ambos são considerados como partes de uma realidade empírica; a ambos atribuímos uma verdade objetiva. [...] Um fato físico é determinado pela observação e pela experiência. [...] Se um físico estiver em dúvida no tocante aos resultados de uma experiência, pode repeti-la e corrigi-la. [...] Para o historiador, contudo, o caso é diferente. Seus fatos pertencem ao passado, e o passado foi-se para sempre. [...] O que denominamos fato científico é sempre a resposta a uma pergunta científica formulada de antemão. Mas a quem dirigirá o historiador essa pergunta? Não pode pôr em confronto os acontecimentos mesmos nem entrar nas formas de uma vida anterior. Só lhe é dado [...] consultar suas fontes.

CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. p. 275-277.

C	H	D	L	E	É
M	Q	N	I	O	Ó
R	P	U	Z	T	S

ILUSTRAÇÕES: EBER EVANGELISTA

- A atividade lúdica sobre as inscrições na Pedra do Ingá, aliada a uma reflexão sobre a importância das fontes históricas, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI01**: *Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.*
- Chame a atenção dos alunos para as inscrições na pedra. Explique a eles que muitos povos, tanto do presente quanto do passado, têm escritas diferentes da nossa.
- Sugira que procurem na internet e imprimam imagens de escrita egípcia antiga, mesopotâmica e maia.
- Depois, conversem sobre a importância da escrita para a preservação de informações sobre o passado.

Lúdico em sala de aula

A atividade propõe um exercício divertido, que requer muita atenção e a associação entre as letras do alfabeto e os símbolos criados especialmente para esta seção.

Tudo que é produzido pelo homem pode ser um documento histórico.

41

• Sugestão de atividade: Quebra-cabeças

- Procure uma fotografia antiga na internet, imprima e corte em pedaços. Depois, espalhe os recortes da fotografia em lugares diferentes da sala de aula.
- Peça aos alunos que procurem as peças e montem novamente a fotografia, como um quebra-cabeças.
- A seguir, solicite que descrevam a imagem. A partir dessa atividade, explique a eles que a tarefa do historiador é parecida: ele tem de coletar informações em diferentes fontes e depois juntá-las, para ter uma noção mais ampla e coerente de um contexto histórico.

Objetivos da unidade 2

- Compreender o surgimento do comércio.
- Conhecer a história do surgimento da moeda e compreender a sua importância no comércio.
- Refletir sobre como o comércio motivou a busca por rotas comerciais e a ocupação do espaço, contribuindo para a interação de povos e culturas diferentes.
- Reconhecer o desenvolvimento tecnológico gerado pela disputa por novas rotas comerciais.

Competência específica de Ciências Humanas 7 da BNCC que se relaciona aos conteúdos desta unidade

- Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

Competências específicas de História 1 e 5 da BNCC que se relacionam aos conteúdos desta unidade

- Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
- Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

UNIDADE

2

O início do comércio

Origens da agricultura e da criação de animais (a partir de 8000 a.C.)

	Algodão		Feijão
	Arroz		Inhame
	Aveia		Lentilha
	Batata		Mandioca
	Cânhamo		Milho
	Centeio		Painço
	Cevada		Sorgo
	Ervilha		Trigo
	Alpaca		Galinha
	Boi		Ganso
	Cabra		Lhama
	Carneiro		Porco
	Cavalo		Porco-da-índia

ILUSTRAÇÕES: ERIKA ONOZENA

Área de origem das principais culturas agrícolas e criação de animais

42

AMÉRICA

OCEANO ATLÂNTICO

OCEANO PACÍFICO

6000 a.C.

3000 a.C.

3300 a.C.

5000 a.C.

6000 a.C.

4000 a.C.

4000 a.C.

4000 a.C.

4000 a.C.

4000 a.C.

4000 a.C.

AMÉRICA

A especialização do trabalho

O desenvolvimento da agricultura possibilitou aos trabalhadores desenvolver uma atividade especializada, por exemplo: artesãos que fabricavam tecidos, objetos de cerâmica, cestos, armas e outros.

Por ter função ilustrativa, esse mapa não vem acompanhado de escala nem de coordenadas geográficas.

Habilidades da BNCC em foco nesta unidade

- **EF04HI05:** Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
- **EF04HI06:** Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
- **EF04HI07:** Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.

Vamos conversar

1. O que era cultivado no território que hoje corresponde ao Brasil?
2. Se você fizesse uma viagem no tempo e quisesse consumir arroz, para que época e local teria de ir?
3. Identifique no mapa o local de origem de três alimentos que você gosta de comer.

Comunidades fluviais

Os primeiros grandes grupos familiares ocupavam geralmente as proximidades de um rio, o que garantia água para regar os campos e abastecer a população e o gado.

Formação de aldeias

O desenvolvimento da agricultura levou os grupos humanos a se fixarem próximos às plantações. No local, com o tempo, formaram-se aldeias, que reuniam famílias vizinhas.

O sedentarismo

A necessidade de acompanhar o desenvolvimento das plantas levou os grupos humanos a viver mais tempo em um mesmo lugar. Ao se fixarem, trocaram, aos poucos, o nomadismo pelo modo de vida sedentário.

Aumento demográfico

A durabilidade dos grãos permitiu o armazenamento dos alimentos por longos períodos. Com o cultivo da terra e a criação de animais, a alimentação tornou-se mais diversificada. O resultado foi um grande aumento populacional.

Fontes: *Atlas da história do mundo*. São Paulo: Times/Folha de S. Paulo, 1995. p. 38-39. REFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueologia*. Madri: Akal, 1993. p. 152.

43

- Estimule os alunos a reconhecer a imagem como o *mapa-múndi*.
- Peça que observem os diferentes alimentos e datas. Diga a eles que os primeiros grupos humanos trocavam produtos, e então, peça que identifiquem no mapa, de acordo com o período e a distância entre as regiões, quais produtos poderiam ser trocados.
- Estimule os alunos a refletir se o mapa sobre o comércio atual seria igual. Pergunte a eles:
 - ✓ Quais seriam possivelmente os alimentos produzidos?
 - ✓ Apareceriam outros produtos no comércio? Quais?
 - ✓ O tempo necessário para percorrer as distâncias e realizar transações comerciais seria hoje o mesmo de antigamente? Por quê?
 - ✓ Quais meios de transporte existem hoje que podem ajudar nas transações comerciais?
- Provavelmente, durante a análise do mapa e das reflexões sobre as possibilidades comerciais do presente, muitas outras questões aparecerão. Estimule os alunos a formular hipóteses.
- Proponha aos alunos as questões do box *Vamos conversar*. Na **atividade 1**, ajude-os a identificar que, no território que hoje corresponde ao Brasil, era cultivada mandioca. Na **atividade 2**, auxilie-os a perceber que, para consumir arroz, teriam de ir à região da China em 8000 a.C. ou à região da Índia em 3500 a.C.

O comércio no Neolítico europeu (7000 a 3000 a.C.)

[...] A maior parte da produção neolítica foi utilizada na configuração familiar ou no grupo local.

Graças aos antropólogos, temos muitos modelos de comércio ou troca entre as sociedades primitivas. [...] Parece que era recorrente a troca de objetos de valor ritual, como pulseiras e colares de conchas, bem como a troca de alimentos, penas, machados ou cerâmicas.

[...] Para o estudo do Neolítico inicial e médio, a maioria dos pesquisadores enfatizam as longas distâncias nas quais se desenvolvia o comércio, bem como as atividades especializadas que isso implicou. (...)

PHILLIPS, Patricia. *El análisis científico y el comercio del neolítico europeo*. In: SPAL 3 (1994): 87- 94. Universidad de Sheffield. p. 87 e 88. Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/spal/3/art_4.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

Objetivos

- Compreender a origem do comércio como desenvolvimento das trocas de produtos excedentes.
 - Identificar a necessidade de estabelecer valores equivalentes para produtos diferentes.
 - Compreender a necessidade de criar a moeda pela ampliação e diversificação das trocas comerciais.
 - Reconhecer que as trocas comerciais possibilitaram a interação entre povos e culturas.
- Solicite aos alunos que realizem a leitura dos textos das páginas 44 e 45. Você pode pedir a voluntários que leiam em voz alta para toda a turma.
 - Após a leitura, pergunte aos alunos se sabem onde são obtidos os objetos que possuem e os alimentos consumidos na casa deles. Questione se eles ou seus familiares produzem seus próprios alimentos e objetos, ou se conhecem alguém que o faça, por exemplo: cultivar uma horta, costurar a própria roupa etc. Embora existam pessoas na atualidade que consigam produzir alguns dos seus próprios itens de consumo, como frutas e verduras, há produtos que precisam ser comprados, como as ferramentas necessárias ao cultivo, e outros itens básicos do cotidiano, como produtos de higiene e saúde. Isso acontece porque a humanidade chegou a determinada dependência da indústria e do comércio.

CAPÍTULO
1

As primeiras trocas comerciais

A origem do comércio

Hoje, quando precisamos ou desejamos comprar algo, podemos ir às feiras, supermercados, lojas, *shoppings* ou, até mesmo, utilizar lojas virtuais. Para pagar por um produto, podemos usar dinheiro, cheque ou cartão. A maneira como as trocas comerciais são feitas, no entanto, passou por muitas mudanças ao longo do tempo.

Há mais de 6.000 anos, os primeiros grupos familiares que conviviam entre si praticavam a agricultura de subsistência e cultivavam apenas os alimentos necessários para seu sustento. Assim como o cultivo agrícola, a criação de animais também era feita apenas para garantir a sobrevivência do grupo, produzindo alimento, lã ou couro.

À medida que as técnicas agrícolas se aperfeiçoaram, a produção aumentou, gerando mais alimentos que o necessário. Esse excedente passou a ser trocado entre os diferentes grupos familiares. Desse modo, os alimentos cultivados e os animais criados podiam ser trocados por outros itens que não eram produzidos por aquele grupo.



Pilão utilizado para moer alimentos do Neolítico, encontrado no Níger.



Pote de cerâmica utilizado para guardar grãos do Neolítico, encontrado em Israel.



Peles de animais, peixes, carnes, grãos, como lentilha, e frutas eram alguns dos produtos utilizados há cerca de 6.000 anos.



Do escambo ao surgimento da moeda

Quando o homem se fixou à terra, passou a permutar o excedente que produzia, fazendo com que surgisse a primeira manifestação de comércio: o escambo, consistindo na troca direta de mercadorias, sem equivalência de valor. Nessa troca, algumas mercadorias passaram a ser mais procuradas que outras, assumindo a função de moeda-mercadoria (sal, gado, pau-brasil, açúcar, cacau, tabaco e pano). [...]

Com o descobrimento do metal, o homem passou a utilizá-lo na confecção de utensílios, tornando seu uso vantajoso e eleito como o principal padrão de valor monetário.

LIEDTKE, Alzira Maria. *Introdução à matemática financeira*. Portal Dia a Dia da Educação. Secretaria Estadual da Educação do Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiro pedagogico/relato/2197_Introducao_a_Matematica_Financeira.PDF>. Acesso em: 12 dez. 2017.

Trocas diretas

Nesse período, faziam-se trocas diretas entre produtos. Isso significa que um grupo familiar que produzia mais cereais do que era capaz de consumir, podia trocá-los, antes que se estragassem, com outro grupo que tivesse muitos animais, por exemplo.

As próprias mercadorias eram usadas como moeda e nem sempre havia diferença de valor entre elas. Essas trocas evitavam o desperdício e aumentavam a diversidade alimentar de cada família.

1 Explique o que é a agricultura de subsistência.

A agricultura de subsistência é um tipo de cultivo agrícola destinado a garantir a sobrevivência alimentar de um grupo, produzindo apenas aquilo que é necessário para alimentação e uso da própria comunidade.

2 Como eram feitas as primeiras trocas comerciais?

O excedente da produção, ou seja, aquilo que se produzia além do necessário, passou a ser trocado entre os diferentes grupos. Eles trocavam os cereais, os frutos produzidos e os animais criados por outros produtos. Essas trocas eram diretas e ampliavam a diversidade alimentar dos grupos.

3 Leia as afirmações a seguir e escreva **V** para verdadeiro e **F** para falso.

- F As trocas de produtos começaram apenas há 200 anos.
- V O desenvolvimento das técnicas agrícolas favoreceu a troca de produtos entre os grupos familiares.
- V Há 6.000 anos, as trocas comerciais eram feitas de maneira direta.
- F A economia de subsistência tem por objetivo a venda de grande quantidade de produtos.
- V As trocas de produtos aumentaram a diversidade da alimentação das famílias.

45

- O início do comércio se deu a partir da troca de produtos que as pessoas produziam, mas não consumiam. Os excedentes eram trocados por outros produtos de que precisassem.
- Verifique os conhecimentos dos alunos sobre o tema do comércio e forneça exemplos do cotidiano, como os produtos que eles consomem, os locais onde são adquiridos e as formas de pagamento. Além das compras, os alunos podem ter experiência na realização de trocas de seus pertences com os colegas: de materiais escolares, de brinquedos e de lanches. Essas trocas são comuns em brincadeiras infantis que buscam itens colecionáveis, como figurinhas.
- A **atividade 2**, de produção textual, e a **atividade 3**, de verificação de informações, ambas sobre as primeiras trocas comerciais, contemplam a habilidade **EF04HI05**: *Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.*
- **Atividades 1 e 2.** Os alunos terão de explicar o que aprenderam com a leitura da página anterior e com a explicação do professor. Ambas as propostas possuem o objetivo de fazer os alunos refletir sobre o processo de transição entre a economia de subsistência e as primeiras trocas comerciais, que mais tarde deram origem ao comércio.

• Sugestão de atividade: As trocas do dia a dia

- Proponha aos alunos que pesquisem quais são as trocas realizadas diariamente pelos membros de suas famílias. Eles provavelmente relatarão as compras em supermercados e lojas, as ofertas de ajuda entre os familiares, trocas de roupas que não usam mais e a troca da jornada de trabalho pelo salário. Construa uma tabela com as informações.
- Auxilie os alunos a perceber como as trocas continuam a fazer parte do dia a dia das pessoas atualmente. Chame a atenção para o fato de que nem todas as trocas envolvem relações financeiras e o pagamento com dinheiro.

- Solicite aos alunos que realizem a leitura da página 46 individualmente. Peça a eles que circulem as palavras desconhecidas e, em seguida, conversem sobre o que entenderam do texto com o colega do lado.
- Confira o entendimento dos alunos sobre o tema através de perguntas gerais realizadas oralmente, por exemplo: o que era produzido com o objetivo da troca? O que é a especialização do trabalho?
- Na sequência, questione os alunos sobre o porquê de a população ter aumentado a partir do momento em que os grupos humanos passaram a dominar algumas técnicas de agricultura e de pecuária.
- Pergunte aos alunos se imaginam por que os produtos deixaram de ser equivalentes entre si e passaram a ter valores diferentes nas trocas. Auxilie-os a perceber que um produto é valorizado pela sua escassez, utilidade e raridade, enquanto a abundância ou a pouca utilização tornam um produto menos valorizado.
- Aproveite para promover uma conversa sobre a interdependência das pessoas e a necessidade de colaboração na vida em grupo a partir das perguntas a seguir:
 - ✓ Vocês possuem tarefas em casa? Quais?
 - ✓ Quais são as tarefas desempenhadas por cada um de seus familiares?
 - ✓ Qual é a importância de exercer as tarefas que estão sob sua responsabilidade?
 - ✓ Quais podem ser as consequências se não houver empenho no desenvolvimento dessas atividades?

Novas relações e produtos

A maior oferta de alimentos possibilitou a melhoria das condições de vida e de alimentação dos grupos humanos, que se tornaram cada vez mais numerosos. O aumento das trocas favoreceu, também, o surgimento de uma produção agrícola voltada para o comércio. Neste período, ferramentas, utensílios de cerâmica e vestimentas passaram a ser produzidos com o objetivo da troca.

Nos grupos maiores, cada membro da família ficava responsável por uma tarefa. Assim, teve início a especialização do trabalho: enquanto alguns trabalhavam nas plantações, outros se dedicavam a produzir tecidos ou a cuidar dos animais.

Trocas e valores

Aos poucos, os grandes grupos passaram a estabelecer valores diferentes para cada tipo de produto, conforme o tempo necessário para produzi-lo.

Se uma atividade ou um produto necessitava de certa quantidade de tempo de trabalho, cada um deles teria um valor específico. Por exemplo: um agricultor arava, semeava e irrigava a terra e depois de alguns meses colhia o cereal. Uma artesã levava semanas para lavar, cortar e costurar o couro do animal para fazer um par de sapatos. Um caçador, por sua vez, poderia abater várias aves para consumo em um único dia, mas ainda assim ele precisava esperar a época do ano adequada para caçar.

De acordo com essa ideia de igualdade, ou equivalência, entre diferentes produtos, um caçador precisaria oferecer três aves para receber em troca um fardo de trigo, por exemplo. Quatro cestos de peixes poderiam corresponder a um par de sapatos feitos pela artesã.

Mas ainda havia a troca direta de um produto por outro.



Foice de pedra polida e vaso de argila do Neolítico encontrados na Espanha.

FOICE: OPIKNOZ/ALBUM/FOTORENA - MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, MADRI - VASO: MARI PILAR MARTINEZ



OPIKNOZ/ALBUM/FOTORENA - MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, MADRI

Cesto feito de fibra vegetal de cerca de 5.000 anos atrás encontrado em uma caverna na Espanha.



DMIT THAKORE/ANIMAPRIMEM/PHOTOFEST

Sapato feito de couro de vaca de cerca de 5.500 anos atrás.



• Sugestão de atividade: As tarefas diárias dos familiares.

- Peça aos alunos que anotem quais são as tarefas realizadas em casa por cada um dos seus familiares.
- Construa uma tabela que inclua todas as informações fornecidas pelos alunos.
- Depois, proponha um debate conduzido pelas seguintes questões: Há tarefas mais fáceis e mais difíceis de realizar? Há hierarquia entre as tarefas? Elas devem ser valorizadas de forma diferente?
- Auxilie-os a perceber que o valor de uma tarefa é mensurado pela dificuldade em realizá-la e pelo conhecimento que se deve ter para desenvolvê-la.

- 4 Como os grupos estabeleceram os valores para os produtos que trocavam entre si?

Eles estabeleceram valores considerando o tempo de trabalho empregado na produção. Alguns produtos levavam um tempo maior para serem cultivados ou produzidos, por isso o valor atribuído a eles era maior.

- 5 Encontre no diagrama o nome de alguns produtos utilizados nas primeiras trocas comerciais.



- Agora, reúnam-se em grupos e imaginem dois exemplos de trocas que poderiam ser feitas entre os produtos encontrados no diagrama. Registrem a resposta.

Os alunos poderão indicar, a troca de dois cestos de cereais por um cesto de peixes, dois cestos de trigo por um conjunto de ferramentas, um cesto de peixes por seis aves e outras combinações que julgarem equivalentes.

- Realize atividades de avaliação de forma contínua, pois as crianças aprendem melhor produzindo e testando os seus conhecimentos. Dessa forma, é possível também avaliar as defasagens no aprendizado e agir para auxiliar os alunos no que necessitarem.
- As atividades 4 e 5, sobre o estabelecimento de valores para os produtos em trocas comerciais, contribuem para o desenvolvimento da habilidade EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
- Aproveite a reflexão em grupo proposta na atividade 5 para organizar uma breve encenação sobre as primeiras trocas comerciais com a turma. Cada grupo de alunos pode representar uma comunidade, que possui habilidades diferentes e produz determinados alimentos. Os alunos devem calcular a quantidade de cada produto excedente que será levada ao mercado de troca e decidir que itens precisam obter para sua comunidade. Para simular as trocas, os alunos podem ilustrar cartões de papel com os itens que foram produzidos por sua comunidade.

• **Sugestão de atividade: Jogo de tabuleiro da trajetória histórica do comércio.**

- Elabore com os alunos um tabuleiro em que, conforme os jogadores percorram as casas da trilha, eles possam atravessar épocas históricas diferentes. Os jogadores deverão realizar uma troca comercial de acordo com cada período em que eles estiverem.
- Os alunos podem confeccionar fichas com ilustrações de um único produto para realizar as trocas diretas, conjuntos de produtos para as trocas equivalentes, produtos utilizados como moeda e por fim moedas de papel.
- Defina as regras do jogo com a turma e incentive a participação de todos.
- O jogo pode ser construído ao longo desta unidade.

- Leia para os alunos o texto da página 48 e peça a eles que fiquem atentos a todas as informações. Depois, sugira que alguns voluntários compartilhem o que compreenderam com a turma.
- Explique aos alunos que, ao longo do processo histórico, determinados produtos, por serem mais valorizados ou raros, recebiam um valor maior nas trocas. Posteriormente, com a ampliação das relações comerciais, estabelecer valores equivalentes para produtos diferentes não era suficiente para atender à complexidade que essas trocas comerciais já apresentavam. Nesse contexto surgem as primeiras moedas, criadas para facilitar as trocas que não podiam ser realizadas entre produtos específicos. A criação das moedas possibilitou uma maior ampliação das relações comerciais, das trocas de novos produtos e da expansão territorial.
- Pergunte aos alunos se nas trocas que já realizaram com os colegas havia produtos com valores diferentes, por exemplo: uma caneta especial poderia ser trocada por duas canetas comuns. Deixe os alunos perceberem que possuem conhecimento prévio sobre o assunto.
- Pergunte aos alunos se já utilizaram dinheiro e fizeram compras, por exemplo. Deixe que relatem suas experiências.

Você sabia?

A concha de uma espécie de caramujo marinho era usada em algumas regiões da África e da Ásia como dinheiro. Essas conchas eram valorizadas por seu aspecto semelhante ao da porcelana e era prático usá-las como moeda, pois eram pequenas e fáceis de transportar. Além disso, como em geral tinham o mesmo tamanho e peso, muitas vezes bastava pesá-las para descobrir quanto dinheiro havia em uma porção.



Na China, há 3.000 anos, as conchas naturais foram substituídas por conchas artificiais feitas de ossos (como a da foto acima, à direita), de pedra, de jade, de chumbo ou de cobre.

CONCHA NATURAL: GEDZ/ALAMY/FOTORENA
CONCHA ARTIFICIAL: ROBERT KAWALAN/ALAMY/ISTOCK

O surgimento da moeda

Há cerca de 6.000 anos, apesar do sistema de equivalência de valores, realizar uma troca comercial não era muito simples. Uma tecelã, por exemplo, teria de encontrar um agricultor que estivesse interessado em seus produtos e, ao mesmo tempo, possuísse os produtos de que ela precisava.

Para facilitar essas trocas, passou-se a usar um produto como **símbolo de equivalência**. Os primeiros grupos familiares usaram sementes de trigo, abundantes na natureza e fáceis de transportar.

Para conseguir alimentos, a tecelã não precisaria mais oferecer tecidos em troca de arroz, por exemplo. Ela poderia utilizar determinada quantidade de sementes de trigo e o agricultor poderia utilizar as mesmas sementes para realizar novas trocas com outras pessoas que tivessem produtos de que ele precisasse.

Glossário

Moeda:
meio utilizado para realizar pagamentos por bens ou serviços.

Essas sementes serviam como uma espécie de moeda. Desse modo, o comércio ficou mais fácil e dinâmico e, com o passar do tempo, as trocas comerciais deixaram de ser diretas.

Sementes de trigo foram utilizadas por muito tempo como moeda por civilizações antigas.



Reprodução proibida. Art. 170 do Código Penal e Lei 6.190 de 10 de fevereiro de 1973

SMA/SHUTTERSTOCK

Chocolate como dinheiro

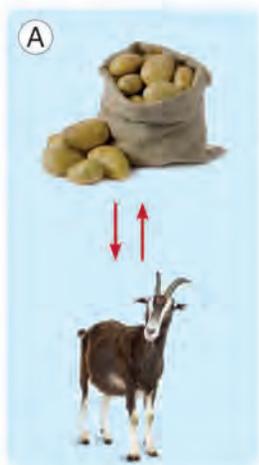
Os astecas usavam chocolate como dinheiro, ou, mais precisamente, usavam sementes de cacau, geralmente chamados grãos. Com essas sementes de cacau, era possível comprar frutas e legumes como milho, tomates, pimentas, abóbora e amendoins. Joias de ouro, prata, jade e turquesa. Produtos manufaturados como sandálias, roupas, capas emplumadas, armaduras acolchoadas com algodão, armas, cerâmica e cestos. [...]

Quanto a isso, o Império Asteca era praticamente como todos os outros impérios da era anterior à propagação do dinheiro. O antigo Egito, Peru, Pérsia e China, todos funcionavam como sistemas tributários em vez de sistemas de mercado. Dentro desse sistema tributário, os mercados locais desempenhavam um papel secundário na distribuição de produtos, mas o cacau tinha um papel importante naquela esfera menor de atividade. De todas as formas

6 Com o uso da moeda, o que mudou nas trocas comerciais?

As trocas comerciais deixaram de ser diretas, de um produto por outro. Cada produto passou a ter um valor correspondente a determinada quantidade de moeda.

7 Observe as imagens e relacione cada troca representada à sua descrição.



- C** Troca de mercadorias por moedas.
- A** Troca direta entre produtos.
- B** Troca direta de produtos com valores equivalentes.

8 Reúnam-se em 2 ou 3 colegas e pesquisem em livros e sites algumas moedas que existem no mundo atualmente.

1.	País	
	Nome da moeda	
2.	País	
	Nome da moeda	
3.	País	
	Nome da moeda	

- **Atividade 6.** Os alunos devem perceber as mudanças que ocorreram com a introdução da moeda nas relações de trocas comerciais.
- Explique aos alunos que, conforme as trocas comerciais ficaram mais complexas, tornou-se difícil estabelecer valores específicos entre tantos tipos de produtos diferentes.
- Exemplifique com situações próximas ao repertório dos alunos, como trocar balas por uma mochila nova. Diga que o volume de balas necessárias para efetuar a troca pode ser inviável ou simplesmente essa troca pode não ser considerada vantajosa pelo dono da mochila, que pode desistir da transação.
- **Atividade 8.** Oriente os alunos a formar grupos e a realizar a pesquisa em casa ou na sala de aula. Feita a pesquisa, eles devem apresentá-la à turma.
- Se julgar adequado, explique aos alunos que, apesar de as cédulas de dinheiro de outros países apresentarem números iguais às cédulas de real, há equivalências diferentes de valor entre elas. Diga que quando se vai a outro país ou se compra um produto importado pela internet é preciso trocar uma quantidade de real pela quantidade equivalente da outra moeda. Além de as moedas de outros países terem equivalência de valor diferente, essa diferença não é fixa e costuma variar com o passar do tempo de acordo com as questões políticas e econômicas de cada país.

de dinheiro asteca, o cacau demonstrou ser o mais comumente disponível e o mais fácil de usar. [...] Quando preservados por um processo de secagem e torragem, os grãos podem durar muitos meses antes de serem moídos para fabricação de chocolate.

[...] O cacau tornou-se tão importante como meio de troca que produziu sua própria indústria de falsificação. Os criminosos apanhavam as pequenas cascas dos grãos de cacau, as esvaziavam e enchiam-nas de lama. Depois fechavam a casca e misturavam os grãos falsos com verdadeiros para disfarçá-los ainda mais.

[...] Outros artigos de troca padronizados incluíam contas, conchas e sinos de cobre que eram comercializados até a região norte que atualmente é o estado do Arizona.

WEATHERFORD, Jack. *A história do dinheiro*. São Paulo: Campus/Elsevier, 2005. p. 21-23.

Objetivos

- Explorar a ordem cronológica de eventos relacionados à invenção do dinheiro.
 - Entender a necessidade da criação da moeda.
 - Aprimorar a interpretação de texto.
 - Ampliar o vocabulário dos alunos.
- Antes da leitura, pergunte aos alunos qual é o título do texto e quais são as informações que ele fornece.
 - Em seguida, peça aos alunos que leiam o texto individualmente uma primeira vez e que, em seguida, repitam a leitura assinalando os pontos nos quais tiveram maior dificuldade.

Domínio da Linguagem

As atividades de leitura contribuem para a fluência dos alunos e para o enriquecimento do vocabulário. Quanto mais se lê, mais subsídios para escrever os alunos adquirem. A leitura é importante não apenas pelo conhecimento de novas palavras e de sua grafia correta, mas é fundamental na ampliação dos argumentos que serão utilizados nos textos que produzirão futuramente.

PÁVULO ENLANTERNO COMPACTO. MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, RIO DE JANEIRO



O florim foi a primeira moeda cunhada no Brasil, em 1645, produzida por holandeses em Pernambuco.



Para ler e escrever melhor

O texto a seguir apresenta a **sucessão** de eventos que transformaram as primeiras moedas de troca no modelo que conhecemos hoje.

Por que inventaram o dinheiro?

O dinheiro foi criado para facilitar as trocas comerciais quando estas ficaram mais complexas. A princípio, as **permutas** eram baseadas na quantidade de tempo de trabalho gasto para produzir a mercadoria [...].

Sabe-se que na China, mais de mil anos antes de Cristo, já se usavam conchas como moeda de troca. A partir daí, os materiais utilizados foram os mais diversos por todo o mundo, dos quais o exemplo mais conhecido é o sal [...].

[Há mais de 2.000 anos], já se tem notícias de moedas feitas em metal, como o ouro, a prata e o cobre. [...] O valor dependia da **abundância** ou da **escassez** de certo metal em cada região [...].

Centenas de anos depois, os reis e governantes começaram a **cunhar** seus rostos nas moedas. [...] Nessa época, cada pessoa que fosse dona de certa quantidade de metal levava esse material até uma repartição para que fosse transformado em moeda com o rosto do rei.

O ouro, metal mais precioso, acabou virando referência de valor [...]. No século 19, ainda valia o ouro, mas as notas em papel já se tornavam mais populares. [...]

Na década de 1970, os Estados Unidos aboliram a referência ao padrão-ouro [...], e o papel moeda passou a valer por si só. Depois, foi copiado pelos outros países, que passaram a usar o dólar como referência para o valor de suas moedas. [...]

COSTA, Renata. Porque inventaram o dinheiro? *Nova Escola*. 1º set. 2009. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2273/por-que-inventaram-o-dinheiro>>. Acesso em: 6 nov. 2017.



Moeda representando o rei Phillip II da Macedônia, século IV a.C.

Glossário

Permuta: troca.

Abundância: grande quantidade.

Escassez: falta, pouca quantidade.

Cunhar: imprimir uma marca.

GAL DIXON/PRINT COLLECTOR/GETTY IMAGES

Fotografia: Imagem. Ar. - Via do Google/Novas e Livros (19) de 19/11/2017 às 11:38

• **Sugestão de atividade: Reprodução de notas e moedas antigas**

- Realize uma pesquisa prévia sobre diferentes tipos de moedas e notas e selecione imagens de algumas delas para apresentar aos alunos.
- A proposta é que, depois de conhecer a evolução histórica das moedas e cédulas, a turma possa escolher algumas delas para reproduzi-las com material de desenho.
- A reprodução poderá ser feita em grupo, e, além das réplicas das notas e moedas do passado, os alunos podem fazer uma pesquisa sobre o local de emissão e a circulação que tiveram na época.

1 Quando foram produzidas as primeiras moedas de metal?

Há mais de 2000 anos.

2 Segundo o texto, quais materiais já foram utilizados como moeda?

Conchas, sal, metais (como ouro, prata e cobre) e papel-moeda.

3 Com base em uma pesquisa em livros e na internet, elabore uma linha do tempo que represente a história de determinado objeto. Para isso, escolha as principais transformações até chegar ao modelo utilizado atualmente. Você pode pesquisar a história do dinheiro no Brasil, do telefone, da televisão ou de outros itens.

51

- As **atividades 1 e 2**, de localização de informações específicas no texto, e a **atividade 3**, de pesquisa e elaboração de uma linha do tempo, contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.**
- **Atividades 1 e 2.** Oriente os alunos a localizar as informações específicas no texto e faça a correção na lousa coletivamente.
- **Atividade 3.** Certifique-se do acesso dos alunos a fontes de pesquisa para realizar a atividade em casa e, caso haja necessidade, possibilite a realização da pesquisa em sala de aula com materiais de consulta disponíveis na escola.
- A **atividade 3** exigirá uma maior dedicação dos alunos. Este é o momento adequado para observá-los pesquisando e verificar as dificuldades de concentração e de autonomia de cada um.
- Explique que os objetos que usamos em nosso cotidiano muitas vezes foram criados em épocas anteriores e passaram por modificações ao longo do tempo. Volte a mencionar que foram as necessidades das pessoas que as levaram a aperfeiçoar esses produtos, numa sucessão de eventos até chegar ao que conhecemos atualmente.

- A pesquisa realizada pelos alunos deve ser registrada em um cartaz, no qual serão apresentadas informações como: nome da moeda, local de origem, data e características breves sobre o período de sua circulação e principais mercadorias que poderiam ser adquiridas quando a moeda estava em uso.
- Depois, exponha os cartazes e convide outras turmas da escola para conhecer um pouco mais sobre a história do dinheiro.
- Para saber mais sobre a história do dinheiro, acesse o *site* do Banco Central do Brasil. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/origevol.asp>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

Objetivos

- Compreender o desenvolvimento das rotas comerciais como decorrência da ampliação do comércio.
 - Conhecer a importância do mar Mediterrâneo para o estabelecimento de rotas comerciais.
 - Reconhecer que as rotas comerciais possibilitaram a ocupação do espaço e a interação entre povos e culturas.
-
- Solicite aos alunos que leiam o texto da página 52 e identifiquem as palavras-chave de cada parágrafo e o tema geral do texto. Explique que palavras-chave são aquelas que evidenciam o assunto abordado.
 - Elucide alguns conceitos, como rotas comerciais, mercadores e colônias, trazendo sempre explicações que contemplem o repertório de conhecimento dos alunos.
 - Pergunte aos alunos se eles acham que as trocas comerciais favoreceram a divulgação de línguas, costumes e culturas e qual é a importância da comunicação no comércio.
 - Para compreender o desenvolvimento das rotas comerciais e a complexidade das distâncias percorridas, os alunos precisam ter noções básicas de cartografia e clareza do que são continentes, países, oceanos e rios. Providencie um globo terrestre ou um atlas histórico mundial, para orientar especialmente os alunos durante o trabalho com esse tema.

CAPÍTULO 2

Comércio e ocupação do espaço

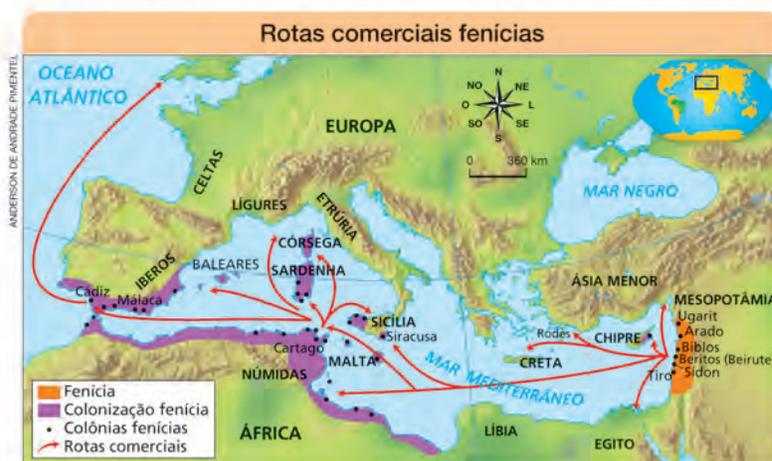
O comércio marca a história da humanidade. A princípio, as relações de comércio ocorriam entre grupos que viviam próximos. Com o tempo, mercadores passaram a levar seus produtos, por mar ou por terra, para regiões cada vez mais distantes.

Na região do mar Mediterrâneo, por exemplo, o comércio ocorreu de maneira intensa envolvendo vários povos antigos, como os fenícios. As trocas comerciais permitiam, também, a divulgação de outras línguas, costumes e culturas.



Modelo de embarcação fenícia, chamada de galé.

BIBLI LAND PICTURES/ANG IMAGES/ALBUM/ FOTOMENA



Fonte: HILGEMANN, Werner; KINDER, Hermann. *Atlas historique*. Paris: Perrin, 1992. p. 34.

Reprodução proibida. Art. 170 do Código Penal e Lei 6.190 de 10 de Janeiro de 1973.

Os fenícios habitavam uma estreita faixa litorânea do Mediterrâneo, onde hoje se localizam o Líbano e parte da Síria. A região era pouco favorável à agricultura e, por isso, dedicaram-se mais ao comércio. Eles navegavam em embarcações chamadas galés, nas quais utilizavam velas e longos remos. Por meio delas, chegaram à Europa e à África, onde comercializavam seus produtos e fundaram várias colônias. Difundiram, também, o seu idioma e um tipo de escrita, o que ajudava na comunicação e no comércio.



Colar fenício de pasta de vidro, peça do século 4 a.C. Museu Arqueológico Nacional, Madri. Os fenícios produziam tecidos, joias, perfumes e objetos em marfim, madeira e metal.

A. DAGLI ORTIZ/REALBUM/FOTOMENA

Os fenícios

Na Antiguidade, a civilização Fenícia foi muito importante para o desenvolvimento do comércio e da tecnologia marítima. Os fenícios habitavam a região do atual Líbano e se organizavam em cidades-Estado, sendo as principais Sidon, Tiro e Biblos. Dedicavam-se ao comércio, inclusive marítimo, e, em decorrência disso, criaram uma rede de colônias comerciais, onde obtinham também matéria-prima. Entre as mercadorias mais exportadas estavam: vinho, azeite, madeira, tecidos, artesanato, perfumes e joias.

Através das suas viagens, os fenícios divulgaram sua cultura e a de lugares que conheciam em diferentes territórios, contribuindo assim para a disseminação e o desenvolvimento dos mais diversos saberes.

- 1 De que maneira o comércio influenciou a ocupação do espaço e as trocas culturais entre os povos?

A busca por novas rotas de comércio permitiu o contato de diferentes povos que viviam distantes uns dos outros, modificando a ocupação do espaço com o surgimento de novas colônias e promovendo as trocas culturais com a difusão de diferentes línguas, costumes e produtos.

- 2 De acordo com o mapa da página anterior, qual a importância do mar Mediterrâneo para alguns povos antigos? Explique.

Por meio da navegação no mar Mediterrâneo, muitos povos antigos da África, Ásia e Europa realizaram trocas comerciais e entraram em contato com diferentes povos e culturas.

- 3 Observe as imagens e responda às questões.



Moedas fenícias de cerca de 3200 anos atrás.

- a) O que esses objetos têm em comum?

Os dois objetos são moedas de origem fenícia, feitas de metal, utilizadas em transações comerciais. Nas duas, estão cunhados elementos do mar (embarcação, ondas e criatura marinha mitológica).

- b) É possível supor por que motivo as duas moedas têm essas características em comum?

Sim. As duas foram feitas pelo mesmo povo e a escolha dos elementos ligados ao mar (como as galés) pode estar relacionada à importância do mar Mediterrâneo para os fenícios, já que era por meio dele que percorriam as rotas comerciais e faziam contato com outros povos.

53

- As atividades 1 a 3, sobre a importância do comércio no mar Mediterrâneo para a ocupação do espaço e as trocas culturais entre povos antigos, contribuem para o desenvolvimento das habilidades EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização e EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
- Observe como os alunos desenvolvem as atividades 1 e 2, que solicitam que eles reflitam sobre a leitura realizada. Deixe que respondam às questões sozinhos para que possam se autoavaliar. Durante a realização da atividade, percorra as carteiras verificando se há a necessidade de realizar alguma interferência. Caso verifique a necessidade, auxilie individualmente.
- **Atividade 3.** Peça aos alunos que observem as imagens e descrevam o que veem. Incentive-os a destacar o que as moedas têm em comum e pergunte se elas pertencem ao mesmo povo e por que a imagem de uma embarcação aparece em ambos os objetos.
- Quando todos terminarem de responder às questões, faça a correção na lousa.

• Sugestão de atividade: Encenando as aventuras de Marco Polo

- Marco Polo foi um importante navegador veneziano que viajou para o Oriente em 1271 com seu pai e tio, ambos mercadores. Ele permaneceu por 17 anos na China, no Império Mongol de Kublai Khan. Ao retornar para Veneza em 1295, fez muitos relatos sobre a vida no Oriente.
- Apresente aos alunos o vídeo "As aventuras de Marco Polo" do programa *O Teco Teco* da TV Brasil. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/o-teco-teco/episodio/as-aventuras-de-marco-polo>>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- Em seguida, proponha a encenação da história de Marco Polo em um teatro de fantoches. Os alunos podem confeccionar os fantoches com material reciclado, como meias.

- Explique aos alunos que, durante um longo período histórico, o mar Mediterrâneo foi um importante centro de trocas comerciais. Em épocas distintas, diferentes povos dominaram o comércio no mar Mediterrâneo, sendo que alguns deles conviveram no mesmo período e outros não. Fenícios, cartagineses, gregos e romanos chegaram a conviver por um período, enquanto árabes, venezianos e genoveses conviveram em outro.
- Por causa de sua localização estratégica e possibilidade de ganhos econômicos, o mar Mediterrâneo também foi palco de muitas disputas e conflitos.

Rotas comerciais ao longo do tempo

Na região do mar Mediterrâneo várias sociedades se desenvolveram com o crescimento do comércio. As rotas comerciais foram um elemento comum aos povos que viveram nessa região ao longo dos séculos, como fenícios, cartagineses, gregos, romanos, árabes e italianos (venezianos e genoveses). Esse processo de trocas comerciais e culturais permaneceu ao longo do tempo.



Navegadores fenícios comercializando mercadorias em porto do mar Mediterrâneo. Gravura do século XIX.

Durante esse extenso período, muitas dessas populações desenvolveram hábitos semelhantes, que foram determinados pela natureza e que permaneceram sem grandes mudanças. Durante séculos, por exemplo, os pastores se deslocaram no verão para regiões mais frias e montanhosas, retornando no fim da estação. Com a vida marcada pelo ritmo da natureza, as mudanças culturais eram mais lentas.

Entretanto, nem tudo permanecia igual. Diferentes povos disputavam a liderança do comércio na região, resultando em guerras e batalhas. As disputas se davam pelo controle das rotas comerciais e levavam um povo a concorrer com outro, gerando mudanças rápidas e algumas transformações como o domínio de portos e de pontos de comércio. O comércio era uma atividade necessária à vida das populações e, ao mesmo tempo, produziu conflitos políticos e sociais e gerou, também, desigualdades entre as pessoas.

Mediterrâneo: encruzilhadas de civilizações

O que é o Mediterrâneo? Mil coisas ao mesmo tempo. Não uma paisagem, mas inúmeras paisagens. Não um mar, mas uma sucessão de mares. Não uma civilização, mas civilizações sobrepostas umas às outras. Viajar pelo Mediterrâneo é encontrar o mundo romano no Líbano, a Pré-História na Sardenha, o islã turco na Iugoslávia. É mergulhar nas profundezas dos séculos, até construções megalíticas de Malta ou até as pirâmides do Egito. [...]

Tudo porque o Mediterrâneo é uma encruzilhada muito antiga. Há milênios tudo converge em sua direção, confundindo e enriquecendo sua história: homens, animais de carga, veículos, mercadorias, navios, ideias, religiões, artes de viver.

BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a história no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 2.

Comércio antigo e povos indígenas

Além da região do Mediterrâneo, outros povos de diversas partes do mundo também realizavam o comércio enfrentando longas distâncias. É o caso do comércio da seda produzida na China, que era transportada por um longo caminho até a Europa, passando pela região do Mediterrâneo.

Rotas de comércio foram criadas, também, pelos povos indígenas da América muito antes da chegada dos europeus. A criação de rotas, as trocas comerciais e o desenvolvimento de sistemas de equivalência aconteceram ao mesmo tempo em diversos lugares.



Gravura retratando mercadores astecas, povo que habitava a região onde hoje se localiza o México. c. 1540. Os astecas comercializavam produtos como cacau, milho, metais preciosos, plumas e tecidos.

- 4) Quais os principais motivos dos conflitos entre os povos da região do mar Mediterrâneo?

O controle das rotas comerciais era uma das principais razões de conflito, pois diversos povos concorriam entre si, provocando guerras e batalhas.

- 5) Complete as frases com as palavras destacadas abaixo.

Mediterrâneo

comércio

seda

- O **comércio** era uma atividade comum aos diferentes povos que viveram na região do mar **Mediterrâneo**.
- A **seda** era fabricada na China e transportada para a Europa passando pelo Mediterrâneo.

55

O comércio asteca

Tenochtitlán, atual Cidade do México, era a capital do império asteca, que foi construída como uma ilha no lago Texcoco. Segundo relatos de viajantes, a cidade contava com cerca de 250 mil habitantes. Além da estrutura de uma grande cidade com templos, escolas, espaços para a prática de esportes e lazer, Tenochtitlán destacava-se pelo seu intenso comércio, no qual mercadorias locais e de todo o império poderiam ser encontradas.

A economia asteca funcionava na base da troca de produtos, porém as sementes de cacau, muito valiosas para eles, eram usadas como uma espécie de moeda. As rotas comerciais astecas eram extensas e numerosas. Os comerciantes operavam do centro do império, em Tenochtitlán e Tlatelolco, e iam em direção a outros lugares, tanto por rotas terrestres, seguindo uma complexa rede de estradas, como fluviais.

- Leia o texto da página 55 com os alunos e chame a atenção para a gravura de mercadores astecas. Explique a eles que a guerra era uma das atividades centrais dos astecas e, por meio dela, dominaram outras sociedades, formando um grande império.
- A agricultura era a base da economia asteca, e os artesãos tinham grande prestígio. Eles confeccionavam peças em ouro e prata, cerâmica e pedras semipreciosas, além de roupas e mosaicos de plumas, muito apreciados como ornamento.
- Além dos astecas, os maias, que viviam em cidades-Estados no sul do atual México, também desenvolviam importantes atividades de trocas comerciais entre as próprias cidades-Estados e entre outros povos. O principal produto comercializado era o tecido.
- As **atividades 1 e 2**, sobre as atividades comerciais na região do mar Mediterrâneo e na China, contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI07**: *Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.*

Objetivos

- Entender a importância dos bancos comunitários para o desenvolvimento local.
 - Conhecer a economia solidária e a moeda social.
 - Valorizar o trabalho coletivo no processo de desenvolvimento de toda a comunidade.
- É importante, antes de introduzir um novo tema, realizar a sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos. Essa sondagem pode possibilitar a eles o desenvolvimento de estratégias que atribuam mais sentido às novas informações. Para isso, antes de realizar a leitura do texto pergunte aos alunos se eles já foram a um banco e se sabem qual é a sua função e como ele funciona. Deixe que eles relatem suas experiências com os familiares ou as brincadeiras que já realizaram, como jogos de tabuleiro que envolvem transações comerciais.
- Em seguida, realize a leitura do texto com os alunos e esclareça eventuais dúvidas que surgirem.

Educação em valores

Trabalhar com temas sobre a busca pelo bem-estar social contribui para o desenvolvimento de uma formação cidadã plena e consciente. É importante que os alunos compreendam que é possível obter desenvolvimento econômico com atitudes que visem ao bem-estar coletivo, como aquelas praticadas pelos bancos comunitários que fomentam a economia local.

O mundo que queremos



Economia solidária: moeda social e bancos comunitários

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes [...]. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, criados em vilas e favelas, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e **fomentam** as economias locais. [...]

Uma das condições para a criação de um banco comunitário [...] é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda social, que circula apenas na comunidade. Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda [...].

Hoje, as instituições estão presentes em quilombos, comunidades de pescadores, aldeias indígenas e em favelas [...]. Todas as “agências” são geridas e fiscalizadas pela comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de **vaquinhas** ou de eventos de arrecadação de fundos.

VELOSO, Larissa. Donos do próprio dinheiro. *Planeta*. 3 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.revistaplaneta.com.br/donos-do-proprio-dinheiro/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.



Banco Comunitário Cidade de Deus e cédula da sua moeda social no valor de 10 CDDs. Município do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, 2011.

Glossário

Fomentar: estimular, desenvolver.

Vaquinha: coleta de dinheiro em um grupo para o pagamento de uma despesa em comum.

O que é um banco comunitário

Bancos comunitários são serviços financeiros solidários, em rede, de natureza associativa e comunitária, voltados para a geração de trabalho e renda na perspectiva de reorganização das economias locais, tendo por base os princípios da economia solidária. Seu objetivo é promover o desenvolvimento de territórios de baixa renda, através do fomento à criação de redes locais de produção e consumo. Baseia-se no apoio às iniciativas da economia popular e solidária em seus diversos âmbitos, como: de pequenos empreendimentos produtivos, de prestação de serviços, de apoio à comercialização e o vasto campo das pequenas economias populares.

1 De acordo com o texto, o que são bancos comunitários?

Bancos comunitários são aqueles criados pela própria comunidade com o objetivo de desenvolver a economia local. Isso é feito por meio de empréstimos em reais ou na moeda própria do banco, destinados à produção e ao consumo dos moradores daquela comunidade.

2 Como o banco comunitário pode ajudar a desenvolver uma comunidade?

O banco comunitário pode ser uma importante ferramenta para desenvolver a economia de uma comunidade, estimulando a produção e o consumo local. Produtos e serviços (alimentos, roupas, serviços de ensino, beleza e outros) passam a ser produzidos e consumidos no local, melhorando as condições de vida da população.

3 Marque um X na alternativa correta sobre as moedas sociais.

- a) São parte de um sistema de equivalência que tem por base a moeda oficial do país.
- b) São parte de um sistema de trocas diretas por produtos com valores equivalentes.
- c) São parte de um sistema de trocas diretas por produtos com valores diferentes.
- d) São parte de um sistema baseado no comércio de longa distância com o objetivo de obter máximo lucro.

4 Além das moedas sociais e dos bancos comunitários, outra forma de desenvolver a economia solidária em uma comunidade é a realização de feiras de trocas.

- Reúna-se com seus colegas e pesquise se, no local em que vocês vivem, existem feiras desse tipo.
- Caso contrário, vocês podem organizar uma feira de trocas na escola.
- Os participantes poderão trocar itens como livros, roupas, materiais escolares ou brinquedos que estejam em boas condições, ou ainda serviços como aulas de música, dança, cuidar de um animal etc.



ALOSHO MAURICIO/TUOLANEIA

Principais características

- A própria comunidade decide criar o banco, tornando-se sua gestora e proprietária;
- Atua sempre com duas linhas de crédito: uma em reais e outra em moeda social circulante local;
- Suas linhas de crédito estimulam a criação de uma rede local de produção e consumo, promovendo o desenvolvimento endógeno do território; [...]
- Atua em territórios caracterizados pelo alto grau de exclusão e desigualdade social;
- Volta-se para um público caracterizado pelo alto grau de vulnerabilidade social [...].

O que é um banco comunitário. Instituto Banco Palmas.

Disponível em: <<http://www.institutobancopalmas.org/o-que-e-um-banco-comunitario/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

- Após a leitura, pergunte aos alunos que melhorias um banco comunitário poderia promover no bairro em que vivem, como o incentivo ao comércio local.
- Pergunte aos alunos se seus familiares trabalham próximo às suas moradias ou se levam muito tempo no percurso até o trabalho. Explique que o fomento da economia local poderia aumentar a oferta de emprego no bairro, descentralizando as atividades comerciais que se concentram em certos locais da cidade. Isso, conseqüentemente, melhoraria a qualidade de vida dos moradores da comunidade.
- Oriente os alunos a realizar a **atividade 1** e auxilie-os a encontrar a resposta no texto da página 56. Em seguida, apresente a **atividade 2** e estimule-os a refletir sobre como os bancos comunitários podem beneficiar o cotidiano das comunidades em que estão inseridos.
- **Atividade 3.** Os alunos precisam expressar a compreensão da diferença entre as moedas sociais dos outros sistemas econômicos que conheceram anteriormente. Para isso, retome brevemente o que aprenderam nos capítulos 1 e 2 desta unidade.
- **Atividade 4.** Auxilie os alunos a pesquisar as feiras de troca que existem na comunidade em que vivem. Caso não existam feiras desse tipo, oriente-os a organizar uma feira de trocas na escola. Eles podem definir a data e o horário do evento e confeccionar convites para distribuir para toda a comunidade escolar. Seja o mediador do processo e ajude os alunos com o planejamento.

Objetivos

- Compreender como o desenvolvimento do comércio contribuiu para a expansão das fronteiras territoriais.
 - Entender a importância das especiarias para o desenvolvimento de novas rotas marítimas.
 - Relacionar os prejuízos e os desafios das grandes navegações aos lucros e às vantagens que elas proporcionaram.
 - Conhecer técnicas e instrumentos que auxiliavam os navegantes nas viagens marítimas.
- O tema das viagens marítimas aguça a curiosidade dos alunos, por isso, aproveite para incentivar o gosto pela investigação, além da autonomia de pesquisa para obtenção de informações.
 - Pergunte aos alunos quais são seus alimentos preferidos e se sabem o que acrescenta sabor a eles. Fale dos diversos condimentos e temperos que existem e das muitas funções que as especiarias tinham no passado e ainda têm atualmente.
 - Depois, peça aos alunos que descrevam o que veem na imagem do Atlas Catalão na página 58 e explore os detalhes da ilustração. Conte a eles que essa é a representação de uma caravana de Marco Polo, um navegador veneziano que viajou para a China.
 - Se julgar adequado, proponha aos alunos que façam desenhos para representar o comércio de especiarias no passado.

CAPÍTULO
3

A expansão do comércio e das rotas

Até o século XV, o comércio marítimo entre Europa e Ásia era feito apenas pelo mar Mediterrâneo. Por ali, mercadores traziam tecidos de seda, tapeçarias, pedras preciosas, porcelanas, e especiarias que eram vendidos por toda a Europa. Esses produtos vinham da África e da região que incluía territórios que hoje correspondem ao Japão, à China, Índia e Indonésia, que os europeus, à época, chamavam de Índias.



Especiarias: canela, anis-estrelado, noz-moscada, cardamomo, pimenta e açafrão.

As especiarias são produtos como cravo, canela, noz-moscada, baunilha, gengibre e pimenta. Usadas para temperar e conservar alimentos e na fabricação de remédios e perfumes, elas eram caras no mercado europeu, pela dificuldade em trazê-las de locais distantes e pouco acessíveis.

O comércio das especiarias e de artigos de luxo era muito lucrativo e controlado por mercadores árabes e italianos, das cidades de Gênova e Veneza, que dominavam as rotas marítimas do mar Mediterrâneo. Muitos países, porém, queriam participar deste vantajoso comércio. Para isso, era preciso estabelecer uma nova rota marítima.

Empenhados em chegar às Índias, outros povos europeus, como os portugueses, enviaram embarcações para contornar a África pelo Oceano Atlântico. Depois de muitas expedições, o navegador português Bartolomeu Dias conseguiu, entre 1487 e 1488, alcançar o temido Cabo da Boa Esperança, no sul da África.

Dez anos depois, Vasco da Gama, realizando o mesmo percurso, alcançou finalmente Calicute, na Índia, uma importante região que fornecia especiarias. Os lucros obtidos com essa viagem foram reinvestidos em outras expedições, que ajudaram Portugal a se tornar o maior centro europeu do comércio de especiarias do século XVI.



Detalhe da caravana de Marco Polo (mercador veneziano) a caminho de Catai, na China, *Atlas Catalão*, 1375.

O Cabo das Tormentas

Esta viagem, iniciada (em fins de) agosto de 1487, constituiu o verdadeiro descobrimento do caminho marítimo para a Índia. [...]

Depois de largarem da Angra das Voltas (29°S.), foram assaltados por um temporal, que os fez andar de capa treze dias. Notaram a friidez da atmosfera. Quando amainou esse mau tempo, decidiram tomar o rumo do leste, a fim de poderem encontrar a terra [...].

1 O que são especiarias? Para que elas são utilizadas?

As especiarias são produtos como cravo, canela, noz-moscada, baunilha, gengibre e pimenta. Elas são utilizadas para conservar e temperar os alimentos e para fabricar remédios e perfumes.

2 Observe o mapa e responda às questões a seguir.



a) Por que muitos países europeus precisavam encontrar uma nova rota marítima?

Porque o comércio de produtos orientais pelo mar Mediterrâneo era controlado por mercadores árabes e italianos das cidades de Gênova e Veneza.

b) Quais foram as principais mudanças de percurso entre as rotas marítimas representadas no mapa?

Até 1487, o caminho utilizado para chegar ao Oriente atravessava o mar Mediterrâneo. Com a Rota do Cabo, passou-se a utilizar o Oceano Atlântico, contornando a África para chegar ao Oriente.

- Simule com os alunos a descoberta de uma rota marítima. Peça ao aluno que estiver sentado em uma ponta da sala que realize a transação comercial de um lápis passando-o para o colega de trás, que deverá então passá-lo para o próximo colega até chegar ao aluno da outra ponta da sala. Depois, solicite aos alunos das duas extremidades que realizem a transação comercial diretamente entre eles. Pergunte à turma quais foram as vantagens dessa transação direta.
- Após a brincadeira, explique que a descoberta da Rota do Cabo fez com que as transações comerciais entre Portugal e alguns lugares do Oriente acontecessem de forma direta, como a que os alunos das duas extremidades da sala simularam. Desse modo, Portugal não dependia mais dos mercadores que controlavam o mar Mediterrâneo para obter especiarias.
- A **atividade 2**, de análise e interpretação de um mapa, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI07**: *Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial*.
- **Atividade 2**. Encaminhe a análise coletiva do mapa, identificando cada uma das rotas representadas. Deixe que os alunos estabeleçam relações entre as rotas e a brincadeira realizada anteriormente. O texto sobre o Cabo da Boa Esperança reproduzido nas páginas 58 e 59 deste Manual poderá complementar as informações sobre o tema.
- Verifique se todos os alunos conseguiram realizar as atividades e se compreenderam a grande transformação ocorrida nas transações comerciais com o alcance do Cabo da Boa Esperança.

Porém, a gente dos navios sentia-se cansada. [...] Que seria então, se avançassem mais? Já muito se descobrira naquela viagem, da qual levavam uma grande nova: o acharem que a terra corria para o leste, donde se concluiu que para trás deles deveria ter ficado um grande cabo [...].

Ao qual Bartolomeu Dias e os de sua companhia, por causa dos perigos e tormentas que em o dobrar dele passaram, lhe puseram o nome Tormentoso; mas El-Rei D. João, vindo eles ao reino, lhe deu outro nome mais ilustre, chamando-lhe cabo da Boa Esperança, pelo que ele prometia deste descobrimento da Índia, tão esperada, e por tantos anos requerida.

SÉRGIO, Antônio. *Breve Interpretação da História de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. p. 55-57.

- Pergunte aos alunos o que eles sabem sobre tecnologia e desenvolvimento tecnológico. Eles provavelmente citarão os computadores e celulares como exemplos. Explique que tecnologia é um conceito que significa o desenvolvimento de técnicas, procedimentos ou instrumentos criados para facilitar atividades humanas que antes eram realizadas com mais dificuldade.
- Explique à turma que a necessidade de conquistar novas rotas comerciais impulsionou o desenvolvimento tecnológico de instrumentos essenciais para as grandes navegações. Essa tecnologia possibilitou aos navegadores percorrer distâncias muito superiores às alcançadas anteriormente. Esses instrumentos são a bússola, o astrolábio, as cartas marítimas ou náuticas e o quadrante, além do aprimoramento das técnicas de construção de embarcações mais leves e mais rápidas.
- Leia o texto da página 60 com os alunos e, se desejar, peça a eles que realizem uma pesquisa sobre os instrumentos citados e o funcionamento de cada um deles.
- Comente que a maior parte dos alimentos levados nas embarcações eram produtos que demoravam a se deteriorar, como biscoitos, cereais e carne salgada.

Mudanças na navegação

Alguns povos europeus tinham pouco conhecimento sobre os oceanos e acreditavam que, além dos limites conhecidos, existiam monstros marinhos que atacariam as embarcações. A maior parte das viagens marítimas eram feitas próximo ao litoral, e não em mar aberto. Por isso, descobrir a Rota do Cabo e navegar além dos marcos conhecidos não foi tarefa fácil.

Técnicas e instrumentos

A necessidade de encontrar outro caminho para as Índias fez com que os europeus aperfeiçoassem os instrumentos de orientação marítima, como o **astrolábio**, a **bússola**, o **quadrante** e as **cartas marítimas**.

Os portugueses foram pioneiros e utilizavam a **caravela**, uma embarcação longa, feita de madeira e com velas que eram impulsionadas pelo vento. As viagens ficaram mais rápidas, mas ainda eram muito desconfortáveis. Elas duravam meses e era necessário controlar a quantidade de alimentos para que durassem todo o trajeto. Imprevistos, como tempestades, podiam danificar as embarcações. As precárias condições de higiene provocavam doenças e mortes. E, mesmo com as melhorias, ainda existia o risco de naufrágios ou de as embarcações se perderem no mar.



O astrolábio é um instrumento que possibilita aos navegadores se orientar por meio da observação do Sol e de outras estrelas.



A bússola é um instrumento com uma agulha de ímã que aponta para o norte. Ela informa aos navegadores qual direção deve ser seguida.

Você sabia?

As caravelas eram embarcações ágeis e velozes e possuíam dois tipos de vela. As triangulares possibilitavam fazer manobras mais facilmente; as quadradas eram impulsionadas pelo vento, aumentando a velocidade.



Ilustração representando caravela.
Fonte: *Viagens de descobrimento: 1400-1500*. Rio de Janeiro: Abril Livros, 1994, p. 18-19.

As primeiras navegações

A arte de navegar mediterrânea assentava no processo conhecido como rumo e estima (ou, mais rigorosamente, era um processo de navegação estimada): o piloto seguia o rumo previamente definido com o auxílio da bússola, socorrendo-se das conhecidas para auxiliar a correção da sua rota e em simultâneo estimava a progressão do navio; na indisponibilidade de instrumentos que permitissem determinar valores, era sua experiência e as condições de navegação no momento que contavam. Os instrumentos requeridos por essa prática: os portulanos, instruções de navegações escritas, eram acompanhados de cartas-portulano, a sua expressão gráfica; a bússola foi conhecida nessa altura; e as sondas, tábuas de marés e similares completavam a panóplia dos recursos existentes – e suficientes.

DOMINGUES, Francisco Contente. Arte e técnica nas navegações portuguesas: das primeiras viagens à armada de Cabral. In: NOVAES, Aduato (Org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 209.

3 Observe a imagem a seguir e responda às questões.



Monstros marinhos e embarcações, gravura de Jan Collaert, 1596.

a) Como são os animais representados na imagem? Seriam eles reais ou imaginários?

São monstros marinhos com dentes afiados e parecidos com elefantes, dinossauros e dragões. Esses animais eram fruto da imaginação das pessoas da época e poderiam representar os perigos envolvidos nas viagens marítimas.

b) Quais dificuldades os navegadores enfrentaram para conhecer novas rotas marítimas?

As viagens eram longas e era preciso controlar a quantidade de alimentos. Tempestades podiam danificar as embarcações, além do risco de se perder no mar ou de naufragar. As más condições de higiene causavam doenças e mortes.

4 Para que serviam os dois tipos de vela das caravelas?

As velas triangulares possibilitavam fazer manobras mais facilmente e as velas quadradas eram impulsionadas pelo vento, aumentando a velocidade.

5 Assinale com um X os recursos que facilitaram a navegação no século XV.

Desenvolvimento das caravelas. Invenção do motor de popa.

Aperfeiçoamento da bússola e do astrolábio.

61

- As atividades 3 a 5, sobre as dificuldades enfrentadas nas navegações, seus principais instrumentos e embarcações, contribuem para o desenvolvimento da habilidade EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
- Atividade 3. Para complementar a atividade, pergunte aos alunos se eles também já chegaram a criar fantasias ao sentir medo de algo que eles não conheciam. Apesar de não serem crianças, esses navegadores tinham muito medo do que poderiam encontrar, porque, além das histórias que já conheciam sobre animais monstruosos no mar, havia o fato de que eles não sabiam o que teria acontecido com as embarcações que não voltavam de viagem.
- Explique que muitos seres fantásticos foram retratados com base em conhecimentos literários e míticos dos europeus. Ao avistar animais desconhecidos, os navegadores, assustados, os associavam às imagens míticas, aumentando o mistério sobre terríveis criaturas marinhas. Alguns marinheiros podem, por exemplo, ter relatado a presença de sereias no horizonte quando, na verdade, tinham avistado golfinhos.
- Atividades 4 e 5. Oriente os alunos a identificar as informações no texto da página 61 e, ao final, faça a correção das questões coletivamente na lousa.

Venezianos ficam alarmados com as conquistas dos portugueses

Toda Veneza ficou surpreendida e se alarmou. Os mais sisudos diziam que era a pior notícia que podia chegar-lhes. De fato, toda a gente sabe que Veneza tinha obtido o seu prestígio e a sua riqueza unicamente graças ao seu comércio marítimo. [...] Mas agora por este novo caminho, as especiarias de Leste serão transportadas para Lisboa, onde os húngaros, os alemães, os flamengos e os franceses irão procurá-las pois serão aí menos caras.

Com efeito, as especiarias que chegam a Veneza têm de passar pela Síria e os territórios do sultão, e por toda parte devem pagar direitos tão exorbitantes que, ao chegar a Veneza, o que tinha custado um ducado deve ser vendido com oitenta ou cem ducados. O caminho marítimo, esse não tem de pagar todos esses impostos, e os portugueses podem vendê-las mais baratas. [...].

FREITAS, Gustavo de. *900 Textos e Documentos de História*. Lisboa: Plátano Editorial, s/d. p. 105-106.

Objetivos

- Conhecer os perigos e as dificuldades que os tripulantes tinham de enfrentar durante as viagens marítimas.
- Entender por que a alimentação e a higiene eram precárias em alto-mar.
- Compreender como os tripulantes passavam o tempo e quais tarefas deveriam exercer.

História das viagens marítimas há mais de 500 anos

As viagens marítimas da época Moderna eram longas e cheias de perigo. Entretanto, sempre havia quem aceitasse participar desses trajetos, porque, apesar da certeza dos perigos, havia a esperança de lucros que garantiriam uma vida melhor do que a que era levada na Europa. Para se distraírem, os tripulantes jogavam cartas, disputavam torneios de luta e encenavam peças de teatro já conhecidas pela tripulação, e também trechos bíblicos. Instrumentos musicais podiam ser levados a bordo e sempre havia uma oportunidade para cantar e tocar. Além disso, aconteciam missas com frequência durante as viagens.

- Leia as legendas de cada uma das ilustrações numeradas. Faça uma pausa entre um item e outro, esclarecendo as dúvidas da turma. Ao final, pergunte aos alunos quem se aventuraria em uma viagem marítima e peça que citem os pontos positivos e negativos de uma viagem de navio no século XV.

Como as pessoas faziam para...

Sobreviver às longas viagens marítimas

A rotina nos navios durante as longas viagens realizadas a partir do século XV era muito difícil. Além do longo tempo em alto-mar e do trabalho quase ininterrupto na manutenção da embarcação, a tripulação tinha de se preocupar com a alimentação e com as doenças que a vitimavam.

Durante a viagem, o principal alimento consistia em uma ração diária de cerca de 400 gramas de um biscoito seco feito de farinha de trigo e centeio.



Para fazer suas necessidades, os marujos usavam assentos instalados na borda do barco ou em baldes.



Os alimentos frescos (incluindo animais vivos), embarcados no início da viagem, não duravam muitos dias. Os demais alimentos secos, como carne salgada, bacalhau salgado, frutas secas e lentilhas, eram armazenados em porões abafados e úmidos e, muitas vezes, apodreciam. Era muito difícil pescar em alto-mar. Os marinheiros geralmente não tinham equipamentos para pescar em águas profundas e também não queriam desperdiçar a comida usando-a como isca.

Para prevenir incêndios, o fogão geralmente ficava no convés, onde também eram feitas as refeições.



Relato de Antonio Pigafetta sobre a primeira viagem ao redor do mundo

Saída do estreito – Na quarta-feira, dia 28 de novembro de 1520, saímos do estreito para entrar no grande mar, ao qual em seguida chamamos de Pacífico, e onde navegamos durante três meses e vinte dias sem provar nenhum alimento fresco.

Má alimentação no Oceano Pacífico – Já não tínhamos mais nem pão para comer, mas apenas polvo impregnado de morcegos, que tinham lhe devorado toda a substância, e que tinha um fedor insuportável por estar empapado em urina de rato. A água que nos víamos forçados a tomar era igualmente pútrida e fedorenta. Para não morrer de fome, chegamos ao ponto crítico de comer pedaços de couro com que se havia coberto o mastro maior, para impedir que a madeira roçasse as cordas [...].



4

A água potável era armazenada em barricas. Depois de algumas semanas, apareciam limo e parasitas, o que causava diarreias e outras doenças nos marujos.



5

Nos navios havia uma organização bastante rígida, e cada tripulante tinha uma função: havia o capitão-mor, os nobres, os especialistas em navegação, o mestre, o contramestre, o piloto, o escrivão, representantes da Igreja e centenas de marinheiros.



6

Havia poucas formas de lazer durante as longas viagens: jogos de cartas, leitura em voz alta, rezas, dramatização de histórias populares e de eventos religiosos.

Apenas os nobres, capitães ou religiosos dormiam em camas. A maioria da tripulação dormia ao relento, na popa ou no convés dos barcos.

7

Respostas no Manual de orientações e subsídios ao professor.

- 1 Como era a alimentação da tripulação?
- 2 Como as condições de alimentação e higiene afetavam a vida da tripulação?
- 3 Pesquise se o cotidiano das embarcações atualmente mudou e se já é possível, por exemplo, pescar em alto-mar.

Fontes: BIESTY, Stephen; PLATT, Richard. *Conhecer por dentro*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1995. p. 17-20; COUTINHO, Gago. *A náutica dos descobrimentos*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1951. v. 2; FARRÈRE, Claude. *Histoire de la Marine Française*. Paris: Flammarion, 1956. p. 121.

- As **atividade 1 e 2**, sobre as condições de viagem no século XV, contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI06**: *Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.*
- **Atividade 1.** Retome com os alunos o item 1 da página 62 e explique a eles que os tripulantes se alimentavam inadequadamente, pois só podiam levar alimentos duráveis para a longa viagem. A comida era racionada, porque não havia quantidade suficiente para todos.
- **Atividade 2.** Explique aos alunos que a água consumida era contaminada e a alimentação da tripulação era nociva à saúde por ser pobre em nutrientes, causando doenças como diarreia e escorbuto.
- **Atividade 3.** Oriente os alunos a realizar uma pesquisa sobre o cotidiano das viagens marítimas atualmente e as técnicas de pesca em alto-mar. Eles provavelmente vão encontrar tanto técnicas usadas por barcos pesqueiros simples como as usadas por barcos sofisticados, que se valem do auxílio de radares e câmeras. Estimule os alunos a refletir sobre a diferença dessas tecnologias e o que elas provavelmente ocasionam no sucesso da pesca.

Penúria extrema – Frequentemente nossa alimentação ficou reduzida à serragem de madeira como única comida, posto que até os ratos, tão repugnantes ao homem, chegaram a ser um manjar tão caro, que se pagava meio ducado por cada um.

Escorbuto – Mas isto não foi o pior. Nossa maior desdita foi nos vermos atacados por uma enfermidade pela qual as gengivas incham até o ponto de sobrepassar os dentes, tanto da mandíbula superior como da inferior. E os atacados por esta enfermidade não podiam tomar nenhum alimento. Morreram dezenove [...].

Enfermidades – Além dos mortos tivemos de vinte e cinco a trinta marinheiros enfermos [...]. Todos, porém, se curaram. [...]"

PIGAFETTA, Antonio. *A Primeira Viagem ao Redor do Mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 81-82.

Objetivos

- Conhecer as principais expedições marítimas portuguesas e espanholas e suas conquistas.
 - Conhecer os navegadores Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral e os desdobramentos de suas viagens.
 - Compreender como a busca por rotas comerciais ocasionou o encontro de culturas diferentes.
 - Refletir sobre os impactos causados pelo encontro entre representantes da cultura europeia e nativos do continente americano.
- Leia o texto da página 64 com os alunos e peça que localizem no mapa os lugares que os europeus conheciam até o século XIV (a Europa e as proximidades do Mediterrâneo, como o norte da África e algumas partes da Ásia).
 - Solicite aos alunos que observem o mapa e identifiquem as rotas que eles já conhecem de Bartolomeu Dias e de Vasco da Gama. Em seguida, solicite que localizem a rota de Cristóvão Colombo e pergunte por que o navegador achou que tinha chegado às Índias. Como o continente americano era desconhecido pelos europeus, eles acreditavam que podiam chegar à Ásia contornando o mundo pelo Oceano Atlântico e Pacífico.

CAPÍTULO 4

As grandes navegações

Até o século XIV, os europeus tinham pouco conhecimento geográfico. Eles conheciam, basicamente, a Europa e as proximidades do Mediterrâneo, como algumas partes da África e da Ásia. Além disso, existia o medo dos perigos imaginários em alto-mar.

Mesmo com tantos desafios, os navegantes europeus se aventuraram em expedições pelo Atlântico movidos pela busca de riquezas (especiarias e metais preciosos), pela conquista de novas colônias e pela expansão do cristianismo.

A viagem de Colombo

Em 1492, o navegador Cristóvão Colombo e sua tripulação, a serviço da Espanha, partiram em busca de uma nova rota para as Índias, navegando pelo Oceano Atlântico em direção a Oeste. Os espanhóis desembarcaram em uma ilha da atual América Central, chamada pelos nativos de Guanaani, mas batizada pelos europeus de Ilha de San Salvador. Eles pensavam ter chegado às Índias, por isso chamaram os nativos de índios.



A terra para os homens do século XIV

A descoberta da América talvez tenha sido o feito mais espantoso da história dos homens: abria as portas de um novo tempo, diferente de todos os outros [...], somava às já conhecidas África e Ásia uma nova porção do globo, conferia aos homens a totalidade de que eram parte. [...]

O que era a realidade da terra para o homem do século XIV? Acreditava-se na existência do Equador, dos trópicos, de cinco zonas climáticas, três continentes, três mares, doze ventos. A Europa setentrional e o Atlântico já se confundiam com o imaginário, sendo descritos quase como ficção [...]. A Ásia, grande polo de fascínio para o imaginário europeu, encerrava o Paraíso Terrestre [...].

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 21-25.

- 1 Quais fatores moveram os europeus a buscar novas rotas ao Oriente pelo Atlântico?

A busca de riquezas (especiarias e metais preciosos), a conquista de novas colônias e a expansão do cristianismo.

- 2 Leia o texto a seguir e, depois, responda às questões.

Quando a expedição de Gonçalo Velho atingiu os Açores no início dos anos 1430, ainda que a latitude ali fosse muito próxima da de Portugal, ele e seus homens imaginavam estar adentrando uma zona em que “a água do mar ferve como em uma caldeira e que os marinheiros são sugados, juntamente com os navios, por um grande precipício e jogados no inferno.”

RODRIGUES, Jaime. Um mundo novo no Atlântico: marinheiros e ritos de passagem na linha do Equador, séculos XV-XX. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 33, n. 65, 2013, p. 240.

Glossário

Açores: ilhas localizadas no Oceano Atlântico que hoje fazem parte do território de Portugal.

Latitude: distância de um ponto da Terra em relação à linha do Equador.

Adentrar: entrar.

- a) O que o texto descreve?

O texto descreve os medos e as crenças de navegadores e marinheiros relacionados à navegação em mar aberto.

- b) Observe o mapa da página 64 e releia o texto desta página. É possível dizer que os navegadores superaram o medo? Por quê?

Espera-se que os alunos percebam que o texto descreve os medos dos marinheiros em 1430; já as rotas marítimas representadas no mapa foram percorridas entre os anos de 1487 e 1500. Desse modo, é possível supor que, ao longo do tempo, as viagens progrediram e o temor do mar aberto foi superado.

- 3 Como foi que Colombo chegou à América? Ele navegava a serviço de quem?

Colombo chegou à América navegando pelo Atlântico, a Oeste. Ele navegava a serviço da Espanha em busca de um caminho para as Índias.

65



- As atividades 1 a 3, sobre as expedições marítimas espanholas e portuguesas, contribuem para o desenvolvimento das habilidades **EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização** e **EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial**.
- As atividades 1 a 3 são de interpretação e análise de texto. Auxilie os alunos a localizar as informações e a elaborar as respostas.
- **Atividade 2.** A questão b dessa atividade é de maior complexidade, pois demanda uma comparação entre a fonte textual e a cartográfica para produzir a resposta. Peça aos alunos que localizem os Açores no mapa da página 64 e comparem a distância percorrida pelo navegador português Gonçalo Velho com as rotas que estão retratadas. Auxilie-os a perceber que o trajeto percorrido em 1430 foi muito menor do que os trajetos do final do século XV e, portanto, é possível supor que os navegadores superaram os medos. Oriente os alunos a refletir sobre essas diferenças para elaborar a resposta da questão.

Para seu aluno assistir

A aventuras do pequeno Colombo, direção de Rodrigo Gava, Brasil, 2016.

A animação relata as aventuras do jovem Colombo e, apesar dos elementos de fantasia, traz informações históricas que, problematizadas em sala de aula, ampliam o conhecimento dos alunos.

● Sugestão de atividade: *Construindo uma bússola*

- Criada pelos chineses, a bússola é uma ferramenta de navegação antiga que foi fundamental no período das grandes navegações. É composta de uma agulha magnetizada que se alinha com o campo magnético da Terra para apontar o Norte.
- Construa uma bússola com os alunos usando materiais simples como agulha, ímã e água. Para conhecer o passo a passo de como montar uma bússola, acesse o vídeo explicativo do canal Oficina do Estudante, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hZPJyEWP74M>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

- Pergunte aos alunos se eles já ouviram falar do termo “descobrimto da América” ou “descobrimto do Brasil” e o que entendem sobre o tema.
- Depois, pergunte como é possível pensar que um local pode ter sido descoberto quando já é habitado por outros povos. Deixe-os elaborar suas hipóteses e então siga para a leitura do texto da página 66.
- Explore os mapas-múndi reproduzidos na página 66 com os alunos e peça que identifiquem semelhanças e diferenças entre eles. Mostre que no mapa de 1507 o Cabo da Boa Esperança é apresentado de maneira arredondada e o hemisfério ocidental retratado de modo mais semelhante à forma como é conhecido hoje, demonstrando que os conhecimentos cartográficos se ampliaram nesse período das grandes navegações. Peça a eles que observem o continente americano e pergunte se ele é retratado do mesmo modo como é apresentado nos mapas atuais.

Nova visão de mundo

A chegada dos europeus na América fez com que diferentes partes do mundo se interligassem. Alguns povos que até então tinham pouco ou nenhum contato entre si foram muito afetados. Produtos, pessoas e culturas passaram a circular, a partir de então, entre a Europa, a América e a África. Com a viagem de Colombo, ampliaram-se os conhecimentos de geografia e novos mapas tiveram de ser produzidos.



Mapa-múndi de Henricus Martellus, 1489.

Observe os mapas desta página. O primeiro, produzido em 1489, antes da viagem de Colombo, retrata apenas a Europa, a África e a Ásia, pois o continente americano ainda era desconhecido dos europeus. Já o segundo mapa, de 1507, foi produzido alguns anos depois dos primeiros contatos dos europeus com a América. Essa é a primeira vez que o continente é representado separado da Ásia, ainda que de maneira bastante imprecisa, além de ser a primeira vez que o nome “América” aparece em um mapa.

Por isso, depois que os europeus chegaram ao continente americano, em fins dos anos 1400, a América ficou conhecida como Novo Mundo e a Europa, como Velho Mundo. Por muito tempo esse episódio ficou conhecido como a “Descoberta da América”, revelando uma visão eurocêntrica (uma forma de olhar o mundo e a História a partir da Europa) sobre o continente, pois pressupõe que a América não existia antes que os europeus a conhecessem e desconsidera os diversos povos indígenas que já viviam nesse território e desenvolviam sociedades complexas.



Mapa-múndi de Martin Waldseemüller, 1507.



O impacto da chegada dos europeus à América

A tentação de ver o mundo recém-descoberto em termos de ilhas encantadas da fantasia medieval era esmagadora. Mas não era só o fantástico que se intrometia entre a realidade e os europeus: se o desconhecido devia ser abordado como algo mais extraordinário ou monstruoso, a abordagem tem, pois, de ser conduzida com referência aos elementos mais firmemente enraizados na herança cultural europeia. Entre eles, portanto as tradições clássicas e cristãs eram passíveis de constituir os pontos de partida óbvios para qualquer avaliação do Novo Mundo e dos seus habitantes. [...]

A inocência, a fertilidade e a abundância – todas elas qualidades pelas quais a Europa e a Renascença ansiavam [...] – surgiam nas descrições de Colombo e Vespúcio [...].

ELLIOT, J. H. *O Velho Mundo e o Novo*: 1492-1650. Lisboa: Editora Quercus, 1984. p. 30-40.

- 4 Observe a imagem a seguir e responda às questões.



Chegada de Colombo à América, gravura de Theodore de Bry, 1596. Nessa representação, Cristóvão Colombo segura uma lança e está à frente de dois europeus.

- a) Quais grupos estão representados na imagem?
Europeus e indígenas americanos.
- b) O que os indígenas estão oferecendo aos espanhóis?
Objetos feitos de metais preciosos.
- c) Em sua opinião, o que a cruz e a lança simbolizam?
A cruz representa o poder religioso e a lança o poder das armas.

- 5 Reúnam-se em grupos e conversem: Vocês consideram que a chegada de Colombo à América representou a "descoberta do novo continente"? Escrevam suas conclusões e depois compartilhem com a turma.

Espera-se que os alunos compreendam que o termo "descoberta da América" revela o ponto de vista do colonizador europeu, conhecido como "olhar eurocêntrico". Ele pressupõe que a história da América começa apenas com a chegada dos europeus e desconsidera a história das populações indígenas, que já habitavam o território há muito tempo.

67 ▶▶

- As atividades 4 e 5, que tratam da chegada de Colombo à América e do ponto de vista eurocêntrico sobre o episódio, contribuem para o desenvolvimento das habilidades **EF04HI06**: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização e **EF04HI07**: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
- **Atividade 4**. Oriente os alunos a analisar a gravura, tendo como parâmetro o que aprenderam com o texto da página 66 sobre o encontro entre culturas.
- **Atividade 5**. Peça aos alunos que retomem a discussão sobre o termo "descoberta da América", mas agora em grupos. Eles devem produzir um texto sobre o que conversaram e apresentá-lo aos demais colegas.

A vantagem das colônias

O objetivo destas colônias é o de praticar o comércio em melhores condições do que aquelas em que é praticado com os povos vizinhos, com os quais as vantagens são recíprocas.

Estabeleceu-se que somente a metrópole poderia comerciar com a colônia; e isto com grande razão, porque o objetivo do estabelecimento havia sido a constituição do comércio e não a fundação de uma cidade ou de um novo império [...].

A desvantagem das colônias, que perdem a liberdade de comércio, é compensada pela proteção da metrópole, que a defende com suas armas.

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, baron de. *Do Espírito das Leis*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966. p. 83.

- Realize a leitura do texto da página 68 com os alunos e peça a eles que anotem no caderno as principais informações e as novas palavras que conheceram. Retome o mapa da página 64 e peça que observem a rota de Pedro Álvares Cabral e a comparem com a rota de Cristóvão Colombo.
- Depois, pergunte aos alunos o que já sabiam acerca da chegada dos portugueses ao Brasil e quais informações novas puderam ser obtidas com esse texto.
- Verifique se os alunos compreenderam que a chegada à terra que posteriormente seria chamada de Brasil se deu por meio do desenvolvimento das rotas comerciais e da busca de Portugal por riquezas e novas colônias.

Para seu aluno assistir

Pindorama, Palavra Cantada, Brasil, 1998.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DrVJCRT0H4Q>>.

Acesso em: 20 dez. 2017.

O clipe retrata de forma lúdica o encontro entre portugueses e indígenas que habitavam o território de Pindorama, hoje conhecido como Brasil.

A viagem de Pedro Álvares Cabral

Nomeado pela Coroa portuguesa para comandar uma expedição para a Índia, Pedro Álvares Cabral recebeu ordens para tomar posse, em nome de Portugal, das terras que encontrasse no caminho.

Durante a viagem, em vez de seguir a rota para Calicute, Cabral desviou do caminho, pois, naquela época, suspeitava-se que ao sul do continente que Colombo havia alcançado existiam outras terras. Assim, em 22 de abril de 1500, a frota chegou ao local que, depois, seria chamado de Brasil. Cabral aportou na região da atual cidade de Santa Cruz Cabrália, na Bahia.

Nativos e portugueses

Quando os portugueses encontraram os nativos, ofereceram a eles chapéus, colares e crucifixos, como faziam na África ocidental. Em troca, receberam dos indígenas cocares, arcos e flechas. Dias depois, os tripulantes de uma das embarcações da frota voltaram a Portugal para dar notícias ao rei. Alguns homens ficaram no local e o restante da expedição seguiu viagem para Calicute, na Índia, onde chegaram em setembro de 1500.

TALES AZZOPULSAR IMAGENS



Praia de Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabrália, estado da Bahia, 2017. Esse é o provável lugar onde a esquadra de Cabral desembarcou.



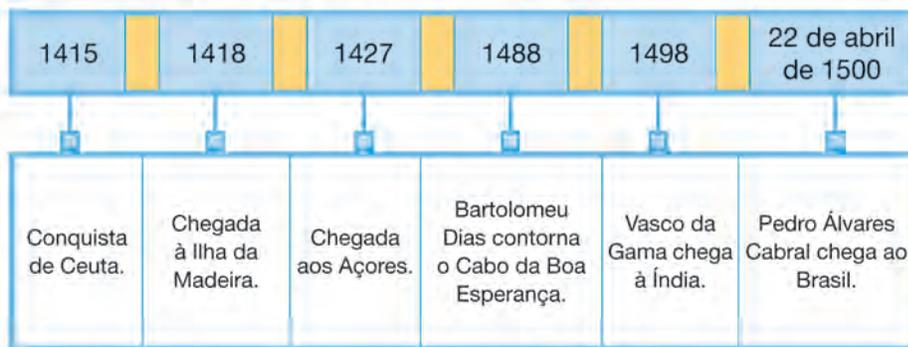
Os indígenas na Carta de Pero Vaz de Caminha

Traziam alguns deles arcos e setas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos. Bebiam alguns deles vinho; outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem, o beberão de boa vontade. Andavam todos tão dispostos, tão bem-feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha, quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos batéis. Andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós andávamos entre eles. [...]

CAMINHA, Pero Vaz. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>.

Acesso em: 21 dez. 2017.

6 Observe a linha do tempo com os principais marcos das expedições portuguesas e as rotas marcadas no mapa abaixo.



Expedições portuguesas durante as Grandes Navegações



Fontes: *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: FAE, 1988. p. 112-113. *Atlas histórico*. São Paulo: Britannica, 1997. p. 88; HALE, John R. *Idade das explorações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 54. DUBY, Georges. *Atlas histórico mundial*. Barcelona: Larousse, 2010. p. 123.

• Preencha os quadros com números de 1 a 6, seguindo a ordem cronológica da chegada dos portugueses aos locais indicados no mapa.

3 Açores.	4 Cabo da Boa Esperança.	6 Brasil.
2 Ilha da Madeira.	5 Índia.	1 Ceuta.

7 Quais trocas aconteceram entre os portugueses e indígenas no Brasil nos primeiros contatos entre eles?

Os portugueses encontraram os nativos e lhes ofereceram chapéus, colares e crucifixos. Em troca, receberam dos indígenas cocares, arcos e flechas.

Sistema de trocas comerciais do povo Mehinako

A troca de itens comerciais especializados constitui uma base importante do sistema alto-xinguano. [...] A especialidade tradicional dos Mehinako no comércio é o sal obtido durante a estação seca, em agosto. Nesse período, todos os habitantes da aldeia disponíveis para fazer a viagem vão até um sítio de aldeia tradicional, onde cada família trabalha para produzir o sal [...]. Esse ingrediente é um elemento central na culinária mehinako, sendo também muito estimado pelos outros xinguanos, que se apresentam ao longo do ano na aldeia mehinako para trocar tigelas de madeira, vasos de cerâmica, colares e cintos de conchas por grandes quantidades de sal.

Povos Indígenas no Brasil. *Mehinako*: Sistema de trocas comerciais. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/mehinako/784>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

- As atividades 7 e 8, sobre as expedições portuguesas e os primeiros contatos com indígenas no Brasil, auxiliam no desenvolvimento das habilidades EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização e EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
- Atividade 7. Oriente os alunos a identificar no mapa os locais citados na linha do tempo, tentando seguir a ordem cronológica apresentada. Depois, peça que preencham os quadros em branco com a ordem correta da chegada dos portugueses aos locais destacados. Aproveite essa atividade para retomar os conteúdos trabalhados no capítulo.

Objetivos

- Revisar os conteúdos aprendidos nesta unidade.
- Aprofundar a compreensão sobre as primeiras trocas comerciais e as rotas comerciais marítimas.
- As **atividades 1 e 2** sobre as primeiras trocas comerciais ajudam a desenvolver as habilidades **EF04HI05: Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções e EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.**
- Leia o boxe *O que você aprendeu* para os alunos e faça uma pausa entre cada item. Estimule-os a verificar os conhecimentos adquiridos e a realizar uma autoavaliação com base na leitura dos temas estudados.
- Após a autoavaliação, procure conversar com os alunos, identificando suas dificuldades. Com essas informações, você poderá organizar um plano de revisão ou de aprofundamento dos conteúdos estudados.
- **Atividade 1.** Reproduza a atividade na lousa e retome com os alunos os principais eventos que marcaram as primeiras trocas comerciais.



O que você aprendeu

- ✓ As primeiras trocas comerciais eram diretas, de um produto por outro. Com o surgimento da moeda, essas trocas se tornaram mais práticas.
- ✓ A circulação de pessoas e mercadorias influenciou a ocupação dos espaços ao longo do tempo, como a região do mar Mediterrâneo, o Extremo Oriente e a América.
- ✓ A descoberta da rota do Cabo pelos portugueses permitiu chegar à Índia por um novo caminho.
- ✓ O comércio de especiarias e artigos de luxo motivou a busca por novas rotas comerciais e resultou na chegada dos europeus à América.

1 Enumere a sequência dos eventos sobre as primeiras trocas comerciais e o uso de moedas.



O valor de um produto, como um alimento, pôde ser determinado de acordo com o tempo necessário para sua produção.



O papel-moeda passou a ser muito utilizado durante o século XIX.



Há mais de 6 000 anos, as trocas eram diretas e os produtos trocados tinham o mesmo valor.



Há mais de 2 000 anos, moedas feitas de metais já eram utilizadas.



Em 1645, foram cunhadas as primeiras moedas no Brasil.



Há mais de 3 000 anos, alguns grupos começaram a utilizar objetos como conchas para realizar trocas comerciais.



2



Reúnam-se em grupos e escolham alguns objetos escolares que poderiam ser trocados. Os grupos devem estabelecer um sistema de equivalência entre os objetos. Por exemplo, quantos lápis seriam necessários em troca de um caderno? Montem uma tabela com os valores estipulados para cada objeto. Depois, cada grupo deverá explicar aos demais os critérios usados para definir os valores.



70

O Sistema Colonial

Efetivamente, a expansão ultramarina europeia, que se inaugura com os descobrimentos portugueses no século XV, significou, na sua primeira fase, digamos, pré-colonizadora, uma extraordinária redefinição da geografia econômica do ocidente pela abertura de novos mercados, montagem de novas rotas, conquista monopolista de novas linhas para a circulação econômica internacional; já na sua gênese, este movimento expansionista revela, pois, suas relações profundas com o Estado moderno em formação. Assim, enquanto tradicionalmente se procurava explicar os descobrimentos ultramarinos em função de fatores externos, extraeuropeus, a colocação moderna do problema encara a expansão ultramarina como produto das “condições particulares dos próprios países atlânticos”, isto é, são os problemas da economia da Europa Ocidental que levam ao esforço para a abertura de novas frentes da expansão comercial à abertura de novos mercados [...].

3 Encontre no diagrama as respostas dos itens a seguir.

- Embarcações fenícias usadas no comércio pelo Mediterrâneo. **Galés.**
- Atividade humana baseada na troca de produtos. **Comércio.**
- Mar localizado entre o sul da Europa, o norte da África e o oeste da Ásia. **Mediterrâneo.**
- Região para onde os pastores levavam os rebanhos no verão. **Montanhosa.**



4 Relacione os textos às imagens.



1 Caravela, gravura de Theodore de Bry, 1592.



2 Detalhe da caravana de Marco Polo (mercador veneziano) a caminho de Catai, na China. *Atlas Catalão*, 1375.



3 Pessoa comprando produtos pela internet, 2016.

3 Comércio virtual.

1 Comércio marítimo.

2 Comércio terrestre.

- A **atividade 3**, de localização de respostas dos itens no diagrama, e a **atividade 4**, para relacionar imagem e texto, ajudam a desenvolver as habilidades **EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamentos das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização** e **EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.**
- A **atividade 3** resgata um assunto importante trabalhado na unidade: o comércio no mar Mediterrâneo. Após a realização do exercício, converse brevemente com os alunos sobre a relação desse tema com a ocupação do espaço naquela região e o surgimento de novas rotas comerciais.
- Atividade 4.** Peça aos alunos que observem as imagens e descrevam o que está retratado. Em seguida, oriente-os a relacionar cada imagem ao texto correspondente.

[...] Mas, no processo de expansão, como é sabido, os europeus acabaram por descobrir (ou redescobrir) o Novo Mundo; aqui as condições diferiam radicalmente daquelas encontradas no Oriente; seria impossível prosseguir na exploração puramente comercial do ultramar, dado que inexistia nesta parte a produção organizada de produtos que interessassem ao mercado europeu [...] (e para preservar a soberania sobre elas, dado que a expansão se dá no quadro da competição entre as potências europeias), havia mister organizar aí a produção para o mercado da economia central, europeia; tornam-se indispensáveis ocupação, povoamento, valorização – colonização, em suma.

NOVAIS, Fernando A. Colonização e Sistema Colonial: Discussão de Conceitos e Perspectiva Histórica. In: *IV Simpósio dos Professores Universitários de História*. São Paulo, 1967. p. 231-250.

- A **atividade 5**, sobre o encontro de portugueses e nativos do continente americano, e a **atividade 6**, de descrição de uma embarcação, ajudam no desenvolvimento das habilidades **EF04HI06**: *Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização* e **EF04HI07**: *Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial*.
- **Atividade 5**. Leia o texto com os alunos e enfatize que ele foi escrito por um indígena. O texto aborda uma questão um tanto abstrata para a faixa etária dos alunos: o ato de nomear algo está relacionado ao ato de tomar posse. Para explicar essa questão, use o exemplo de animais de estimação. Quem dá o nome ao animal é seu dono, e, mesmo que o animal já tivesse um nome antes de ser adotado, o novo dono tem a opção de manter o nome anterior ou renomeá-lo. Na relação entre europeus e indígenas, aconteceu algo parecido. Ao dar nomes aos lugares, os indígenas passavam a ideia de que a terra era deles. Os portugueses, ao mudarem os nomes, manifestavam a intenção de se apropriar daquelas mesmas terras.
- **Atividade 6**. Para complementar a descrição da caravela, sugira aos alunos que façam um desenho da embarcação em uma folha avulsa com a maior riqueza de detalhes que conseguirem. Para isso, eles podem consultar as imagens das páginas 60, 62 e 63 do Livro do Estudante como modelo.

5 O texto a seguir foi escrito por um indígena. Ele discorre sobre os nomes dados pelos portugueses aos lugares que encontraram na América.

Antes de os portugueses chegarem,

cada lugar de nossa terra tinha um nome.

Os rios já tinham nome.

As lagoas já tinham nome.

Mas logo os portugueses trocaram os nomes de tudo.

O lugar onde eles encostaram as caravelas eles chamaram de Porto Seguro.

O primeiro morro que eles enxergaram eles chamaram de Monte Pascoal.

Os Tupinikim já tinham dado nome para esses lugares.

Os portugueses mudaram o nome da terra.

Mas não mudaram só o nome da terra.

Os portugueses roubaram a terra também.

Em: Eunice Dias de Paula; Luiz Gouveia de Paula; Elizabeth Amarante.

História dos povos indígenas: 500 anos de luta no Brasil. Petrópolis: Vozes/Cimi, 1993. p. 89.



BEATRIZ MARIANI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) De acordo com o texto, antes de os portugueses chegarem ao Brasil, qual povo indígena já tinha dado nome à terra, aos rios e às lagoas?

Os Tupinikim.

b) Qual foi o nome dado pelos portugueses ao lugar onde eles atracaram as caravelas? E ao primeiro monte que avistaram?

Porto Seguro foi o nome dado ao local onde aportaram. E o primeiro monte que avistaram chamaram de Monte Pascoal.

6 Descreva a caravela destacando as partes que tornaram essa embarcação tão importante naquela época.

Os alunos podem destacar que as caravelas eram feitas de madeira e tinham dois tipos de vela, uma para realizar manobras e outra impulsionada pelo vento, o que tornou a navegação mais rápida.

• **Sugestão de atividade: O olhar do ponto de vista indígena**

- De modo geral, quando se fala do choque entre culturas dos povos americanos e europeus, é utilizado como referência, na maioria das vezes, o relato do europeu, expresso nas cartas dos viajantes e na produção historiográfica.
- Atualmente é possível encontrar *sites*, livros e documentários produzidos por indígenas. É importante mostrar essas produções aos alunos para que eles possam romper desde cedo com o paradigma do preconceito em relação a esses povos.

7 Elabore uma legenda para a imagem a seguir.



Os alunos poderão elaborar legendas como: "Chegada dos europeus à América" ou "Contato dos europeus com os indígenas americanos".

8 A pintura a seguir representa portugueses aproximando-se das terras que seriam chamadas de Brasil.



Descobrimiento do Brasil, óleo sobre tela de Aurélio de Figueiredo, 1899.

a) O acontecimento representado na pintura ocorreu em que ano?

Em 1500.

b) O artista produziu a pintura no mesmo ano do acontecimento representado? Explique.

Não. Ele produziu em 1899 a representação de um acontecimento ocorrido em 1500.

c) O artista presenciou o acontecimento representado? Como ele conseguiu reconstituir a cena?

Não. Ele provavelmente reconstituiu a cena utilizando relatos escritos à época do acontecimento e a própria imaginação.

73

- As atividades 7 e 8, ambas de análise de imagem sobre a chegada de espanhóis e portugueses à América, ajudam a complementar o desenvolvimento das habilidades EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização e EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
- Atividade 7. Explique aos alunos que a ilustração é inspirada em pinturas históricas e converse com eles sobre a relação da imagem com o conteúdo estudado na unidade. A cena representa o encontro de espanhóis e indígenas americanos e é previsível que os alunos confundam com expedições portuguesas. Chame a atenção deles para a bandeira ilustrada na cena com as cores da Espanha: vermelha e amarela.
- Atividade 8. Leia para os alunos a legenda da obra de arte e proponha uma conversa sobre o título da tela e a data em que foi produzida. Estimule-os a perceber que na época em que a obra foi feita, em 1899, prevalecia ainda a ideia de que o Brasil foi "descoberto" pelos portugueses. Explique que as pinturas relativas à chegada de Cabral à América foram feitas muitos anos após esse acontecimento, por artistas que não estavam presentes naquele momento e incentive os alunos a levantar hipóteses sobre as fontes que podem ter sido utilizadas pelo artista.

- O documentário "Índios no Brasil – uma outra história", da TV Escola, de 1999, traz uma outra visão acerca da chegada dos portugueses e do contato com povos europeus. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/video/indios-no-brasil-uma-outra-historia>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- Apresente o vídeo aos alunos e, depois, questione-os sobre quais eram as ideias que tinham sobre os indígenas e o que mudou após assistirem ao documentário.
- Mostre também aos alunos o site Índio Educa, com conteúdo digital produzido pelos povos indígenas. Nesse site há informações sobre a história indígena, atualidades, produções digitais e material de apoio ao professor. Disponível em: <<http://www.indioeduca.org/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- Após as pesquisas, peça aos alunos que façam desenhos e pequenos relatos sobre o que aprenderam.

Objetivos

- Utilizar a imaginação e a dinâmica da escrita do relato de viajante para retomar alguns conteúdos estudados na unidade.
 - Estimular os alunos a utilizar o conhecimento adquirido nesta unidade na escrita do seu relato.
 - Incentivar o desenvolvimento da competência escritora dos alunos.
- A *Atividade divertida*, de produção textual sobre as grandes navegações, ajuda a desenvolver as habilidades **EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização** e **EF04HI07: Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial**.
- Converse com os alunos sobre viagens marítimas. Pergunte se algum deles já fez uma viagem de navio ou um passeio de barco. Em caso afirmativo, peça que conte aos colegas como foi a experiência.

Lúdico em sala de aula

As crianças geralmente gostam de imaginar que são outras pessoas ou que estão vivenciando novas experiências. Utilizar a imaginação estimula o desenvolvimento cognitivo dos alunos e os ajudam a trabalhar com os conteúdos históricos de forma divertida, sem fugir do imaginário infantil.

Atividade divertida

Observe a ilustração e imagine que você é um viajante dos anos 1400 que vai para um novo lugar. Escreva uma carta contando a um amigo que ficou no seu país de origem como foi sua viagem.

ILUSTRAÇÕES: WAGNER DE SOUZA

ANGRYDESIGNERS/SHUTTERSTOCK

Instrumentos de navegação.

Alimentação.

Escolha do destino e da rota.

74

A ludicidade aplicada na escola

A palavra Lúdico vem do latim *ludus*, que significa jogo, divertimento, gracejo, escola. Este brincar também se relaciona à conduta daquele que joga, que brinca e se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo: seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo. [...]

O lúdico pode trazer à aula um momento de felicidade, seja qual for a etapa de nossas vidas, acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam, de forma mais significativa.

[...] As aulas lúdicas devem transmitir os conteúdos, combiná-los, possibilitando que o aprendente perceba que não está apenas brincando em aula, mas que está armazenando conhecimentos. Não podemos optar pelo esvaziamento do conteúdo: aulas gostosas,

- Ilustre também o que você mais gostou de conhecer nessa viagem.



- Converse com os alunos sobre a cena retratada. Explique que se trata de um porto naval fictício do início do século XVI. Diga a eles que as bancas expõem objetos que podem ser adquiridos e levados na viagem, tais como instrumentos de navegação, mapas, alimentos e animais vivos, que seriam abatidos e preparados como refeição pelos marinheiros.
- Peça aos alunos que imaginem como seria uma viagem de navio que durasse várias semanas. Pergunte que itens seriam necessários para empreender uma viagem tão longa e oriente-os a, antes de iniciar seus relatos, definir os dados que nortearão o texto:
 - ✓ Destino e rota;
 - ✓ Instrumentos de navegação;
 - ✓ Alimentação;
 - ✓ Tripulação;
 - ✓ Horário de partida.
- Depois, oriente-os a reler alguns dos conteúdos desta unidade e questione-os se acrescentariam mais alguns elementos para compor a sua história. Os alunos precisam dominar o conteúdo para que consigam se colocar na posição de personagem central e relatar as aventuras em uma carta.

descontraídas, onde não se aprende nada. Durante estas atividades, o professor pode ter mais detalhadamente informações sobre cada aluno e redirecionar, se necessário, sua prática. Através de trabalhos lúdicos em grupo, no jardim de infância ou na pré-escola, ensinamos os alunos a compartilhar, dividir, interagir, respeitar os limites colocados para aquela atividade. O professor deve orientar as aulas para que todos se manifestem e produzam independente de suas capacidades. Nos primeiros anos escolares é muito importante deixar claro que cada sujeito é único, com diferentes construções lógicas e significações. Neste momento, em que o aluno entra no estágio das operações concretas, o lúdico aliado ao conhecimento é de fundamental importância.

ROLOFF, Eliana Margareth. A importância do lúdico em sala de aula.

Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf>>.

Acesso em: 22 dez. 2017.

Objetivos da unidade 3

- Avaliar os impactos da exploração e da imposição do modo de vida dos europeus sobre os povos indígenas.
- Reconhecer que os europeus atribuíram valor comercial à escravidão e integraram o trabalho escravo à economia colonial.
- Compreender o conceito de diáspora e sua utilização no tratamento das migrações forçadas de povos africanos.
- Compreender as matrizes étnico-culturais de formação do Brasil.

Competências específicas de História 1, 3, 4 e 5 da BNCC que se relacionam aos conteúdos desta unidade

- Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
- Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
- Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.



Habilidades da BNCC em foco nesta unidade

- **EF04HI01:** Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.
- **EF04HI05:** Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
- **EF04HI09:** Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.

Vamos conversar

A sociedade e a cultura brasileira são formadas por diversos grupos étnicos. Os indígenas já ocupavam o território antes da chegada dos portugueses e da migração forçada dos africanos. Outros grupos vieram da Europa e da Ásia apenas nos anos 1800.

1. Quais desses grupos étnicos compõem a sua identidade? **Resposta pessoal.**



- **EF04HI10:** Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
- **EF04HI11:** Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).

- Apresente a questão de abertura da unidade, explicando aos alunos o conceito de etnia, se necessário. Etnia se refere a um grupo de pessoas que têm algumas características comuns, como a língua, a origem e a forma de se vestir, por exemplo. Em seguida, peça a eles que reflitam sobre as influências étnicas que vêm de suas famílias ou de outros meios que convivem.

Competências específicas de Ciências Humanas 2, 3, 5 e 7 da BNCC que se relacionam aos conteúdos desta unidade

- Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
- Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
- Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
- Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

Objetivos

- Compreender o modo de representação dos europeus sobre os povos indígenas, levando em conta seus elementos ideológicos e a mentalidade do período.
 - Conhecer características do modo de vida dos Tupi à época da chegada dos portugueses.
 - Refletir sobre as trocas culturais realizadas com os povos indígenas para a adaptação dos portugueses ao território americano.
 - Avaliar os impactos da exploração e da imposição do modo de vida dos europeus sobre os povos indígenas.
 - Refletir sobre os direitos indígenas e a necessidade de sua efetivação.
-
- A abordagem desta dupla de páginas apresenta alguns aspectos do pensamento etnocêntrico vigente na Europa no século XVI. Estimule os alunos a refletir sobre como a visão que é nutrida sobre o outro representa, muitas vezes, valores e limitações de nossa própria visão de mundo.
 - Pergunte aos alunos o que eles sentiriam e como se comportariam diante de pessoas com quem nunca tiveram contato antes, com hábitos e aparência diferentes daqueles a que estão acostumados. Deixe que se expressem livremente, buscando compreender como foi a interação e quais foram as impressões mútuas entre indígenas e portugueses.

CAPÍTULO 1

Os povos indígenas

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram vários povos e um território muito diferente do europeu. O desconhecimento e o estranhamento os levaram a criar ideias sobre o recém-alcançado continente. Nos relatos enviados a Portugal, os viajantes descreviam as paisagens do Brasil como **exóticas**, com frutos e vegetais desconhecidos, florestas densas e cheias de animais perigosos. Por causa da riqueza natural e do calor, o Brasil era descrito como “paraíso terrestre”.

Os indígenas tinham hábitos diferentes daqueles dos europeus, como não usar vestimentas, possuir outro sistema de crença e viver da caça, da pesca e da agricultura de subsistência.

O estranhamento fez com que os portugueses considerassem os indígenas ora como bondosos, ora como selvagens. Essas representações dos nativos feitas pelos europeus eram formuladas com base no mundo que eles conheciam. Muitos artistas nunca estiveram no Brasil ou viram um indígena. Por isso, retratavam os costumes indígenas com base em seus valores e suas crenças. Os relatos dos viajantes portugueses foram usados por muitos artistas para produzir obras e cartas marítimas que circularam por muitos anos na Europa e reproduziam uma visão muitas vezes fantasiosa do Brasil e dos indígenas.



Tupinambás, gravura do livro *História de uma viagem feita à Terra do Brasil*, de Jean de Léry, Genebra, 1580.



Glossário

Exótico: que não é nativo do lugar, diferente, estranho.

Detalhe de *Terra Brasilis*, um dos mapas do *Atlas Miller*, produzido pelos cartógrafos portugueses Lopo Homem, Pedro Reinel e Jorge Reinel, com ilustrações de Antônio de Holanda, 1519.

78

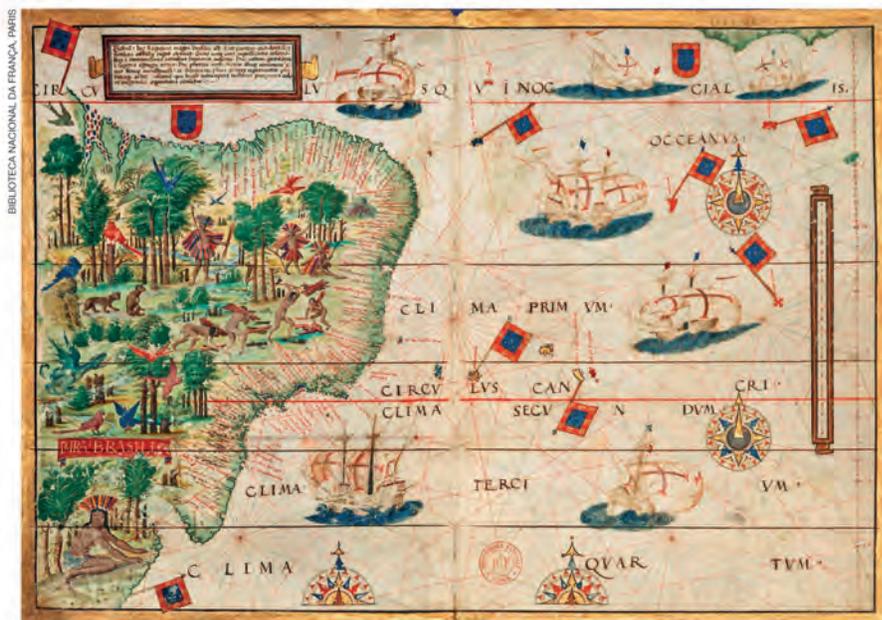
A diversidade cultural indígena

À sua maneira, as culturas indígenas expressam os grandes valores universais. Nas solenidades das festas, no refinamento dos vestidos e na pintura corporal, na educação dos filhos, na concepção sagrada do cosmos, elas manifestam a consciência moral, estética, religiosa e social. A diversidade de visões do mundo, do homem e dos modos de organização da vida, os conhecimentos e os valores transmitidos de pais para filhos, a tradição oral e a experiência empírica são a base e a força dos conhecimentos e dos valores. [...]

LUCIANO-BANIWA, Gersm dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006. p. 50. (Coleção Educação para todos). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

1 Por que os europeus retratavam os indígenas de forma fantasiosa?
Porque tinham como referência a Europa e seus costumes para representar as demais culturas.

2 Observe o mapa feito em 1519 para responder às questões.



Terra Brasilis, um dos mapas do *Atlas Miller*, produzido pelos cartógrafos portugueses Lopo Homem, Pedro Reinel e Jorge Reinel, com ilustrações de Antônio de Holanda, 1519.

a) Que momento o mapa está retratando? Essa imagem é uma representação real do Brasil ou imaginada pelos portugueses? Justifique.

O mapa retrata a chegada dos portugueses ao Brasil. Em 1519, no entanto, os portugueses conheciam apenas o litoral do Brasil; portanto, o mapa retrata o imaginário dos viajantes sobre o território.

b) Faça uma descrição detalhada de como o Brasil e a população nativa são representados no mapa.

O Brasil é representado por florestas com diversos tipos de animais, e os indígenas são retratados realizando várias atividades, como a extração do pau-brasil.

79

- Explique aos alunos que é possível saber sobre a visão que os europeus tinham sobre os indígenas, muitas vezes irreais, com base nos relatos e nas ilustrações feitas na época em que chegaram até os dias de hoje. A impressão dos indígenas sobre os europeus, no entanto, se perdeu ao longo do tempo, uma vez que esses povos têm tradição oral, não escrita, de registro.
- Comente que o manuscrito *Terra Brasilis* foi elaborado no século XVI e representa a concepção dos europeus sobre a América. Explique à turma que os contornos territoriais não eram iguais aos apresentados hoje nos mapas. Se possível, leve um mapa do Brasil atual para a sala de aula e peça aos alunos que identifiquem algumas semelhanças e diferenças entre esses contornos.
- As atividades 1 e 2, de análise das representações europeias sobre os povos indígenas e o continente americano, contribuem para o desenvolvimento da habilidade EF04HI10: *Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira* e da competência específica de Ciências Humanas 7 da BNCC: *Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.*

Visões do “paraíso”

A possibilidade sempre iminente de algum prodígio, que ainda persegue os homens daquele tempo, [...] não deixará de afetá-los, mas quase se pode dizer que os afeta de modo reflexo: através de idealizações estranhas, não em virtude da experiência. É possível que, para muitos, quase tão fidedignos quanto o simples espetáculo natural, fossem certos partos da fantasia: da fantasia dos outros, porém, não da própria. Mal se esperaria coisa diversa, aliás, de homens em quem a tradição costumava primar sobre a invenção, e a credulidade sobre a imaginativa. De qualquer modo, raramente chegavam a transcender em demasia o sensível, ou mesmo a colorir, retificá-lo, complicá-lo, simplificá-lo, segundo momentâneas exigências.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 36.

- Converse com os alunos sobre o início da colonização portuguesa na América da perspectiva do indígena. Pergunte a eles como supõem que era o modo de vida dos indígenas quando os europeus chegaram ao continente americano. Anote as respostas na lousa e peça que as copiem no caderno. Após a leitura do texto e a explicação do conteúdo, repita a pergunta.
- Compare as respostas que eles deram antes e depois da explicação. Se houver respostas diferentes, peça que justifiquem por que mudaram de opinião. Em seguida, destaque as trocas culturais entre indígenas e europeus e a importância da tradição indígena na formação cultural brasileira.
- Estimule os alunos a refletir sobre o choque de valores entre indígenas e portugueses. Enquanto uns tinham o modo de vida completamente integrado à natureza e precisavam de seu equilíbrio, os outros buscavam explorar os recursos para gerar lucros no comércio europeu.
- Comente que nas sociedades indígenas do grupo Tupi, no início da colonização do Brasil, havia uma clara divisão das tarefas: os homens caçavam e derrubavam a mata, ao passo que as mulheres se dedicavam ao plantio e ao cuidado das crianças. Comente também que existiam atividades que cabiam a todos, homens, mulheres e crianças, como a pesca e a coleta de frutos, raízes e folhas.

O encontro entre os Tupi e os portugueses

Em 1500, o território da Bahia era ocupado pelos **Tupi**. Eles não se chamavam índios. Esse nome foi dado pelos portugueses por acreditarem terem chegado às Índias. Os Tupi viviam no litoral brasileiro, em aldeias com cerca de trezentos a dois mil habitantes. Além de caçar e pescar, cultivavam mandioca, milho, batata-doce, algodão, abacaxi, guaraná e pimenta. O trabalho era dividido entre homens e mulheres e visava à subsistência. Eles se banhavam várias vezes ao dia, pintavam seus corpos com tintas extraídas de frutos como o urucum e o jenipapo e usavam colares, brincos e pulseiras feitos de sementes e penas de aves. Além dos Tupi, outros povos, como os Guarani, os Botocudo, os Caingangue e os Tupinambá, viviam no litoral brasileiro.

Quando os portugueses chegaram, houve um estranhamento entre os dois povos. Como não conheciam o território, os portugueses tiveram de se adaptar aos costumes tupis. Eles fizeram alianças em busca de segurança, alimentação e facilidades para extrair o pau-brasil.

O pau-brasil era derrubado pelos indígenas e trocado por tecidos, facas e outros objetos. Mas eles se recusavam a cortar grandes quantidades da árvore, pois não entendiam a necessidade de lucro dos europeus. Isso gerou um conflito e os portugueses começaram a aprisionar os indígenas e explorar a sua mão de obra. Eles intensificaram a colonização e começaram a impor o seu modo de vida aos indígenas.



Árvore de pau-brasil localizada em praça do município de São Paulo, estado de São Paulo, 2017. Assim como as especiarias, o pau-brasil era muito valorizado na Europa. Além do uso da madeira para fazer móveis e instrumentos musicais, sua tinta era usada para escrever e tingir tecidos.



Dois grandes grupos indígenas

Quando os europeus chegaram à terra que viria a ser o Brasil, encontraram uma população ameríndia bastante homogênea em termos culturais e linguísticos, distribuída ao longo da costa e na bacia dos rios Paraná-Paraguai. Admitida a homogeneidade, podemos distinguir dois grandes blocos subdividindo essa população: [...] Os tupis, também denominados tupinambás, dominavam a faixa litorânea do norte até Cananeia, no sul do atual Estado de São Paulo; os guaranis localizavam-se na bacia Paraná-Paraguai e no trecho do litoral entre Cananeia e o extremo sul do que viria a ser o Brasil. Apesar dessa localização geográfica diversa, falamos em conjunto tupi-guarani, dada a semelhança de cultura e de língua.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 14.

3 Como eram os hábitos dos Tupi?

Eles praticavam a agricultura de subsistência, vivendo da caça, da pesca e do cultivo de frutos e vegetais, viviam em aldeias e dormiam em redes e esteiras.

4 Explique por que os portugueses precisaram se adaptar aos costumes indígenas.

Como eles não conheciam o território, precisaram se adaptar para ter segurança, alimentar-se e conseguir praticar o comércio de pau-brasil.



Crianças indígenas Guarani Mbyá brincando na região de Parelheiros, município de São Paulo, estado de São Paulo, 2010.

5 Reúna-se com dois ou três colegas e pesquisem quais povos indígenas viveram ou ainda vivem na região em que vocês moram. Faça uma lista de seus hábitos, costumes e crenças religiosas nas linhas a seguir. Depois, em uma folha de papel sulfite, façam uma ilustração representando o cotidiano desse grupo.

Orientações no Manual de orientações e subsídios ao professor.

- Destaque que a descrição do modo de vida indígena apresentado diz respeito somente aos indígenas do grupo Tupi na época das navegações portuguesas. Comente ainda que as culturas indígenas mudam com o passar do tempo e que as culturas indígenas de hoje podem ser diferentes daquelas do passado.
- Explique aos alunos que, a princípio, os portugueses precisaram se adaptar aos costumes indígenas para sobreviver: alimentação, caça, pesca, vestuário, medicamentos, entre outros. Somente depois do início da colonização eles passaram a trazer alimentos e utensílios e a transmitir alguns de seus costumes aos indígenas.
- A atividade 5, de pesquisa sobre as comunidades indígenas locais, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI10**: *Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.*

• **Sugestão de atividade: Elaborar um texto sobre o cotidiano indígena**

- Peça aos alunos que imaginem que estão vivendo em uma aldeia indígena, antes da chegada dos portugueses ao Brasil. Com base nas informações estudadas, eles devem elaborar um pequeno texto contando como é o cotidiano na aldeia, seguindo o roteiro de questões: "Como são a aldeia e a moradia em que você vive? A que horas você e sua família acordam? Quais alimentos são consumidos? Quais são as atividades diárias? Quais brincadeiras são praticadas na aldeia? Você e seus familiares participam de alguma cerimônia ou festa? Qual ou quais?".
- Após escreverem o texto, os alunos podem escolher uma das respostas para ilustrar.

- Destaque para os alunos que, para as sociedades indígenas, a terra era um bem coletivo, assim como o alimento obtido por meio do plantio, da pesca, da caça ou da coleta de frutos e de raízes. Dessa forma, não havia entre eles nem ricos nem pobres, pois os bens eram comuns à aldeia. Por isso, os nativos tinham grande dificuldade em compreender a noção de propriedade individual dos europeus.
- Como aponta o breve panorama descrito na página 82, o avanço da colonização portuguesa na América significou cada vez mais morticínio de indígenas, fosse pela posse e exploração de suas terras, fosse por mazelas como doenças e guerras trazidas pela sua presença. É importante ressaltar aos alunos o declínio contínuo do número de indígenas no continente: desde 1500, foi progressiva a redução das populações indígenas, que sofreram períodos de exploração, deslocamento e extermínio, sendo os povos que vivem hoje marcados por uma trajetória de resistência. De acordo com o Instituto Socioambiental, há porém, boas notícias: tem-se verificado um crescimento populacional entre os indígenas no século XXI.

O território indígena

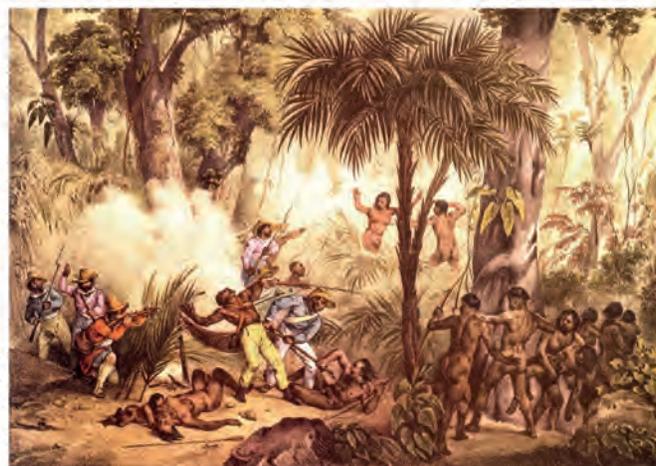
Em 1500, a população indígena era de cerca de quatro milhões de pessoas, organizadas em mais de mil grupos étnicos, que ocupavam todo o território brasileiro. Com a colonização, as terras indígenas e a quantidade de povos nativos diminuíram muito. Os indígenas eram vistos pelos colonizadores como um “obstáculo” à ocupação das terras, pois resistiram ao processo de colonização criando estratégias, alianças e até guerras para defender seu território.

A partir de 1530, as terras indígenas do litoral brasileiro foram sendo ocupadas pelos portugueses com o objetivo de extrair pau-brasil e instalar feitorias e engenhos de cana-de-açúcar.

Nos anos 1600 e 1700, com a descoberta das minas de ouro, começou a exploração das terras indígenas na região onde hoje estão localizados os estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. As terras indígenas foram ocupadas por pequenas vilas comerciais e aldeamentos jesuíticos. Com a ocupação do seu território, muitos indígenas fugiram para o interior das matas para evitar o aprisionamento e outros passaram a viver nos aldeamentos.

Após 1750, os portugueses começaram a ocupação dos chamados “sertões” do Brasil, sobretudo na região amazônica. Nos anos 1900, o cultivo de café nas regiões Sul e Sudeste e a construção de ferrovias desalojaram mais indígenas de suas terras.

O processo de colonização levou à extinção centenas de grupos indígenas e reduziu muito as áreas ocupadas por eles. Em 1823, o número de indígenas no Brasil não chegava a um milhão. Hoje, esse número é de 817,9 mil indivíduos, distribuídos em 305 etnias.



Guerrilhas, gravura do álbum *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Johann Moritz Rugendas, Paris, 1835.

A situação demográfica dos indígenas no Brasil

Alguns autores estimam a população indígena no século XVI entre 2 e 4 milhões de pessoas, pertencentes a mais de 1.000 povos diferentes; Darcy Ribeiro afirma que desapareceram mais de 80 povos indígenas somente na primeira metade do século XX, sendo que a população total teria diminuído, de acordo com esse autor, de 1.000.000 para 200.000 pessoas. O extermínio de muitos povos indígenas no Brasil por conflitos armados, as epidemias, a desorganização social e cultural são processos de depopulação que não podem ser tratados sem uma análise das características internas e da história de cada uma dessas sociedades. Estudos sobre os diferentes impactos que uma mesma epidemia teve sobre diferentes povos ainda estão por surgir; as relações entre esses povos e diferentes agências indigenistas ou frentes de colonização e seus impactos na dinâmica demográfica de suas populações também não foram ainda estudadas.

- 6 Por que os indígenas eram vistos pelos colonizadores como um "obstáculo"?

Porque os colonizadores queriam ocupar a terra e os indígenas resistiam e defendiam seu território.

- 7 Observe a imagem para responder às questões.



Desmatamento de uma floresta, gravura do álbum *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Johann Moritz Rugendas, Paris, 1835.

- a) Descreva a imagem e o que ela está representando.

A derrubada de florestas brasileiras com mão de obra africana escravizada.

- b) Explique como essa atividade colaborou para diminuir o número de terras indígenas.

A abertura das matas para a exploração do pau-brasil e das minas de ouro e para a criação de rotas comerciais obrigava os indígenas a migrar para outras regiões, retirando-os de seus territórios.

83



- A atividade 7, de análise iconográfica, contribui para o desenvolvimento da habilidade EF04HI05: *Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções e da competência específica de Ciências Humanas 3 da BNCC: Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.*
- Auxilie os alunos a interpretar a imagem e a refletir sobre as consequências da ação nela representada. Este pode ser um bom momento para conversar com a turma sobre a mão de obra africana escravizada utilizada no Brasil nesse período. Problematize também o nome da gravura e as intenções do pintor ao representar tal acontecimento.
- Estimule os alunos a refletir sobre a relação entre indígenas e portugueses, ressaltando que esta foi marcada por trocas, mas também pela exploração dos portugueses sobre os indígenas e ações de resistência. É importante que compreendam a complexidade desse contato e como ele transformou a história de ambas as partes.

Para você acessar

Quadro geral dos povos indígenas do Brasil

Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

A partir de análises demográficas e antropológicas de populações autóctones de diferentes regiões colonizadas pelos europeus, sabe-se que, após um longo período de perdas populacionais causadas por guerras, epidemias e pelos processos de escravização, os povos indígenas iniciam um processo de recuperação demográfica, muitas vezes consciente. [...]

Em estimativas feitas por diversos estudiosos, antropólogos, demógrafos ou profissionais de saúde, constata-se que a maioria dos povos indígenas tem crescido, em média, 3,5% ao ano, muito mais do que a média de 1,6% estimada para o período de 1996 a 2000 para a população brasileira em geral.

Instituto Socioambiental. Quantos são e quantos serão. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quantos-sao/quantos-eram-quantos-serao>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

Objetivos

- Identificar contextos de violência contra os povos indígenas na História do Brasil.
 - Reconhecer alguns dos direitos fundamentais dos povos indígenas na atualidade.
 - Compreender a importância da educação indígena.
 - Apresentar um evento e enumerar suas causas e consequências.
 - Observar e interpretar informações contidas em um mapa.
- Leia o texto em voz alta e pergunte aos alunos o que compreenderam. Explique a eles que, no passado, também havia leis contra a violência aos indígenas, mas eram menos rigorosas que as atuais. Além disso, tanto no passado como no presente as leis que visam proteger os povos indígenas são frequentemente desrespeitadas.
 - Destaque que nos dias de hoje uma das principais razões da violência contra indígenas é a disputa por suas terras. Explique a eles que a terra é um bem essencial ao modo de vida de muitos grupos indígenas.
 - Converse com os alunos sobre a educação indígena e sobre a importância de as escolas indígenas terem professores indígenas que fazem parte da comunidade e ensinam tanto os conhecimentos tradicionais quanto outros considerados "universais".

Para ler e escrever melhor

O texto que você vai ler apresenta algumas **consequências** da chegada dos portugueses às terras indígenas e informações de como interpretar um mapa.

A violência contra os indígenas

Quando os portugueses chegaram ao território que atualmente forma o Brasil, havia cerca de quatro milhões de indígenas. Ao longo do tempo, com o contato entre os dois povos, grande parte da população indígena foi morta.

- Muitos indígenas morreram por causa de doenças trazidas pelos portugueses, como a gripe, o sarampo e a varíola, pois o organismo deles não tinha defesas contra esses males.
- Diversos indígenas tornaram-se escravos dos portugueses, e muitos morreram por trabalhar em atividades forçadas.
- Na guerra pelo domínio das terras, outro grande número de indígenas morreu em combate contra os portugueses.
- Parte dos indígenas que sobreviveram teve de deixar as terras que ocupava e partiu em direção ao interior para fugir dos portugueses.

A garantia dos direitos indígenas

De acordo com a lei, os indígenas são considerados os primeiros e naturais senhores da terra. Por isso, há leis que os protegem, garantem sua sobrevivência e a continuidade de seus modos de vida.

As escolas indígenas

No Brasil, leis garantem o ensino de línguas indígenas e a transmissão dos costumes desses povos. Em muitas aldeias, há escolas com professores indígenas habilitados. As crianças aprendem a língua e a cultura do seu povo e também a língua portuguesa. Para os indígenas, é importante saber português para entender os não indígenas e para defender os seus direitos.

Indígenas do grupo Kayapó na Escola Municipal Indígena do município de São Félix do Xingu, estado do Pará, 2016.

84



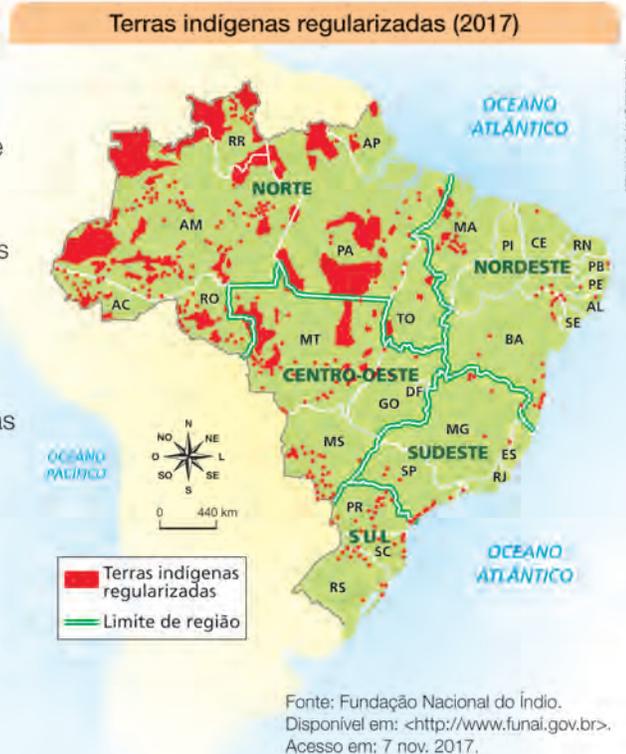
Mortandade indígena

Povos e povos indígenas desapareceram da face da terra como consequência do que hoje se chama, num eufemismo envergonhado, “o encontro” de sociedades do Antigo e do Novo Mundo. Esse morticínio nunca visto foi fruto de um processo complexo cujos agentes foram homens e microrganismos, mas cujos motores últimos poderiam ser reduzidos a dois: ganância e ambição, formas culturais da expansão do que se convencionou chamar o capitalismo mercantil. Motivos mesquinhos e não uma deliberada política de extermínio conseguiram esse resultado espantoso de reduzir uma população que estava na casa dos milhões em 1500 aos poucos 800 mil índios que hoje habitam o Brasil.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 12.

As terras indígenas

Os indígenas têm o direito de viver nas terras que tradicionalmente ocupam. Para garantir esse direito, existem locais demarcados, de uso exclusivo dos indígenas, chamados terras indígenas. Dessa forma, todas as riquezas naturais das terras em que vivem, como a madeira das árvores, os peixes do rio, as plantas, os animais e os minérios, podem ser exploradas somente para a sobrevivência dos indígenas. Nem sempre, porém, é o que acontece. Todas essas riquezas atraem empresas e não indígenas interessados em explorá-las. Em muitos casos, ocorrem confrontos entre indígenas e não indígenas.



1 Em qual região está localizada a maior parte das terras indígenas regularizadas?

Região Norte.

2 Quais regiões tinham menos terras indígenas regularizadas em 2017?

Regiões Sul e Sudeste.

3 Escreva três causas que provocaram a morte de um grande número de indígenas.

Doenças às quais eles não eram imunes.

Trabalho forçado como escravos.

Confrontos entre indígenas e colonizadores.

85

- **Atividade 1.** Solicite aos alunos que observem o mapa e chame a atenção para as áreas em vermelho, que representam as terras indígenas regularizadas. Explique a eles que a maioria se concentra no interior e na Região Norte, pois, ao longo do tempo, os indígenas tiveram de fugir da escravidão e da violência de não indígenas.
- **Atividade 2.** Com base nas respostas dos alunos, retome as principais formas de violência a que ficaram submetidos no contato com europeus e seus descendentes: disputa pela terra, escravidão, doenças e migrações forçadas.
- A **atividade 3**, de interpretação de texto, contribui para o desenvolvimento da competência específica de Ciências Humanas 5 da BNCC: *Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.*

Domínio da Linguagem

Sempre que há necessidade de escrever sobre as consequências causadas por algum evento, é melhor começar pela enumeração para organizar os acontecimentos. Além disso, por meio da observação de um mapa, é possível sugerir hipóteses sobre o que ocorreu naquele lugar e época.

Os direitos dos indígenas na Constituição Federal

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º. São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. [...]

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Título VIII da Ordem Social. Capítulo VIII dos Índios. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15 jan. 2018.

Objetivos

- Conhecer aspectos do comércio realizado entre os europeus e os povos africanos.
 - Compreender que existiam algumas formas de escravidão no continente africano antes da chegada dos europeus e que a chegada desses povos à África alterou a prática da escravidão naquele continente.
 - Reconhecer que os europeus atribuíram valor comercial à escravidão e integraram o trabalho escravo à economia colonial.
 - Entender o modo de realização do tráfico de pessoas escravizadas neste contexto.
 - Compreender o conceito de diáspora e sua utilização no estudo das migrações forçadas de povos africanos.
 - Reconhecer a diversidade de povos africanos.
 - Criticar situações de racismo e preconceito étnico.
 - Discutir a importância de ações afirmativas compreendendo a situação do negro no Brasil contemporâneo.
- Inicie a abordagem do assunto apresentando o conceito de diáspora aos alunos. Comente que esse termo é utilizado para caracterizar grandes deslocamentos populacionais que partem de um lugar em direção a vários lugares. Esses deslocamentos são geralmente provocados por motivações políticas, como perseguições, ou econômicas, como a exploração do trabalho dos africanos.

CAPÍTULO 2

A diáspora africana

A partir de 1550, milhares de homens e mulheres africanos foram trazidos para a América e obrigados a trabalhar como escravos. Esse processo é conhecido como **diáspora africana**. Apenas para o Brasil, entre os anos 1550 e 1850, vieram mais de quatro milhões de africanos.

Por muito tempo, existiu a ideia de que a África era um continente sem diversidade étnica e que os africanos que vieram para o Brasil pertenciam a um mesmo povo e não possuíam registros históricos. No entanto, a África é um imenso continente que abriga diversos povos e culturas diferentes, como os egípcios e os Khoisan.

No Brasil, os primeiros africanos vieram da região do **Golfo da Guiné**, onde hoje se localizam os países Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Gana, Nigéria, Congo, Guiné, Angola e República Democrática do Congo. Nessa região viviam os povos iorubás e os bantos. Havia e há, portanto, muita diversidade, com estruturas sociais, culturais e linguísticas bastante diferentes umas das outras.

Os **reinos iorubás**, por exemplo, eram organizados em cidades com até 20 mil habitantes e tinham um comércio ativo com outros povos. Eles partilhavam costumes religiosos e culturais e falavam a mesma língua.

Os **reinos bantos** eram divididos em províncias administradas por chefes escolhidos pelo rei, a exemplo do reino do Congo, onde o rei governava junto a um conselho de nobres. Os membros do conselho exerciam diversas atividades, como a de fiscal e a de coletor de impostos.

Também vieram para o Brasil pessoas de outros povos, como os malês, que eram da **cultura islâmica**.

Ao chegarem ao Brasil, os indivíduos desses grupos eram separados e vendidos como escravos. Além disso, tinham de viver em um lugar desconhecido, com pessoas que não falavam sua língua e tinham hábitos e costumes diferentes.



Pessoas do grupo Khoisan brincando em vila próxima do deserto Kalahari, Namíbia, 2015. Os Khoisan vivem hoje em pequenos grupos no sul da África e preservam parte de sua cultura caçadora, coletora e pastoril.

Glossário

Cultura islâmica: cultura caracterizada pela religião fundada por Maomé, que tem como base o livro sagrado *Corão*.

Diáspora: dispersão de um povo em consequência de preconceito, conflito ou perseguição política.

Diversidade cultural africana e afro-brasileira

Os africanos, que aportaram em nosso território na condição de escravos, são vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileiras, embora tenha sido ele a mão de obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canavieira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes momentos de nosso processo histórico. Quando se trata de abordar a cultura dessas minorias, ela é vista de forma folclorizada e pitoresca, como mero legado deixado por índios e negros, mas dando-se ao europeu a condição de portador de uma “cultura superior e civilizada”.

1 Explique o que foi a diáspora africana.

Foi a migração forçada de povos africanos para a América entre os anos 1550 e 1850.

2 Por muito tempo, afirmou-se que os africanos que vieram para o Novo Mundo pertenciam a um mesmo povo. Explique por que essa afirmativa está errada.

Porque a África é um continente enorme que possui diferentes povos e culturas. Apenas para o Brasil, vieram três diferentes grupos culturais: os bantos, os malês e os iorubás.

3 A foto representa uma festa regional muito comum no Brasil: a congada. Você conhece ou já participou dessa festa? Faça uma pesquisa e responda às questões.



Festa do Congo ou de Nossa Senhora de Fátima, município de Milagres, estado do Ceará, 2016.

a) Quais são as características dessa festa?

Os grupos escolhem um rei e uma rainha para a festa, fazem cortejos e danças.

b) Em quais estados do Brasil ela acontece?

Em vários estados, como Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Ceará e outros.

c) Qual é a relação dessa festa com a cultura dos povos africanos que vieram para o Brasil?

A congada é uma referência à festa de coroação dos reis no Congo e tem influência dos povos bantos que vieram para o Brasil.

87



- Pergunte aos alunos como eles imaginam as populações e o meio natural do continente africano. É bastante forte, na imaginação popular, a ideia de sociedades tribais e da região de savana, com animais típicos, como leões, zebras e hienas. Procure ampliar esse quadro trazendo fotografias de grandes cidades e diversos países da África.
- Comente que na África, na época das navegações, havia diversos reinos e oriente-os a ler o texto da página 86, que trata sobre alguns deles. Explique aos alunos que tais reinos eram muito diferentes dos que existiam na Europa, pois se formavam a partir de alianças entre os chefes de aldeias.
- As atividades 1 e 2, de interpretação e elaboração de texto, contribuem para o desenvolvimento da habilidade EF04HI09: *Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.*
- A atividade 3, de análise iconográfica e pesquisa, contribui para o desenvolvimento da competência específica de História 1 da BNCC: *Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.*

Para seu aluno ler

Todas as cores do negro, de Arlene Holanda, editora Conhecimento.

Currículos e manuais didáticos que silenciam e chegam até a omitir a condição de sujeitos históricos às populações negras e ameríndias têm contribuído para elevar os índices de evasão e repetência de crianças provenientes dos estratos sociais mais pobres. A grande maioria adentra nos quadros escolares e sai precocemente sem concluir seus estudos no ensino fundamental por não se identificar com uma escola moldada ainda nos padrões eurocêntricos, que não valoriza a diversidade étnico-cultural de nossa formação.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cadernos Cedex*, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005.

- Converse com os alunos sobre trabalho assalariado e trabalho voluntário. Explique a eles que nem todo trabalho é remunerado, mas que, por lei, todo trabalho deve ser livre. Complemente que está incluída nessa liberdade o direito de mudar de empregador, o que é bastante comum.
- Compare o trabalho livre ao trabalho escravo. Explique a eles que o trabalho escravo, além de não ser remunerado, não é livre, pois o escravizado não pode escolher “mudar de dono”.
- Solicite aos alunos que leiam o texto da página 88 e pergunte se há dúvidas. Descreva o cenário econômico da América portuguesa, que era baseado na produção agrícola de exportação, especialmente a de açúcar.
- Explique que a escravidão que existia na África era muito diferente da escravidão na América portuguesa. Por ser uma atividade comercial, a escravização do negro africano pelos colonizadores europeus atingiu grandes proporções, causando o despovoamento de muitas regiões da África e mudando a composição étnica da população do continente americano.

O contato entre africanos e europeus

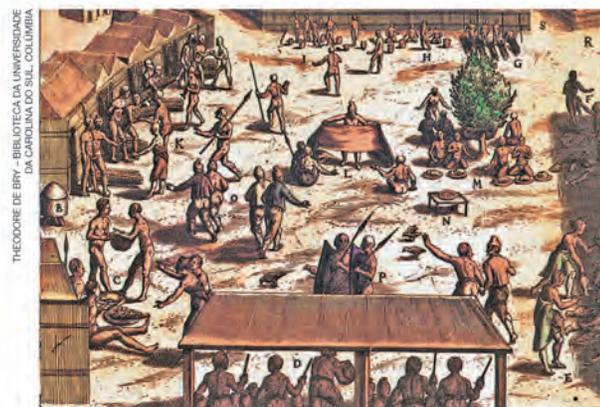
Vários mercadores europeus se interessaram em comprar e vender produtos na África. Eles levavam diversas mercadorias para ser comercializadas com os povos africanos, como tecidos da Índia, armas de fogo, bebidas e cavalos. Em contrapartida, buscavam na África ouro, marfim e africanos para serem vendidos como escravos.

A escravidão já existia na África antes da chegada dos europeus. Em algumas regiões da Europa, como na Itália e na Grécia, a escravidão também já havia sido praticada. Na África, na maioria das vezes, uma pessoa poderia tornar-se escrava ao ser capturada como prisioneira durante uma guerra, ao não pagar dívidas ou ao cometer um crime. A compra e a venda de escravos, porém, não eram frequentes. A chegada dos europeus modificou a prática da escravidão, transformando-a em uma atividade comercial de compra e venda de humanos.

Como o comércio de escravos era uma atividade muito lucrativa, comerciantes africanos e portugueses passaram a capturar pessoas para serem vendidas como escravas na América.

No momento em que eram comprados na África, os prisioneiros capturados tinham o corpo examinado para avaliar suas condições de saúde. Depois, eram embarcados nos navios negreiros em direção à América, onde trabalhariam como escravos.

As condições nos navios eram péssimas: os africanos capturados viajavam amontoados em porões baixos e abafados, onde mal se podia ficar em pé, eram mal alimentados e recebiam castigos. Muitos não suportavam as duras condições, adoeciam e morriam durante a viagem.



Gravura de Theodore de Bry, fim do século XVI, representando trocas entre africanos e europeus em um ponto da costa africana.



Desembarque de escravos no Rio de Janeiro, litografia de Johann Moritz Rugendas, 1824.

• Sugestão de atividade: Análise de imagens

- Solicite aos alunos que observem as gravuras de Theodore de Bry e Johann Moritz Rugendas. Depois peça que identifiquem os locais, a data de produção e quais elementos estão representados em cada imagem.
- Escreva na lousa as respostas dos alunos. Com esses dados, solicite que elaborem um pequeno texto identificando elementos comuns nas gravuras e relacionando-os à prática de comércio entre os europeus e os africanos.

4 Sobre o comércio entre europeus e africanos, responda.

a) O que os europeus buscavam na África?

Ouro, marfim e africanos, que eram vendidos como escravos.

b) Que produtos os europeus levavam para ser comercializados na África?

Tecidos, cavalos, armas de fogo e bebidas.

5 Como era a escravidão na África:

a) antes da chegada dos europeus?

As pessoas eram escravizadas em guerras, por dívida ou por cometerem crimes, mas eram raras as vendas de escravos.

b) depois da chegada dos europeus?

A venda de escravos tornou-se um comércio muito lucrativo. Com isso, muitos africanos passaram a ser perseguidos e caçados para ser vendidos na América.

6 Observe a imagem e descreva as condições de viagem nos navios negreiros.



Ilustração atual representando interior de navio negreiro do século XVI.

As condições eram péssimas. Eles viajavam amontoados nos abafados porões dos navios, sem condições de higiene e com uma alimentação precária. Muitos recebiam castigos físicos, adoeciam e morriam durante o trajeto.

- **Atividade 4.** Converse com os alunos sobre o fato de pessoas serem consideradas como objeto de comércio, como o ouro e o marfim. Destaque que, na atividade comercial europeia, os seres humanos eram tratados como coisas, podendo ser comprados ou vendidos.
- A **atividade 5**, de interpretação e elaboração de texto, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI10** *Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.*
- **Atividade 6.** Chame a atenção dos alunos para a imagem do navio negreiro e peça que imaginem como seria ficar acorrentado durante várias semanas em um ambiente sem ventilação e sem higiene. Comente que muitos dos cativos morriam na viagem, devido às péssimas condições a que eram submetidos.
- Se considerar válido, peça aos alunos que escrevam um pequeno texto reflexivo sobre a diáspora africana e as condições de vida e de trabalho dos negros escravizados, estimulando a competência escritora e a argumentação.

Para você ler

Os escravos,
de Castro Alves, editora
L&PM.

Os portugueses e a escravidão

[...] A primeira remessa de cativos da África chegou a Lisboa em 1441, e em três anos formou-se uma companhia no Algarve para explorar esse comércio. Por volta de 1448 mais mil africanos haviam sido levados a Portugal [...]. Entre 1490 e 1496, Lagos, no Algarve, recebeu mais de setecentos escravos africanos, número equivalente a um décimo da população local. O impacto econômico e demográfico desse comércio foi enorme. Por volta de 1551, somente em Lisboa havia 9.950 escravos em uma população total de 100 mil habitantes.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 23.

Objetivos

- Refletir sobre a situação dos afrodescendentes no Brasil atualmente e relacioná-la a suas raízes históricas.
- Compreender o conceito de ação afirmativa e sua pertinência como reparação histórica no contexto racial atual.
- Esclareça aos alunos os fatores que levaram ao fim da escravidão no Brasil. Havia a resistência dos escravos, a campanha abolicionista e a pressão internacional, principalmente da Inglaterra, entre outros. Explique a eles que a promulgação da Lei Áurea foi um momento em meio a um longo processo. Faça notar que os afrodescendentes no Brasil ainda enfrentam situações de racismo e preconceito e que é necessário que esse estado de coisas se modifique em prol de um bem comum, a igualdade de direitos.
- Promova uma conversa com os alunos sobre a promoção de igualdade de direitos e de como as cotas raciais se inserem nesse contexto. Este momento deve ser democrático, permitindo a participação de todos os alunos e acolhendo suas contribuições. As discordâncias não devem ser dirimidas, mas ressaltadas, de modo a promover um ambiente saudável de discussão e sínteses.




O mundo que queremos

Cotas: por que reagimos?

A abolição da escravidão ocorreu no Brasil em 1888, mais de trezentos anos após seu início. Os africanos e afrodescendentes que foram libertados da escravidão não foram incorporados à vida social. Por muito tempo, eles não puderam frequentar escolas e ter acesso à educação. Essa exclusão social deixou marcas profundas. Em países onde houve escravização de negros ou políticas de segregação racial, como os Estados Unidos, a África do Sul e o Brasil, têm sido adotadas **ações afirmativas** para tentar diminuir o impacto desse processo de desigualdade. Em 2000, o Brasil adotou o sistema de cotas raciais nas universidades. Leia a seguir a opinião da antropóloga Rita Segato sobre o assunto.

O processo de reparação histórica é amplamente discutido no momento, e a oferta educativa é certamente uma das suas instâncias. As cotas acusam, com sua implantação, a existência do racismo, e o combatem de forma ativa. Esse tipo de intervenção é conhecido como “discriminação positiva”. A discriminação positiva constitui o fundamento das assim chamadas “ações afirmativas”. As cotas são um tipo de ação afirmativa. A noção de “reparação”, ou seja, o ressarcimento por atos lesivos cometidos contra um povo, e a noção de “compensação” pelas perdas ocasionadas são os conceitos que orientam e conferem sentido à implementação da medida. [...]

[...] É uma medida de emergência, ou seja, de impacto imediato, e estritamente direcionada para os estudantes negros pela sua posição singular e vulnerável em todos os níveis escolares. Seus efeitos e repercussões esperam-se no curto e médio prazo, modificando já, e de forma muito concreta, os destinos de jovens que hoje se encontram cursando o segundo grau.



Segundo dados do IBGE, o número de jovens negros ou pardos que ingressaram nas universidades aumentou para 45,5% na última década, assim como cresceu o número de jovens vindos das camadas mais pobres da sociedade.

SEGATO, Rita Laura. Cotas: por que reagimos? *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 76-87, dez./fev. 2005-2006.


90

Ações afirmativas no Brasil

Ações afirmativas são políticas públicas [...] com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos.

Uma ação afirmativa busca oferecer igualdade de oportunidades a todos. As ações afirmativas podem ser de três tipos: com o objetivo de reverter a representação negativa dos negros; para promover igualdade de oportunidades; e para combater o preconceito e o racismo. [...]

Uma ação afirmativa não deve ser vista como um benefício, ou algo injusto. [...] só se faz necessária quando percebemos um histórico de injustiças e direitos que não foram assegurados.

Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Ministério dos Direitos Humanos.
O que são ações afirmativas. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/assuntos/o-que-sao-acoes-afirmativas>>.

Acesso em: 5 jan. 2018.

1 Explique o que são ações afirmativas.

São medidas que visam reparar ou compensar ações que prejudicaram ou discriminaram determinados grupos sociais.

Nos Estados Unidos e na África do Sul existiam leis segregacionistas que proibiam os negros de frequentar os mesmos espaços que os brancos. Havia divisões em escolas, ônibus e até banheiros. Nelson Mandela, na África do Sul, e Rosa Parks, nos Estados Unidos, foram importantes defensores de direitos iguais para a população negra. Na foto, Nelson Mandela após deixar a prisão na África do Sul, em 1990.



DUDLEY M. BROOKS/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

2 Quais semelhanças entre Brasil, África do Sul e Estados Unidos levaram esses países a adotar ações afirmativas?

Os países tiveram escravidão africana e processos de segregação racial.

3 Como era a vida das crianças filhas de africanos escravizados no Brasil? Pesquise se elas eram livres, se frequentavam a escola ou se podiam brincar.

Os alunos devem perceber que os filhos de escravos também não tinham liberdade e que começavam a trabalhar muito cedo, não tendo acesso à educação.

4 Quando os africanos e seus descendentes passaram a ter direitos plenos de cidadania no Brasil?

Os alunos devem destacar que os negros e pardos foram considerados cidadãos a partir da abolição, mas, mesmo assim, continuaram por muito tempo sem uma série de direitos. Além disso, até hoje convivem com várias práticas de discriminação.

- Leia com os alunos o texto da página 90, buscando auxiliá-los na compreensão de palavras que podem desconhecer e a interpretá-lo em sua totalidade.
- As atividades 1 a 4, de interpretação do texto e compreensão dos resquícios de séculos de escravidão, contribuem para o desenvolvimento da habilidade EF04HI11: *Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).*
- Atividades 1 a 4. Durante a realização das atividades, comente que os problemas enfrentados pelos afrodescendentes são decorrentes da migração forçada de africanos e de sua subjugação absoluta por mais de três séculos. Essa migração modificou a composição étnico-social do Brasil.

Educação em valores

A meritocracia é presente no discurso de muitas pessoas, que exaltam o sucesso individual relacionando-o a competências individuais. Mas o mérito deve levar em conta condições coletivas e sociais, uma vez que estas são determinantes na vida dos indivíduos em sociedade. Alguns problemas estruturais impedem as pessoas de uma sociedade de competir em patamar de igualdade, entre eles o acesso à moradia, à educação e à alimentação adequada. Ao discutir cotas e outras ações afirmativas com os alunos, abre-se uma possibilidade de reflexão mais profunda sobre o abismo de oportunidades no Brasil e suas consequências na disposição das classes sociais e na superação das condições estabelecidas pelo nascimento ou pela cor. Tal reflexão em ambiente escolar visa a criação de valores como o senso de justiça, empatia e responsabilidade social.

Objetivos

- Compreender a interação entre colonos e povos indígenas.
 - Relacionar a extração do pau-brasil ao primeiro modo de exploração da colônia pelos portugueses.
 - Compreender as características e as funções de uma colônia e de uma metrópole.
 - Identificar as etapas iniciais da administração do período colonial, as capitanias hereditárias e a extensão litorânea da ocupação portuguesa.
 - Compreender aspectos da presença de franceses e holandeses na colônia.
 - Refletir sobre a situação do povo Tamoio após a aliança com franceses.
 - Conhecer quem foi Maurício de Nassau e compreender sua influência política e econômica na produção açucareira do Nordeste no século XVI.
- Enfatize que os portugueses aprenderam muitos costumes indígenas para se adaptar ao local. Peça aos alunos que imaginem como seria ir a uma região diferente de onde se vive. Que frutas ou raízes comer? Como suportar o calor? Explique a eles que o clima de Portugal era bastante diferente daquele que os portugueses encontraram no litoral brasileiro. Assim, não fazia sentido usar roupas pesadas ou dormir com cobertas, como era costume entre esses povos.
 - Comente que os europeus que vieram à América assimilaram alguns costumes indígenas e vice-versa. Estimule os alunos a falar dos costumes indígenas adotados por eles e sua família: dormir em redes, banhar-se todos os dias, consumir mandioca e derivados etc.

CAPÍTULO 3 Europeus

A partir dos anos 1530, os portugueses começaram a se estabelecer no território que mais tarde seria chamado de Brasil. O local já era habitado por indígenas, que tinham hábitos diferentes daqueles dos europeus. Esse contato trouxe desconfiança e hostilidade, mas também houve muita interação.

- Os portugueses adotaram o uso de instrumentos indígenas, como canoa, arco, flecha e tacape.
- Os portugueses incorporaram o milho, a mandioca e o amendoim à alimentação diária.
- Houve a união entre os habitantes da terra e os europeus; seus filhos eram chamados de mestiços ou mamelucos.
- Os portugueses impuseram sua religião e parte de sua moral e costumes por meio da catequização dos indígenas feita pelos padres jesuítas.

A partir de 1530, houve a colonização de fato, por medo de os estrangeiros tomarem as riquezas e pelo desejo de encontrar ouro e prata.

A colonização foi a forma utilizada pelos europeus para explorar territórios americanos. O país colonizador era chamado de metrópole, e o território explorado era a colônia. Esta devia fornecer mercadorias com muito valor e enriquecer a metrópole.

Portugal criou as capitanias hereditárias, que eram faixas de terra para organizar a administração e incentivar a ocupação do território por portugueses. Elas foram distribuídas a donatários, que eram nobres portugueses da confiança do rei.

Nos anos 1600, o governo português decidiu montar, no Brasil, engenhos e produzir açúcar, artigo muito valorizado na Europa naquela época.

Tanto com a exploração do pau-brasil quanto com o cultivo da cana-de-açúcar, durante o primeiro século de colonização a presença europeia permaneceu na costa brasileira.



Canoa indígena feita com um só tronco. Município de Dona Francisca, estado do Rio Grande do Sul, 2010.

Exploração colonial

Os problemas do novo sistema de colonização, implicando a ocupação de territórios quase desertos e primitivos, terão feição variada, dependendo em cada caso das circunstâncias particulares com que se apresentam. A primeira delas será a natureza dos gêneros aproveitáveis que cada um daqueles territórios proporcionará. [...]. Serão as madeiras de construção ou tinturiais (como o pau-brasil entre nós), na maior parte deles [...].

PRADO JÚNIOR. Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1967. p. 16.

1 Por que Portugal resolveu colonizar o Brasil?

Por temer que os estrangeiros viessem explorar as riquezas da terra, como o pau-brasil, e também por desejar encontrar ouro e prata.

2 O que eram e por que Portugal criou as capitanias hereditárias?

Eram faixas de terra para organizar a administração e incentivar a ocupação do território por portugueses. Elas foram distribuídas a donatários, que eram nobres portugueses da confiança do rei.

3 Escreva **V** para as afirmações verdadeiras ou **F** para as falsas.

- F** Todos os indígenas aceitaram a religião cristã e a catequização empreendida pelos jesuítas.
- V** Instrumentos e alimentos dos indígenas foram incorporados pelos portugueses e são um legado cultural desses povos à cultura brasileira.
- V** A relação entre portugueses e indígenas foi marcada por confrontos e interações.
- F** Os europeus recém-chegados eram chamados de mamelucos.

4 Observe a imagem da capa de um livro sobre a História do Brasil, publicado em 1889, leia a legenda e responda por que o religioso compara os portugueses aos caranguejos.



Frei Vicente do Salvador (1564-1636), um religioso dos primeiros tempos da colônia, escreveu a seguinte frase sobre a presença portuguesa no Brasil durante o período: "Sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos".

A colonização ficou restrita ao litoral brasileiro no primeiro século de presença portuguesa. Por essa razão, os portugueses são comparados a caranguejos, já que estes são animais que habitam a região litorânea.

93

● **Sugestão de atividade: Receitas com produtos nativos**

- Comente com os alunos que os europeus que vieram ao Brasil tiveram de modificar seus hábitos alimentares, pois muitos produtos comuns na Europa não existiam no Brasil, como farinha de trigo e manteiga. Era necessário trazê-los de longe e, por isso, eram produtos muito caros nos primeiros tempos da colonização. Além disso, às vezes chegavam estragados.
- Sugira que os alunos façam uma pesquisa de receitas culinárias usando produtos comuns na América portuguesa, como amendoim, milho, mandioca e palmito, entre outros.

- **Atividade 1.** Comente com os alunos as diferentes ações de Portugal para proteger o Brasil contra invasores, como a construção de fortes e a colonização das terras, isto é, a ocupação territorial mediante fixação de colonos portugueses e a instituição de formas de administrá-las.
- **Atividade 2.** Explique a eles que a colonização envolvia altos custos que a Coroa portuguesa não seria capaz de manter. As capitanias seriam, então, exploradas por portugueses que tivessem condições financeiras de administrá-las. Essa estratégia ainda permitia que a Coroa portuguesa ganhasse com a arrecadação de tributos.
- Explique também que as capitanias hereditárias eram faixas de terra que iam do litoral à linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Portugal criou as capitanias para organizar a administração e incentivar a ocupação das terras por portugueses. Comente com eles que o sistema de capitanias hereditárias fracassou, pois poucos donatários conseguiram mantê-las e desenvolvê-las.
- A **atividade 3**, de análise de afirmações, contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI10: Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.**
- A **atividade 4**, de análise textual, contribui para o desenvolvimento da competência específica de História 5 da BNCC: *Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.*

- Se possível, leve para a sala de aula um mapa físico da Região Sudeste e localize nele a Baía de Guanabara, no atual estado do Rio de Janeiro, e analise o porquê de a ocupação desse local por franceses ter dificultado tanto a comunicação entre o norte e o sul da colônia portuguesa.
- Converse com eles sobre a dificuldade de Portugal em promover a ocupação do vasto território da colônia, o que permitiu que outras nações cobissem as riquezas locais.
- Para dominar a Baía de Guanabara e conseguir extrair o pau-brasil, os franceses se aliaram aos Tamoio. Esclareça que a pior consequência da ocupação francesa foi o extermínio da maioria dos Tamoios, seus aliados durante a ocupação.
- Solicite aos alunos que observem a imagem da página 94. Comente que a pintura representa o reconhecimento da importância estratégica do Rio de Janeiro e a necessidade de expulsar os franceses. Diga-lhes que na pintura há elementos relacionados à celebração de uma missa católica.
- Oriente a leitura da legenda, de modo que os alunos percebam que a imagem foi produzida muito tempo depois da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. Solicite que observem a imagem e indiquem diferenças entre as vestimentas das pessoas representadas, identificando a presença de indígenas e de portugueses.

Para seu aluno ler

Tendy e Jã-jã e os dois mundos: na época do descobrimento, de Maria José Rios Peixoto da Silveira Lindoso, editora Formato.

Franceses no Brasil

Os portugueses chegaram à Baía de Guanabara, na região da atual cidade do Rio de Janeiro, em 1502. Em 1555, os franceses também chegaram a esse local e se aliaram ao povo Tamoio para explorar o pau-brasil. Para conter esse avanço dos franceses, os portugueses decidiram expulsá-los e ocupar a região. Uma medida importante foi a fundação, em 1565, da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Foram construídas casas de colonos, um colégio jesuíta, uma igreja e prédios da administração pública portuguesa.

Em 1567, após batalhas navais e terrestres, os portugueses expulsaram os franceses da Baía de Guanabara e exterminaram a maioria do povo Tamoio.

Alguns franceses permaneceram no Brasil e se dirigiram ao Norte e ao Nordeste, travando contato e fazendo comércio com outros indígenas. Foram expulsos novamente em 1584 e retornaram em 1612, quando fundaram a cidade de São Luís do Maranhão. Três anos depois, voltaram a ser expulsos pelos portugueses.



Fundação da cidade do Rio de Janeiro, óleo sobre tela de Antonio Firmino Monteiro, século XIX. Essa pintura representa o momento da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro, que deu origem à atual cidade do Rio de Janeiro, em 1565.

Você sabia?

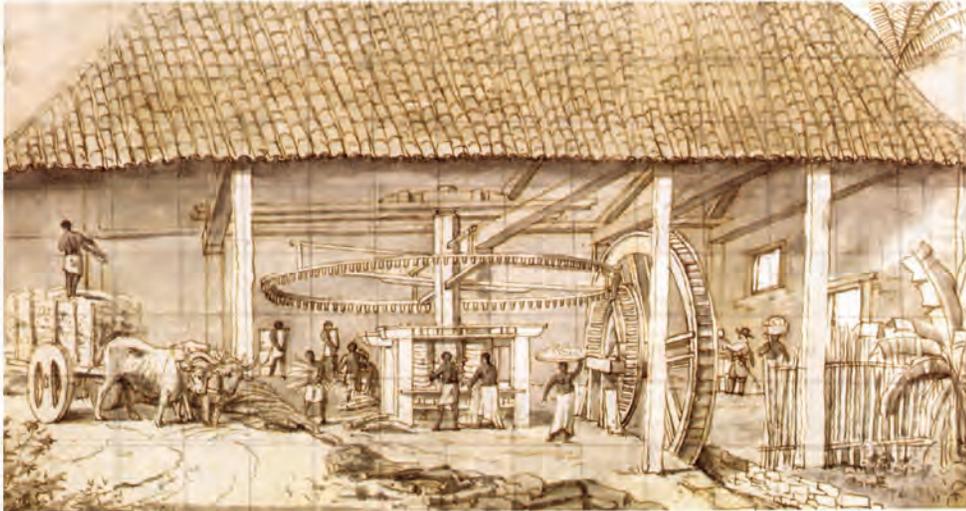
Tamoio, em tupi, significa “os mais velhos”, nome pelo qual eram conhecidos os indígenas do grupo Tupi, formado pelos Tupinambá, Guaianá e Aimoré. Ocupavam a costa brasileira desde o litoral norte de São Paulo até Cabo Frio, no Rio de Janeiro.

Análise de pinturas históricas

Ao longo dos séculos, acontecimentos históricos foram representados e registrados tanto na forma escrita como na forma iconográfica. Para ler os documentos históricos, os alunos devem adquirir a habilidade de compreender textos e imagens. A leitura visual capacita o aluno a compreender uma pintura histórica, identificando informações significativas. Ao desenvolver tal habilidade, os alunos também poderão fazer a leitura de imagens atuais, como as que são veiculadas em revistas, na televisão e em outros meios de comunicação.

Os holandeses e a produção de açúcar

O açúcar produzido no Brasil era levado pelos portugueses para a Europa e vendido aos holandeses. Na Europa, os holandeses refinavam o açúcar e o revendiam a preços muito mais altos. Para aumentar os lucros e obter açúcar diretamente do Brasil, os holandeses ocuparam diferentes regiões do Nordeste. Em 1624 e 1625, conquistaram Salvador e, em 1630, conseguiram tomar Olinda e Recife.



Engenho com rodas movidas pela água, desenho de Frans Post, século XVII.

Em 1637, os holandeses nomearam Maurício de Nassau governante de Pernambuco. Ele ordenou a construção de canais, escolas, teatros e da primeira ponte do Brasil. Também fez alianças e intermediou empréstimos para os senhores de engenho, para que realizassem melhorias nas fazendas. Após vários desentendimentos com o governo da Holanda, Nassau pediu demissão em 1644 e deixou o Brasil. O governo holandês começou a cobrar os empréstimos feitos aos senhores de engenho, que ficaram descontentes e se aliaram de novo a Portugal. Assim, após muitos combates contra os holandeses, os portugueses reconquistaram Pernambuco.

Os holandeses foram expulsos do Brasil em 1654 e começaram a produzir açúcar em suas colônias nas Antilhas (ilhas que se localizam na América Central). O açúcar holandês era vendido na Europa por um preço menor que o do açúcar fabricado no Brasil. Portugal não conseguiu superar a concorrência holandesa, e a produção e exportação de açúcar entraram em declínio.

95



- Explore com os alunos o fato de Portugal ter sido o primeiro país a explorar o litoral do Brasil, mas não o único. Outras nações tiveram interesse nas terras americanas, como a França, a Inglaterra e a Holanda. Caso a região em que vivem tenha heranças culturais e/ou arquitetônicas da presença holandesa, faça uma pesquisa prévia sobre os vestígios mais relevantes. Leve para a sala de aula o material pesquisado (imagens, vídeos etc.), aproximando o tema da realidade dos alunos.
- Converse com os alunos sobre os estudiosos e os pintores trazidos por Maurício de Nassau. Eles elaboraram mapas e pinturas, que são importantes documentos históricos e nos ajudam a compreender melhor a época representada.
- Explique aos alunos que a presença de holandeses não significou necessariamente a expulsão dos portugueses que moravam na região. Muitos proprietários de terras portuguesas ou de ascendência portuguesa continuaram a produzir açúcar, mas quem comercializava o produto eram os holandeses. Nesse sentido, a expulsão dos holandeses de Pernambuco afetou negativamente os interesses dos produtores de açúcar.
- Lembre aos alunos que os produtores e comerciantes portugueses aliaram-se aos holandeses e os apoiaram porque obtiveram muitas vantagens, como empréstimos facilitados.

● **Sugestão de atividade: Analisar pinturas produzidas por artistas holandeses**

- Analise com os alunos pinturas holandesas produzidas no século XVII por artistas como Albert Eckhout e Frans Post.
- Com base na análise feita, proponha que se inspirem nas imagens selecionadas para recriar uma cena do cotidiano.
- Peça-lhes que sigam as etapas: selecionar o que será representado; fazer um esboço a lápis; colorir a imagem; dar um título ao trabalho e assinar.
- Peça aos alunos que se reúnam em um círculo para apresentar os trabalhos aos colegas, indicando os motivos da escolha do tema do desenho e como chegaram ao resultado final.

Objetivos

- Conhecer hábitos de higiene de povos indígenas, portugueses e brasileiros no passado.
 - Perceber as mudanças nos hábitos de higiene sob a influência dos hábitos indígenas.
 - Reconhecer que invenções como o chuveiro e a popularização de produtos facilitaram a adoção de alguns hábitos de higiene.
- Antes de iniciar o estudo desta seção, pergunte aos alunos quantos banhos eles e as pessoas com as quais convivem costumam tomar por dia. Em seguida, pergunte se acreditam que sempre foi assim.
 - Explique a eles que, quando povos de culturas diferentes entram em contato, sempre há trocas entre eles. Os indígenas adquiriram elementos da cultura europeia, e os colonizadores absorveram aspectos das culturas indígenas, como o costume de tomar banho diariamente.
 - Também explique a eles que muitas medidas de higiene, como tomar banho diariamente e cortar e limpar as unhas, são incentivadas por profissionais de saúde. O banho, além de refrescar, remove impurezas e microrganismos que podem causar doenças. As unhas limpas e curtas evitam o acúmulo de sujeira sob elas.

Como as pessoas faziam para...

Tomar banho e fazer a higiene pessoal

Quantos banhos você costuma tomar por dia? A maioria das pessoas toma ao menos um, certo? Mas nem sempre foi assim. Há mais de 500 anos, por exemplo, os portugueses nem tomavam banho diariamente. Os hábitos de higiene mudaram muito com o passar do tempo. Acompanhe como isso ocorreu no Brasil.

Ao acordar, as pessoas lavavam o rosto e as mãos em uma bacia.

Há cerca de 170 anos, o banho de corpo inteiro era feito em uma tina, que ficava no quarto. Mas esse banho só ocorria uma vez por semana. Nos outros dias era feito banho de asseio ou lavagem dos pés antes de dormir.

Na época em que os portugueses chegaram ao Brasil, eles não tomavam banho diariamente, mas apenas uma ou duas vezes por ano! Por isso, ficaram espantados com o costume indígena de se banhar no rio várias vezes ao dia.

Hoje os brasileiros tomam um ou mais banhos por dia, seguindo o costume herdado dos indígenas.

História dos hábitos de higiene no Brasil

[...] Os índios costumam banhar-se diariamente, várias vezes, exercendo o banho certa função em sua vida. [...] Entre seus outros hábitos de higiene destacam-se [...] o corte das unhas; o pentear-se ou alisar os cabelos após o banho, catando ao mesmo tempo os piolhos; a lavagem das mãos antes e depois das refeições, lavagem que é feita enchendo a boca com água e soltando o jorro sobre as mãos. [...] O banho era tomado dentro de casa em recipientes enchidos com grandes baldes de água e colocados nas alcovas. A bacia, quando em tamanho pequeno ou médio, era utilizada na higiene rápida e na lavagem de roupas. [...] A bacia, quando em tamanho maior, era utilizada para banhos de crianças e adultos. [...] O banho de corpo inteiro nela tomado obedecia a todo um ritual.

Com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, as pessoas mais ricas passaram a usar sabonetes caseiros, perfumes, produtos para barbear e para os cabelos, imitando os hábitos da realeza.

O chuveiro elétrico passou a ser usado no Brasil na década de 1950, mas poucas pessoas podiam usufruir dele. Isso porque era necessário ter energia elétrica nas casas, o que não era tão comum. Aqueles que não tinham eletricidade esquentavam a água no fogão para tomar banho quente.

Até cerca de 75 anos atrás, a pasta de dente era feita da mistura de areia com alguma erva ou de cinzas com água. E nada de escova: as pessoas usavam os dedos.

Atualmente, a higiene pessoal envolve o uso de cosméticos. É possível encontrar até mesmo xampus, condicionadores, sabonetes e cremes feitos especialmente para as crianças.

ILUSTRAÇÕES: DEGO SANTO

1 Circule de vermelho, verde ou azul na ilustração as situações, de acordo com a legenda.

- Banho de corpo inteiro. Banho diário.
 Banho com água quente.

- Qual foi a única situação em que você circulou três vezes?

Criança no chuveiro.

2 O hábito de tomar banho todos os dias foi herdado de quem?

- Indígenas. Portugueses.

97 ▶▶

- Explore a ilustração para que os alunos percebam que, à medida que o tempo passou, tomar banho tornou-se mais confortável. Espera-se que eles reconheçam que os hábitos de higiene mantêm o corpo limpo e diminuem a possibilidade de transmissão de bactérias pelo contato, evitando a proliferação de doenças. Com base nas atividades, explore o fato de que o costume atual de tomar banho remete tanto a hábitos indígenas, como o banho diário, quanto a hábitos europeus, como tomar banho quente dentro de casa.
- As **atividades 1 e 2**, de análise da ilustração e interpretação de texto, contribuem para o desenvolvimento da competência específica de Ciências Humanas 2 da BNCC: *Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.*

Primeiro, lavava-se o rosto e a cabeça, depois assentava-se e lavava-se o tronco e, finalmente, de pé, as pernas e os pés. [...] Sobre D. João VI enfatiza [...] seu horror à água. Banhos tomou-os sim, porém forçado por receitas médicas. Em um caso, sendo obrigado a lavar a perna “diariamente” para curar uma ferida pernicioso. [...] Finalizando sobre o banho, lembramos que no século XIX, antes do uso dos sabonetes ingleses, eram os sabões para banho feitos de sebo, carne podre, osso e cinza, o que lhes dava a cor preta, sendo entregues embrulhados em folha de bananeira. [...]

OLIVEIRA, Neide Gomes de. História dos hábitos de higiene no Brasil dos séculos XVIII ao XX. In: *Dimensões: Revista de História da UFES*, n. 2, 1991, p. 44-49.

Objetivos

- Refletir sobre a pluralidade entre os povos europeus, indígenas e os povos africanos.
 - Compreender as matrizes étnico-culturais de formação do Brasil.
 - Verificar contribuições de povos europeus, africanos e indígenas no cotidiano, avaliando sua presença na cultura brasileira.
 - Compreender alguns costumes comuns no Brasil e suas origens étnico-culturais.
 - Refletir sobre a prática de diferentes línguas no Brasil nos tempos coloniais e suas funções relacionadas aos grupos sociais.
 - Discutir sobre a consolidação do português como língua nacional do Brasil.
-
- Converse com os alunos sobre a composição étnico-cultural da população brasileira. Pode ser interessante, para iniciar o assunto, fazer um levantamento sobre as origens dos alunos. Pergunte a eles se sabem de onde seus familiares são e quais culturas fazem parte da sua ancestralidade, retomando a pergunta da abertura da unidade. Neste momento, é importante lembrar que, além dos povos que viveram e se relacionaram entre si no período colonial, outros vieram como imigrantes a partir do século XIX e continuam vindo até hoje.

CAPÍTULO
4

A população brasileira

A experiência colonial possibilitou o encontro entre três diferentes povos de formações culturais distintas: os indígenas, que já habitavam as terras brasileiras; os europeus, que colonizaram a região; e os africanos, trazidos como mão de obra escrava. Somos, portanto, um povo com costumes mesclados, tanto em termos étnicos como culturais.

É muito difícil, entretanto, conhecermos em detalhes os graus de mescla, pois cada um desses povos já apresentava, por si só, grande **heterogeneidade**. “Índigena”, por exemplo, é apenas uma expressão genérica para designar uma grande diversidade de povos, como os Kaiapó, Yanomami, Bororo, entre outros.

Os portugueses, por sua vez, também tinham influências diversas, como a dos árabes, que dominaram por séculos a Península Ibérica.

Essa diversidade era igualmente uma realidade entre os africanos, que podiam pertencer a diferentes troncos linguísticos e étnicos, como o iorubá ou o banto.

Assim, nenhum desses três grupos – portugueses, indígenas e africanos – pode ser considerado **homogêneo** em sua origem.

Também já vimos que entre os europeus que vieram para o Brasil no período colonial estavam, além dos portugueses, os franceses e os holandeses, que deixaram suas marcas na história do país.

Cada um desses povos contribuiu para que a cultura brasileira se diversificasse ao longo do tempo. Isso mostra que a cultura de um povo está em constante mudança, dependendo das influências que recebe.

Glossário

Heterogeneidade:
diversidade,
diferença.

Homogêneo:
igual, uniforme.



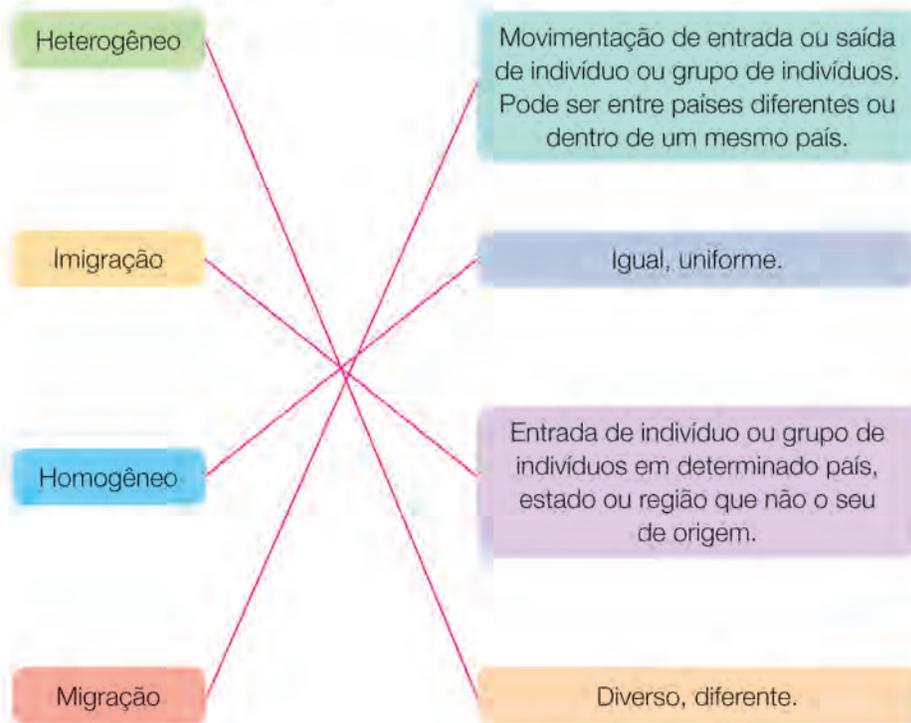
Palácio Nacional de Sintra, Portugal, 2013. É possível observar a influência da cultura árabe na arquitetura portuguesa.

98

O povo brasileiro

Aquela uniformidade cultural e esta unidade nacional – que são, sem dúvida, a grande resultante do processo de formação do povo brasileiro – não devem cegar-nos, entretanto, para disparidades, contradições e antagonismos que subsistem debaixo delas como fatores dinâmicos da maior importância. A unidade nacional, viabilizada pela integração econômica sucessiva dos diversos implantes coloniais, foi consolidada, de fato, depois da Independência, como um objetivo expresso, alcançado através de lutas cruentas e da sabedoria política de muitas gerações. [...] Esse é, sem dúvida, o único mérito das velhas classes dirigentes brasileiras. Comparando o bloco unitário resultante da América portuguesa com o mosaico de quadros diversos a que deu lugar a América hispânica, pode-se avaliar a extraordinária importância desse feito.

1 Releia o texto e ligue cada palavra ao seu significado.



2 Assinale **V** para as sentenças verdadeiras e **F** para as falsas.

- V** A fundação de São Luís do Maranhão, em 1612, é uma marca da presença francesa no Brasil.
- V** Os portugueses não foram os únicos povos europeus a se instalar no Brasil no período colonial. Os holandeses também ocuparam parte da Região Nordeste.
- F** Os portugueses foram o único povo europeu presente no Brasil no período colonial.

3 Elabore e registre em seu caderno um pequeno texto sobre a frase:

A população brasileira é heterogênea e se constitui do encontro de diferentes culturas e povos, como os indígenas, os africanos e os europeus.

- É importante ressaltar que a diversidade étnico-cultural é parte fundamental da identidade. Tal diversidade parte da troca entre os grupos, chamada atualmente pela antropologia de *transculturização*.
- A *transculturização* é o processo de aquisição de novas práticas e conhecimentos a partir do contato com o outro, sem perder a cultura de origem e, ao mesmo tempo, influenciando o outro, em uma "via da mão dupla".
- Existe uma grande diversidade de costumes entre os povos indígenas que habitam o atual território brasileiro. Alguns povos são caçadores e coletores, outros praticam a agricultura. Há os que são nômades, os sedentários, e outros ainda seminômades. Alguns usam pinturas e adornos corporais que são diferentes de um grupo indígena para outro. Existem nativos que vivem em alto grau de isolamento, outros vivem em intenso contato com outros grupos indígenas e não indígenas. Além disso, os costumes mudam com o passar do tempo.
- Além dos troncos linguísticos, os povos africanos eram diferentes entre si em outros aspectos, como a religião, a organização política, a culinária e o modo de morar e de vestir. Busque ressaltar a pluralidade das influências dos povos africanos, evitando que os alunos simplifiquem-nos sob uma matriz africana generalizante.

Essa unidade resultou de um processo continuado de unificação política, logrado mediante um esforço deliberado de supressão de toda identidade étnica discrepante e de repressão e opressão de toda tendência virtualmente separatista. [...]

O povo-nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável.

- A cultura de um povo envolve as diferentes maneiras como ele se comunica, se diverte, se alimenta, se organiza, entre outras dimensões da vida humana. Converse com os alunos sobre como é o seu dia a dia e pergunte se sabem a origem dos hábitos que eles e suas famílias têm. Deixe que contribuam livremente sobre o assunto, comentando se costumam comer macarronada ou feijoada, se gostam de samba, se utilizam utensílios domésticos de origem indígena, entre outros, auxiliando-os a identificar a presença da multiculturalidade em seu cotidiano. Essa abordagem visa provocar reflexões sobre como a cultura do nosso país, mais que um conceito abstrato, parte dos fazeres e saberes de todos os brasileiros.

Para seu aluno ler

Tabuleiro da baiana,
de Elma, editora Paulinas.

Uma festa das cores,
de Ronaldo Fraga,
editora Autêntica.

Costumes brasileiros

A cultura de um povo é composta, entre outros fatores, dos costumes das populações que o formam. Como já foi possível observar, a população brasileira tem sua origem no encontro de diferentes povos, como os indígenas, os africanos e os europeus. Esses povos influenciaram a cultura brasileira com suas tradições, seu modo de pensar e de se expressar.

- Dos povos indígenas, por exemplo, vem o nosso costume de tomar banho diariamente e também de consumir alguns alimentos feitos à base de mandioca, milho e amendoim.
- Os africanos contribuíram para a formação da nossa cultura em muitos aspectos, como o religioso, por meio do candomblé e da umbanda. Além disso, o português falado no Brasil traz diversas palavras de origem africana, principalmente da língua banto, como cafuné, batuque e banguela.
- As heranças portuguesas para a cultura brasileira são principalmente a língua, as estruturas sociais, a culinária e a confeitaria à base de ovos e açúcar.



Cesto feito pelo povo indígena Yanomami, município de Barcelos, estado do Amazonas, 2017.



Jogo de capoeira durante Festa de Cultura Afro no Dia da Consciência Negra, município de Araruama, estado do Rio de Janeiro, 2015.



As cantigas de roda são um legado da presença portuguesa. Município de São Paulo, estado de São Paulo, 2013.



• Sugestão de atividade: *Entrevista com um estrangeiro*

- Peça aos alunos que localizem algum estrangeiro que mora em sua vizinhança ou é próximo à sua família e realizem uma entrevista com ele. Eles devem perguntar como é a vida no Brasil e o que o entrevistado pensa sobre a cultura brasileira.
- Oriente-os a registrar as informações obtidas em um caderno e, em uma aula previamente combinada, a fazer uma apresentação do que descobriram para seus colegas, lembrando-se de apresentar quem é o entrevistado, de onde vem e há quanto tempo está no Brasil.
- Outra possibilidade de atividade nessa mesma proposta é a de convidar algum estrangeiro para conversar sobre suas impressões e experiências em sala de aula.

- 4 Os africanos escravizados trouxeram elementos de sua cultura, mesclando-os a elementos das culturas portuguesa e indígena. Faça uma pesquisa sobre brincadeiras, comidas e palavras de origem africana e preencha o quadro a seguir. *Sugestões de respostas.*

Brincadeiras	Comidas	Palavras
Escravos de Jó	Acarajé	Samba
Pular elástico	Angu	Farofa
Pular corda	Vatapá	Quiabo

- 5 Escolha uma das brincadeiras de origem africana que você pesquisou e descreva-a nas linhas a seguir.

Resposta pessoal.

- 6 Numere as afirmações de acordo com as imagens e legendas.



1 Indígena deitada em rede, município de Serra do Tumucumaque, estado do Amapá, 2015.



2 Meninas Bororo usando pilão, município de Meruri, estado de Mato Grosso, 1934.



3 Pamonha é um alimento de origem indígena feito de milho ralado.

- 2 Uso do pilão de madeira para processar alimentos.
- 3 Hábito de comer alimentos à base de milho, como a pamonha.
- 1 Costume de descansar em redes.

- Pergunte aos alunos o que eles conhecem sobre a cultura afro-descendente no Brasil. Peça que cite exemplos da culinária, da música ou de palavras que usamos diariamente. Registre na lousa palavras de origem africana, como moleque, quiabo, fubá, caçula, dengoso, quitute, berimbau e maracatu. Solicite que pesquisem sobre o assunto e tragam os resultados para a sala de aula.
- Comente com eles que a mescla de elementos africanos e portugueses ou indígenas resultou em novas palavras no vocabulário do português falado no Brasil, assim como em alimentos e brincadeiras.
- Peça aos alunos que socializem suas descobertas sobre as brincadeiras de origem africana que pesquisaram. Se possível, realizem em sala de aula algumas dessas brincadeiras.

A cultura africana e afro-brasileira na educação básica

A inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação básica brasileira, através da promulgação das Leis 10.639, de 2003, e 11.645, de 2008, é um momento histórico ímpar, de crucial importância para o ensino da diversidade cultural no Brasil. Trata-se de um momento em que a educação brasileira busca valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo afrodescendente e indígena, buscando assim reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. Esta inclusão nos currículos da educação básica amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. A inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica. *Revista do Mestrado em História*. Universidade Severino Sombra. v. 12, n. 1, p. 71-84, jan./jun., 2010. p. 71.

- Inicie o assunto com os alunos conversando sobre como as pessoas se comunicam e a importância da língua para as relações sociais e para a formação cultural de um povo. Comente que a língua materna estimula a formação de determinados músculos, capacitando-nos a pronunciar as palavras com a dicção necessária. Ela também direciona a visão de mundo das pessoas, limitando sua compreensão ao que está expresso no vocabulário, por exemplo. Para que entendam essa dimensão, pergunte à turma se já quiseram dizer algo que não encontraram palavras para expressar.
- Estimule-os a pensar sobre como seria se falassem outra língua: Qual seria? Eles conseguiriam se comunicar ainda com as pessoas que conhecem? Promova uma discussão livre sobre o assunto, estimulando a imaginação e a argumentação dos alunos.
- As atividades 7, 8 e 9, de interpretação e elaboração textual, podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades EF04HI01: Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo e EF04HI10: Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.

Línguas do Brasil

A língua mais falada no Brasil é o português, mas contabilizam-se mais de 250 línguas faladas por povos indígenas de diferentes etnias.

No início da colonização, eram cerca de 340 as línguas indígenas faladas no território que atualmente chamamos de Brasil. A necessidade de comunicação cotidiana fez com que os colonizadores aprendessem algumas línguas indígenas. Nos duzentos primeiros anos de colonização, foi adotada a língua geral paulista, variação da língua tupi entendida e falada por portugueses e indígenas ao longo de toda a costa brasileira. No Maranhão, no Pará e no Vale Amazônico, era falada a língua geral amazônica ou *nheengatu*, e na região oeste do atual Paraná e nas margens do rio Uruguai era falado o guarani.

A principal razão da ampla difusão das línguas gerais foi a facilidade que isso dava aos religiosos para catequizar os indígenas.

Embora a língua portuguesa seja hoje amplamente adotada, isso não foi um padrão ao longo de toda a história do Brasil. Havia outras línguas de origem europeia que também eram faladas na época da colonização, como o espanhol, o francês e o holandês.

7 A língua portuguesa foi a única falada durante a colonização?

Não. Falavam-se as línguas gerais indígenas e outras línguas de origem europeia.

8 O que eram as línguas gerais?

Eram variações das línguas indígenas faladas pelas populações originárias e pelos colonizadores.

9 O que determinou que o uso das línguas gerais indígenas perdurasse por tanto tempo durante a colônia?

Principalmente a adoção pelos religiosos, como os jesuítas, que utilizavam as línguas indígenas para obter maiores efeitos na conversão dos povos originários.



102



Catecismo da doutrina cristã, escrito em língua geral indígena e composto pelo padre Luis Vincencio Mamiani, 1698.

A língua geral amazônica

Essa segunda Língua Geral desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, a partir do Tupinambá, nos séculos XVII e XVIII. [...] Desde o final do século XIX, a Língua Geral amazônica passou a ser conhecida, também, pelo nome *Nheengatu* (*ie'engatú* = “língua boa”).

Apesar de suas muitas transformações, o *Nheengatu* continua sendo falado nos dias de hoje, especialmente na bacia do rio Negro (rios Uaupés e Içana). Além de ser a língua materna da população cabocla, mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não-índios, ou entre índios de diferentes línguas. Constitui, ainda, um instrumento de afirmação étnica dos povos que perderam suas línguas, como os Baré, os Arapaço e outros.

Instituto Socioambiental. Línguas gerais. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://piib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/linguas-gerais>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

No século XVIII, o governo de Portugal, querendo administrar de modo mais presente a colônia, resolveu investir na disseminação da língua portuguesa, impondo seu uso nas escolas, em documentos e locais públicos. No Norte do Brasil, onde prevalecia o *nheengatu*, houve maior resistência à adoção do português.

Se as línguas indígenas foram amplamente adotadas pelos portugueses, o mesmo não aconteceu com as línguas africanas. Foram vários os grupos africanos trazidos para o Brasil, e eles falavam línguas diversas. Para evitar que se unissem contra os senhores, houve preferência dos colonos europeus por não concentrar as pessoas escravizadas da mesma origem em um só local, o que contribuiu para dispersar a cultura linguística dos africanos. Os quilombos, por exemplo, que eram abrigos construídos por escravizados fugidos, foram locais de preservação e prática de várias línguas africanas. Apesar dessa reação dos portugueses, muitas palavras das línguas africanas foram incorporadas à língua portuguesa falada no Brasil.

10 Quando e por que os colonizadores decidiram impor a língua portuguesa como idioma preferencial?

Isso ocorreu no século XVIII, porque os portugueses queriam maior controle sobre a colônia.

11 Como os colonizadores fizeram para impor a língua portuguesa como idioma preferencial?

Fizeram com que fosse adotada nas escolas e em documentos e locais públicos, em substituição às línguas gerais.

12 Faça uma pesquisa e escreva cinco palavras da língua portuguesa de origem indígena e cinco de origem africana.

Palavras de origem indígena	Palavras de origem africana

103

- Retome com os alunos que os africanos escravizados que viviam no Brasil tinham diferentes origens e línguas. A estratégia de dispersar os escravizados de mesma língua visava dificultar a comunicação entre eles e, assim, evitar a organização de revoltas. O cerceamento da comunicação era uma das formas de violência utilizadas para imobilizar e silenciar os escravizados, mantendo-os na condição de dominados.
- Comente que muitas palavras que usamos hoje no Brasil têm origem em línguas africanas, principalmente as do grupo linguístico Banto. Elas foram transmitidas de uma geração a outra e agora estão incorporadas à língua portuguesa falada no Brasil. Palavras como marimbondo, quitanda e carimbo têm origem nas línguas desse grupo.
- Esclareça aos alunos que o Banto era um grupo linguístico africano que englobava línguas diferentes, mas que tinham semelhanças entre si.
- Converse com eles sobre línguas que têm parentesco com o português. Dê como exemplo a palavra "homem", que tem sonoridade parecida quando traduzida para o francês (*homme*), espanhol (*hombre*), italiano (*uomo*) e romeno (*om*). Explique a eles que são línguas diferentes, mas que têm a mesma origem, o latim, que era falado pelos antigos romanos.

Nossas vogais, nosso canto

As línguas do grupo Banto não têm grupos consonantais, não têm uma sílaba fechada por consoante. O resultado é que nosso português é riquíssimo em vogais, afastado do português lusitano, muito baseado nas consoantes. O baiano fala cantando? Todo brasileiro fala cantando – aliás, “cantano”, porque a gente sempre evita consoantes. A parte sonora da palavra é a vogal, e nós fazemos questão de cantar. No futebol nós dizemos “gou”, em Portugal dizem golo, para acentuar a consoante. Nossa língua é vocalizada, nós colocamos vogais até mesmo onde elas não existem.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Nossa língua africana (entrevistada por Marcello Scarrone). *Revista de história da Biblioteca Nacional*. Ano 10, n. 116, maio 2015, p. 61.

Objetivos

- Revisar os conteúdos estudados na unidade.
 - Ampliar a compreensão de questões relacionadas à formação do povo brasileiro e às manifestações culturais multiétnicas no Brasil.
- Leia o boxe *O que você aprendeu* para os alunos, dê uma pausa entre um item e outro e pergunte a eles se têm alguma dúvida sobre os assuntos tratados.
 - Caso algum dos conteúdos não tenha ficado claro, retome-o.
 - Ao realizarem as atividades propostas na unidade, os alunos devem ter em mente o objetivo do que está sendo feito. De outra forma, corre-se o risco de desenvolver o trabalho didático de maneira mecânica e não refletida.
 - **Atividade 1.** Retome com os alunos o conteúdo da unidade, que trata do encontro entre portugueses e indígenas e as ameaças ao modo de vida e ao meio natural em que estes vivem.
 - **Atividade 2.** Estimule a criatividade dos alunos na criação do desenho e chame a atenção para elementos importantes para a veracidade histórica de sua criação, como a caracterização dos grupos e o cenário em que se encontram.



O que você aprendeu

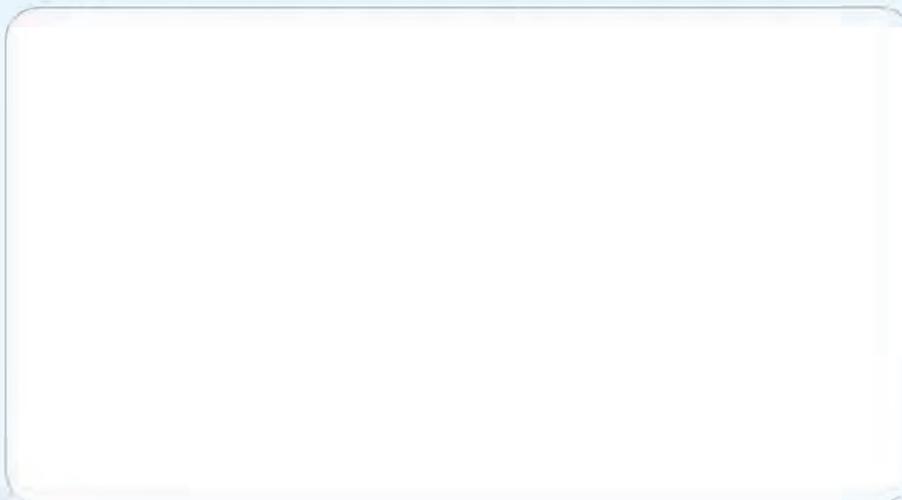
- ✓ A sociedade brasileira foi formada por diversos grupos étnicos, que tinham culturas e costumes diferentes.
- ✓ Em 1500, existiam cerca de quatro milhões de indígenas no Brasil. O processo de colonização levou ao desaparecimento de muitos desses grupos.
- ✓ Os africanos que vieram para o Brasil durante a diáspora pertenciam a várias culturas, como a banto e a iorubá.
- ✓ A ocupação do território brasileiro pelos portugueses se restringiu ao litoral no primeiro século de colonização.
- ✓ Outros povos europeus tiveram interesse no território que hoje chamamos Brasil, entre eles, os franceses e os holandeses.

- 1 Cite três fatores que contribuíram para a diminuição do território e dos povos indígenas.

A ocupação e exploração do território pelos colonizadores, as doenças e as guerras com os europeus.



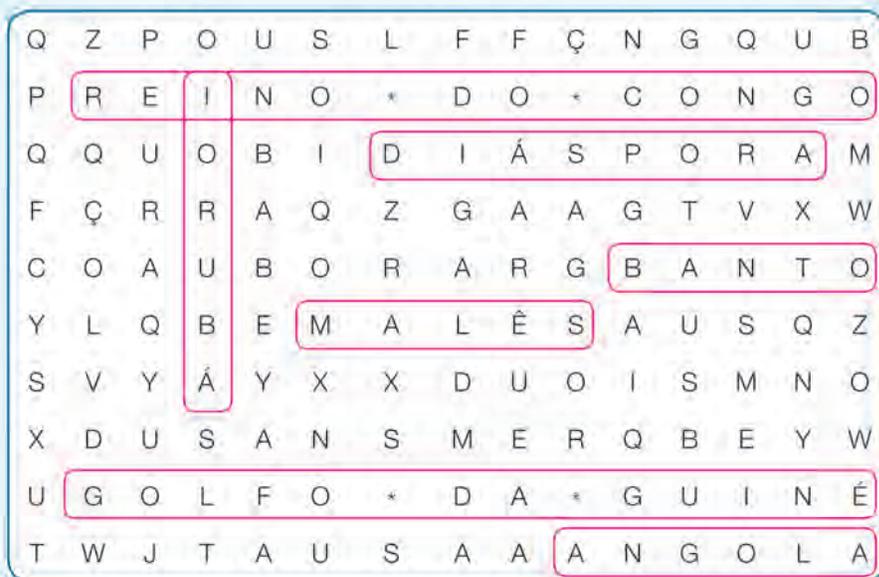
- 2 Com base no que você viu no primeiro capítulo desta unidade, elabore um desenho para representar o encontro entre os Tupi e os portugueses. Use lápis de cor, caneta hidrográfica e giz de cera para colorir sua ilustração.



Diversidade dos povos indígenas

Tentar caracterizar em bloco as sociedades indígenas no continente sul-americano, mesmo excluindo os Andes, é correr o risco de generalizar sobre uma realidade que, apesar de tudo, ainda é altamente diversificada. Não há duas sociedades indígenas iguais. Mesmo quando ocupam zonas ecológicas semelhantes, elas mantêm sua individualidade, tanto no plano das relações sociais como no campo simbólico. Portanto, não é possível explicar a lógica sociocultural dessas sociedades simplesmente por fatores ecológicos ou por determinações econômicas.

3 Encontre no diagrama as respostas para as questões.



- Região de onde vieram os primeiros africanos para o Brasil.
Golfo da Guiné.
- Processo de migração forçada da África para a América.
Diáspora.
- Viviam em sociedades organizadas com até 20 mil pessoas e praticavam o comércio com outros povos.
Iorubá.
- Seus reinos eram divididos em províncias administradas por chefes escolhidos pelo rei.
Banto.
- A congada é uma festa inspirada na coroação de seu reino.
Reino do Congo.
- Atual país de onde foram trazidos diversos povos africanos no século XVI.
Angola.
- Grupo africano trazido ao Brasil para ser escravizado e que era da cultura islâmica.
Malês.

- A atividade 3, de retomada de conteúdos e identificação de termos no diagrama, pode contribuir para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI10**: *Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira e da competência específica de História 4 da BNCC: Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.*
- Nesse momento, pode ser interessante apresentar aos alunos dois dos grandes escritores brasileiros: Machado de Assis e Lima Barreto. Contemporâneos, ambos viveram no momento de conquista da liberdade dos escravos e escreveram sobre as relações sociais no período. Homens das letras e extremamente cultos, os dois alcançaram reconhecimento internacional.

Tráfico ocidental na África: séculos XVI-XIX

Todos os africanos trazidos para o Brasil vieram pela rota transatlântica. Isso envolveu povos de três regiões geográficas: África ocidental [...] Senegal, Mali, Níger, Nigéria, Gana, Togo, Benin, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné e Camarões; África centro-ocidental [...] Gabão, Angola, República do Congo, República Democrática do Congo (ex-Zaire), África sul-oriental [...] Moçambique, da África do Sul e da Namíbia. [...] Os africanos escravizados no Brasil foram trazidos do litoral de Angola, do litoral de Moçambique e do Golfo de Benin, de onde embarcaram rumo ao Brasil. Mas de fato teriam vindo do interior das áreas citadas [...].

MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009. p. 87.

- Relembre aos alunos que até 1530 a presença portuguesa na costa do continente limitava-se à fundação de feitorias para a exploração de riquezas naturais, especialmente pau-brasil. As feitorias, porém, não favoreciam a ocupação efetiva da terra. Quando o pau-brasil se esgotava em uma região, os comerciantes portugueses deixavam tudo para trás, abandonando até mesmo as fortificações que haviam construído.
- Como o litoral brasileiro era muito extenso, ficava difícil patrulhar o mar. Os comerciantes portugueses não conseguiam evitar a vinda de navios estrangeiros. Comerciantes franceses vinham, com frequência, em busca de pau-brasil, desafiando abertamente o domínio português sobre o território.
- **Atividade 4.** Depois de estimular os alunos a observar o mapa com cuidado, diga a eles que se fez necessário mandar colonos e estabelecer centros administrativos ligados ao governo português. A solução encontrada foi a criação de capitânicas hereditárias para garantir definitivamente a posse portuguesa sobre a nova terra.

4 Leia a legenda e analise o mapa. Na sequência, assinale a opção correta sobre o sistema que a imagem representa.



- Sistema colonial.
- Capitânicas hereditárias.
- Exploração do pau-brasil.
- Bandeiras.
- Catequização indígena.

Faixas de terra distribuídas pelo governo português a donatários para organizar a administração e incentivar o povoamento do território.

Fonte: Atlas histórico escolar. 8. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1983. p. 16.

5 Qual era a relação entre a metrópole e a colônia?

A metrópole exercia o poder político e econômico sobre a colônia. A colônia tinha de mandar para a metrópole os produtos de valor que extraísse ou cultivasse.

6 Observe a imagem e faça uma lista de todos os elementos que conseguir identificar. Compare sua lista com a de seus colegas e veja se há alguma coisa que você não percebeu.



Mulher mameluca (mestiça), óleo sobre tela de Albert Eckhout, 1641.

- Uma mulher mestiça usando um vestido branco, colar e pulseira, um pequeno animal parecido com preá ou porquinho-da-índia, um cesto cheio de flores, um cajueiro com muitos frutos, céu nublado, campo ao fundo e uma planta com uma flor chamada estrelitzia.

A mulher mameluca

A pintura da Mameluca é um emblema do estilo eckhoutiano. A pose da figura, equilibrando uma cesta e na outra mão segurando o vestido, assemelha-se a outras de suas pinturas. Nos retratos, verificam-se gestos passivos, em que se segura ou se levanta algo. É interessante observar o paradigma das composições eckhoutianas. Particularmente nos retratos em tamanho natural, as pessoas estão emolduradas, ora no lado direito ora no esquerdo, pela flora tropical. [...]

[...] A representação da mameluca nos coloca diante das nossas raízes étnicas. Portanto, temos uma obra na qual a mestiçagem de brancos e índios mostra toda sua beleza nativa.

Mameluca. Instituto Ricardo Brennand.

Disponível em: <<http://www.institutoricardobrennand.org.br/pinacoteca/eckhout/pint18.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

- Você imagina que, no momento da pintura, todos os aspectos retratados nesse quadro estavam presentes em frente ao pintor para que ele executasse sua obra? Escreva um pequeno texto refletindo sobre as razões de ele ter juntado todos esses elementos em um mesmo quadro e tente imaginar que mensagem ele queria transmitir.

Os elementos retratados certamente não estavam diante do pintor no momento da execução do quadro. Ele imaginou todos os elementos reunidos para dar aos seus conterrâneos da Europa uma visão do Brasil. De acordo com o olhar europeu da época, dois elementos eram importantes para retratar a realidade brasileira: a imagem da natureza exuberante (por isso junta flores, frutos e animais em um mesmo quadro) e a do país mestiço (por isso representa uma mameluca, com vestes e joias europeias). Pode-se observar também que ela está descalça, em uma alusão às populações originárias.

7 Sobre as línguas africanas no período colonial, responda.

- a) A política dos colonizadores com relação às línguas africanas foi a mesma que adotaram para as línguas indígenas?

Não. Os colonizadores tentaram evitar que as línguas africanas fossem disseminadas na colônia, separando as pessoas escravizadas que eram procedentes da mesma origem.

- b) Como os quilombos ajudaram na preservação das línguas africanas?

Os quilombos eram lugares onde não havia o controle dos colonizadores. As populações africanas podiam se comunicar em suas línguas originais.

- A **atividade 6**, de análise de obra artística, pode contribuir para o desenvolvimento da competência específica de História 3 da BNCC: *Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.*
- **Atividade 7.** Retome com os alunos as questões políticas em torno da língua nacional. Enquanto o grupo dominante buscava cercear a comunicação dos escravizados africanos e, assim, limitar sua expressão social, a manutenção de palavras de origem africana nos quilombos pode ser interpretada como um meio de resistência política e cultural.

Para seu aluno acessar

Memória das palavras – A cor da cultura

Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Memoria_MEC.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2018.

Manifestações culturais afro-brasileiras

Para além da força das formas e dos símbolos gráficos nas sociedades africanas, a oralidade, a fala, é instrumento de comunicação mais direta, e elemento central na transmissão do conhecimento acerca das coisas do passado e na educação das pessoas conforme os padrões de comportamento de cada grupo. Os nomes são carregados de significados que indicam várias coisas acerca das pessoas e dos objetos. Os provérbios e frases enigmáticas para os de fora do grupo são centrais na expressão de sentimentos, ideias, críticas e reivindicações. O aspecto educador da palavra é central. É por meio dela que a história é guardada e transmitida, garantindo a manutenção da identidade particular que une os membros de um grupo e os diferencia dos que pertencem a outros grupos.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2007. p. 137.

Objetivos

- Interpretar representações iconográficas de momentos históricos brasileiros.
 - Organizá-las de acordo com critérios de temporalidade, como antes e depois.
- A atividade da seção visa retomar o trabalho com pinturas históricas feito ao longo da unidade e estimular as habilidades de interpretação e contextualização dos alunos. Auxilie-os a distinguir as datas em que as pinturas foram feitas dos momentos históricos que representam e, em seguida, a ordená-las cronologicamente.
- Converse com os alunos perguntando se é possível representar um acontecimento fielmente muitos anos após a sua realização. Espera-se que eles compreendam que alguns documentos de época podem ajudar no trabalho, mas, geralmente, as pinturas são feitas de modo idealizado, baseadas na imaginação do pintor e da interpretação que deseja atribuir ao acontecimento.

Atividade divertida



Volta à cidade de um proprietário de chácara, de Jean-Baptiste Debret, século XIX.

4



Engenho de Itamaracá, de Frans Post, 1647.

3

Observe as imagens. Elas retratam diferentes momentos da história do Brasil, mas estão fora da ordem cronológica. Escreva ao lado de cada quadro os números de 1 a 5 para colocá-los na sequência correta dos acontecimentos.

Atenção: Não é a data da pintura que deve contar, mas a do tema retratado.

BNCC: a contextualização e a interpretação de imagens

A contextualização é uma tarefa imprescindível para o conhecimento histórico. Com base em níveis variados de exigência, das operações mais simples às mais elaboradas, os alunos devem ser instigados a aprender a contextualizar. Saber localizar momentos e lugares específicos de um evento, de um discurso ou de um registro das atividades humanas é tarefa fundamental para evitar atribuição de sentidos e significados não condizentes com uma determinada época, grupo social, comunidade ou território. Portanto, os estudantes devem identificar, em um contexto, o momento em que uma circunstância histórica é analisada e as condições específicas daquele momento, inserindo o evento em um quadro mais amplo de referências sociais, culturais e econômicas [...].



Lúdico em sala de aula

Ao abordar determinado conteúdo curricular de forma lúdica, o professor possibilita ao aluno criar interesse em torno do tema e facilita a aprendizagem. A apreensão do tempo histórico pode ser uma tarefa difícil e até maçante para os alunos nessa faixa etária quando centrada apenas em fatos e datas. A utilização de alternativas mais divertidas de introduzir e avaliar o conhecimento dos alunos sobre tais assuntos pode possibilitar maior eficiência nos resultados da turma.

- A realização desta atividade pode contribuir para o desenvolvimento da competência específica de História 2 da BNCC: *Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.*

O exercício da interpretação – de um texto, de um objeto, de uma obra literária, artística ou de um mito – é fundamental na formação do pensamento crítico. Exige observação e conhecimento da estrutura do objeto e das suas relações com modelos e formas (semelhantes ou diferentes) inseridas no tempo e no espaço. [...] O exercício da interpretação também permite compreender o significado histórico de uma cronologia e realizar o exercício da composição de outras ordens cronológicas.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. p. 399-400.

Objetivos da unidade 4

- Refletir sobre as diferenças entre o modo de trabalho escravo e o livre e assalariado no contexto brasileiro de fins do século XIX.
- Refletir sobre a imigração sob a perspectiva cultural, avaliando algumas manifestações presentes no Brasil, compreendendo as mudanças e as permanências em relação aos locais de origem.
- Identificar alguns movimentos de migração interna no Brasil, reconhecendo seus motivos e seus contextos.
- Reconhecer o papel dos meios de comunicação na difusão cultural brasileira, especialmente do rádio e da televisão durante o século XX.

Competência específica de História 5 da BNCC que se relaciona aos conteúdos desta unidade

- Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.



Apresentação de tambores japoneses na Festa do Imigrante, município de São Paulo, estado de São Paulo, 2014.

Habilidades da BNCC em foco nesta unidade

- **EF04HI03:** Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.
- **EF04HI06:** Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
- **EF04HI08:** Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.
- **EF04HI09:** Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.

Vamos conversar

A palavra migração diz respeito ao deslocamento de pessoas de uma região para outra. Esses movimentos permitem o contato entre inúmeras culturas, formas de viver e de conviver.

1. O que é retratado na imagem? A cultura de qual nacionalidade é representada na fotografia?
2. No lugar em que você vive existem costumes e influências de diferentes tradições? Se sim, quais?



- Converse com os alunos sobre migração, buscando levantar seus conhecimentos prévios e opiniões sobre o assunto. É interessante, nesse primeiro momento, sensibilizá-los para as dimensões do deslocamento de pessoas, que ultrapassam o interesse geográfico e repercutem nas dinâmicas culturais e nas questões políticas.
- Prossiga com as questões propostas no box *Vamos conversar* e pergunte aos alunos se eles costumam frequentar ou já participaram de alguma festa de imigrantes.

- **EF04HI10:** Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
- **EF04HI11:** Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).

Objetivos

- Compreender o contexto de demanda de mão de obra livre e assalariada gerado com a crise do sistema escravista.
 - Compreender a relação entre a economia cafeeira e os fluxos migratórios de trabalhadores para o Brasil, com destaque para europeus e asiáticos.
 - Reconhecer as dificuldades nos deslocamentos de imigrantes para o Brasil e as condições de exploração a que eram submetidos.
 - Refletir sobre o impacto das propagandas veiculadas em jornais e outros meios para atrair imigrantes para trabalhar no Brasil.
- Explique aos alunos que o termo imigrante, embora diga respeito ao indivíduo que deixa seu país de origem para viver em outro, raramente é empregado para se referir às pessoas que vieram ao Brasil antes de 1822. Na condição de colônia, tecnicamente, o Brasil recebia colonos, expedicionários ou então escravizados, que eram vítimas de migrações forçadas.

 **Para seu aluno ler**

Imigrantes no Brasil no século XIX, de Edilene Toledo e Jefferson Cano, editora Atual.



Imigração no Brasil

Muitos deslocamentos de população aconteceram pelo mundo ao longo da história por diversas razões, como necessidade econômica, guerras ou problemas políticos. A história do Brasil também é marcada pelo intenso fluxo de pessoas de diferentes partes do planeta.

Durante o período colonial, quando o Brasil esteve sob o domínio de Portugal, entre os séculos XVI e XIX, a presença de portugueses na colônia era expressiva. Além deles, franceses, holandeses e europeus de diferentes nacionalidades, ligados especialmente ao comércio, também se estabeleceram no país. Entre os séculos XVI e XIX, cerca de 5 milhões de pessoas do continente africano, provenientes principalmente de Angola, Moçambique, Golfo de Benin (sudoeste da atual Nigéria) e Costa do Marfim, foram escravizadas e trazidas ao Brasil.

Imigração a partir do século XIX

Em 1822, o Brasil se tornou independente de Portugal e, em certa medida, isso favoreceu a entrada de pessoas de outras nacionalidades no país, afinal, a metrópole exercia um grande controle sobre o território colonial.

Com a campanha pela libertação dos escravizados e o declínio do sistema escravista, a partir do final do século XIX, novas relações de trabalho foram criadas com o uso de mão de obra livre e assalariada na lavoura. Esse trabalho foi desempenhado por imigrantes, muitos de origem europeia, que chegavam ao Brasil por meio de viagens incentivadas por proprietários de terras e pelo governo da época.

Entre os anos de 1870 e 1930, mais de 3 milhões de pessoas de origens diversas, como alemães, italianos, espanhóis, japoneses e árabes, chegaram ao país.



Os emigrantes, de Antonio Rocco, óleo sobre tela, 202 × 131 cm, 1910.

Outroa artistas retrataram emigrantes

A biografia de Lasar Segall (1889-1957) é marcada pelas grandes travessias e mudanças de rumo. [...]

Desde sua primeira viagem ao Brasil, em dezembro de 1912, ele anotou, em pequenos cadernos de desenho, as experiências que viveu a bordo dos navios. Assim, seus deslocamentos [...] cruzando o Atlântico, produziram instantâneos de viagem, retratos de diferentes tipos humanos, o cotidiano dos marinheiros, detalhes construtivos das embarcações, a experiência da imensidão do oceano em confronto com a fragilidade do destino humano. [...]

D'HORTA, Vera. *Navio de emigrantes*. Disponível em: <<http://www.museusegall.org.br/mlsItem.asp?sSume=21&sItem=234>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

Imigração e cultura do café

Para aumentar a produção agrícola, sobretudo a do café, que passou a ser o principal produto de exportação do país em 1830, e com a proibição do tráfico de escravizados em 1850, o governo brasileiro moveu uma campanha para atrair trabalhadores estrangeiros.

Entusiasmados com a propaganda imigratória e provindos de locais onde ocorriam sérios conflitos, problemas econômicos e escassez de alimentos, os imigrantes viajaram de terras distantes para o Brasil, atuando, no início, como trabalhadores rurais. Entretanto, muitos encontraram também uma vida difícil: nem sempre recebiam corretamente os seus pagamentos ou os lotes de terra prometidos, os contratos por vezes não eram cumpridos, e eram submetidos a desgastantes jornadas de trabalho.

1 Quais as principais razões da imigração para o Brasil?

Conflitos, crise econômica e escassez de alimentos nos países de origem e incentivo do governo brasileiro para compor mão de obra livre e assalariada no Brasil.

2 Observe a imagem a seguir e responda à questão.



O descanso no cafezal, de Mara D. Toledo, óleo sobre tela, 60 × 90 cm, 2013.

- Quem são e o que estão fazendo as pessoas retratadas na pintura? Como elas são representadas?

Na pintura, vemos trabalhadores rurais em uma lavoura de café. A maioria está colhendo café, um homem está secando os grãos e outros estão carregando um carro de boi com o produto. Apenas um casal descansa embaixo de uma árvore. Não se veem as expressões faciais das personagens, que usam roupas simples, lenço ou chapéu na cabeça e estão descalças.

113

- Retome com os alunos o conteúdo sobre a produção cafeeira no Brasil e o contexto de transição do trabalho escravo para o assalariado. Comente que, além de suprirem a mão de obra necessária para a lavoura, os imigrantes europeus eram desejados pela elite brasileira, pois viriam a “ensinar modos e o valor do trabalho árduo” ao povo brasileiro.
- As **atividades 1 e 2**, que abordam a inserção dos imigrantes europeus como trabalhadores nas lavouras de café do Brasil, possibilitam o desenvolvimento das habilidades **EF04HI06: Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização** e **EF04HI09: Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino**.
- Na **atividade 1** oriente os alunos para que percebam que a maioria dos imigrantes veio para o Brasil porque no lugar onde viviam não havia empregos e, à vezes, nem comida para todos.
- A **atividade 2** pede aos alunos que observem a imagem que representa trabalhadores em uma lavoura de café. Mencione a semelhança com outras imagens que representam africanos e afrodescendentes escravizados exercendo as mesmas funções e tendo um capataz ou supervisor monitorando o trabalho.

• Sugestão de atividade: Consultar fichas de imigrantes

- Nos últimos 10 anos, houve o crescente trabalho de digitalização dos controles de entrada no país de imigrantes vindos de todas as partes do mundo.
- A base de dados do porto do Rio de Janeiro, por exemplo, está disponível no *site* <http://bases.an.gov.br/rvbnodes/Menu_Externo/> (acesso em: 6 jan. 2018), organizado pelo Arquivo Nacional. A pesquisa pode ser direcionada por palavras-chave.
- Na sala de informática da escola, auxilie os alunos a navegar pelo *site* e a consultar informações sobre imigrantes no Brasil em diferentes épocas. As informações coletadas podem ser utilizadas na composição de uma apresentação oral ou visual.

- Converse com os alunos sobre os motivos que levaram os imigrantes a deixar seus países de origem e vir para o Brasil. Geralmente são questões de ordem econômica, isto é, são motivados pelas escassas possibilidades de trabalho e a busca por uma vida melhor.
- Comente que as pessoas que migravam eram, com poucas exceções, muito pobres, por isso, eram atraídas pelas ofertas feitas pelos fazendeiros no Brasil.
- Elas vinham com seu núcleo familiar vender sua força de trabalho nas fazendas ou, se vinham sozinhas, assim que chegavam, mandavam cartas de chamada para a família.
- É importante ressaltar que os imigrantes eram submetidos a uma condição de servidão por dívidas, sendo impossibilitados de voltar aos países de origem, e que não havia legislação no período que coibisse esse tipo de situação.

Travessia para o Brasil

Os imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX eram atraídos por campanhas imigratórias que prometiam melhores condições de vida do que aquela à qual realmente teriam acesso.

As viagens até o Brasil eram cansativas. Muitas vezes os imigrantes tinham que viajar da sua cidade, no interior do país, até os portos onde iriam embarcar. Então, começava a longa e difícil travessia. Nas primeiras viagens, o governo e os proprietários de terras financiavam as passagens, que deveriam ser pagas com o trabalho ao chegar nas lavouras. As condições de viagem eram péssimas: muitas pessoas dividiam um pequeno espaço nos porões dos navios e ficavam submetidas a condições de higiene e de alimentação precárias.

Muitos imigrantes tinham a intenção de trabalhar temporariamente no Brasil, juntar algum dinheiro e voltar para a terra de origem. Mas raramente isso era possível, pois, aqui chegando, tinham que trabalhar para pagar as despesas da viagem. Isso gerava uma situação de dependência. Como não tinham dinheiro, também faziam dívidas nos armazéns das fazendas onde trabalhavam, para obter artigos de primeira necessidade, como roupas e comida.



Desembarque de imigrantes no porto de Santos, estado de São Paulo, 1907.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fotografia tirada de: Ar. Biblioteca Museu Paulista (1910 da 11 de fevereiro de 1988)

Você sabia?

Imigração e propaganda

Na revista *O Imigrante*, os textos eram publicados em italiano, francês, alemão, inglês e árabe, pois tinham essas populações como público-alvo. Observe como o estado de São Paulo é representado na capa. A proporção do espaço ocupado por esse estado não corresponde ao tamanho real do território. Por que teriam representado dessa maneira?

Capa da revista *O Imigrante*, ano I, nº 1, jan. 1908.



Um Brasil imigrante, uma Babel de línguas

Com o fim da escravidão e a conseqüente desorganização momentânea do sistema de mão de obra, uma série de esforços foi feita no sentido de atrair imigrantes, sobretudo europeus, para o Brasil. A experiência vinha da época do Império, mas no contexto da Primeira República seria incrementada. Contando com a concordância de países como Argentina, Cuba, México e Estados Unidos da América, o governo brasileiro teve que se esmerar para vender a ideia do “paraíso terreal”. Grandemente destinado ao campo — à formação de núcleos coloniais oficiais nos estados do Sul e em especial às fazendas de café na Região Sudeste —, esse contingente de imigrantes acabaria absorvido pela dinâmica das cidades que cresciam e ofereciam empregos e serviços.

- 3 Observe a imagem e leia a legenda. Em seguida, responda às questões.



Cartaz de propaganda para atrair imigrantes italianos para o Brasil no final do século XIX. O cartaz está escrito em italiano, no qual se lê: "Na América. Terras no Brasil para os italianos. Navios partindo toda semana do porto de Gênova. Venham construir seus sonhos com a família. Um país de oportunidades. Clima tropical e abundância. Riquezas minerais. No Brasil vocês podem ter o seu castelo. O governo dá terras e ferramentas para todos".

- a) Qual é a mensagem da propaganda sobre o Brasil?
 A propaganda descreve o Brasil quase como um paraíso, com clima tropical e cheio de oportunidades e riquezas para os imigrantes.
- b) A propaganda descreve corretamente o que os imigrantes encontraram ao chegar ao Brasil? Por quê?
 Não, porque ao desembarcarem no Brasil, os italianos encontraram clima instável, com épocas de muito frio ou calor e foram trabalhar sem infraestrutura e sem direitos, como agricultores nas lavouras de café, onde ficaram endividados, perdendo sua autonomia. Não havia castelos.

- 4 Muitos aspectos culturais brasileiros tiveram influência da imigração. A culinária é um exemplo. Em grupo, escolham uma nacionalidade de imigrantes e pesquisem sobre um prato típico dessa nação que se tornou popular no Brasil. Cada grupo deverá apresentar para a turma o alimento escolhido, a nacionalidade de origem e a importância desse alimento para a cultura de seu povo.



ILUSTRAÇÕES: TEL COELHO

115

- Leia com os alunos o boxe *Você sabia?*, chamando a atenção deles para a reprodução da revista *O Imigrante* na página 114. Estimule-os a relacionar a proporção maior do estado de São Paulo ao público-alvo da revista, isto é, os imigrantes que chegavam para trabalhar no Brasil entre o fim do século XIX e o início do século XX. São Paulo foi o estado que mais recebeu imigrantes no período, sendo o principal estado em que se desenvolveu a economia cafeeira.
- **Atividade 3.** A propaganda no cartaz se dirigia aos italianos e descrevia o Brasil de modo muito atrativo, como um lugar cheio de oportunidades, com riquezas minerais e clima ideal para cultivar a terra. Ao desembarcar no Brasil, os italianos encontraram grandes fazendas de café, clima instável, com épocas de muito frio ou calor, sem infraestrutura, e foram trabalhar como agricultores, sem terras, sem ferramentas próprias e sem direitos.
- A **atividade 4**, sobre a contribuição cultural de imigrantes no Brasil, colabora para o desenvolvimento da habilidade **EF04HI10: Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.**

Para seu aluno ler

A menina que fez a América, de Ilka Brunhilde Laurito, FTD, 2002.

Enganados por uma propaganda ilusória, poloneses, alemães, espanhóis, italianos, portugueses e, mais tarde (a partir dos últimos anos da década de 1910), japoneses foram tomados por uma febre migratória. O mito da abundância dos trópicos casou-se bem com uma Europa que expelia sua população pobre e seus pequenos proprietários endividados. Por fim, o considerável aumento populacional em escala mundial, coadunado com a melhoria dos transportes, acabou por colocar à disposição grandes grupos de camponeses desempregados. Estima-se que mais de 50 milhões de europeus abandonaram seu continente de origem em busca da tão desejada “liberdade”, que vinha sob a forma de propriedade e emprego.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 323.

- 5** Observe as imagens abaixo e elabore uma descrição para cada uma delas.



Colonos italianos no município Nova Europa, no estado de São Paulo, 1911.

Resposta pessoal.



Imigrantes japoneses em plantação de café no início dos anos 1900.

Resposta pessoal.

Reprodução: Graciosa, Art. 188 do Código Penal e Lei 6.010 de 10 de Novembro de 1966.

- 6** O trabalho nas fazendas de café é o tema de muitas obras do artista Candido Portinari (1903-1962). Reúna-se em grupo com os colegas e pesquisem sobre a história desse artista e suas obras. Cada grupo deverá:

- escrever uma pequena biografia do artista;
- selecionar duas obras dele que tenham relação com o tema do trabalho nas fazendas de café;
- explicar como os trabalhadores da lavoura cafeeira foram representados nas obras escolhidas.



Café, de Candido Portinari, óleo sobre tela, 130 x 195 cm, 1935.

Orientações no Manual de subsídios ao professor.

- **Atividade 5.** Explique aos alunos que as fotografias eram muito caras na época e, por isso, as famílias tinham poucas oportunidades de fazer registros. As máquinas eram, em geral, mais pesadas de transportar e eram fixas em um lugar. Assim, as fotografias eram geralmente posadas e pouco espontâneas, como as desta atividade.
- **Atividade 6.** Ressalte a importância do café para a sociedade brasileira no período em que Portinari produziu suas obras. A economia cafeeira afetava a organização do trabalho, os deslocamentos, a composição social e cultural do país, além de ter grandes reflexos políticos e urbanísticos. Diga aos alunos também que nas obras de Candido Portinari, os trabalhadores da lavoura, homens e mulheres, são retratados como figuras fortes, com grandes mãos e pés, ressaltando o enorme esforço físico realizado por eles.
- Oriente a pesquisa dos alunos indicando livros e sites confiáveis e acessíveis para a faixa etária. A exposição dos resultados pode ser feita de forma coletiva em sala de aula.

O retrato de Marc Ferrez do Brasil entre a nostalgia e a modernidade

[...] o lugar de enunciação da mensagem fotográfica de Ferrez era o mundo dos grandes proprietários escravistas, que vivia entre a nostalgia de um passado em que a escravidão era um sistema incontestável do ponto de vista econômico e humanitário, e a perspectiva da construção de uma sociedade moderna a exemplo das nações europeias. Nesse aspecto, havia um paradoxo entre o mundo almejado, baseado na racionalidade industrial e exploração da mão de obra livre, e a realidade escravista constituída. Como solução para tal, a estética encontrada por Ferrez para o registro das fazendas do Vale associava-se tanto à tradição da fotografia de vistas quanto à de “tipos humanos”, presente na cultura visual oitocentista.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Violência apaziguada: escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 74, 2017.

Objetivos

- Discutir o estabelecimento de imigrantes em núcleos coloniais e aspectos de seu modo de vida.
 - Diferenciar o modo de vida e as condições de trabalho nos núcleos coloniais e nas fazendas de café.
- O texto desta seção apresenta algumas características da imigração para os núcleos coloniais, espaços que tinham como objetivo a ocupação de terras no Sul do país e a produção de agricultura familiar. Auxilie os alunos a ler o texto e a interpretá-lo, estimulando-os a diferenciar a vida dos imigrantes que viviam nos núcleos coloniais daqueles que trabalhavam nas fazendas de café do Sudeste.

Domínio da Linguagem

A leitura de um texto informativo, não produzido com fins didáticos, mas acadêmicos, possibilita ao aluno a apropriação de elementos próprios à essa narrativa. É preciso, no entanto, acompanhar esse trabalho de forma a torná-lo acessível ao aluno e integrado à construção de habilidades desejáveis à faixa etária. O contato com palavras mais complexas deve ser mediado de forma a ampliar o vocabulário dos alunos e suas noções de mundo, visando a progressão nos conhecimentos. O texto apresenta o modo de vida dos imigrantes nas colônias do Sul do Brasil. Ao aluno, cabe comparar com a vida dos imigrantes nas lavouras de café e estabelecer semelhanças e diferenças.

Para ler e escrever melhor

Quais as **semelhanças** e as **diferenças** entre as condições de vida e trabalho dos imigrantes nas lavouras de café e nas colônias estabelecidas no Brasil no século XIX? Saiba mais no texto a seguir.

O fluxo migratório da Europa para o Brasil se intensificou a partir de 1845. Com isso, surgiram diversas colônias criadas pelo governo e também por particulares.

Colônias de imigrantes

A imigração europeia para o estado do Rio Grande do Sul no século XIX caracteriza-se pela posse da pequena propriedade de áreas ainda não colonizadas.

Os imigrantes dirigiram-se para essas regiões com o objetivo [de praticar a] agricultura de base familiar e com a missão de transformar economicamente e culturalmente as áreas ocupadas. Nesse processo destacam-se, numericamente, os alemães e os italianos. Diferentemente do processo do Sudeste do país, esses fluxos migratórios não estão ligados à substituição de mão de obra escrava. [...]

Os processos migratórios dos séculos XIX e XX [...] caracterizam uma trajetória de transformação cultural das localidades envolvidas neles. A incorporação de novos hábitos alimentares, de diferentes idiomas, de uma estética específica, de religiosidades distintas, corresponde às múltiplas faces dessa trajetória. Uma nova identidade foi constituída para a população local através dessa experiência [...].



Família italiana na colônia Dona Isabel, onde hoje se localiza o município de Bento Gonçalves, estado do Rio Grande do Sul, c. 1920.

LLA, Cristine Fortes; RADÚNZ, Roberto. Os processos migratórios dos séculos XIX e XX: diálogos entre o saber acadêmico e a Educação Básica. In: *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 61, jul./set. 2016. p. 258 e 260.

A criação de núcleos coloniais em São Paulo

Além do Sul do país, também foram criados núcleos coloniais em São Paulo, a partir de 1847, como aponta o trecho do artigo a seguir:

A criação de Núcleos Coloniais em São Paulo foi um processo que se instituiu dadas as necessidades de alteração dos mecanismos de recrutamento de mão de obra na transição para o trabalho livre. A partir de 1847 foram fundadas colônias particulares de terras que seriam cultivadas pelo sistema de parceria, pelo qual os colonos tinham direito a 50% da renda da colheita. Este sistema apoiava-se no processo migratório, deslocando trabalhadores europeus de diferentes regiões, que deveriam fazer a América, fugindo das crises de abastecimento de regiões como o Veneto ou a Calábria na recém unificada Itália. As colônias apareciam como possibilidade de ascensão social a camponeses ou trabalhadores manufatureiros, ou de

1 Assinale as principais características do trabalho dos imigrantes nas colônias e nas lavouras de café, de acordo com a legenda.

NC Núcleos coloniais no Sul

LC Lavoura cafeeira no Sudeste

NC Pequena propriedade.

LC Grande propriedade.

LC Agricultura voltada à exportação.

NC Agricultura familiar.

2 Quais os principais grupos de imigrantes que se estabeleceram no Sul do Brasil?

Os principais grupos de imigrantes que foram para a região Sul eram de alemães e italianos.

3 No século XIX, a região Sul do Brasil era habitada, também, por povos indígenas de origem Guarani e Jê (como Xokleng e Kaingang). Com base nessa informação, releia o texto da página anterior e, em seguida, reúna-se com os colegas e conversem sobre a questão a seguir.



Índios Kaingang da Terra Indígena Rio dos Índios. Município de Redentora, estado do Rio Grande do Sul, 2014.

• O que se entendia, naquele período, por “missão de transformar economicamente e culturalmente as áreas ocupadas”?

A ideia de que havia uma “missão de transformar” as áreas relaciona-se às ideologias em vigor no século XIX, que valorizavam as culturas europeias em detrimento das demais. Muitos povos indígenas enfrentaram sérias dificuldades por causa disso, já que os ideais europeus que o governo procurava instituir no Brasil foram, muitas vezes, implantados com o uso da violência.

119

- Nos estados do Sul, os imigrantes formaram colônias e preservaram grande parte dos costumes de seus locais de origem. Por exemplo, o município de Pomerode, no estado de Santa Catarina, foi colonizado por alemães em meados do século XIX. A maioria dos habitantes atualmente é descendente desses colonizadores e preserva a cultura alemã, mais especificamente a cultura da região da Pomerânia. Em 2010, o alemão foi instituído como segundo idioma oficial, complementar ao português.
- **Atividade 1.** Comente com os alunos que os imigrantes que se estabeleceram no Sul tiveram acesso à terra, compraram pequenas propriedades e formaram colônias. Os imigrantes que foram para as grandes fazendas de café do sudeste não eram donos da terra, mas trabalhadores assalariados.
- Muitos fazendeiros tratavam como escravos os imigrantes que trabalhavam nas lavouras de café. Não havia assistência médica nem escolas, e era bastante comum o pagamento dos salários atrasar. Por causa das condições de trabalho nas fazendas, que em muitos casos se assemelhavam à escravidão, os imigrantes começaram a migrar para as cidades em busca de trabalho nas fábricas.
- **Atividade 3.** Retome o conceito de colonização com os alunos de modo que consigam compreender seu sentido no texto (grupo de migrantes que se estabelecem em uma terra estrangeira).

liberdade aos anarquistas perseguidos por problemas políticos. Entretanto as promessas de ganhos fáceis eram logo perdidas, pois os imigrantes tinham, já na chegada ao Brasil, que reembolsar os gastos com suas passagens da Europa, com alimentação, médico e moradia, acabando por serem aprisionados por dívida. Até a década de 80 do séc. XIX a vinda de imigrantes ainda era pouco significativa, mas a partir de 1884 o governo passou a subvencionar esse traslado em larga escala para as fazendas de café, cultivadas pelo sistema do colo nato — pelo qual os imigrantes ganhavam conforme a quantidade de café colhido, estimulando o trabalho familiar.

ALVES, Alexandre. *Os imigrantes do Núcleo Colonial de São Bernardo e a constituição do subúrbio paulistano (1877-1902)*. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/files/03-%20Os%20imigrantes%20do%20nucleo%20colonial%20de%20Sao%20Bernardo.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

Objetivos

- Refletir sobre a imigração no Brasil sob a perspectiva cultural.
 - Compreender as manifestações culturais como expressões de identidade de um grupo e a importância de sua preservação.
 - Avaliar permanências e transformações nas manifestações que compõem a cultura brasileira.
 - Reconhecer elementos e práticas do cotidiano que têm origem estrangeira e sua integração no modo de vida do povo brasileiro.
- Retome as discussões feitas na unidade anterior sobre a formação cultural do povo brasileiro e sua natureza multiétnica. Acrescente que a matriz identitária composta na dinâmica colonial foi cada vez mais diversificada com as migrações dos séculos XIX e XX. Estimule os alunos a refletir sobre como cada indivíduo que vem morar no Brasil traz consigo sua cultura e opera um movimento de troca com a cultura nacional: ele a influencia e é influenciado por ela. Assim, "a cultura" não é singular e está em constante mudança.
 - Apresente aos alunos o acarajé, um alimento de origem africana abordado na **atividade 1**. Comente que a maneira como os povos se alimentam diz respeito à fauna e à flora disponíveis em seu local de origem e ao modo de preparo transmitido culturalmente. Como o acarajé, outros elementos de origem estrangeira são incorporados e reelaborados de acordo com a realidade brasileira. Assim, eles não deixam de existir, mas também não permanecem iguais.

CAPÍTULO 2

Diversidade de povos e costumes

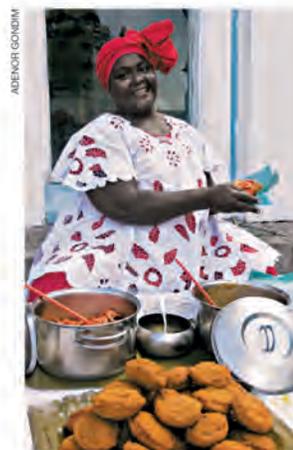
O deslocamento das populações contribui para intensas trocas entre povos diversos. A riqueza cultural de cada um inclui seus hábitos e também aqueles adquiridos dos grupos com os quais teve contato ao longo do tempo. No caso do Brasil, temos hábitos, por exemplo, das populações indígenas originárias, dos portugueses, africanos, italianos, japoneses, alemães, árabes, entre outros.

A pluralidade de costumes é evidente em nossa vida cotidiana: na culinária, nas vestimentas, na arquitetura, no idioma, nas músicas e religiões. Para os novos habitantes que chegavam, manter os costumes do país de origem era uma forma de preservar a identidade. Desse modo, as pessoas podiam se sentir mais unidas e menos excluídas, afinal, existia também discriminação pelas diferentes maneiras de viver.

1 Observe as fotos e as legendas. Depois, responda às questões.



Vendedora de *akará* em Kajuru, estado de Kaduna, Nigéria, no continente africano, 2012. O *akará* é um bolinho feito de feijão-fradinho e frito em azeite de dendê.



Baiana vendendo acarajé em Salvador, estado da Bahia, 2010. O acarajé é uma massa feita de feijão-fradinho e frita em azeite de dendê.

a) Em quais locais esses alimentos são vendidos?

Em Kaduna, Nigéria, na África, e em Salvador, Bahia, no Brasil.

b) Explique a semelhança entre esses dois alimentos?

Ambos são alimentos de origem africana, feitos de feijão-fradinho. O *akará* foi trazido ao Brasil pelos africanos e aqui, chamado de acarajé, passou a fazer parte dos hábitos alimentares brasileiros.

A identidade cultural e os Estudos Culturais

A teoria social tem avançado para compreender a questão da identidade nos tempos atuais. Diante das múltiplas influências que vêm de todos os lados na era da globalização e dos grandes deslocamentos populacionais, estudiosos sustentam que a identidade não pode mais ser homogênea, una e coesa.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso, estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. [...]

Imigração e identidade

Nas migrações que ocorreram entre os séculos XIX e XX para o Brasil, um grupo que teve intensa presença em algumas regiões foi o de italianos. Uma forma de preservação da identidade deles é a realização de festas populares religiosas dedicadas aos santos de seus locais de origem, como as festas Nossa Senhora Achirópita, San Gennaro, São Vito e Nossa Senhora de Casaluce. Nelas, descendentes dos imigrantes vestem roupas tradicionais e preparam pratos típicos, mantendo hábitos da Itália que foram trazidos com a imigração.



Apresentação de dança e música de grupo folclórico italiano em Festa do Imigrante. Município de São Paulo, estado de São Paulo, 2017.

Você sabia?

Preservação cultural: o idioma pomerano

A Pomerânia se localizava entre o norte da Alemanha e a Polônia. Há mais de 150 anos, muitas pessoas dessa região migraram para o Brasil, estabelecendo-se nos estados do Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com as guerras frequentes que ocorreram na Europa, a cultura pomerana foi perseguida e perdeu muitas de suas características. No entanto, ela ficou preservada no Brasil, de modo que a língua pomerana (que não existe mais na Europa) é, ainda hoje, falada no Sul do país.



Fachada do Museu Casa do Imigrante Carl Weege com arquitetura germânica. Município de Pomerode, estado de Santa Catarina, 2017.

- 2** Quais povos e culturas influenciam os costumes na cidade em que você vive? Cite alguns exemplos de tradições relacionadas à diversidade cultural.

Resposta pessoal. Incentive os alunos a identificar na comunidade traços que remontam à pluralidade cultural, como religiões, arquitetura, idioma, culinária, músicas, danças, canções etc.

121

- A atividade 2 possibilita o desenvolvimento da habilidade **EF04HI03**: *Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.*
- Auxilie os alunos a identificar os povos e culturas que influenciam os costumes locais e a refletir sobre como tais influências estão relacionadas ao seu dia a dia. Estenda a proposta estimulando-os a imaginar como é o cotidiano e o modo de vida de pessoas que vivem em outros lugares do Brasil, sob influência de outras culturas.
- Pode ser interessante propor aos alunos uma discussão sobre a diversidade de costumes ampliando-a para a era da internet. Atualmente, mesmo que não se conviva cotidianamente com outros grupos étnicos ou que estes não influenciem a cultura local, o contato com suas tradições e costumes é facilitado pelas redes sociais e outras ferramentas. Pergunte aos alunos se eles conhecem gêneros musicais, filmes e séries de outros países ou outros exemplos de artigos culturais disseminados pelas redes.

Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são compartilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. *As nações modernas são, todas, híbridos culturais.*

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

- A abordagem sobre as mudanças e a preservação da cultura visa chamar a atenção dos alunos para as manifestações que os cercam, fazendo-os refletir sobre sua historicidade, considerando as permanências e as rupturas que as marcam ao longo do tempo histórico até hoje.
- Converse com os alunos sobre a importância da preservação de manifestações culturais, como as festas, a culinária e a língua, com o intuito de manter relações com o local e o povo de origem e valorizar a própria identidade. Explique que, muitas vezes, os imigrantes consolidam práticas linguísticas e culturais que, diante da dinâmica da vida cotidiana, já estão em desuso no local de origem. Assim, suas práticas têm relação direta com a *memória*, mas tendem a se afastar do modo como são realizadas no local de origem no presente.
- Chame a atenção dos alunos para a relação entre a tradição e o tempo histórico: a preponderância da indústria com formas mais práticas e rápidas de fazer produtos, por exemplo, tende a reduzir a atividade artesanal, condenando-a à obsolescência e ao esquecimento. O afrouxamento das relações entre as novas gerações com as tradições culturais do passado também pode causar descontinuidades.
- Leia o box *Você sabia?* para os alunos e converse sobre o surgimento de novas tradições criadas por imigrantes em países estrangeiros, como o pastel, que se tornou um alimento muito popular no Brasil.

Preservação da diversidade cultural

Muitos imigrantes preservaram sua cultura e identidade mantendo, no Brasil, os hábitos de seus locais de origem. Com o tempo, em maior ou menor intensidade, os costumes dos imigrantes misturaram-se aos dos brasileiros.

Em Santa Catarina, as mulheres descendentes de imigrantes açorianos realizam a prática artesanal da renda de bilro, cuja técnica é passada de mãe para filha. Hoje, o costume tradicional da renda, comum em muitas tradições do Brasil, corre o risco de se perder, pois a compra de artigos industrializados é mais frequente que a de artesanais.

A variedade e a riqueza culinária do Brasil são produto da mistura de sabores vindos de diferentes lugares do mundo. Os pratos feitos com massas à base de trigo, por exemplo, passaram a ser muito mais consumidos no país por causa dos italianos. Os alemães trouxeram o gosto pelos embutidos, como a salsicha e a linguiça. Os japoneses trouxeram pratos como o *sushi*, o *sashimi* e o *temaki*.



Rendeira fazendo renda de bilro, município de Florianópolis, estado de Santa Catarina, 2013. Essa técnica chegou ao Sul do Brasil por meio da imigração açoriana.

Glossário

Açoriano: natural das ilhas dos Açores.



Você sabia?

Uma das versões sobre a origem do pastel diz que esse alimento é uma adaptação dos rolinhos primavera chineses e que foi inventado por imigrantes chineses que viviam em São Paulo, no fim do século XIX. Contudo, foram os japoneses que popularizaram a produção e o consumo do pastel, abrindo pastelarias em vários lugares do Brasil a partir do final dos anos 1940.

• Sugestão de atividade: Pesquisa sobre o histórico de uma manifestação cultural

- Sugira aos alunos que formem grupos e escolham uma manifestação cultural comum ao lugar em que vivem, como as festas populares, as músicas tradicionais ou as roupas típicas.
- Eles deverão fazer uma pesquisa sobre a origem dessa manifestação e como ela foi transformada ao longo do tempo, tendo se tornado da maneira como a conhecem hoje. Para isso, eles deverão considerar as diferentes apropriações que os grupos sociais a atribuíram e quanto ela permaneceu fiel ou não ao que era originalmente.
- Organize a apresentação dos resultados das pesquisas. Se necessário, peça que elaborem esquemas de imagens e texto em uma cartolina para deixar o conteúdo mais visual.

- 3 Leia a seguir o trecho da carta de um imigrante de origem alemã recém-chegado ao Brasil e responda às questões.

Colônia Santa Justa, 24 de junho de 1852

Caros amigos! Estamos no momento em pleno inverno, mas podemos ainda andar descalços [...]. Para a minha família foram dados 2000 pés de café [...]. Sobre o nosso ganho ainda não posso escrever muito a respeito; mas o nosso senhor [patrão] [...] garante que quem for em certa medida fiel conseguirá dentro de 2 anos **quitar** as suas dívidas. [...] Uma igreja e uma escola para as nossas três colônias estão sendo construídas [...] termino aqui e desejo a vocês todos tudo de bom na vida.



A presença de imigrantes alemães influenciou a arquitetura em diversas cidades do país, estado do Rio de Janeiro, 2017.

Glossário
Quitar: ficar livre, pagar.

Georg Ludwigstadt. In: ALVES, Débora Bendocchi. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro – Turíngia (1852-1853). *Revista Brasileira de História*. v. 23, n. 45. São Paulo. Julho, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S0102-01882003000100007>. Acesso em: 16 nov. 2017.

- a) Quais são as notícias que o imigrante dá aos amigos dele?

Informa que, mesmo no inverno, no local em que ele está, faz calor (é possível andar descalço). Diz que recebeu pés de café, mas que ainda não sabe quanto irá ganhar de dinheiro e que lhe foi dito que quem for “fiel ao senhor” que emprega os colonos conseguirá pagar suas dívidas. Além disso, indica que há uma igreja e uma escola em construção.

- b) Essa carta foi publicada em 1852 em um jornal alemão. Você acredita que ela pode ter sido usada como propaganda para incentivar a emigração? Por quê?

Resposta pessoal. O fato de a carta apresentar muitos dos aspectos da nova vida em outro país como positivos pode sugerir a possibilidade de ter sido usada como propaganda.

- Converse com os alunos sobre o *status* de fonte dado pelo historiador à carta de um imigrante reproduzida na **atividade 3**. Estimule-os a pensar sobre o que é possível saber sobre aquele contexto histórico a partir do relato, provocando um questionamento dos instrumentos de elaboração historiográfica e estimulando o pensamento crítico.
- Nesse momento, é importante que os alunos notem que o relato em primeira pessoa dá voz às pessoas comuns sobre os acontecimentos históricos. Mesmo que sejam dotados de parcialidade, esses relatos informam sobre o que um sujeito pensa de determinado assunto.
- Comente com os alunos que a Colônia Santa Justa, no estado do Rio de Janeiro, era uma colônia do tipo parceria, ou seja, o dono de fazenda pagava as despesas de viagem e os colonos deveriam ressarcir-lo. O clima nessa região é digno de nota para o autor da carta, que provavelmente o ressalta devido ao clima mais frio de sua terra natal.

Trecho de carta de Georg Schneider aus Ludwigstadt

[...] Como na Alemanha, é possível obter de tudo aqui. Além de algumas galinhas, ainda não comprei nada, pois não estamos completamente instalados. Desde o dia 27 de maio, quando chegamos à nossa colônia, encontramos-nos bem e com saúde. Querida cunhada, irmã e cunhado, se vocês estiverem dispostos a me seguirem, deem-me notícias porque eu talvez possa contribuir com algo. Não acreditem que se tornarão escravos (como se dizia no momento da minha partida); parece-me muito mais que nós nos livramos da escravidão. Nos mudamos para um país feliz; a diferença climática não é grande, só um pouco menos quente (sic), porém nas montanhas também não falta água boa.

Georg Ludwigstadt. In: ALVES, Débora Bendocchi. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro. Turíngia (1852-1853). *Revista Brasileira de História*. v. 23, n. 45 São Paulo. Julho, 2003.

Objetivos

- Identificar as motivações de deslocamento de migrantes e refugiados no mundo hoje e avaliar suas consequências.
 - Reconhecer os migrantes como sujeitos de direitos.
 - Elaborar medidas que tenham como objetivo garantir uma vida digna a migrantes e refugiados.
- Inicie a abordagem do assunto da seção fazendo um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos. Pergunte a eles se já ouviram falar ou assistiram na televisão notícias sobre os deslocamentos em massa que têm ocorrido ao longo dos últimos anos. É possível que contribuam com alguns relatos e opiniões que devem ser considerados ao longo da proposta didático-pedagógica.
 - Em 2017, cerca de 10% da população mundial encontrava-se em trânsito no mundo. Esse número alarmou as autoridades, que se viram compelidas a tomar medidas. Apesar de parecer que os principais afetados pela mobilidade dessa grande quantidade de pessoas são os países europeus, 85% dos deslocados encontram-se em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como a Jordânia, o Líbano e o Iraque.
 - Entre os diversos motivos que fazem com que muitas famílias deixem seus países, está, principalmente, a fuga de guerras e desastres climáticos. É importante ressaltar, com isso, que a condição de refugiado não é uma escolha e pode afetar a qualquer um. Essa reflexão permite desenvolver sentimentos de compaixão e solidariedade.

O mundo que queremos



O número de migrantes e, especialmente, de refugiados no mundo atualmente é o maior de que se tem registro na história: mais de 65 milhões de pessoas foram forçadas a deixar seus lugares de origem. Elas enfrentam grandes desafios para preservar e reconstruir suas vidas.

Dignidade para migrantes e refugiados

A migração é um fenômeno mundial provocado por muitas forças, entre elas, aspirações por dignidade, segurança e paz, disse a diretora-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Audrey Azoulay, na ocasião do Dia Internacional dos Migrantes [...].

"Milhões de mulheres e homens estão deixando seus lares à procura de trabalho e educação. Milhões de pessoas estão se deslocando porque não tiveram escolha, estão fugindo da guerra e da perseguição ou estão tentando escapar do círculo vicioso da pobreza, da insegurança alimentar e da degradação do meio ambiente", disse ela [...].

Glossário

Refugiado: pessoa perseguida ou ameaçada por conflitos religiosos, sociais, políticos etc., que é forçada a deixar o país de origem.

Aspiração: desejo, sonho.



Sírios refugiados em aula de português. Município de Guarulhos, estado de São Paulo, 2014.

[...] Cerca de 50 milhões de crianças em todo o mundo estão em movimento. Parte dessa migração é positiva, com as crianças e suas famílias se movendo de forma voluntária e segura. No entanto, a experiência de migração para milhões de crianças não é nem voluntária nem segura, mas repleta de riscos e perigos [...].

[...] Muitos governos [...] em todo o mundo já escolheram tomar medidas positivas para proteger e cuidar de crianças migrantes.

Unesco: migração é provocada por desejo de dignidade, segurança e paz. *Nações Unidas no Brasil*. 18 dez. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unesco-migracao-e-provocada-por-desejo-de-dignidade-seguranca-e-paz/>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

O imigrante na concepção de Pierre Bourdieu

Os pesquisadores que estudaram as grandes imigrações transcontinentais procuraram compreender o fenômeno do deslocamento em massa a partir da definição do que seria o imigrante. Pierre Bourdieu, inspirado na reflexão de Sócrates e Platão, afirma, *mutatis mutandis*, que o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado e inclassificável. A sua inexistência incômoda cria incômodo em todo lugar, tanto na sociedade de origem quanto na de destino. O imigrante convida o pesquisador a pensar em profundidade, repetidas vezes, a questão dos princípios legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a nação ou a nacionalidade.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; HIRANO, Sedi (Org.). *Histórias migrantes – um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas*. São Paulo: Humanitas Fapesp, 2014.

1 De acordo com o texto quais são as principais razões das migrações?
Mulheres e homens têm deixado seus lares em busca de dignidade, segurança, paz, trabalho e educação. Muitos não tiveram escolha e estão fugindo de perseguições, guerras, pobreza extrema, fome e degradação do meio ambiente (como desastres naturais).

2 Qual seria a diferença entre a migração voluntária e a não voluntária? Explique.
A migração voluntária é positiva, feita por desejo da pessoa ou família que migra, realizada com segurança no deslocamento e no arranjo da vida em um novo local. Já a migração não voluntária se refere ao deslocamento inseguro de populações, que, em condições extremas, se veem forçadas a viajar em situações perigosas que colocam a própria vida em risco.

3 No local em que você vive existem comunidades de migrantes e/ou refugiados que chegaram há pouco tempo no país? Se preciso, faça uma pesquisa e converse com colegas, professores e familiares. Depois, escreva que comunidades são essas.
Resposta pessoal.

4 Reúna-se com os colegas e conversem sobre medidas que podem ser tomadas para proteger e cuidar de pessoas refugiadas, garantindo respeito e dignidade a elas. Registre a resposta.
Resposta pessoal. Auxilie os alunos a pensar em políticas de inclusão e acesso a moradia, trabalho, educação, saúde e justiça, além do combate à discriminação.

- A chamada “crise de refugiados” é, em verdade, uma crise humanitária da qual todos os países devem tomar parte. Ela envolve não somente os lugares aonde os refugiados chegam, mas também de onde saem, sendo necessário pensar globalmente em políticas de acolhimento e de prevenção à situação de refúgio.
- O texto destaca as crianças em situação de deslocamento, o que dá ainda mais a dimensão da situação de fragilidade dos refugiados e imigrantes. Estimule os alunos a imaginar como seria a vida de uma criança nessa situação. Converse com eles sobre a necessidade de fornecer condições mínimas para a saída do país e a integração em um novo lugar.

Educação em valores

É importante sensibilizar os alunos para o fato de que uma das características fundamentais dos seres humanos é que eles se deslocam pelo mundo. A necessidade de um lugar seguro e saudável para viver e construir o futuro é comum a toda a humanidade.

Como aponta a Unesco, a migração é motivada pelo desejo de dignidade, segurança e paz. Assim, diante dessa condição, os alunos poderão desenvolver o acolhimento e a empatia e condenar manifestações e práticas preconceituosas.

Para você acessar

Jornal *O Globo* – Crianças imigrantes têm os mesmos direitos que os estudantes brasileiros em relação à Educação?

Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/todos-pela-educacao/post/criancas-imigrantes-tem-os-mesmos-direitos-que-os-estudantes-brasileiros-em-relacao-educacao.html>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

Você acha que o Brasil deveria receber refugiados de outros países?

Resposta da Laura, de 10 anos, à *Folha de S.Paulo* sobre o assunto.

Sim, porque quando uma pessoa está refugiada a gente tem que ajudar ela a se encaixar no nosso país e recebê-la de braços abertos, sem nenhuma crítica, sem nenhum preconceito. Porque a pessoa que está refugiada está sem condições de viver no seu país e vem, por exemplo, pro Brasil porque acha que o Brasil vai estar melhor. Então tem que estar melhor mesmo, e não ficar pior que o país dela.

“Rejeitar refugiados é abolir uma vida diferente da sua”, diz Laura, 10 anos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 out. 2017. Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/crianca-do-dia/mundo/rejeitar-refugiados-e-abolir-uma-vida-diferente-da-sua-diz-laura-10-anos.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

Objetivos

- Identificar alguns movimentos de migração interna no Brasil, reconhecendo seus motivos e seus contextos.
 - Compreender o efeito da seca sobre a população sertaneja e sua relação com a presença nordestina em estados do Sul e Sudeste.
 - Refletir sobre as manifestações culturais regionais do povo brasileiro e sua preservação como identidade em contextos migratórios.
 - Considerar a contribuição econômica e cultural dos migrantes nordestinos nos lugares em que se estabeleceram.
- Converse com os alunos sobre a seca que atinge o sertão nordestino e provoca a saída de famílias para os grandes centros urbanos. Comente que o clima semiárido dessa região fica muito severo de tempos em tempos, o que atinge a produção agrícola e seca as fontes de água que os sertanejos usam para sobreviver, tornando a permanência nesses lugares praticamente inviável.
 - Entre os séculos XIX e XX, o centro econômico do país se deslocou do Nordeste para o Sudeste brasileiro, onde a lavoura cafeeira pautou as exportações e a vida econômica do país, possibilitando a acumulação de capital para o início da industrialização. A busca por oportunidades de trabalho levou os migrantes nordestinos a se deslocar para cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

CAPÍTULO
3

Migrações internas no Brasil

Muitas pessoas saem de seus lugares de origem em busca de melhores empregos e melhores condições de vida. Há também aquelas que migram por causa de guerras, conflitos sociais ou, até mesmo, pelas condições adversas da natureza, como secas e desastres naturais.

No Brasil, entre as décadas de 1920 e 1970, muitas pessoas deixaram sua terra natal e migraram para outras regiões do país. Os períodos prolongados de seca no Nordeste geraram escassez de água, dificuldade de cultivar a terra, desemprego e situações de fome e miséria, levando várias famílias a migrar em busca de condições de sobrevivência. Especialmente entre os anos de 1930 e 1960, esse fluxo migratório ocorreu em direção às regiões Sul e Sudeste, onde havia oferta de trabalho em construções, indústrias, fazendas e outros setores.



Os retirantes, de Candido Portinari, óleo sobre tela, 190 × 180 cm, 1944. A obra representa a seca no Nordeste, que sofreu com uma grande estiagem nos anos 1930.

REPRODUÇÃO AUTORIZADA POR JOÃO CARLOS PORTINARI MARQUEZ DO PROJETO PORTINARI - MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRAND

Reprodução proibida. Art. 170 do Código Penal e art. 181 da Lei nº 10.927 de 1954

Construção de Brasília e fluxos de migração

Na década de 1950, decidiu-se construir uma nova capital para o Brasil: a cidade de Brasília. A construção da cidade na região Centro-Oeste do país gerou uma grande onda de migração interna. Milhares de pessoas, em especial **naturais** de Minas Gerais, Goiás e Bahia, estados próximos à nova capital que se construía, migraram para trabalhar nas obras, que duraram cerca de 3 anos. Muitas pessoas que chegaram a Brasília procuravam por condições dignas de vida e se estabeleceram em cidades localizadas no entorno da nova capital.



Trabalhadores nas obras de construção da nova capital. Brasília, Distrito Federal, 1959.

EUGÊNIO SILVEIO CHAZEREM/D.A. PRESS



• **Sugestão de atividade: Programa de rádio**

- Na primeira metade do século XX, o rádio era um dos aparelhos de comunicação mais populares do Brasil, presente em grande parte dos domicílios brasileiros. Era por meio do rádio que as pessoas ouviam notícias, novelas e programas musicais, por exemplo.
- Sugira aos alunos a elaboração de um programa de notícias sobre as migrações internas no Brasil. Eles deverão criar um roteiro e depois gravar um áudio informando os ouvintes sobre, por exemplo, os nordestinos que buscaram oportunidades de trabalho na construção de Brasília. Auxilie-os na linguagem e no formato da narrativa jornalística.
- Se necessário, apresente aos alunos alguns exemplos de programas de notícias de emissoras de rádio.

- 1 Observe a fotografia e leia a legenda. Que situação histórica é retratada?



Desembarque de migrantes brasileiros no interior do estado de São Paulo, 1940.

A fotografia retrata o desembarque de migrantes no estado de São Paulo. A partir dos anos 1920, muitos brasileiros migraram para outros locais do país em busca de melhores condições de vida.

- 2 A tabela a seguir registra a população não natural, ou seja, que não nasceu no município em que reside, de alguns estados brasileiros no ano de 2011. Observe-a e responda às questões.

População não natural do município de residência (2011)			
Estado (UF)	Porcentagem (%)	Estado (UF)	Porcentagem (%)
Alagoas	30,52	Piauí	26,88
Amazonas	28,62	Rio de Janeiro	29,46
Ceará	30,77	Rondônia	60,95
Goiás	53,82	Roraima	58,74
Mato Grosso	61,89	Tocantins	56,35

Fonte: IBGE. Séries históricas e estatísticas. População não natural do município de residência. Disponível em: <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD368&t=migracoes-nao-naturais-municipio-residencia-grupos>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

- a) Quais desses estados têm maior porcentagem de habitantes que são migrantes? Quais têm a porcentagem menor?
- b) A partir dos dados da tabela, indique quais estados de quais regiões do Brasil receberam mais habitantes novos. Por que isso teria ocorrido?

Respostas no Manual de orientações e subsídios ao professor.

127

- Explique aos alunos sobre a construção de Brasília, a nova capital do Brasil no Centro-Oeste do país. O projeto implementado ao longo do governo de Juscelino Kubitschek visava ocupar o centro do Brasil, uma região até então não urbanizada, construindo uma cidade planejada. A construção civil mobilizou expressivo contingente de trabalhadores para a região, que fornecia estrutura precária para recebê-los.
- Comente que os trabalhadores de Brasília, geralmente migrantes do Nordeste, eram chamados de candangos. Eles foram importantes por constituir a principal mão de obra responsável por construir a nova capital. O termo **candango** pode se referir a algo negativo, pouco valorizado, mas foi ressignificado no contexto da construção da capital com a exaltação do trabalho dos migrantes. Em Brasília há uma escultura em homenagem aos candangos na praça dos Três Poderes.
- Apesar de terem construído a capital, os candangos não tiveram lugar na cidade e foram morar nos subúrbios, as chamadas cidades-satélite.
- **Atividade 2.** Auxilie os alunos a identificar que os estados de Mato Grosso, Rondônia, Roraima, Tocantins e Goiás têm o maior percentual de migrantes, enquanto os estados do Amazonas, Piauí, Rio de Janeiro, Alagoas e Ceará têm o menor percentual. Portanto, os estados da região Centro-Oeste e região Norte foram os que receberam mais habitantes novos. Espera-se que os alunos relacionem as migrações para essas regiões pelas possibilidades de trabalho.

População urbana e êxodo rural atualmente

Nas décadas de 1970 e 1980 o Brasil sofreu um intenso processo de êxodo rural. A mecanização da produção agrícola expulsou trabalhadores do campo que se deslocaram para as cidades em busca de oportunidades de trabalho. Hoje, o deslocamento do campo para a cidade continua, porém, em percentuais menores.

O intenso processo de urbanização no Brasil gerou o fenômeno da metropolização (ocupação urbana que ultrapassa os limites das cidades) e, conseqüentemente, o desenvolvimento de grandes centros metropolitanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Goiânia, Manaus, entre outros.

IBGE Teen. *Porcentagem de residentes nas zonas urbana e rural (2015)*. Disponível em: <<https://teen.ibge.gov.br/sobre-o-brasil/populacao/populacao-rural-e-urbana.html>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

- Comente com os alunos a importância dos migrantes nordestinos na formação cultural e social do Sudeste. Fale sobre como eles tiveram participação decisiva na construção de grandes centros urbanos, como São Paulo. Diga à turma que é possível encontrar manifestações da cultura nordestina no Sudeste, graças à grande quantidade de nordestinos e suas famílias que vivem nessa região e nela contribuem culturalmente. Se considerar válido, estenda a discussão para a importância de combater o preconceito e as ações xenófobas contra os migrantes de outras regiões do país.
- Reforce como as manifestações culturais que fazem parte do cotidiano estão permeadas por elementos não só locais, mas originados nas diferentes regiões brasileiras, uma consequência do movimento contínuo das migrações. Dê exemplos de expressões e palavras utilizadas no cotidiano que têm origem em diversos lugares. O objetivo é dar continuidade ao tratamento da cultura como resultado da junção de variados elementos que fazem parte dos costumes da população de um local.

Identidade cultural dos migrantes

A cultura do povo brasileiro não é homogênea. Diferentes regiões, cidades e populações têm costumes e tradições próprias. Nos processos de migração, as pessoas se adaptam a novos costumes, mas também promovem trocas, encontros e transformações, buscando manter a sua identidade cultural. Essas transformações podem ser observadas em muitos bairros, espaços sociais, nos costumes e nas festas.

A região das cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema, na área metropolitana de São Paulo, é conhecida como ABCD Paulista. Nessa área, mais de 20% de sua população é composta de migrantes da região Nordeste, que se mudaram entre os anos de 1930 e 1960, em busca de trabalho nas indústrias locais. Por isso, em muitos bairros existem comércios e feiras que vendem produtos típicos dos lugares de origem dos migrantes.

Na cidade de Porto Velho, em Rondônia, o Centro de Tradições Gaúchas Ronda Crioula (CGT) é formado por migrantes que deixaram o Rio Grande do Sul em busca de trabalho. O CGT promove eventos, como o Festival de Arte e Tradição Gaúcha da Amazônia, com músicas, danças e comidas tradicionais do Rio Grande do Sul. Além de ser espaço de convívio para os migrantes, também é importante para os habitantes locais conhecerem as tradições de outras regiões do país.



A festa Entoada Nordestina resgata as tradições do Nordeste brasileiro, incluindo apresentações musicais. Município de São Caetano do Sul, estado de São Paulo, 2017.



Centro de Tradições Gaúchas Ronda Crioula, município de São Sepé, estado do Rio Grande Do Sul, 2017. A entidade, tradicional da cultura gaúcha, foi fundada em 1999 no estado de Rondônia e existe também em várias cidades da região Sul.

Glossário

Área metropolitana:

região em que diversos municípios se agrupam em torno de um.

• Sugestão de atividade: *Entrevista com migrantes*

- Proponha aos alunos que realizem uma entrevista alguma pessoa que tenha migrado de outra região do país para a cidade onde vivem.
- Oriente-os a conduzir a entrevista de modo a levantar de qual região a pessoa veio, quais os motivos do deslocamento e quando isso aconteceu. A partir das informações coletadas, peça a eles que construam uma narrativa contando a história da pessoa entrevistada.
- Peça aos alunos que compartilhem os resultados das entrevistas com o restante da turma e identifiquem quais os principais movimentos migratórios citados. Com essa atividade, espera-se que os alunos compreendam a presença dos migrantes nos seus espaços de vivência e a influência dos fluxos migratórios na formação de suas identidades.

- 3 Explique por que há muitos migrantes e descendentes de migrantes na região metropolitana de São Paulo conhecida como ABCD.

Desde os anos 1930, muitos migrantes se estabeleceram nessa região (que inclui os municípios de Santo André, São Caetano, São Bernardo e Diadema) em busca de trabalho nas indústrias.

- 4 Observe a imagem abaixo, leia a legenda e responda às questões.



Centro de Tradições Nordestinas, no município de São Paulo, estado de São Paulo, 2015. O local, fundado em 1991 é um espaço de encontro dos migrantes da região Nordeste e de divulgação da cultura dessa região.

- a) Que espaço é retratado na fotografia? Qual é a função dele?

O Centro de Tradições Nordestinas é um espaço cultural em São Paulo, destinado ao encontro e convívio de migrantes, que visa também divulgar músicas, festas, alimentação e a cultura da região Nordeste.

- b) Esse tipo de espaço é importante para a cultura das populações migrantes? Por quê?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos compreendam que esses espaços são considerados importantes para a convivência e identidade dos grupos de migrantes, pois permitem compartilhar hábitos e tradições, além de preservar e divulgar a sua cultura de origem.

129

- Chame a atenção dos alunos para a presença de migrantes ou filhos de migrantes em seu cotidiano, dentro de suas famílias ou nos locais que frequentam. Pergunte aos alunos se eles têm alguma história de migração dentro de sua família ou de conhecidos, estimulando-os a compartilhá-la com a turma. Você poderá utilizar os resultados dos trabalhos realizados na sugestão de atividade *Entrevista com migrantes* deste manual como base para a reflexão sobre o tema.
- Promova uma conversa com a turma sobre como as diferentes expressões culturais que formam uma identidade local se manifestam no dia a dia, por exemplo, na culinária, nas expressões linguísticas nas músicas, nas festas e até mesmo nas brincadeiras. Ressalte que a migração interna é fundamental na formação de uma sociedade, esclarecendo que os fluxos migratórios estão presentes em muitas cidades brasileiras e têm impactos econômicos, sociais e culturais.
- As atividades 3 e 4 sobre migração interna e espaços de preservação da cultura de migrantes possibilitam o desenvolvimento das habilidades **EF04HI10: Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira** e **EF04HI11: Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional)**.

Centro de Tradições Nordestinas

O CTN – Centro de Tradições Nordestinas – foi concebido como um recanto de encontro da comunidade nordestina de São Paulo e mantém o trabalho de preservação e valorização da cultura nordestina.

A fundação do CTN foi inspiração do empresário e radiodifusor José de Abreu, em maio de 1991, para mudar o cenário de intenso preconceito e ignorância contra os migrantes nordestinos que residiam na capital paulistana.

Ao longo dos anos, o CTN desenvolveu trabalhos sociais e que ainda mantém. [...]

Centro de Tradições Nordestinas. *Institucional*.

Disponível em: <<https://www.ctn.org.br/institucional/>>. Acesso em: 6 jan. 18.

Objetivos

- Refletir sobre as dificuldades que enfrentavam os migrantes nordestinos no trajeto para o Sul e Sudeste brasileiro.
 - Entender a incidência de fatores naturais, como a seca, e seus impactos sociais, como a falta de oportunidades de trabalho, que levam grupos de pessoas da região Nordeste a optar pela migração.
 - Refletir sobre o preconceito social sofrido pelos migrantes nordestinos ao chegar aos locais de destino em decorrência da construção de estereótipos e da xenofobia.
 - Discutir as condições que os migrantes encontram nos locais de destino, como o acesso a educação, à moradia e ao mercado de trabalho.
- Durante a abordagem da seção, busque relacionar os fatores que motivam os fluxos migratórios e destacar sua continuidade ao longo do tempo, possibilitando aos alunos a compreensão de que a seca se trata de um fenômeno natural cíclico.

Para seu aluno ler
HQ Vidas Secas, de Graciliano Ramos, editora Galera.

Como as pessoas faziam para...

Migrar dentro do Brasil

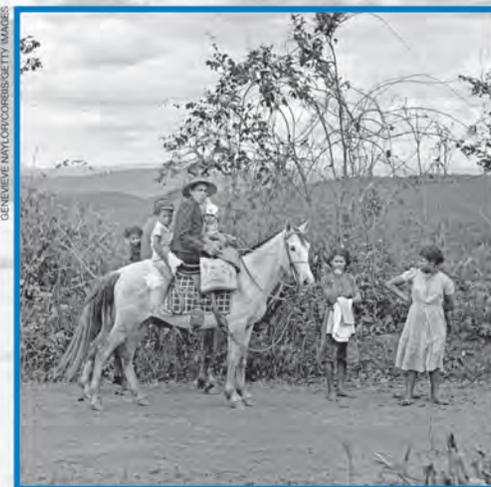
Hoje, conhecemos vários relatos de pessoas que migraram para viver em outras cidades ou países. Muitas travessias são arriscadas, realizadas em embarcações superlotadas. Às vezes, para chegar ao destino, os migrantes usam diversos tipos de meios de transporte. No passado, os transportes eram menos acessíveis que atualmente; então, como eram as viagens daqueles que deixavam o sertão e migravam para outras regiões do Brasil?



Pessoas cavam o leito de um rio seco em busca de água. Área rural do município de Barra de Santa Rosa, estado da Paraíba, 2013.

Em muitas regiões do Nordeste, a seca é um fenômeno natural e que acontece de tempos em tempos. Com a falta de água, as pessoas não têm como sobreviver e o solo se torna improdutivo, resultando na escassez de alimentos e de trabalho. Por isso, muitas pessoas precisaram deixar suas casas para migrar com suas famílias.

Era comum famílias inteiras migrarem juntas. Crianças, adultos e idosos caminhavam em pequenos grupos. Viajar de ônibus não era barato e poucas pessoas tinham recursos para pagar pelas passagens. Por isso, muitos faziam trajetos a pé e com a ajuda de animais. A viagem era longa, cansativa e podia se prolongar por meses.



Família do sertão brasileiro fugindo da seca, viajando com um cavalo e poucos pertences em busca de um lugar melhor para cultivar a terra, 1900.

História das migrações internas no Brasil

A estiagem periódica no semiárido brasileiro e a indústria da seca constituem outro nó que está na raiz das migrações. Porém, não podemos cair na ingenuidade de que a seca é fator predominante da saída em massa do Nordeste e de Minas Gerais. A seca apenas agrava uma situação fundiária já extremamente desigual. Mais que a seca, o que expulsa o nordestino é a cerca. Cerca que, como hoje sabemos, concentra não somente a terra, mas também a água. Podemos afirmar que a estiagem marca a hora da partida, mas a causa profunda do êxodo



Migrantes nordestinos no alojamento de empregados de fazenda no interior do estado de São Paulo, 1930.

Durante a viagem, os migrantes montavam pequenos acampamentos próximos aos acostamentos das estradas para passar a noite ou dormiam em redes amarradas em árvores. A maioria das famílias enfrentava o frio e a fome durante o trajeto. Como o percurso era longo e às vezes incerto, não se levava muita coisa. A maioria das pessoas migrava apenas com algumas trocas de roupa e pequenos objetos pessoais.



Migrantes chegando em hotel no município de São Paulo, estado de São Paulo, década de 1930.

Depois de meses de viagem, ao chegar à cidade de destino, os retirantes precisavam procurar por emprego, moradia e se adaptar à nova paisagem e aos costumes locais. Além disso, muitas vezes, eram discriminados pelos moradores da cidade. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, alguns se alojavam em hospedarias ou pensões.

Outros iam morar em casarões antigos, nos centros urbanos, chamados de cortiços, onde viviam várias famílias. Quando encontravam trabalho, as famílias de migrantes alugavam pequenas casas, geralmente em bairros distantes do centro da cidade.



Migrantes trabalhando nas obras de construção da cidade de Brasília, Distrito Federal, 1959.



1 Explique como era a viagem dos migrantes brasileiros no passado.

Respostas no Manual de orientações e subsídios ao professor.



2 Como era a vida dos migrantes ao chegar em uma nova cidade?



- Enfatize como os migrantes do Nordeste enfrentam condições precárias ao chegar aos seus destinos, onde buscam melhores condições de vida e trabalho, e converse sobre o preconceito sofrido em regiões como Sul e Sudeste.
- É importante que os alunos reflitam sobre situações em que os migrantes sofrem discriminação e quais medidas o governo e a população em geral podem tomar a respeito. A percepção da existência de preconceito em situações cotidianas ajuda os alunos a criar consciência crítica e compreender como o tema visto em sala de aula se mostra presente em seu dia a dia.
- **Atividade 1.** A viagem era longa e cansativa. Os migrantes precisavam viajar meses, caminhando com suas famílias e poucos pertences. Eles enfrentavam situações de frio e fome e dormiam em acampamentos nas estradas.
- **Atividade 2.** Havia muitas dificuldades, os migrantes precisavam arrumar trabalho, moradia e se adaptar aos costumes e rotina do novo local. Muitos deles ainda sofriam discriminação.

reside na estrutura fundiária já assinalada. Não devemos confundir as motivações aparentes e superficiais com as razões estruturais da saída em massa. De resto, à concentração da terra e da água, haveria que acrescentar o patriarcalismo e o coronelismo, tão arraigados na cultura brasileira, e dos quais muita gente se liberta no ato mesmo de migrar para a cidade.

GONÇALVES, Alfredo José. *Migrações Internas: evoluções e desafios*. In: Estudos Avançados 15 (43), 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/viewFile/9830/11402>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

Objetivos

- Ressaltar a importância do migrante na composição das culturas locais e na formação da identidade cultural brasileira.
 - Refletir sobre como as culturas estão em constante negociação social, sendo sujeitas ou não a processos de marginalização.
 - Reconhecer o papel dos meios de comunicação na difusão cultural brasileira, especialmente do rádio e da televisão durante o século XX.
 - Ressaltar a importância da internet e da inclusão digital no processo de difusão das diversas expressões culturais do Brasil.
- Durante a leitura dos textos das páginas 132 e 133 e a realização das **atividades 1 e 2**, converse com os alunos sobre os diferentes aspectos da vida cotidiana em que podemos perceber a diversidade da cultura brasileira. Vale ressaltar as peculiaridades do vocabulário de cada região e fazer o exercício com os alunos de reconhecimento de elementos de diferentes culturas dentro dos seus próprios hábitos, sejam eles de alimentação, linguagem, gostos musicais etc.

CAPÍTULO
4

Conhecendo a diversidade cultural do Brasil

A cultura brasileira foi formada por uma diversidade de povos e etnias, culturas e tradições. Muitos costumes são compartilhados pela população, herdados dos diferentes grupos que compõem essa sociedade. Há, também, as culturas regionais que apresentam muitas diferenças e podem ser observadas em danças, festas, comidas e, até mesmo, em expressões verbais.

O processo de migração interna contribui para a diversidade cultural brasileira porque aproxima pessoas com origens e histórias muito diferentes.

No cotidiano das grandes cidades, circulam e convivem pessoas vindas de diversas regiões do Brasil.



O maracatu é um tipo de dança e música popular, presente especialmente no estado de Pernambuco. Inspirados em tradições africanas, os músicos dos blocos usam chocalhos e tambores. Município de Aliança, estado de Pernambuco, 2015.

Comunicação e cultura

Hoje, os meios de comunicação, como rádio, jornais impressos e digitais, programas de televisão e internet, nos permitem acessar e conhecer com mais facilidade a diversidade cultural, tanto brasileira quanto de outros países. O contato com diferentes hábitos, costumes e formas de se expressar possibilita romper com muitos preconceitos.

Entretanto, algumas formas de circulação da informação também podem favorecer a valorização de uma dada cultura em relação a outras, gerando processos de exclusão de alguns grupos sociais.

Hora da leitura

- *Cultura da terra*, de Ricardo Azevedo, Moderna.

Pluralidade cultural no Brasil

A diversidade marca a vida social brasileira. Encontram-se diferentes características regionais, diferentes manifestações de cosmologias que ordenam de maneiras diferenciadas a apreensão do mundo, formas diversas de organização social nos diferentes grupos e regiões [...]. O campo e a cidade propiciam às suas populações vivências e respostas culturais muito diferenciadas que implicam ritmos de vida, ensinamentos de valores e formas de solidariedade distintas. Os processos migratórios colocam em contato grupos sociais com diferenças de fala, de costumes, de valores, de projetos de vida.

Frequentemente, porém, esse processo complexo presente na vida brasileira é ignorado e/ou descaracterizado, particularmente em processos da indústria de bens culturais. Também na escola, onde essa diversidade está presente diretamente naqueles que constituem a comunidade

Hoje, aplicativos e redes virtuais permitem conhecer diferentes culturas de lugares distantes. Nem todas as pessoas têm acesso aos meios digitais, contudo é possível também aprender sobre a diversidade por meio do convívio. Por isso, é importante manter diversas formas de conhecer outros costumes, pessoas e histórias, como os centros culturais e os espaços de convivência.

Festival de capoeira no Centro Cultural Ação da Cidadania. Município do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, 2015.



CARLOS ARTHUR VITORIA PRESS

1 De que maneiras podemos conhecer a diversidade cultural do Brasil?

Podemos conhecer a diversidade cultural do Brasil por meio da convivência em espaços como os centros culturais ou por meio de livros, filmes, obras de arte e canais de comunicação, como internet, rádio, televisão e jornais.

2 Reúna-se com os colegas para produzir um álbum sobre a riqueza cultural de um estado ou região do Brasil. Para isso, façam uma pesquisa (em livros, jornais, revistas ou internet) conforme as indicações a seguir.



JÓÃO PRUDENTE PULSAR IMAGENS

Alunos estudando com o auxílio de computador no município de Sumaré, estado de São Paulo, 2014.

- Escolham um estado ou região do Brasil do qual gostariam de saber mais sobre os costumes populares.
- Pesquisem quais são as tradições culturais do local escolhido. Seleccionem músicas, danças, influências no idioma, alimentos típicos, festas ou histórias populares.
- Reúnam imagens, textos e outros materiais sobre o lugar e produzam um álbum sobre esses costumes. Depois, indiquem o que há de comum com os costumes do local em que vocês vivem.

133

- Explique aos alunos que os elementos culturais podem ser usados também como ferramentas políticas. Apresente como exemplos o futebol e o carnaval, dois elementos de identidade cultural que fazem parte do imaginário de todas as regiões do país e, em alguns casos, têm sua prática atrelada ao cotidiano do local. Explique que, por isso, esses elementos foram usados no passado pelo governo para propagar uma ideia de união nacional a partir de uma identidade cultural comum.
- Converse com os alunos sobre a ideia que um estrangeiro pode ter do Brasil a partir da construção e da propagação desses símbolos de identidade. É importante que eles percebam que a exaltação de alguns elementos pode contribuir para uma ideia simplificada da cultura nacional. Ao estudar sobre a diversidade cultural brasileira, espera-se que os alunos compreendam que o povo brasileiro produz inúmeras manifestações originais e legítimas e contribuam para seu reconhecimento e valorização.
- As **atividades 1 e 2**, sobre a diversidade cultural brasileira, possibilitam o desenvolvimento da habilidade **EF04HI11: Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).**

Para seu aluno ler

Para onde vamos, de Jairo Butrago, editora Pulo do Gato.

A Chegada, de Shaun Tan, edições SM.

Migrar, texto de José Manuel Mateo, editora Pallas.

escolar, essa presença tem sido ignorada [...]. São múltiplas as origens da omissão com relação à Pluralidade Cultural.

O nacionalismo exacerbado que se registrou em períodos autoritários, em diferentes momentos da história, também valeu-se de ação homogeneizadora, em que a escola desempenhou um papel decisivo. [...]

As ações oficiais foram acompanhadas de dois tipos básicos de interpretação do Brasil [...]: uma expectativa de homogeneidade cultural, enquanto se propagava o “mito da democracia racial brasileira”. Essas interpretações conduziram a atitudes de dissimulação do quadro de fato existente: um racismo difuso, porém efetivo, com repercussões diretas na vida cotidiana da população discriminada.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 25.

- Explique aos alunos que os meios de comunicação, como o rádio e a televisão, cumpriram um papel essencial não só na propagação das diferentes culturas, mas como forma de manter o vínculo do migrante com o seu local de origem. O hábito de escutar o rádio fazia com o que ele pudesse obter informações sobre sua região.
- Comente que, no início do século XX, o rádio cumpriu um papel tão importante quanto o que a internet cumpre nos dias de hoje como difusor de informações, notícias e também como uma forma de propagar notícias, músicas, filmes, séries, propagandas políticas e comerciais, entre outras atrações.
- Esclareça que, na década de 1930, o rádio estava começando a se tornar popular, isto é, muitas pessoas passaram a ter o aparelho em casa e as emissoras e os programas estavam sendo ampliados e diversificados. Em virtude dessa popularização, o governo resolveu usar esse meio de comunicação para divulgar suas ideias para o maior número possível de pessoas.
- Promova uma conversa com os alunos sobre a relação que estabelecem com o meio de comunicação mais atual, que é a internet. Chame a atenção para que eles percebam o papel determinante que esse meio cumpre no seu dia a dia e trace um paralelo histórico mostrando outras formas de comunicação que tiveram a mesma relevância no cotidiano das populações em outros períodos.

Identidade nacional e comunicação

Os meios de comunicação são importantes formas de transmissão cultural. Há cerca de 70 anos, por volta, de 1950, o rádio se tornou um meio de comunicação muito popular no Brasil. A primeira emissora de rádio foi fundada em 1923, no Rio de Janeiro, um ano após essa tecnologia chegar ao país. Pouco tempo depois, na década de 1930, várias emissoras de rádio surgiram. Os programas transmitiam notícias, jogos de futebol, festivais de música, propagandas e radionovelas. Para as pessoas que haviam migrado, o rádio era também uma forma de entrar em contato com notícias, músicas e outros aspectos da vida do local de onde tinham partido.

Glossário

Emissora: empresa que produz e transmite os programas de rádio e televisão.

A era do rádio

Na década de 1930, no governo do presidente Getúlio Vargas, o rádio foi usado como um meio de difundir a ideia de que o Brasil tinha uma única identidade cultural. Foram eleitos aspectos da cultura popular comuns a muitos brasileiros, como o samba e o futebol, para criar um sentimento de pertencimento à identidade nacional. Algumas emissoras de rádio tinham programações inteiras apenas com canções brasileiras.

O rádio também foi muito utilizado na propaganda política. Em 1938, foi criado o programa *Hora do Brasil*. Ele era transmitido por todas as emissoras, diariamente, durante uma hora, com o objetivo de fazer propaganda das políticas públicas do governo. Sua programação começava com a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, que fazia referência à cultura indígena, uma composição muito utilizada neste período.



Seleção brasileira (à direita) em jogo contra a equipe da Polônia na Copa do Mundo de 1938, na França. O rádio foi muito importante na divulgação do futebol como um símbolo da cultura nacional.



A cantora Carmen Miranda e as canções que interpretou representavam as ideias do período sobre a unidade da cultura brasileira. Década de 1940.

A trajetória do rádio na História do Brasil

O rádio fez sua primeira aparição pública e oficial no Brasil, em 1922, na Exposição Nacional, preparada para os festejos do Centenário de Independência Brasileira. Como parte da solenidade de inauguração ocorreu a transmissão do discurso do Presidente da República Epitácio Pessoa realizado em um dos pavilhões da Exposição. Após o discurso foi transmitida a ópera “O Guarany”, de Carlos Gomes, diretamente do Teatro Municipal. O sucesso e a repercussão das primeiras transmissões na imprensa escrita da época resultaram, logo no ano seguinte, no estabelecimento, no Rio de Janeiro, da primeira emissora de rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, seguida por outras em diversas partes do país.

O crescimento do rádio na sua primeira década de existência no Brasil se deu de forma lenta. A legislação brasileira não permitia a veiculação de textos comerciais, o que dificultava

- 3 Por que o rádio foi (e ainda é) considerado um importante meio de transmissão cultural?

Porque por meio dele é possível ter acesso a informações e à cultura de locais próximos e distantes, com a divulgação de músicas, esportes, notícias etc.

- 4 Leia as afirmativas a seguir e assinale **V** para verdadeiro e **F** para falso.

- V As emissoras de rádio transmitiam festivais de música e radionovelas.
- V A partir da década de 1930, o samba e o futebol foram utilizados como símbolos culturais do país.
- F As primeiras emissoras de rádio chegaram ao Brasil em 1950.
- V O programa *Hora do Brasil* tinha o objetivo de divulgar as políticas públicas do governo.

- 5 Leia o texto a seguir e responda à questão.

Rádio e identidade nacional

Desde 1931, [...] o governo já vinha implantando uma política de controle da informação transmitida pelo rádio e pela imprensa. [...] em 1938, inaugurou-se o programa “Hora do Brasil” [...].

Além de informar detalhadamente sobre os atos do presidente da República e as realizações do Estado, “Hora do Brasil” incluía uma programação cultural [...]. A música brasileira era privilegiada [...] e descrições dos pontos turísticos do país também eram incluídos na programação.

CPDOC/FGV. Hora do Brasil. *Educação, cultura e propaganda*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/HoraDoBrasil>>. Acesso em: 16 dez. 2017.



Getúlio Vargas (presidente do Brasil entre 1930-1945 e 1951-1954) durante pronunciamento na Rádio Nacional, 1940.

- Como foram utilizados os programas de rádio durante o governo de Getúlio Vargas? **Respostas no Manual de orientações e subsídios ao professor.**

135

- Converse com a turma sobre como os meios de comunicação, desde o rádio até a internet, são utilizados como ferramenta de propaganda política dos governos, dando como exemplo as propagandas partidárias na televisão e no rádio.

- Explique que Getúlio Vargas, durante seu mandato presidencial, soube aproveitar o poder do rádio, utilizando-o como meio de promover seus feitos políticos. Em 1938, foi criado o programa *Hora do Brasil*, que divulgava as realizações e as obras do governo e transmitia programas culturais e musicais. Vargas utilizou o rádio para se aproximar e se comunicar diretamente com a população. Durante o período ditatorial, todas as emissoras de rádio foram obrigadas a transmitir a *Hora do Brasil* nos dias úteis em horário nobre.

- As **atividades 3, 4 e 5**, sobre a era do rádio, possibilitam o desenvolvimento da habilidade **EF04HI08**: *Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.*

- **Atividade 5.** Por meio do rádio (seus programas oficiais e controle da informação), o governo de Getúlio Vargas promovia sua imagem, as ações de seu governo e elementos culturais (como músicas e pontos turísticos) que criavam um sentimento de pertencimento à identidade brasileira.

a sobrevivência financeira das Rádio-Sociedades. Bem verdade que tal fato não impedia que as emissoras, mesmo não produzindo intervalos comerciais, tivessem seus programas patrocinados por anunciantes específicos cujos produtos eram recomendados ao público ao longo do programa. Nos primeiros anos o alcance do rádio era pequeno, pois o preço dos aparelhos receptores era alto, tornando-os inacessíveis a grande parte da população.

No início da década de 1930, a situação havia mudado – o rádio se tornara um veículo mais popular. Em São Paulo (que oferecia os maiores salários do país), um aparelho de rádio custava em torno de 80\$000 e o salário médio de uma família de trabalhadores era de 500\$000 por mês.

CALABRE, Lia. *A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)*.

Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_Participacao_radio_cotidiano_sociedade_brasileira.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2018.

- Converse com os alunos sobre como a evolução das mídias, desde a criação da imprensa, cumpre um papel determinante no comportamento social, influenciando, por exemplo, o que é consumido pelas pessoas, tanto produtos, como cultura. Comente sobre a popularização da internet a partir dos anos 2000, lembrando como ainda existe uma parcela da população que não tem acesso a ela. Pode ser interessante propor aos alunos que relacionem os termos “exclusão digital” e “exclusão social”.
- Para facilitar a visualização da evolução nos meios de comunicação no Brasil, elabore uma linha do tempo na lousa que contemple desde a mídia impressa (jornal e revistas) até a internet, passando pelo surgimento do rádio e da TV. Indique nessa linha fatos históricos marcantes que envolvem esses meios, como a criação do programa de rádio *Hora do Brasil*, pelo governo de Getúlio Vargas, em 1938, e a primeira transmissão ao vivo de um jogo da seleção brasileira na televisão durante a Copa do Mundo de 1970.

O impacto da comunicação

A partir de 1950, a **televisão** começou a se popularizar no Brasil. Naquele ano, existiam apenas 100 aparelhos em funcionamento. Hoje, 96% dos brasileiros têm aparelhos de TV em casa, no qual assistem a notícias, programas culturais, esportivos e propagandas.

Até 1990, os **telefones** eram caros e poucas pessoas tinham um aparelho. No final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, o uso de celulares se tornou comum e, atualmente, a maioria das pessoas possui um aparelho e pode se comunicar com facilidade, não importando a distância.

Hoje, por meio da internet, é possível conversar com pessoas que estão em lugares distantes, conhecer diferentes culturas e ter acesso a muitos conhecimentos.

Contudo, muitas pessoas não têm acesso a internet e computadores ou não foram ensinadas a usá-los. A falta de contato com essa tecnologia de comunicação se chama **exclusão digital** e gera desigualdade social, econômica e cultural.

Por exemplo, nos últimos anos, muitas pessoas nas grandes cidades passaram a utilizar aplicativos de celular para se locomover, por meio de carros, bicicletas e patinetes, para se comunicar e para comprar comidas, produtos e serviços. Porém, quem tem acesso a essas facilidades são apenas as pessoas que podem adquirir celulares com internet e sabem usá-los.

6 Qual é a importância das inovações nos meios de comunicação?

As inovações alteraram os modos de as pessoas se comunicarem e se informarem.

Atualmente é mais fácil e rápido se comunicar a longas distâncias e acessar informações sobre diferentes partes do mundo.



Estabelecimentos comerciais adquiriram aparelhos de televisão para atrair o público. Município de São Paulo, estado de São Paulo, década de 1950.

A história da mídia

Dentro dessa perspectiva, a “Revolução Industrial” e a “revolução da comunicação” podem ser vistas como parte do mesmo processo — com a revolução dos transportes em primeiro lugar na sequência tecnológica que parecia ter uma lógica própria, principalmente depois que a eletricidade substituiu o vapor como nova fonte de energia apesar de ser, no início, ainda mais misteriosa (a palavra “eletrônica” surgiu muito depois). No século XX, a televisão precedeu o computador, do mesmo modo que a impressão gráfica antecedeu o motor a vapor, o rádio antecedeu a televisão e as estradas de ferro e os navios a vapor precederam os automóveis e

7 Como os aplicativos de celular têm afetado a vida das pessoas?

Muitas pessoas passaram a utilizar aplicativos para se locomover ou para adquirir produtos e serviços. Porém, tal tecnologia impactou o cotidiano somente das pessoas que têm acesso a smartphones.

8 Leia o texto a seguir e responda às questões.

Em 2013, 50,6% de toda a população brasileira não acessou a internet. Entre os estudantes, 25,1% não puderam contar com a internet para fazer pesquisas e estudar.

Em 2015 esses números mudaram: caiu para 42% a quantidade de pessoas (no total geral da população) que não acessaram a internet naquele ano. Entre os estudantes também houve melhora no acesso: apenas 20,2% dos alunos acima dos 10 anos de idade não conseguiram contar com a internet como instrumento de consulta.

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4867#resultado>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

- a) De acordo com o texto, o acesso dos estudantes brasileiros à internet aumentou ou diminuiu entre 2013 e 2015?

De acordo com o texto, o acesso à internet por parte dos estudantes aumentou um pouco no período, pois o percentual das pessoas que não usaram a internet diminuiu entre 2013 (25,1%) e 2015 (20,2%).

- b) E para o total da população brasileira? O acesso à internet aumentou ou diminuiu?

Para o total da população o acesso à internet também aumentou no período descrito no texto.

- c) Quais podem ser os principais motivos para a falta de acesso à internet? O que pode ser feito para modificar esse cenário?

Entre os possíveis motivos: falta de acesso a computadores e smartphones, indisponibilidade de rede de internet, custo dos equipamentos e dos serviços de internet.

137 

- A partir da leitura do texto didático da página 136, estimule os alunos a perceber que as mudanças causadas pela evolução dos meios de comunicação, no decorrer da história, estão atreladas à ordem econômica, social e cultural, tendo alterado hábitos e encurtado distâncias.
- Peça aos alunos que imaginem qual será o próximo passo na evolução nos meios de comunicação depois da internet. A partir das respostas, faça com que eles percebam quais aspectos se mantêm, apesar das mudanças e evolução dos meios, e quais são superados pelas inovações tecnológicas.
- Retome a discussão sobre exclusão digital, abordando como uma boa parte da população brasileira ainda não tem acesso à internet, e trace um paralelo com a pouca popularidade do rádio até a década de 1930 no Brasil, em decorrência do alto custo dos aparelhos. Explique como o baixo acesso aos meios de comunicação por uma determinada parcela da população é um dos fatores que contribuem para a construção de hegemonias sociais e marginalizações.

aviões. A sequência não manteve um ritmo regular, e cada demora precisa ser explicada. “Uma máquina de voar factível”, foco de aspiração de muitas pessoas, teve de esperar a invenção do motor a combustão interna para se tornar uma possibilidade técnica. O telégrafo precedeu o telefone, e o rádio deu início à telegrafia sem fio. Mais tarde, depois da invenção da telefonia sem fio, ela foi empregada para introduzir uma “era da radiodifusão”, primeiro em palavras, depois em imagens.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asas. *Uma história social da mídia, de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p 112.

Objetivos

- Revisar os conteúdos vistos na unidade.
 - Identificar relações entre os fluxos migratórios, os processos de criação de identidade cultural e a utilização e a evolução dos meios de comunicação.
 - Desenvolver a capacidade de colocar em prática o conhecimento adquirido durante as aulas dentro do tema na unidade.
- Leia o boxe *O que você aprendeu* para os alunos e estimule-os a estabelecer relações entre os assuntos abordados. Essa relação é importante para que eles contextualizem os temas estudados e criem uma linha de raciocínio sobre esses assuntos, podendo identificar a conexão entre os processos históricos ao longo do tempo.



O que você aprendeu

- ✓ Povos de diversas origens compõem a população do Brasil e contribuíram para a diversidade cultural do país, entre eles, populações indígenas originárias, portugueses, africanos e imigrantes de diversas partes do mundo.
- ✓ Os imigrantes são levados a deixar os seus locais de origem por inúmeras razões, como crises econômicas, políticas, conflitos sociais e questões ambientais.
- ✓ A partir dos anos 1920, ocorreu um processo de intensas migrações internas: procurando melhores condições de vida, muitas pessoas se mudaram para outras regiões.
- ✓ As inovações tecnológicas dos meios de comunicação facilitaram a divulgação de informação e cultura. A exclusão digital, contudo, provoca desigualdades econômicas, sociais e culturais.

1 Leia as afirmativas e assinale **V** para verdadeiro e **F** para falso.

- F** Os imigrantes que vieram para o Brasil entre os séculos XIX e XX eram de apenas uma nacionalidade.
- V** O grande fluxo migratório da Europa para o Brasil foi incentivado por proprietários de terras e pelo governo brasileiro daquela época.
- F** As propagandas que incentivavam a imigração não tiveram influência sobre os imigrantes que vieram ao Brasil.
- V** O café era o principal produto de exportação do Brasil no século XIX.
- V** Grande parte dos imigrantes foi trabalhar nas lavouras de café.

2 Quais eram as condições de vida e de trabalho dos imigrantes que chegaram ao Brasil no século XIX?

Os imigrantes foram trabalhar nas lavouras de café em troca de pagamentos e de lotes de terra, mas nem sempre os contratos eram cumpridos. Os trabalhadores eram submetidos a jornadas desgastantes de trabalho, além disso, muitos ficavam endividados por causa dos pagamentos das despesas da viagem e de dívidas nos armazéns das fazendas, onde obtinham artigos básicos.

A imigração japonesa no Brasil

Com o aumento do número de colônias agrícolas japonesas, que nesse período se expandiram principalmente em direção ao noroeste do Estado de São Paulo, começam a surgir também muitas escolas primárias destinadas a atender os filhos dos imigrantes. Em 1918, formaram-se as duas primeiras professoras oficiais saídas da comunidade, as irmãs Kumabe, pela Escola Normal do Rio de Janeiro. Em 1923, Escola de Odontologia de Pindamonhangaba formou também o primeiro dentista de origem japonesa.

[...] Em 1932, segundo informações do Consulado Geral do Japão em São Paulo na época, a comunidade *nikkey* era composta por 132.689 pessoas, com maior concentração na linha noroeste. Desse total, 90% dedicava-se à agricultura. Nesta época, havia também diversas publicações em japonês com periodicidade semanal, quinzenal e mensal.

3 Complete as frases com as informações destacadas abaixo.

conflitos e escassez de alimentos

fim do regime escravista

regiões produtoras de café

imigrantes de origem europeia

- a) Os imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX se estabeleceram principalmente nas regiões produtoras de café.
- b) Durante o século XIX, a propaganda e o incentivo à imigração para o Brasil se direcionavam aos imigrantes de origem europeia.
- c) Os imigrantes procuravam melhores condições de vida em consequência de conflitos e escassez de alimentos nos países de origem.
- d) A pressão internacional e a resistência das pessoas escravizadas contribuíram para o fim do regime escravista no Brasil.

4 Observe a imagem, leia a legenda e responda à questão.



Mulheres bolivianas na marcha dos imigrantes no município de São Paulo, estado de São Paulo, 2017. A marcha defende os direitos dos imigrantes e destaca a importância deles no desenvolvimento da sociedade brasileira.

- A situação retratada na fotografia se relaciona a um novo hábito ou à conservação da cultura tradicional? Explique sua resposta.

Na fotografia, as mulheres que marcham em prol dos direitos dos imigrantes

utilizam roupas e chapéus de origem tradicional boliviana, o que indica a

conservação da cultura tradicional.

139

- Retome a discussão sobre o preconceito sofrido pelos migrantes no Brasil e reforce a importância do trabalho imigrante no século XIX e migrante no século XX para o desenvolvimento econômico brasileiro.
- Atividade 3.** Comente sobre como a mão de obra europeia foi utilizada para substituir a mão de obra escrava durante a crise no escravismo e após a abolição, e como isso esteve relacionado com um projeto político social de embranquecimento da população.

Para você acessar

História do povoamento brasileiro: as diversas “nações” que compõem a nação brasileira.

Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento.html>>.

Acesso em: 7 jan. 2018.

Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Disponível em: <<http://www.museudaimigracao.org.br/>>.

Acesso em: 7 jan. 2018.

Em 1938, ano antecedente à Segunda Guerra Mundial, o governo federal começou a limitar as atividades culturais e educacionais dos imigrantes. Em dezembro, decretou o fechamento de todas as escolas estrangeiras, principalmente japonesas, alemãs e italianas.

As comunidades oriundas dos países integrantes do Eixo RO-BER-TO (Roma-Berlim-Tóquio) começaram a sentir os sintomas do conflito iminente. Em 1940, todas as publicações em japonês tiveram a sua circulação proibida. No ano seguinte, chegaram as últimas correspondências do Japão. Até o fim da guerra, os japoneses viveram um período de severas restrições, inclusive com o confisco de todos os bens.

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. *História da imigração japonesa no Brasil.*

Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288309>>. Acesso em: 7 jan. 2018

- Retome com os alunos as diferentes motivações que levaram aos processos de imigração no Brasil e destaque os interesses políticos do incentivo à imigração europeia entre os séculos XIX e XX.
- Comente que, após o fim da escravidão, os negros não eram vistos como possível força de trabalho assalariada e sua mão de obra foi substituída gradativamente por imigrantes europeus e japoneses nas lavouras e, posteriormente, nas indústrias.
- Explique a importância da mão de obra imigrante na composição da classe operária brasileira no processo de industrialização nas grandes cidades.

Para seu aluno ler

Migrando, de Mariana Chiesa Mateos, editora 34.

Eloísa e os bichos, de Jairo Buitrago e Rafael Yockteng, editora Pulo do Gato.

Um outro país para Azzi, de Sarah Garland, editora Pulo do Gato.

O barco das crianças, de Mario Vargas Llosa, editora Alfaguara.

5 Observe as fotografias e responda à questão.



Tanabata Matsuri, o Festival das Estrelas, é uma festa de tradição japonesa. Município de São Paulo, estado de São Paulo, 2017.



Apresentação do Grupo Folclórico Ucraniano Spomen, no município de Antonina, estado do Paraná, 2017.

- O que as imagens têm em comum? Qual é a relação entre a imigração e o que é retratado nas imagens?

Espera-se que os alunos identifiquem que as duas imagens retratam práticas relacionadas a culturas de imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do XX. Na primeira imagem, vemos uma festa de tradição japonesa em São Paulo. Na segunda, uma apresentação de dança ucraniana em Antonina.

6 Assinale a alternativa correta.

- a) Entre os anos 1920 e 1970, houve um grande fluxo migratório de brasileiros se deslocando das cidades para o campo.
- b) Ao chegar ao Brasil os imigrantes deixaram de praticar as tradições de seus países de origem.
- c) Novas formas de comunicação digital substituíram os centros de tradições e cultura de migrantes.
- d) Períodos prolongados de seca e a busca por melhores condições de vida foram as principais motivações das migrações internas.

• **Sugestão de Atividade: Exclusão digital e a exclusão social**

- Acesse o link do IBGE: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4867>> (acesso em: 17 dez. 2018) e consulte o percentual de pessoas que não usaram a internet em 2015 por região brasileira.
- Mostre os dados aos alunos e proponha que tracem um paralelo com as regiões que historicamente têm menos acesso aos meios de comunicação, desde o rádio, televisão, telefone até o acesso à internet. Possibilite a conclusão sobre como a exclusão no acesso à informação de determinada parcela da população nessas regiões está diretamente relacionada à exclusão social.

- 7 A tabela a seguir apresenta o percentual de casas que possuíam alguns meios de comunicação entre 2003 e 2015. Observe-a e responda às questões.

Bens em domicílios (2003-2015)			
Meios de comunicação	2003	2008	2015
Rádio	87,81	88,89	69,23
Televisor	90,02	95,04	97,14
Telefone (fixo)	11,19	37,53	58,02

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. Séries Históricas. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?&t=series-historicas>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

- a) Quais meios de comunicação se tornaram mais comuns no Brasil entre 2003 e 2008?

Os três meios de comunicação listados (rádio, televisor e telefone fixo) se tornaram mais comuns no período. O acesso ao telefone foi o que mais aumentou nesse período.

- b) Entre os anos de 2008 e 2015 quais mudanças ocorreram? Por quê?

Entre os anos de 2008 e 2015, o número de televisores e telefones fixos continuou aumentando, mas o número de rádios diminuiu. Entre os motivos podem-se considerar as formas digitais de ouvir e transmitir músicas.

- 8 Em 2015, de acordo com dados do IBGE, apenas 57,8% das casas do Brasil tinham acesso à internet. O equipamento mais utilizado para o acesso à rede era o celular (92,1%), seguido do computador (70,1%) e do tablet (21,1%).

- E hoje, quais são os equipamentos mais utilizados? O acesso à internet aumentou? Faça uma pesquisa e converse com os colegas sobre os impactos da exclusão digital na vida dos estudantes brasileiros. Elaborem uma apresentação indicando que medidas poderiam ser tomadas para superar esse problema.

141

- Reforce a importância dos meios de comunicação, como o rádio, no processo de difusão das diferentes culturas presentes no Brasil a partir do século XX e retome os meios de comunicação como ferramenta de manutenção de vínculo dos migrantes com seu local de origem, como visto anteriormente na unidade.
- Comente sobre a importância dos meios de comunicação na inclusão social e retome a discussão sobre os grupos que historicamente foram excluídos do processo de evolução da mídia.

- Oriente para que esse raciocínio retome os outros tópicos vistos anteriormente na unidade, relacionando com os fluxos migratórios e a influência dos meios de comunicação na formação de identidade cultural.
- Para finalizar, questione a turma sobre a importância do acesso aos meios de comunicação na vida cotidiana. Você pode usar o exemplo da internet, que é o meio mais popular entre crianças e jovens atualmente. Introduza questões como: Você viveria sem internet? Por quanto tempo você consegue ficar sem acesso ao mundo virtual?.
- Os alunos poderão se expressar livremente e trocar opiniões sobre o assunto.

Objetivos

- Incentivar os alunos a refletir sobre a evolução dos meios de comunicação durante a história, de maneira lúdica e divertida.
- Despertar o pensamento histórico, propondo reflexões em torno do papel dos meios de comunicação nas sociedades ao longo do tempo.

 Para você acessar

A História das Telecomunicações

Disponível em: <<http://museudatelecomunicacoes.org.br/historia-das-telecomunicacoes/>>.
Acesso em: 7 jan. 2018.

- Antes de iniciar a proposta desta seção, pergunte aos alunos quais meios eles costumam utilizar para se comunicar com pessoas que estão longe. Em seguida, pergunte se, na opinião deles, sempre foi assim.
- Explique que muitos aparelhos eletrônicos utilizados atualmente são invenções recentes e que, no passado, uma mensagem poderia levar muito tempo para chegar ao destinatário porque a comunicação era feita por cartas, que percorriam um longo caminho até chegar ao destino.

 Atividade divertida

Observe as ilustrações e circule os meios de comunicação mais recentes.



Quando os telefones celulares começaram a ser usados no Brasil, na década de 1990, dispunham apenas de recursos para falar. Com o tempo, passaram a receber e enviar mensagens, filmar, fotografar, entre várias outras funções.



Cartas, notícias e encomendas eram enviadas pelos tropeiros (comerciantes de gado), que andavam a cavalo pelo interior do Brasil no século XVII.

ILUSTRAÇÕES: SÓDIO



Em 1798, foi criado o Correio Geral do Rio de Janeiro para facilitar a distribuição das cartas que chegavam de Portugal.

 Sugestão de atividade: *O uso do celular em sala de aula*

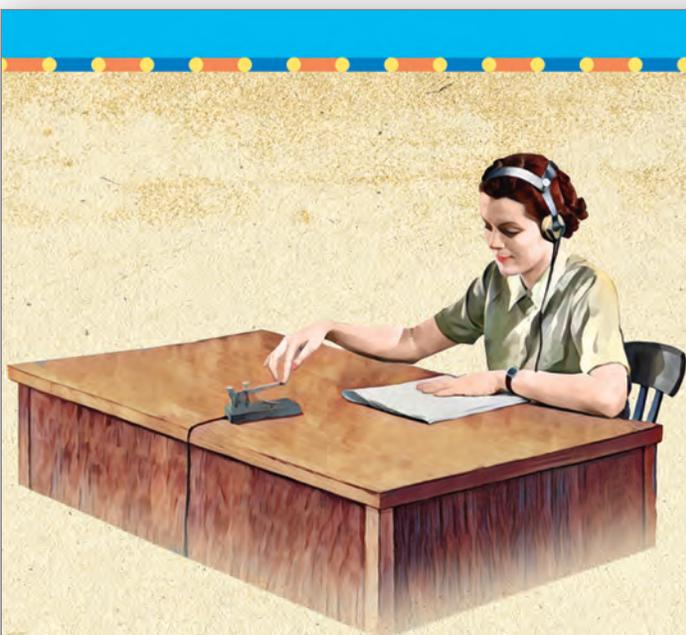
A partir da leitura do texto a seguir, proponha aos alunos que reflitam e sugiram formas de utilização do celular como ferramenta de auxílio no processo de aprendizagem em sala de aula.

O telefone móvel já faz parte da vida de mais de 50% da população brasileira. E isso inclui, claro, muitas crianças e jovens. Por isso, proibir o uso do celular em sala de aula pode acabar se revelando um tiro no pé, já que essa atitude pode criar um grande abismo entre a escola e a vida pessoal dos estudantes.

O lúdico em sala de aula

A prática didático-pedagógica no Ensino Fundamental I é permeada por uma constante relação entre os interesses dos alunos, os saberes escolares e o conhecimento elaborado historicamente. Essa relação, para se tornar mais atraente e facilitar o processo de ensino-aprendizagem, deve ser pensada em torno de estratégias que considerem o universo infantil, como jogos, brincadeiras e desafios. A atividade proposta nessa seção apresenta, em tom lúdico, alguns meios de comunicação do passado e do presente, propiciando o interesse dos alunos e seu envolvimento no conteúdo didático.

- No século XVI, as pessoas escreviam cartas para se comunicar com outras pessoas, e as cartas demoravam muito tempo para chegar ao destinatário. Atualmente, as mensagens são escritas em aparelhos eletrônicos (computador, celular etc.) e chegam muito rapidamente ao destino. Além disso, com o auxílio desses aparelhos, hoje é possível falar com as pessoas e vê-las, mesmo que estejam em lugares muito distantes.



A comunicação entre Brasil e Portugal no século XVI era feita por meio de cartas, que demoravam quase dois meses para chegar.



Em 1852 houve grande avanço para as comunicações: as pessoas do Rio de Janeiro, de Petrópolis e de São Paulo começaram a se comunicar por telégrafo (aparelho que utiliza sinais elétricos para transmitir mensagens por meio de pontos e traços).



O telefone chegou ao Brasil em 1877, logo após sua invenção. Mas as cartas ainda eram o meio de comunicação mais usado porque havia pouquíssimos aparelhos de telefone.

143

O aparelho pode se tornar um rico instrumento de aprendizagem. A grande maioria dos *smartphones* atuais possui inúmeros recursos que podem ser utilizados nesse sentido: câmeras, gravador de voz, mapas, além de, é claro, o acesso à internet. Estar conectado em sala de aula não necessariamente significa distração e perda de foco. Quando bem direcionada, essa alternativa é também uma maneira de aprender como pesquisar, coletar dados e referências e inteirar-se de assuntos atuais em tempo real. Ou seja, o aluno acaba se tornando o protagonista do próprio aprendizado.

FRANÇA, Luisa. *Como transformar o uso do celular em sala de aula em um aliado da tecnologia na educação?*
Disponível em: <<http://aprova.com.br/uso-do-celular-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: 7 jan. 2018



Abundância: grande quantidade. PÁGINA 50

Açores: ilhas localizadas no Oceano Atlântico que hoje fazem parte do território de Portugal. PÁGINA 65

Açoriano: natural das ilhas dos Açores. PÁGINA 122

Adentrar: entrar. PÁGINA 65

Área metropolitana: região em que diversos municípios se agrupam em torno de um. PÁGINA 128

Aspiração: desejo, sonho. PÁGINA 124

Cultura islâmica: cultura caracterizada pela religião fundada por Maomé, que tem como base o livro sagrado Corão. PÁGINA 86

Cunhar: imprimir uma marca. PÁGINA 50

Diáspora: dispersão de um povo em consequência de preconceito, conflito ou perseguição política. PÁGINA 86

Emissora: empresa que produz e transmite os programas de rádio e televisão. PÁGINA 134

Escassez: falta, pouca quantidade. PÁGINA 50

Exótico: que não é nativo do lugar, diferente, estranho. PÁGINA 78

Fomentar: estimular, desenvolver. PÁGINA 56

Heterogeneidade: diversidade, diferença. PÁGINA 98

Homogêneo: igual, uniforme. PÁGINA 98

Latitude: distância de um ponto da Terra em relação à linha do Equador.

PÁGINA 65

Moeda: meio utilizado para realizar pagamentos por bens ou serviços.

PÁGINA 48

Natural: nascido. PÁGINA 126

Nômade: aquele que não tem habitação fixa, que vive permanentemente mudando de lugar. PÁGINA 22

Permuta: troca. PÁGINA 50

Quitar: ficar livre, pagar. PÁGINA 123

Refugiado: pessoa perseguida ou ameaçada por conflitos religiosos, sociais, políticos etc., que é forçada a deixar o país de origem. PÁGINA 124

Sítio arqueológico: local onde são encontrados vestígios dos grupos humanos que viveram no passado. PÁGINA 27

Vaquinha: coleta de dinheiro em um grupo para o pagamento de uma despesa em comum. PÁGINA 56





- AB'SABER, Aziz Nacib. Incurções à prè-história da América tropical. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2000. p. 31-43.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA, Walter. *O que há de África em nós*. São Paulo: Moderna, 2013.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Tratado dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul – séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.
- ARAÚJO, Ulisses F. *A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências*. São Paulo: Moderna, 2002.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- BAFFERT, Sigrid. *Os operários com dentes de leite: histórias sobre o trabalho infantil*. São Paulo: Edições SM, 2006.
- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos: entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990*. São Paulo: Fisco e Contribuinte, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a história no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. São Paulo: Edusp, 2016. v. 2.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989; a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CAMPOS, Gustavo Barreto de. *Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da imagem e papel social dos estrangeiros entre 1808 e 2015*. Rio de Janeiro, tese de doutorado, Escola de Comunicação, UFRJ, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARVALHO, José Sérgio F. *Educação, cidadania e direitos humanos*. São Paulo: Vozes, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia da alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2008.

CHERMAN, Alexandre; VIEIRA, Fernando. *O tempo que o tempo tem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazermos tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995.

CHIQUETTO, Marcos. *Breve história da medida do tempo*. São Paulo: Scipione, 1996.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. *Dança, Brasil!: festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia Antiga e de Roma*. São Paulo: Edipro, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Índios do Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Aquariana, 2007.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

FLORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

FRANCO, Sílvia Cintra. *Cultura: inclusão e diversidade*. São Paulo: Contexto, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo (Org.). *As religiões que o mundo esqueceu: como os egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Repensando a História).

_____; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996.

GUIDON, Niède. Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara – Sudeste do Piauí. *Revista ComCiência*, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq10.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2012.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.

KRAEMER, Maria Luiza. *Quando brincar é aprender...* São Paulo: Loyola, 2007.

KUASNE, Selma Maria. *Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos da cidade*. São Paulo: Peirópolis, 2009.

LIA, Cristine Fortes; RADÜNZ, Roberto. Os processos imigratórios dos séculos XIX e XX: diálogos entre o saber acadêmico e a Educação Básica. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 61, p. 257-272, jul./set. 2016.

LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX*. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

_____. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARTINS, Maria Helena Pires. *Preservando o patrimônio e construindo a identidade*. São Paulo: Moderna, 2001.

- MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.
- OLIVEIRA, S. R. F. de. O tempo, a criança e o ensino de História. In: DE ROSSI, V. L. S.; ZAMBONI, E. *Quanto tempo o tempo tem?* Campinas: Alínea, 2003.
- PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (i)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.
- PEREIRA, Maria Regina; PRADO, Zuleika de Almeida. *Nosso folclore*. São Paulo: Ave-Maria, 2003.
- PETTA, Nicolina Luiza de. *A fábrica e a cidade até 1930*. 6. ed. São Paulo: Atual, 1995.
- PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. (Org.). *O ensino de História e a criação do fato*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- PRIORE, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- REDE, Marcelo. *Família e patrimônio na antiga Mesopotâmia*. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.
- RODRIGUES, Jaime. *No mar e em terra: história e cultura de trabalhadores escravos e livres*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2016.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. *Brinquedos e brincadeiras*. São Paulo: Moderna, 2001.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. A construção das noções de tempo. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEGATO, Rita Laura. Cotas: por que reagimos? *Revista da USP*, São Paulo, n. 68, p. 76-87, dez. 2005/fev. 2006.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República – da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Ed.). *Síntese da Coleção Geral da África: Pré-História ao século XVI*. Coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. Brasília: Unesco/MEC/UFSCar, 2013.

SOUZA, Herbert de; RODRIGUES, Carla. *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994.

SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil I*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2009.

_____. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa e da coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

TIBÚRCIO, Breno Aragão; VALENTE, Ana Lucia E. F. O comércio justo e solidário é alternativa para segmentos populacionais empobrecidos? Estudo de caso em Território Kalunga (GO). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 45, n. 2, Brasília, abr./jun. 2007.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

VASCONCELOS, José Antonio. *Fundamentos filosóficos da educação*. 7. ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

_____. *Metodologia do ensino de História*. Curitiba: Ibpex, 2011.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil: 1893-1930*. São Paulo: Metalivros, 2002.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Mensagens de abandono. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 1, n. 4, out. 2005.

VILLALTA, Luis. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: VILLAS-BÔAS, Orlando; VILLAS-BÔAS, Cláudio. *Xingu: território tribal*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1990.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Reprodução autorizada em virtude do direito de citação prevista no artigo 17 da Lei nº 9.250/96.

HINO NACIONAL

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada

Música: Francisco Manuel da Silva

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

